

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA

**MÍDIA, CORPORALIDADE E DISCURSOS QUE NOS (DES)ARRUMAM: UMA
ANÁLISE SOBRE UM *REALITY SHOW* DE TRANSFORMAÇÃO CORPORAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

**VIÇOSA
MINAS GERAIS – BRASIL
2018**

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da
Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

B333m
2018

Batista, Fabiano Eloy Atilio, 1991-
Mídia, corporalidade e discursos que nos (des)arrumam : uma
análise sobre um *reality show* de transformação corporal / Fabiano
Eloy Atilio Batista. - Viçosa, MG, 2018.
ix, 152f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndice.

Orientador: Rita de Cássia Pereira Farias.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Referências bibliográficas: f. 123-134.

1. Imagem corporal. 2. Reality shows (Programas de televisão). 3.
Corpo humano na comunicação de massas. 4. Discursos. 5. Família. I.
Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia
Doméstica. Programa de Pós-graduação em Economia Doméstica. II.
Título.

CDD 22 ed. 305.26081

FABIANO ELOY ATÍLIO BATISTA

**MÍDIA, CORPORALIDADE E DISCURSOS QUE NOS (DES)ARRUMAM: UMA
ANÁLISE SOBRE UM *REALITY SHOW* DE TRANSFORMAÇÃO CORPORAL**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

APROVADA EM: 19/02/2018

Prof. Dr. Henrique Moreira Mazetti (UFV)
(Membro)

Profa. Dra. Maria Carmen Aires Gomes
(Membro)

Profa. Dra. Mariana R. Procópio Xavier
(Membro)

Profa. Dra. Rita de Cássia Pereira Farias
(Orientadora)

"O Perfume", Patrick Süskind

"Na época de que falamos, reinava nas cidades um fedor dificilmente concebível por nós, hoje. As ruas fediam a merda, os pátios fediam a mijó, as escadarias fediam a madeira podre e bosta de rato; as cozinhas, a couve estragada e gordura de ovelha; sem ventilação, salas fediam a poeira, mofo; os quartos, a lençóis sebosos, a úmidos colchões de penas, impregnados do odor azedo dos penicos. Das chaminés fedia o enxofre; dos curtumes, as lixívias corrosivas; dos matadouros, fedia o sangue coagulado. Os homens fediam a suor e a roupas não lavadas; da boca eles fediam a dentes estragados, dos estômagos fediam a cebola e, nos corpos, quando já não eram mais bem novos, a queijo velho, a leite azedo e a doenças infecciosas. Fediam os rios, fediam as praças, fediam as igrejas, fedia sob as pontes e dentro dos palácios. Fediam o camponês e o padre, o aprendiz e a mulher do mestre, fedia a nobreza toda, até o rei fedia como um animal de rapina, e a rainha como uma cabra velha, tanto no verão quanto no inverno. Pois à ação desagregadora das bactérias, no século XVIII, não havia sido colocado ainda nenhum limite e, assim, não havia atividade humana, construtiva ou destrutiva, manifestação alguma de vida, a vicejar ou a fenecer, que não fosse acompanhada de fedor" (SÜSKIND, 2010, 9-10).

*A minha mãe, Maria Auxiliadora Atilio Batista,
Dedico.*

AGRADECIMENTOS

Para me dedicar ao mestrado precisei de tempo, de recursos e, é claro, do apoio de pessoas importantes em minha vida. De certo, não caminhei sozinho. A caminhada até aqui não foi fácil, assim como quase tudo em minha vida. Fraquejei por diversas vezes, mas me mantive forte. Ainda que tenha sido difícil, não sou de deixar as coisas pelo caminho, inacabadas.

Muitas pessoas me auxiliaram e continuam me auxiliando, cada qual a sua maneira a me tornar uma pessoa e um profissional melhor a cada dia.

Agradeço à minha família, vocês são: minha base, meu pilar, minha fortaleza. Meu início, meio e fim. Aos meus pais, Antônio Eloy Batista (em memória) e Maria Auxiliadora Atílio Batista, que sempre investiram, materialmente e imaterialmente, na minha educação e acreditaram que eu poderia sempre vencer, de cabeça erguida e com honestidade. Obrigado aos meus irmãos, Fernando Atílio Batista (que do céu me observa e brilha como um ponto de luz) e Fabrício dos Anjos Atílio Batista, a meu querido sobrinho/afilhado Luiz Fernando Atílio do Nascimento, que chegou em nossas vidas para trazer luz e amor.

Agradeço aos meus queridos amigos de ontem, de hoje e de sempre. Sobretudo os colegas de mestrado e aos amigos que Viçosa me agraciou, com quem eu pude aprender e compartilhar muito. Todos são muito queridos, mas agradeço especialmente àquela que sempre esteve mais presente no meu dia a dia: Talita Sampaio Macedo.

Fui acolhido por pessoas dispostas a se doarem e receberem de mim o que de melhor eu tinha a oferecer: um sorriso franco, um abraço apertado e um convite à descoberta de uma pessoa excêntrica e cheia de excessos.

Aos amigos e amores da república 'Mimosas Profanas': Brunno Santos, Luana Sampaio, Janaina Bitencourt, Roberta Lelis, Luiza Bitencourt e Natalia Lopes, que me proporcionaram os melhores momentos que podia ter nesse pedaço de mundo, todo o meu carinho e gratidão.

Ao querido amigo, que aprendi a amar, admirar e a cuidar: Fabrício Eugênio.

A Jô, que me recebeu em Viçosa e cuidou de mim como uma irmã. Passamos por poucas e boas juntos, mas vencemos.

Aos amores, possíveis e impossíveis que Viçosa colocou em minha vida.

À minha orientadora e professora Dra. Rita de Cássia Pereira Farias, obrigado pela sabedoria transmitida, por acreditar em mim e pelos ensinamentos.

Aos amigos do grupo de pesquisa 'Gênero, Trabalho e Consumo' aos quais me ajudaram e colaboraram para ampliar o meu olhar nos registros aqui esboçados.

Aos idosos do Programa Municipal da Terceira Idade (PMTI) de Viçosa, pelo exemplo e sabedoria compartilhada nessa caminhada. Em especial aos amigos de projeto: Adalgisa Gomes e Fabiano Pacheco por cada sorriso.

Aos funcionários do Departamento de Economia Doméstica, que me receberam todas as manhãs com um belo sorriso e fortes abraços, em especial a Efigênia, Roberto e a Lena.

Aos demais professores, que proporcionaram momentos de muito aprendizado.

Aos membros da banca de defesa desta dissertação, professora Maria Carmen, professor Henrique Mazetti e professora Mariana Procópio, que contribuíram para o refinamento deste trabalho, bem como à Débora Pires, que gentilmente aceitou ser a debatedora desse trabalho, ampliando as análises realizadas. Adicionalmente, agradeço àqueles que se fizeram presentes nesse dia especial de debate da pesquisa.

Por fim, a todos que compartilharam direta ou indiretamente na construção dos pensamentos aqui registrados e que me foram de grande valia para a realização deste sonho, minha eterna e sincera gratidão!

A mim.

Aos meus.

A Deus.

Sumário

LISTA DE FIGURAS	vii
RESUMO	viii
ABSTRACT	ix
1. INTRODUÇÃO	1
1.1. Problemática de pesquisa.....	4
1.2. Justificativa.....	6
1.3. Objetivos.....	10
1.4. Procedimentos metodológicos.....	11
1.5. Organização da dissertação.....	14
2. CORPO, BELEZA E MÍDIA	16
2.1. Imagens de corpos e acepções corporais no percurso histórico.....	16
2.2. Influência da mídia televisiva nos padrões de beleza.....	28
2.3. O mercado da beleza e da boa forma: o império do capital.....	32
2.4. O corpo pertencente ao outro: estigmas e relações de poder.....	34
3. CORPO FEIO E DISCURSOS ESTIGMATIZANTES NO REALITY SHOW	37
3.1. Os realities de transformação corporal.....	37
3.2. Significados das vinhetas.....	39
3.3. O pedido de socorro: <i>Arruma meu marido!</i>	44
3.4. O corpo feio.....	47
3.5. A voz do povo é a voz de Deus: discursos estigmatizantes sobre o corpo.....	54
4. CORPO BELO E DISCURSOS DE ATRATIVIDADE APÓS A TRANSFORMAÇÃO	60
4.1. A ação dos especialistas na transformação corporal.....	60
4.2. O corpo belo e o novo eu dos participantes.....	79
4.3. Corpo e atratividade.....	86
4.4. Inclusão via exclusão.....	91
5. FELIZES PARA SEMPRE: A FAMÍLIA COMO OPERADORA DA TRANSFORMAÇÃO	96
5.1. Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença, desde que não seja feio.....	96
5.2. Felizes para sempre?.....	103
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	119
7. REFERÊNCIAS	123
8. APÊNDICE	135

LISTA DE FIGURAS

Figura 01: Vinheta de abertura do quadro <i>Arruma meu marido 1</i>	40
Figura 02: Vinheta de abertura do quadro <i>Arruma meu marido 2</i>	42
Figura 03: Participante Carlos.....	49
Figura 04: Participante Jovelino.....	51
Figura 05: Participante Jailton.....	52
Figura 06: Fragmentação do corpo.....	53
Figura 07 – Apresentação do “velho” e “novo” Carlos.....	82
Figura 08 – Apresentação do “velho” e “novo” Jovelino.....	84
Figura 09 – Apresentação do “novo” Jailton.....	85
Figura 10 – Realização do projeto familiar (Q1).....	107
Figura 11 – Realização do projeto familiar (Q2).....	110
Figura 12 – Realização do projeto familiar (Q3).....	115

RESUMO

BATISTA, Fabiano Eloy Atilio, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, Fevereiro de 2018. **MÍDIA, CORPORALIDADE E ISCURSOS QUE NOS (DES)ARRUMAM: uma análise sobre um *reality show* de transformação corporal.** Orientadora: Rita de Cássia Pereira Farias.

A idealização corporal na sociedade contemporânea, subsidiada pelo setor midiático e pelo comércio da corpolatria, promove significativas modificações na (re)construção dos corpos, afetando significativamente a dinâmica de interação social dos sujeitos. Diante da supremacia das imagens idealizadas, a sociedade classifica as pessoas de acordo com sua forma física, estigmatizando e excluindo aqueles que não se inserem no modelo hegemônico de beleza. Para inserir o sujeito nos valores hegemônicos, a indústria da beleza e a mídia oferecem uma diversidade de mecanismos, sendo um deles o quadro *Arruma meu marido*, do programa *Hora do Faro*, apresentado por Rodrigo Faro, na Rede Record, que tem como pressuposto a “transformação” do participante. Para transformar uma pessoa “feia” e “infeliz” em uma pessoa “bonita” e “realizada”, o quadro conta com uma equipe multiprofissional do ramo da beleza, habilitada para fazer tratamentos nos dentes, no cabelo, na pele, além de mudanças no vestir e no comportamento. Dessa forma, a pesquisa, de natureza qualitativa e descritiva, teve como objetivo analisar os enunciados produzidos pelo quadro da mídia televisiva *Arruma meu marido*, atendo-se aos discursos que recaem sobre o corpo e a aparência do participante, promovendo sua exclusão e inclusão social, buscando responder as seguintes questões: Quais discursos recaem sobre os participantes do quadro antes e após a transformação? Como se dá a participação da família no processo de mudança da corporalidade dos participantes? A coleta e análise de dados se deu pelo método documental, cujos arquivos foram compostos por três vídeos relativos às edições do programa, buscando-se descobrir, interpretar e compreender os sentidos e significados presentes nas imagens e discursos que recaem sobre os sujeitos e seus corpos. Os resultados revelam que a aparência torna-se um valor imprescindível para o reconhecimento do indivíduo dentro de um contexto social e familiar, sendo que alguns signos corpóreos (flacidez, sedentarismo, gordura, falta dos dentes, cabelos grandes e “mal cuidados”, dentre outros) simbolizam uma indisciplina ou um descaso com o corpo, sendo os indivíduos apontados pelo “fracasso” de sua própria corporalidade. Por outro lado, o programa cumpre a missão de arrumar o participante, promovendo sua inclusão familiar e social.

ABSTRACT

BATISTA, Fabiano Eloy Atilio, M.Sc., Federal University of Viçosa, February 2018. **MEDIA, CORPORALITY AND SPEECHES THAT DESTROY US: An analysis of a reality show of corporal transformation.** Advisor: Rita de Cássia Pereira Farias.

Corporal idealization in contemporary society, subsidized by the media sector and the trade in corolla, promotes significant changes in the (re) construction of bodies, significantly affecting the dynamics of social interaction of the subjects. Faced with the supremacy of idealized images, society classifies people according to their physical form, stigmatizing and excluding those who do not fit into the hegemonic model of beauty. In order to insert the subject into the hegemonic values, the beauty industry and the media offer a variety of mechanisms, one of them being the Arruma meu marido, from the Hora do Faro program, presented by Rodrigo Faro, in Rede Record, which assumes "Transformation" of the participant. To transform an "ugly" and "unhappy" person into a "beautiful" and "accomplished" person, the board features a multiprofessional beauty team, enabled to make treatments on the teeth, hair, skin, and changes dressing and behavior. Thus, the qualitative and descriptive research aimed at analyzing the statements produced by the Arruma meu marido television media, attending to the discourses that fall on the body and appearance of the participant, promoting their exclusion and social inclusion, seeking to answer the following questions: Which speeches fall on the participants in the picture before and after the transformation? How does the family participate in the process of changing the participants' physicality? The data collection and analysis was done by the documentary method, whose files were composed of three videos related to the editions of the program, seeking to discover, interpret and understand the meanings and meanings present in the images and discourses that fall on the subjects and their bodies. The results reveal that the appearance becomes an indispensable value for the recognition of the individual within a social and familiar context, with some corporeal signs (sagging, sedentary lifestyle, fatness, lack of teeth, large hair and "poor care", among others) symbolize an indiscipline or a disregard for the body, and individuals are pointed out by the "failure" of their own corporeality. On the other hand, the program fulfills the mission of arranging the participant, promoting their family and social inclusion.

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, os meios de comunicação, em especial a televisão, são extremamente influentes na construção e na contribuição do fantasioso coletivo da cultura brasileira (LOPES, 2004). A mídia se constitui, assim, como um âmbito de produção de sentido na medida em que encena e teatraliza a vida, recria a realidade e acentua sensações.

Contudo, “a ação da mídia não ocorre de forma isolada, mas agrega-se a outras práticas socializadoras. As pesquisas, em geral, destacam o papel da mídia na inculcação de valores culturais e estéticos [...]” (NAZZARI, 2006, p.101).

A história da humanidade, em grande parte, é apontada pela exclusão simbólica e/ou física do “outro”. Os procedimentos de exclusão desses indivíduos, em sua grande maioria, ocorrem no plano das representações sociais¹ que “[...] variam segundo sua posição (e os interesses associados a ela) e segundo o seu *habitus* como sistema de esquemas de percepção e apreciação, como estruturas cognitivas e avaliatórias que eles adquirem através da experiência durável de uma posição no mundo social” (BOURDIEU, 2004, p. 158). Nesse sentido, Medeiros (2001, p.285) afirma que “[...] o corpo passa a ser portador do *habitus* uma vez que as disposições incorporadas moldam o corpo a partir das condições materiais e culturais, até torná-lo um corpo social”.

Este corpo social é construído e reconstruído culturalmente, pois a cultura possibilita “[...] a criação coletiva de ideias, símbolos e valores pelos quais uma sociedade define para si mesma o bom e o mau, o belo e o feio, o justo e o injusto, o verdadeiro e o falso [...], o sagrado e o profano, o espaço e o tempo.” (CHAUI, 2000, p. 45). Por conseguinte, são criados e crivados diversos preconceitos que impactam de forma negativa na identidade dos sujeitos que não se encaixam nos padrões socialmente e culturalmente estabelecidos. Pautados num corpo saudável, magro, jovem e livre de quaisquer sinais do processo de envelhecimento, as pessoas que não se encaixam nesse padrão são julgadas como feias, gordas, velhas e aleijadas e culpabilizadas por ter um corpo em desarmonia com as expectativas sociais.

¹ A teoria das representações sociais foi implementada por Serge Moscovici, estudioso francês, em 1961, com a obra *La psychanalyse, son image et son public* (A psicanálise, sua imagem e seu público - em português), e tem adquirido um importante destaque na compreensão dos mais diversos objetos e produção de conhecimento. Segundo esta teoria, como o sujeito, objeto e sociedade são inseparáveis é proposta uma articulação entre o psicológico e o social (PATRIOTA, 2008). Pierre Bourdieu defende a visão de que as representações sociais são influenciadas por ideias, valores, crenças e ideologias existentes anteriormente em uma sociedade, e que se fazem presentes na linguagem que usamos para nos comunicar, nas religiões e no chamado senso comum que compõe o *habitus* de cada agente, e também as concepções que circulam entre os participantes dos campos sociais, grupos profissionais e classes sociais. (BOURDIEU, 2004).

Como consequência a esse corpo “inadequado”, ocorrem uma série de distúrbios psíquicos e físicos conhecidos como Transtornos Dismórficos Corporais (TDC) nos indivíduos da sociedade contemporânea, que geram uma exclusão e diferenciação dos que não se adequam aos padrões determinados. O TDC funda uma acentuada inquietação com a exterioridade, com uma possível “deformidade física” anatômica, frequentemente fantasiosa que motiva uma intensa aflição na dinâmica pessoal, social, familiar, ocupacional e/ou em diferentes espaços importantes para os sujeitos.

Costa (2008) enfatiza que a diferenciação não é uma marca do indivíduo, mas sim um sinal que o constitui socialmente e se institui como uma forma de exclusão. Candau (2005, p. 19) afirma que “não se deve contrapor igualdade à diferença. De fato, a igualdade não está oposta à diferença, e sim à desigualdade, e diferença não se opõem à igualdade, e sim à padronização, à produção em série, à uniformidade, a sempre o “mesmo”, à mesmice”.

As mídias, em especial a televisiva aberta, se tornaram um dos principais meios propagadores de tendências de moda e comportamentos. Segundo Silverstone (2002, p. 20), a mídia “filtra e molda realidades cotidianas, por meio de suas representações singulares e múltiplas, fornecendo critérios, referências para a condução da vida diária, para a produção e a manutenção do senso comum”.

Acerca da televisão, Coan (2009, p.29) menciona que “por ser um dos veículos de comunicação mais acessível à sociedade, a televisão concentra um grande número de telespectadores, independente de raça, classe social e nível de escolaridade”, fazem assim uma intercessão em meio à sociedade – ora instituindo, ora reforçando as tendências, os arquétipos e as estimas sociais concernentes ao corpo e a atratividade corporal – a mídia é como diz Lipovetsky (1999, p. 188) uma “apoteose da sedução”, pois ela é “o agente difusor do culto ao corpo como tendência de comportamento” (CASTRO, 2003, p. 18), proclamando inovações práticas e modos de lidar com o corpo para uma adequação e um *status* de pertencimento.

Diante dessas influências, a indústria da corpolatria², cosméticos, revistas, academias, produtos fitness e afins, juntamente com a mídia, produzem um discurso que nos diz, a todo o momento, que beleza, bem-estar, sucesso e sedução são indissociáveis e que não poderemos jamais conviver sem esses elementos que as mídias reforçam. Diante de tantas influências, que tende a se ampliar, Codo e Senne (2004, p. 9) destacam: “nunca se falou tanto do corpo como hoje, nunca se falará tanto dele como amanhã”.

² A corpolatria é caracterizada pelo excesso de preocupação com o corpo e o cuidado com a aparência.

As pesquisas de Sant'Anna (2001) apontam que o mercado de revistas com temáticas de beleza e boa forma tem se ampliando. Em 1985 foram criadas mais de vinte tipos de revistas com essas temáticas e que, entre 1960 e 1990, o número dessas reportagens triplicou. Codo e Senne (2004) ponderam que a corpolatria surge a partir do narcisismo contemporâneo, sendo que o que, era visto como “doença, agora é bem-estar. Era patologia, agora é ideologia” (p.15).

Entenderemos nesta pesquisa que a devoção ao corpo envolve uma materialização cultural da sociedade que é impregnada de um aglomerado de signos³, pois “a imagem é uma decodificação, uma extração de significado, uma interpretação de signos” (KAPFERER 2003, p.86), composto de definição e significados que é estabelecido e reconstruído por meio de discursos. Desde que nascem, as pessoas são influenciadas, começando a partir de seus pais, passando pela igreja, pela escola, pelos amigos e, sofrem, no decorrer de suas vidas, forte influência da mídia e reforçada por propensões econômicas do comércio da boa forma e da beleza.

Por meio do consumo e do uso do corpo, os sujeitos (re)produzem suas identidades e também as relações sociais dentro da sociedade, dos seus grupos e de sua família. Dessa forma, o corpo é apreendido como um vetor de auto expressão, um elemento por meio do qual as pessoas instituem vínculos e estabelecem distinções sociais. Dessa forma, “o corpo e o uso que se faz dele é uma construção cultural dotada de sentidos e significados” (RIGONI, 2008, p. 143).

Com a necessidade crescente de reconhecimento social, muitas pessoas se permitem influenciar ou são influenciadas pelo consumo desmedido de produtos oferecidos pela mídia associada à indústria da corpolatria mesmo, que indiretamente e inconscientemente. As mensagens, veiculadas por diversos meios, transmitem a ideia de que, a partir desse consumo, as pessoas irão alcançar um *status* ou um pertencimento a um determinado grupo. Esse processo é favorecido, dentre outros fatores, pelo constante desenvolvimento e aperfeiçoamento de novas tecnologias de comunicação, que permitem a movimentação de informações de forma acelerada e abrangente.

Diante desse argumento, as diferentes propagações midiáticas, em especial a televisiva aberta, tem se tornado um meio propagador de informações e valores estéticos que tem

³“Segundo Peirce, um signo é qualquer coisa que está para alguém no lugar de algo sob determinados aspectos ou capacidades” (ECO, 2000, p. 10). Deste modo, tomaremos a definição de signo segundo Peirce que é extremamente ampla e nos coloca que signo pode ser qualquer coisa desde que seja interpretada em função de um fundamento que lhe é próprio, como estando no lugar de qualquer outra coisa, isto é, qualquer coisa que, ao ser percebida, leva alguma mente a uma cognição ou pensamento, que se aplica a algum objeto.

modificado, diretamente, a vida das pessoas (KNOPP, 2008) e, por vezes, ocasionando uma série de problemas concernente ao corpo, como os Transtornos Dismórficos Corporais (TDC), conforme já explicitado.

Deste modo, a presente pesquisa é importante para se verificar uma possível reprodução ideológica de condutas e normas a serem seguidas e assimiladas pela sociedade que a assiste. Conforte Angelin (2005), homens e mulheres são corpos que ajuízam um discurso. A eles competem uma obrigação para com a beleza, de modo que esta reflita os símbolos que se apresentem como um prestígio e/ou como uma aceitação, que indiquem seu status social.

A reflexão que se busca apresentar se dará sobre um recorte específico que será o da (re)construção do corpo, tendo como análise o quadro *Arruma meu marido*. O quadro se caracteriza como um *reality* de transformação corporal e, foi uma das atrações exibidas pelo então programa de auditório brasileiro, *O Melhor do Brasil* comandado por Márcio Garcia, produzido e exibido pela Rede Record de televisão. Com a saída de Márcio Garcia em 12 de abril de 2008, o programa passou a ser apresentado por Rodrigo Faro. Atualmente, o quadro *Arruma meu Marido*, consiste em uma das atrações do programa de auditório *Hora do Faro*, programa este que carrega o nome do próprio apresentador, sendo exibido aos domingos, de 15h30 às 19h30, também pela Rede Record, e se encontra dentro do mesmo formato de seu antecessor *Melhor do Brasil*.

1.1. Problemática de pesquisa

Pesquisas relativas à insatisfação corporal da sociedade brasileira, tais como: Alvarenga et. al. (2010), Petroski et. al. (2012), Vieira (2013), dentro outras, apontam que a “beleza”, há anos, vem sendo um atributo de insatisfação na identidade dos sujeitos, que o corpo “perfeito” vem se tornando uma característica primordial para as relações humanas. Conforme explana Del Priore (2001, p.100), “diferentemente de nossas avós, não nos preocupamos mais em salvar nossas almas, mas em salvar nossos corpos da desgraça da rejeição social. Nosso tormento não é o fogo do inferno, mas a balança e o espelho”.

O que tem levado as pessoas a se ajustarem a esses ideais? Serem bem sucedidas efetivamente? Alcançar destaque no mercado de trabalho? Terem sucesso em suas relações sociais? Essas indagações surgem porque a sociedade nos diz, a todo o momento, pela mídia, pelos amigos, pela família, que preocupar-se com o corpo é imprescindível à saúde e à

felicidade. Ser jovem, atraente, “dançar no compasso da moda”, vestir-se adequadamente, frequentar academias e alimentar-se saudavelmente são algumas imposições que estão sendo divulgadas na trama social.

O que a mídia e o comércio da beleza representam na formação da consciência, na subjetividade e na cultura dos sujeitos? Essa idealização devotada de obrigações fornecidas pelo setor midiático e pelo comércio da corpolatria vem promovendo um forte narcisismo e hedonismo, “afinal, o corpo é seu traço mais visível. [...] exposto e disposto às exigências das transformações sociais e da cultura”, segundo Santos (2011, p. 408). Na visão do autor:

[...] hoje parece ter nascido um novo modelo de pensamento sobre o corpo. Uma nova epistemologia do corpo parece estar em curso, onde se concebe o corpo como uma matéria-prima a ser modelada segundo o ambiente do momento. Atualmente o ambiente cultural caracteriza-se pelo progresso da técnica, da ciência e dos meios de comunicação. Nesse ambiente da pós-modernidade, altamente tecnologizado e midiático, o corpo deixou de ser o substrato da natureza humana. O corpo passou a ser o principal alvo da publicidade, da ciência médica e da técnica. Estamos, sem dúvida, vivendo atualmente uma mutação antropológica do corpo (SANTOS, 2011, p.411).

A presente pesquisa então discute a proposição de que as mídias de massa, em específico a televisiva aberta, por sua capacidade de abrangência, podem potencializar a indústria sociocultural da beleza.

Essa discussão torna-se relevante, pois de acordo com Brittos (2001) e Ponte (2014), cada vez mais se percebe que as programações midiáticas são estrategicamente estabelecidas de modo a suprir necessidades econômicas empresariais. Conforme Angelin (2005, p.1), “a beleza, ou melhor, a feiura, acabou gerando um lucrativo mercado no mundo capitalista [...] a beleza é um sistema monetário assim como o ouro. É o último e o melhor sistema de crenças que mantém a dominação” intacta, possibilitando a propagação de conceitos e valores estéticos uniformizantes e padronizados como exemplos aceitáveis de beleza.

O exemplo da beleza monetarizada, que conta com uma gama de profissionais aptos a transformar a “feiura em beleza” é o quadro *Arruma meu marido*, que tem como pressuposto a “transformação” do participante inscrito. A família entrega a pessoa “estragada” para ser “arrumada” (como diz o nome do quadro), para que ela possa ser reinserida na sociedade.

Após um apelo de seus familiares, os inscritos passam por uma análise de pessoas populares (mediante a exibição do próprio inscrito nas ruas e/ou uma foto) que irão inferir aos mesmos as características menos atrativas de acordo com a percepção estética de cada um (aparência física, idade e afins), que será de fundamental valia para o processo de mudança.

Semelhantemente, após a transformação, o participante passa pelo julgamento dos familiares, apresentador e pessoas nas ruas, para que possam comparar a estética dos participantes antes de depois da transformação e comprovar que o participante não estava de acordo com o padrão de beleza “aceitável” pela sociedade, fornecendo indícios de como os ideais de beleza interferem na vida pessoal e coletiva dos participantes.

Durante todo o programa, os familiares apontam os motivos pelos quais fizeram a inscrição do participante, com forte apelo emotivo, evidenciando como a corporalidade “inadequada” atrapalha a dinâmica familiar e social. O apresentador, por sua vez, destaca cada parte do corpo do participante que está em desarmonia com os ideais de beleza. Esses elementos são confirmados pela população das ruas de São de Paulo que confere legitimidade à “feitura” do participante. Desta maneira, alguns signos corpóreos, como flacidez, gordura, falta de dentes, cabelos grandes e “mal cuidados”, dentre outros, simbolizam uma indisciplina ou um descaso com o corpo (GOLDENBERG, 2011), sendo os indivíduos apontados pelo “fracasso” de sua própria corporalidade.

Após a deslegitimação e desvalorização dos participantes de acordo com sua forma física, para sanar os “problemas” da inadequação corporal, o quadro conta com diversos profissionais habilitados para fazer a “transformação” do participante. Dessa forma, cabeleireiros, dentistas, esteticistas e estilistas são os profissionais “peritos” do ramo da indústria da beleza, que estão aptos a atestar a “feitura” do participante e devolver a eles a “boa” aparência, um valor imprescindível para o seu reconhecimento social.

Diante da complexidade dessa situação ambígua de desvalorizar para depois valorizar, de excluir para depois incluir, com a presente pesquisa, busca-se responder as seguintes questões: Quais discursos recaem sobre os participantes do quadro, antes e após a transformação corporal? Como se dá a participação da família nesse processo de mudança da corporalidade dos participantes?

1.2. Justificativa

Em uma determinada sociedade, o corpo é permeado por valores culturais que incluem e excluem o indivíduo aos grupos. Dessa forma, possuir um corpo “perfeito”, “bem torneado”, em “excelente forma” consagra os seres humanos como incluídos nas normas sociais e faz com que os mesmos concebam a “plenitude” sobre uma ordem natural, levando-os a acreditar que possuem autonomia sobre o seu corpo, com domínio do seu próprio destino (GARCIA,

2005).

Devido aos julgamentos sociais, que inserem ou excluem socialmente o indivíduo, ele se submete a complexas e profundas transformações com relação ao corpo, cujas técnicas variam de um cuidado simples a uma intervenção mais arriscada, como uma cirurgia plástica. Visando atingir os ideais de beleza, modificações são feitas e desfeitas, indo “[...] do natural ao artificial, do úmido ao seco, da matéria ao espírito, do orgânico ao maquínico, o debate a respeito do corpo parece ser um tema efervescente, sobretudo pela complexidade tenaz que se expõe no contemporâneo” (GARCIA, 2005, p. 14). Essa ideia é corroborada por Maffesoli que enfatiza que

[...] a prevalência da aparência é, de um lado, uma realidade (um conjunto de realidades) suficientemente verificada para que seja levada a sério. E, de outro lado, uma constante antropológica que se encontra em lugares e tempos diversos. [...] A teatralidade (espetacularização) dos corpos que observa-se hoje em dia é apenas a modulação dessa conduta: a forma esgota-se no ato, e uma eflorescência, basta-se a si mesma (MAFFESOLI, 1996, p.15).

Diante da supervalorização da aparência, a sociedade impõe, diariamente, que corpos com dimensões equilibradas sejam obtidos através de muito esforço. A mídia e os industriais da beleza reiteram a importância desse padrão, pois descobriram que os discursos sobre o “corpo perfeito” são propícios para a divulgação de produtos e serviços do mercado da beleza e da “boa forma”. Diante dessa descoberta, a mídia e os industriais da beleza conquistaram um gigantesco poder de “controle” sobre os sujeitos, difundindo uma paixão pelas tendências da moda, da boa forma e da beleza, instaurando a aparência como uma dimensão necessária e obrigatória da sociedade contemporânea.

Exemplo dessa imposição está no quadro televisivo *Arruma meu marido* vinculado no programa *Hora do Faro*, transmitido todos os domingos às 15h30, pela Rede Record. O programa é apresentado por Rodrigo Faro, um apresentador, cantor e ator que soma em seu currículo diversas campanhas publicitárias, espetáculos teatrais e musicais, tendo comandado diversos outros programas em diversas emissoras televisivas: *ZY Bem Bom*, programa infantil da TV Bandeirantes, em 1987 e 1988; *Zaap*, um programa de entrevistas e vídeo clips da TV Record, em 1991; e o *Check Point*, programa de games, em 1992 na TV Gazeta, além do programa *Ídolos* (versão do original *American Idol*), na TV Record, um dos *realities shows* musicais mais famosos do mundo, em 2009. Além disso, foi integrante do conjunto Dominó, uma *boy band* brasileira que teve seu auge nos anos 1980 e 1990.

No caso do programa *Hora do Faro*, e em especial o quadro *Arruma meu Marido*, o

cenário do programa é composto por um palco livre e amplo, onde ficam o apresentador, as assistentes de palco, o participante (selecionado para participar do quadro) e, na maioria das vezes, a esposa e família do participante, que aguardam a revelação da “transformação” do inscrito.

Ao fundo, em uma tela de *led*, é exibida a logomarca do quadro. Após uma longa conversa entre apresentador e os familiares do inscrito, sempre com um forte envolvimento emotivo, a “transformação” do participante é revelada, quando se abre a tela de *led* e o participante aparece totalmente “renovado”.

Além do estúdio, uma parte do quadro *Arruma meu marido* se passa na localidade onde reside e trabalha o participante, para que seja narrado um pouco da sua vida e rotina. Outra parte do quadro se passa em ambientes onde o participante irá sofrer as intervenções em sua aparência: consultório de dentista, salão de cabelereiro, clínica de estética e lojas onde são adquiridas as novas peças do vestuário que comporão o figurino do participante transformado.

A plateia é formada, em grande parte, por jovens e adultos, com idade entre 20 anos aos 45 anos, composta basicamente por mulheres, possuindo alguns homens intercalados. Entretanto, os homens não possuem muito destaque nos vídeos analisados. A plateia é dinâmica, animada e “disciplinada”, pois sempre endossa a opinião do apresentador.

Os anunciantes do programa *Hora do Faro* oferecem produtos e serviços que não possuem um recorte de gênero específico (masculino ou feminino) contemplando o público mais geral. São voltados, em sua maioria, para consumidores jovens e adultos, de poder aquisitivo de porte médio/baixo: serviços bancários, serviços de telefonias, produtos para estética, marcas de sapatos, roupas, dentre outros. No quadro *Arruma meu marido*, os produtos e/ou serviços anunciados estão, quase sempre, correlacionados com a questão da beleza, moda e estética, assim, são anunciados no decorrer do quadro os patrocinadores que auxiliam nas transformações dos participantes.

O programa possui alguns quadros fixos e outros que possuem uma periodicidade:

- **Reencontro:** visa a busca por um determinado membro familiar que não possui mais contato com sua família;
- **De folga com o Faro:** como o próprio nome do quadro revela, proporciona ao participante um dia cheio de surpresas e emoções junto ao apresentador;
- **Você quer um namorado (a)?:** proporciona ao participante ajuda para encontrar o par “ideal”;

- ***Confesso que vivi***: conta histórias de vidas surpreendentes sobre superação e pedidos de perdão;
- ***Mudando de vida***: tem como pressuposto a transformação de mulheres que deixaram suas vidas de lado para se dedicar a suas famílias, neste sentido a participante passa por um processo de transformação visual e profissional;
- ***Empurrãozinho***: após o cumprimento de algumas tarefas no palco, os participantes ganham prêmios que contribuirão para melhorar as suas rotinas;
- ***Te quero de volta***: propicia uma segunda chance de reatar a relação entre um casal que havia rompido;
- ***Arruma meu marido***: tem como pressuposto a transformação da aparência do marido. Esse quadro não possui uma periodicidade de exibição, pois demanda um grande investimento e períodos longos de tempo para fazer a transformação do participante.

O programa *Hora do Faro*, assim como foi o seu antecessor *O Melhor do Brasil*, trata de um programa de auditório bastante popular da televisão aberta brasileira. O quadro *Arruma meu marido* também é um gênero televisivo bastante popular e possui releituras em diversas outras emissoras e países⁴. Contudo, ele é o único no Brasil onde o homem é o personagem principal da mudança. Os demais têm foco no corpo feminino, seguindo uma tendência tradicional, já que historicamente as mulheres foram afastadas das atividades políticas, profissionais e acadêmicas, dedicando suas vidas ao cuidado com o corpo, a aparência e a família. Já o investimento masculino nos cuidados com o corpo corresponde a uma tendência mais recente, típica do século XXI, embora desde o século XVIII já existissem em Londres e Paris os *dandies* que atribuíam grande importância à aparência física.

Embora o *Arruma meu marido* não se diferencie muito dos demais programas de auditórios que são seus concorrentes, ele garantiu a vice-liderança da faixa horária ao registrar 24% de participação de audiência, o que significa que, em seu horário de exibição, 1 a cada 4 domicílios ligados está sintonizado na Record. Segundo os dados do setor comercial da Rede Record de Televisão, 62% dos seus telespectadores são mulheres, 80% pertencem às classes sociais ABC e 88% são adultos com mais de 18 anos⁵.

A escolha do quadro *Arruma meu marido* se deu, dentre outros fatores, por ser o único

⁴ Dentre as similaridades se destaca a transformação física dos participantes, por meio de intervenções cirúrgicas, tratamentos de pele, cabelo, dente e afins. Além de uma mudança radical na forma de se vestir e se apresentar em sociedade.

⁵ Dados do setor comercial da Rede Record de Televisão sobre o programa *Hora do Faro*. Disponível em: <http://www.comercial.recordtv.com.br/upload/produtos/informacoesmidia/FARO.pdf>. Acessado em 15/11/2017.

da televisão aberta brasileira a ter um recorte de gênero no qual o homem é o personagem principal do processo de transformação. Neste sentido, buscou-se produzir uma pesquisa inédita, que ampliasse as discussões sobre o corpo, mas que fosse diferenciada das pesquisas realizadas por Araújo (2009), Ribeiro e Kruse (2014), Soares-Correia (2015), Aguilera et. al. (2016), dentre outras, que colocam as mulheres como alvos prioritários da indústria da beleza e da boa forma.

Considera-se ainda que, no quadro *Arruma meu marido*, a família é o agente principal a demonstrar a “insatisfação” com a corporalidade do participante. Neste sentido, torna-se pertinente compreender que as adequações corporais aos padrões de beleza em nossa sociedade não é só uma imposição da mídia, mas envolve também outros agentes, como a família que busca adequar a corporalidade de seus membros dentro dos padrões de beleza vigentes em nossa cultura para melhoria das relações conjugais e familiares, contribuindo para que estes corpos sejam atuantes tanto na esfera da vida privada quanto na esfera da vida pública.

1.3. Objetivos

A pesquisa tem como objetivo geral analisar a contribuição do quadro *Arruma meu marido*, transmitido em um programa da mídia televisa aberta, na propagação de um ideal de corpo que promove a exclusão e a inclusão social dos participantes e conta com o aval das famílias.

Especificamente propõe-se:

- Analisar como os enunciados divulgados no quadro reafirmam o ideal corporal socialmente valorizado;
- Problematizar como o quadro em análise promove a exclusão e inclusão social dos participantes.
- Aprender o papel da família na legitimação do ideal corporal socialmente valorizado.

1.4. Procedimentos metodológicos

Esta pesquisa é de natureza qualitativa que, segundo Triviños (1987), trabalha os dados procurando seu significado, contendo como base a percepção do fenômeno da feiura e da beleza dentro de sua totalidade. Para Gil (1999), o uso dessa abordagem fornece o aprofundamento da pesquisa e das questões relacionadas aos objetivos que se propõe, mediante a máxima valorização da relação direta com a situação estudada. Richardson (1999, p.39) considera que ela é “adequada para entender a natureza de um fenômeno social”. Desta forma, buscando-se o que era comum, mas permanecendo, todavia, aberta para entender os significados múltiplos. A pesquisa também é do tipo descritiva. Segundo Gil (1999), a pesquisa descritiva possui como finalidade a descrição das particularidades de um determinado fenômeno, sendo caracterizado pela corporalidade construída dos sujeitos na contemporaneidade. Desta maneira, a pesquisa busca identificar, compreender e explicar o sentido e as atribuições que os sujeitos inferem em sua corporalidade, mediante uma profusão de discursos que os normatizam e os regulam, buscando compreender que “o indivíduo não é senão o entrecruzamento necessário, porém variável, de um conjunto de relações” (AUGÉ, 1999, p. 27).

Coletas dos Dados

Os dados utilizados na pesquisa foram oriundos de fontes secundárias, considerando os vídeos como um documento que precisa ser perscrutado, investigando os detalhes de seus elementos constitutivos. Os documentos são registros, de distintos formatos, que fornecem subsídios para apreensão dos acontecimentos a qual se deseja pesquisar e se compõem em registros da vida social de certo grupo (OLIVEIRA, 2007).

O *corpus* da pesquisa será formado da seguinte maneira: os vídeos do quadro a ser analisado foram coletados na plataforma midiática *Youtube*⁶, que consiste em uma ferramenta de compartilhamento digital, onde se encontra disponibilizado músicas, clips e vídeo sobre diversos temas. Os vídeos dos quadros do programa estavam disponibilizados na íntegra, sem cortes e sem modificações, apresentando do início ao fim a transformação dos participantes. Cada vídeo possui duração em média de quarenta e cinco (45) minutos.

O número de vídeos selecionados para análise se deu por saturação que, de acordo

⁶ Fundado em fevereiro de 2005, em São Francisco (Califórnia, EUA) pelos jovens Chad Hurley e Steve Chen, o Youtube foi criado com o objetivo de compartilhar vídeos. A nomenclatura *Youtube*, pode ser traduzida para o português como “*televisão feita por você*” (*You* = Você (Verbo ‘to be’ em inglês) e *tube* = uma gíria norte americana que se aproxima de Televisão).

com Thiry-Cherques (2009, p.21), “designa o momento em que o acréscimo de dados e informações em uma pesquisa não altera a compreensão do fenômeno estudado. É um critério que permite estabelecer a validade de um conjunto de observações”. Foram analisados três vídeos produzidos a partir do ano de 2010 que se encontram disponibilizados na plataforma *Youtube*.

Como cada vídeo oferece uma diversidade de elementos a serem analisados, os três vídeos foram suficientes para compreender o fenômeno que se propôs analisar. Além disso, não seria possível analisar muitos vídeos no decorrer de apenas um ano, devido à necessidade de cumprimento de prazos acadêmicos.

Os vídeos selecionados contam com a participação da família no processo de transformação do participante. Independentemente dos arranjos familiares, família será entendida aqui como, “[...] uma unidade em movimento, sendo constituída por um grupo de pessoas que, independente de seu tipo de organização e de possuir ou não laços consanguíneos, busca atender: 1) às necessidades afetivo-emocionais de seus integrantes [...]” (JOSÉ FILHO, 2007, p. 150).

Os quadros analisados foram denominados em Q1, Q2 e Q3, onde constam respectivas transcrições e o link do *Youtube* para possíveis análises e conferências. Os dados foram transcritos, organizados em tabelas (APÊNDICE 8.1).

As associações dos participantes com personagens, seres e/ou “coisas”, feitas pelo apresentador e/ou pelo público no decorrer do quadro *Arruma meu marido*, pautadas na aparência física dos participantes, enfatizando características menos apressáveis em nossa sociedade, constam no Apêndice 8.2.

Análises dos Dados

Os dados da pesquisa serão analisados inspirados na perspectiva da análise fílmica (PENAFRIA, 2009). De acordo com Goliot-Lété e Vanoye, analisar um filme ou um fragmento exige decompô-lo em seus elementos constitutivos. “É despedaçar, descosturar, desunir, extrair, separar, destacar e denominar materiais que não se percebem isoladamente 'a olho nu', pois se é tomado pela totalidade. (GOLIOT-LÉTÉ e VANOYE, 2002, p. 15).

Nesta perspectiva, a análise da narrativa fílmica busca descobrir, compreender e apresentar os sentidos e significados presentes nos discursos, nas imagens, nos sujeitos e afins, propondo uma interpretação minuciosa de um determinado fenômeno. Conforme

Gomes:

[...] pode-se considerar análise fílmica qualquer texto que fale de filmes e do que neles está contido, não importando propriamente o seu foco, alcance, profundidade e rigor, num arco que inclui desde o mero comentário, passando-se pela chamada crítica de cinema de tipo jornalístico, incluindo, por fim, até mesmo o estudo acadêmico, em toda sua variedade. Cada analista vê o que pode ou quer e, pelo menos em princípio, poderia falar de uma coisa diferente do quealaria um outro analista, segundo a ordem que lhe agrade e com a ênfase que deseje. Na ausência de qualquer disciplina hermenêutica capaz de oferecer garantias demonstrativas suficientes para produzir convicção para além do limiar do subjetivo e do íntimo e capaz, além disso, de oferecer um terreno público e leal para a disputa interpretativa, a análise finda por apoiar-se inteiramente nas qualidades peculiares do analista, ou seja, no seu talento, sua cultura, sua habilidade literária, ou na falta deles (GOMES, 2004, p.100).

Dessa forma, nesta pesquisa, foram analisados os discursos, as imagens, os cenários, a *hexis corporal* (BOURDIEU, 2006)⁷ dos participantes e afins, visando apreender os diversos elementos envolvidos na trama do programa e os diferentes aspectos da corporalidade.

Diante da complexidade que envolve a análise de um quadro de um programa televisivo, que tem propósitos muito mais amplos que meramente distrair o telespectador, para a análise dos dados, foram utilizados como aporte teórico autores que discutem o corpo no contexto da cultura, contribuindo para a compreensão dos ditames relativos ao corpo em nossa sociedade: Mauss (1974), Goldenberg (2011), Rodrigues (1999) e Le Breton (2009). Na perspectiva desses autores, o corpo é lugar de distintas maneiras de sociabilidade. Ele não se constitui somente de noções biológicas, mas de uma construção social que faz sentido no contexto em que ele está inserido.

Para abordar as visões do corpo no decorrer da história, foram utilizados como base, os autores: Aranha e Martins (1988), Rosário (2004), Barbosa, Matos e Costa (2011) e Eco (2004; 2007) que demonstram que no decorrer da história o corpo foi teorizado e compreendido de formas diferenciadas, por culturas distintas e em momentos diversos, ampliando as reflexões referentes aos ditames sobre o corpo.

No quesito mídia, foram utilizados os autores: Apostólico (2006), Thompson (2009), (2002), Silverstone (2002), Moraes (2006) e Lopes (2004), visando à compressão do papel que a mídia desempenha dentro da sociedade, do seu poder simbólico e da sua influência nas ações, comportamentos e condutas. Para problematizar as discursões sobre a televisão, a

⁷ Para Bourdieu (2006, p.85), a *hexis corporal* corresponde a um “conjunto de propriedades associadas ao corpo em que se exterioriza a posição e classe da pessoa”.

programação nela vinculada e o poder que ela exerce sobre os sujeitos foram utilizadas as referenciais de Lopes (2004), Almeida (1998), Souza (2004) e Castro (2006).

Para problematizar as questões sobre o embelezamento do corpo, o mercado da estética e da boa forma foi utilizado os dados da Associação Brasileira das Indústrias de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos (ABIHPEC, 2015), da Associação Brasileira de Academias (ACAD, 2014) e Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP, 2009), além de Goldenberg (2002) que analisa o corpo como um verdadeiro “capital”, que é buscado e conquistado, já que no mercado das aparências, julgamentos sociais são feitas a partir da forma física.

Para discutir como o corpo e a aparência física dos sujeitos estão entrecruzados por relações de poder que impactam as “identidades” dos sujeitos e fomentam estigmas sociais direcionados àqueles que não se inserem nos padrões socialmente estipulados, foram utilizados autores como Goffman (1978), Foucault (1997 e 2000) e Hall (1999).

Além dos autores citados, foram utilizados outros que contribuem para discutir o papel da mídia e dos programas televisivos na construção da corporalidade idealizada, possibilitando identificar a importância da família no processo de “transformação” e adequação corporal.

1.5. Organização da dissertação

Após a apresentação da introdução, da problematização, da justificativa, dos objetivos da pesquisa e dos procedimentos metodológicos, o texto dissertativo está composto por quatro capítulos.

O primeiro capítulo traz a revisão de literatura, perpassando pelos elementos conceituais que fundamentam teoricamente a investigação a partir de autores que discutem as imagens dos corpos no decorrer histórico, a influência da mídia televisiva e seu processo de controle nos padrões e ditames de beleza; sobre os impactos do mercado da beleza e da boa forma e, por fim, uma abordagem do corpo enquanto mecanismo de sociabilidades.

No segundo capítulo são expostas considerações sobre os *realities shows* de transformação, apresentando concepções sobre o corpo considerado “feio” e os discursos estigmatizantes que recaem sobre os corpos que não correspondem aos padrões de beleza socialmente instituídos.

No terceiro capítulo são expostas considerações sobre as transformações corporais ocorridas no *reality show Arruma meu marido*, traçando considerações sobre o corpo considerado “belo” e os discursos de atratividade que recaem sobre ele.

O quarto capítulo discute a participação da família na construção da corporalidade dos participantes inscritos no quadro *Arruma meu marido*, buscando demonstrar como os modelos de beleza socialmente instituídos são legitimados pelas famílias.

Por fim, traz-se as considerações finais, as referências bibliográfica e os apêndices da pesquisa.

2. CORPO, BELEZA E MÍDIA

Tudo o que cerca o corpo o contamina imperceptivelmente, e uma sinfonia de sensações vai se compondo infinitamente em suas cordas nervosas. O corpo se revela como música das vibrações do mundo. (Suely Rolnik)

São apresentados neste capítulo os elementos conceituais que dão fundamentação teórica à investigação. Entretanto, eles não se esgotam e se limitam aos aqui expostos. No decorrer das análises eles serviram, quando pertinentes, para dar suporte às análises. Entretanto, serão usados também outros autores que subsidiaram e corroboraram para o enriquecimento das análises.

Neste sentido, este capítulo discute como as acepções corporais foram compreendidas no decorrer do tempo. Traz ainda uma abordagem sobre a influência da mídia televisiva e seu processo de influência nos padrões e ditames de beleza, os impactos sociais do mercado da beleza e da boa forma e, por fim, aborda o corpo enquanto mecanismo de sociabilidades, destacando como as percepções sobre beleza e feiura hierarquizam os indivíduos, estigmatizando aqueles que não possuem o ideal corporal socialmente instituído.

2.1. Imagens de corpos e acepções corporais no percurso histórico

Tomando a história narrada na Bíblia, no livro de Gêneses, em que Adão e Eva perceberam que estavam nus, Jean Starobinsky (1991, p. 353) afirma que a percepção sobre o corpo “foi o primeiro conhecimento na formação do ser humano”, desse momento em diante, tornou-se inconcebível deixar de lado a atenção sobre corpo. De acordo com Daolio (1995) e Carmo Junior (2005), o corpo, além de ser compreendido no decorrer da história de formas e maneiras distintas, também foi aporte teórico de distintas ideologias. Cada cultura e sociedade intervêm sobre o corpo denominando-o, construindo suas particularidades e seus atributos em detrimentos a outros corpos e criando seus próprios padrões que serviram como referências para que os sujeitos se construíssem enquanto mulheres e homens.

Conforme afirma Mauss (1974), o corpo é o lugar de distantes maneiras de sociabilidade e reflete, por conseguinte, a vida social de um grupo a qual se insere, de tal modo que ele não se constitui simplesmente de noções biológicas, mas é, principalmente, uma construção social.

Semelhantemente, o antropólogo José Carlos Rodrigues (1999) enfatiza que nossas percepções estéticas, nossos sentimentos, nossas ações, nossos cuidados com a saúde e com o corpo, nossas preferências sexuais e diversas outras coisas que parecem, à primeira vista, tão familiares e naturais, não existiram sempre da mesma forma e têm por trás um rico passado cheio em detalhes e em variações.

Portanto, para Mauss (1974), a forma como andamos ou como sentamos, o nosso gestual, a maneira de nos vestir, entre outras práticas realizadas pelos seres humanos, resultam de “educação social” que se relaciona à religião, às crenças, aos valores, e às origens de uma determinada sociedade. O autor defende que os indivíduos constroem seus corpos de acordo com a “imitação prestigiosa”, valorizando e se espelhando em um determinado corpo em detrimento a outros, contribuindo para que haja um padrão típico valorizado em cada sociedade. Segundo Nóbrega (2005, p.77), “o corpo expressa a história individual e a história acumulada de uma sociedade”.

Caetano (2005, p.216) afirma que “é por meio do corpo que o homem participa do contexto social, comunicando-se, expressando sentimentos, interagindo. É o corpo que garante uma afirmação social, funcionando não como coadjuvante dos processos de transformações, mas como elemento essencial para que ocorra esse processo”.

Podemos observar que no decorrer da história e de acordo com cada cultura, o corpo e suas atribuições são entendidos e interpretados mediante os valores e as tradições. Dessa forma, “o corpo metaforiza o social e o social metaforiza o corpo. No interior do corpo são as possibilidades sociais e culturais que se desenvolvem” (LE BRETON, 2009, p. 70). Desta maneira “no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contato primário do indivíduo com o ambiente que o cerca” (DAOLIO, 1995, p. 105). Semelhantemente, Le Breton apregoa que

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados [...]. Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. Em outras palavras, o conhecimento biomédico, conhecimento oficial nas sociedades ocidentais, é uma representação do corpo entre outras, eficaz para as práticas que sustenta (LE BRETON, 2009, p. 29).

Nesse sentido, o autor defende que corpo não pode ser entendido somente como um

aglomerado de órgãos dispostos, segundo as ciências biológicas. Mas, sim como, vetor, capaz de unir as mais distintas formas culturais. Assim, o corpo é mutável, distinto de uma sociedade para outra e expressa valores e tradições variadas.

Heilborn (1997) afirma que o corpo é uma dimensão determinada pelos efeitos da cultura, variando de indivíduo para indivíduo até mesmo dentro do mesmo contexto social de acordo com os papéis que os mesmos ocupam. Dessa forma, é importante apresentar alguns aspectos do corpo no decorrer da história. Contudo, devemos compreender que as concepções corporais, assim como os padrões de beleza, variam no tempo e no espaço, e sofrem influências de fatores internos e externos, tais como, crenças religiosas, clima, regimes políticos e afins (KURY, HANGREAVES, VALENÇA, 2000).

Desde os tempos mais remotos, os seres humanos fizeram e fazem o uso de seus corpos como um “objeto” cultural. Diversos relatos demonstram que os povos primitivos usavam substâncias para ornamentarem, maquiarem e embelezarem seus corpos, confirmando assim, certa “preocupação” para com a aparência, mesmo esta sendo com a finalidade de cerimônias ritualísticas (KURY, HANGREAVES, VALENÇA, 2000). Souza (2004) acrescenta que “Em algumas culturas antigas, os homens é que usavam os mais belos ornamentos e se preocupavam mais com a aparência, participando, inclusive, de concursos que elegia o mais belo homem da tribo” (SOUZA, 2004, p.62).

Embora o mercado da beleza e da boa forma masculina tenha aumentando significadamente na contemporaneidade, não é de exclusividade desta, assim cabe pontuar no decorrer histórico importantes marcos no que se referem à moda masculina e ao trato com o corpo. Por vários séculos, Reis, Faraós, Czares, e demais Chefes de Estado, sempre conviveram em locais luxuosos, enfeitados e cercados dos mais variados luxos, desde trajes opulentos, usados como símbolos de poder e status a castelos, e comidas requintadas. Em contrapartida, as classes mais baixas da sociedade vestiam trapos e não desfrutavam de tais regalias. Esse contraste social possibilita compreender que “ser belo” e “estar na moda” envolvem questões de hierarquização e poder aquisitivo.

Os antigos Egípcios foram os primeiros povos a desenvolver o culto a beleza como algo de extravagância e de suma importância para seu dia a dia. Eles utilizavam os “cosméticos” como parte de seus hábitos diários, e era tão importante que, mesmo após a sua morte os preparos para com o corpo envolviam tais práticas. Neste período, destaca-se o uso da *Henna*, espécie de lápis com tonalidade preta bem escura utilizado para olhos e sobrancelha. Para os antigos egípcios, a limpeza e o cuidado corporal estavam intimamente

associados à pureza, e era entendida como uma forma de proteção para com o “mal” e contra possíveis enfermidades (KURY, HANGREAVES, VALENÇA, 2000).

Os museus guardam dessa época achados que comprovam a preocupação com a estética corporal: taças de unguentos, colheres para pinturas, paletas de pigmentos, estiletes para delinear, jarras contendo produtos de maquiagem ainda intactos são encontrados no Louvre, em Paris. Produtos que revelam uma preocupação milenar com a beleza, com os cuidados com o corpo (SOUZA, 2004, p.57).

Entre os gregos da antiguidade, o corpo era visto como um grande ideal estético, sendo amplamente valorizado por grande parte da sociedade. Seja pelo imaginário dos inúmeros filmes e produções artísticas (Alexandre, o grande, 1956; Helena de Tróia, 1956; Os 300 de Esparta, 1962; Hercules, 1987; Tróia, 2004; 300 – A Ascensão do Império, 2014, dentre outros) ou, pelos discursos produzidos diariamente (Que “Deus” Grego!), verifica-se que o corpo grego é um grande objeto de admiração. Contudo, a valorização do corpo na Grécia antiga estava ligada à sua capacidade atlética, virilidade e saúde e era visto como meio de glorificação e de importância do Estado (SIEBERT, 1995; ROSÁRIO, 2004).

Na Grécia antiga, o culto ao corpo era uma prática cotidiana e extremamente valorosa, em especial nas camadas superiores da sociedade. As práticas corporais em Espartas estavam ligadas na educação dos jovens, tinha como base a educação para um corpo perfeito e saudável. Em Atenas, o corpo estava intimamente ligado à beleza. Em relação às demais partes da Grécia, o culto ao corpo estava predominantemente ligado aos jogos Olímpicos, sendo a nudez desse corpo algo considerado absolutamente normal. Em contrapartida, as classes menos favorecidas exerciam suas práticas corporais voltadas à guerra, que era de grande interesse do Estado (SIEBERT, 1995; ROSÁRIO, 2004).

Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 25) mencionam que os gregos admiravam a beleza de um corpo saudável e com proporções equilibradas e simétricas. Consideravam que cada idade tinha a sua própria beleza, sendo que o estético, o físico e o intelecto faziam parte da busca pela perfeição, “sendo que o corpo belo era tão importante quanto uma mente brilhante”. Entretanto, essas qualidades eram consideradas apenas para os homens livres, vistos como cidadãos, o que não incluíam os escravos e as mulheres. As autoras ressaltam ainda que “a civilização grega não incluía as mulheres na sua concepção de corpo perfeito, que era pensado e produzido no masculino. As normas para os homens eram mais soltas, permitindo a bigamia e a homossexualidade como práticas naturais”. Enquanto às mulheres “cabia cumprir funções como obediência e fidelidade aos seus pais e maridos e a reprodução”,

não podiam também votar, e eram privadas de todos os direitos enquanto sujeitos dentro da *Pólis*⁸.

Contudo, é interesse ponderar que não existe uma definição concreta sobre o que era entendido enquanto conceito de beleza para os povos gregos, pois segundo Umberto Eco (2004):

[...] a beleza não reside nos elementos singulares, mas na harmoniosa proporção das partes, na proporção de um dedo em relação ao outro, de todos os dedos em relação à mão, do resto da mão em relação ao pulso, deste em relação ao antebraço, do antebraço em relação a todo o braço. Enfim, de todas as partes em relação a todas as outras (ECO, 2004, p.75).

No entanto, é inegável que a sociedade grega possui uma maneira específica de pensar e conceber a beleza e a estética, ao ponto que lhe diferenciou de todas as outras.

Seguindo as primazias gregas, a civilização romana incorporou para si muitos dos seus valores e regras. Entretanto, na Roma antiga, o corpo é destinado predominantemente às atividades ligadas ao exército e à guerra (ROUSSELE, 1983).

Na Roma antiga se destaca como práticas corporais os banhos coletivos, realizados nas famosas casas de banhos espalhadas pela cidade, que eram construções públicas e destinadas a ambos os gêneros, embora houvesse uma divisão através de muros entre homens e mulheres. Nestes locais eram realizados, além dos banhos aromatizados com erva e flores, massagens com aplicações de óleos para manutenção de uma pele saudável e mais atraente, amplamente valorizado neste período (RODRIGUES, 1999).

Com o surgimento do cristianismo, inaugura-se uma nova concepção sobre o corpo. O corpo passa da expressão de perfeição e glorificação para fonte de pecado. O corpo passa a ser proibido, e o pecado medeia tudo. “O cristianismo reprime constantemente o corpo (o “corpo é a abominável vestimenta da alma” diz o papa Gregório Magno). Por outro lado, é glorificado, nomeadamente através do corpo sofredor de Cristo” (“O corpo é o tabernáculo do Espírito Santo”, dizia Paulo). (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26).

Assim, discorrer sobre a temática do corpo no período que se compreende como Idade Média, momento histórico que foi dividido em alta Idade Média (séculos V até X) e Baixa Idade Média (século X até XV), é “pisar” em um terreno em que as forças religiosas estiveram presentes na dominação, coerção e manipulação dos corpos, dos gestos, da moral, dos costumes, e ainda, ditava as normas e as regras que deveriam ser seguidas. “Há, nesse período, uma hierarquia estética em que era exigida [...] uma “integridade bela”. A beleza

⁸ Designação de cidade na Grécia antiga.

remete seus sentidos a valores morais (integridade), numa tentativa de normatizar seus comportamentos através de seus corpos” (SOUZA, 2004, p. 67).

Neste sentido, a preocupação com o corpo torna-se totalmente proibida, a igreja católica torna-se a grande influenciadora do pensamento da época (cabe aqui destacar a obra literária “*O nome da rosa*” do crítico italiano Umberto Eco e o filme de mesmo nome dirigido por Jean-Jacques Annaud, em 1986, que descreve com maestria esse momento da história). A dicotomia corpo e alma prevaleciam. O corpo torna-se pecado, um corpo perverso, necessitando incessantemente de purificação (ARANHA; MARTINS, 1988), desta forma, “[...] o corpo foi desprezado, violentado e negado [enquanto materialidade], principalmente devido ao fato do mesmo expressar sentimentos, desejos, anseios e necessidades, que eram associadas a atitudes pecaminosas” (CAETANO, 2005, p.216).

A sociedade neste momento se preocupava antes com a pureza e salvação da alma do que com os cuidados para com o corpo. Pois, nesse momento predomina a influência religiosa sobre o prisma do teocentrismo, onde Deus é o centro de todas as coisas. A vida religiosa neste período influenciava a sociedade em todas as esferas da vida pública e privada. Em detrimento a tal fato, em geral, as pessoas na Idade Média renunciavam aos prazeres terrenos em troca da salvação de suas almas (CARMO JUNIOR, 2005), assim, “O discurso religioso torna-se, então, um lugar de interpelação privilegiado, pois opera sobre a consciência íntima do indivíduo, ao colocar em cena a escolha entre o bem e o mal, derivando dessa escolha consequências para ruína ou salvação da alma” (SOUZA, 2004, p.68).

Como parte dessa percepção, Barbosa, Matos e Costa (2011) mencionam que os corpos das mulheres, por exemplo, eram associados, essencialmente, à uma sexualidade “pervertida”. Diante dessa visão, diversas mulheres foram reprimidas, torturadas e mortas, pois eram consideradas ‘agentes do demônio’, feiticeiras e/ou bruxas. Por conseguinte, “as técnicas coercitivas sobre o corpo, tanto para homens quanto para mulheres, como os castigos e execuções públicas, as condenações pelo Tribunal do Santo Ofício (a Inquisição – oficializada pelo papa Gregório IX), o auto-flagelo marcam a Idade Média” (p.27). Claramente começa a delinear neste período a concepção da separação do corpo e da alma, prevalecendo à força da segunda. “A Igreja, em união com o Estado, ditava comportamentos pautados em aspectos morais e éticos e exercia assim um controle sobre as atitudes das pessoas, [...] bem como o modo de atuar de seus corpos em casa e na sociedade, numa forma de normatizar seus comportamentos” (SOUZA, 2004, p. 69).

Entretanto, a visão do corpo na Idade Média é ampliada por Rodrigues (1999), que

insere neste período a gênese para a percepção hodierna sobre o corpo que subsidia a compreensão da corporalidade no quadro *Arruma meu Marido*. Por meio da análise dos sentidos (tato, visão, olfato e paladar), o autor mostra que até o século XVII o corpo era coletivo, alegre, pois não havia sido implantada a mentalidade individualista que temos hoje. O autor mostra que a percepção sensorial sobre o corpo mudou quando foi gestado o germe do sistema capitalista. Assim, na Idade Média havia a divisão das classes (clero, nobre e servos), entretanto elas viviam amalgamadas sem preocupação com as distâncias sociais, e a arquitetura viabilizava a proximidade entre as classes, as casas possuíam poucos cômodos e multifuncionais. Neste período, não havia a percepção sobre lixo, sujeira e odores, não havia as regras de etiquetas, o banho era raro ou quase inexistente. O catolicismo era pagão, e a religião se misturava com a magia. O corpo e alma eram vistos como uma unidade, neste sentido, vivos e mortos coabitavam sem nojo e asco. Foi a partir do século XVII que começou a surgir a lógica da segregação com separação das classes. A partir daí, as sensibilidades vão mudando, as percepções sobre a sujeira, o fedor e a etiqueta vão ganhando novos contornos até chegar às percepções corporais que concebemos hoje.

Diante dessa nova visão, a morte, a sujeira, o lixo, começam a ser afastado, o envelhecimento, a doença e enfermidades começam a ser afastadas, por serem vistos como coisas ruins que comprometiam a visão capitalista e individualista sobre o corpo e a sociedade. Assim, a disseminação das regras vai modelando o nosso olhar, para que percebamos nossas “inadequações” corporais, rejeitando aqueles que estão fora das normas, vistos como transgressores.

No período Renascentista, momento em que, se compreende entre os séculos XV e XVI, a liberdade corporal ganha espaço e difere das antigas concepções. As artes e o antropocentrismo ganham força e o corpo nu aparece dando destaque às formas primorosas (ROSÁRIO, 2004). Inicia-se uma liberdade do ser humano. “O corpo, agora sob um olhar “científico”, serviu de objeto de estudos e experiências. Passa-se do teocentrismo ao antropocentrismo” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p.27). Conforme Alves:

O antropocentrismo é uma concepção que coloca o ser humano no centro das atenções [ao contrário do teocentrismo, que coloca Deus/religião] e as pessoas como as únicas detentoras plenas de direito. Poderia parecer uma manifestação natural, mas, evidentemente, é uma construção cultural que separa artificialmente o ser humano da natureza e opõe a humanidade às demais espécies do Planeta. O ser humano se tornou a medida autorreferente para todas as coisas (ALVES, 2012, s/p).

Nesse momento histórico, o corpo é redescoberto, principalmente nas obras de artes de artistas como Da Vinci e Michelangelo, que valorizavam o corpo como suporte básico de suas obras (ROSÁRIO, 2004). “Os séculos XV e XVI são fundamentais na trajetória do corpo, pois é nesse período que surge a idéia de que ele pode ser modificado. Considerada até então dom divino, a beleza passa a ser considerada uma produção. Adquire o sentido material de investimento. Adquire significância em relação ao espiritual, à alma” (SOUZA, 2004, p.86).

Neste período, as sociedades ocidentais passam a incorporar a dualidade e os corpos de homens e mulheres passam a ser entendidos, ainda mais, como coisas distintas. Nesta visão são estruturados modelos de percepção diferentes para cada corpo, aos homens foram atribuídas características viris, de dominador, de racional, ao passo que a mulher se deu o modelo de mãe, objeto de prazer do homem [não necessariamente de seus maridos] e uma preocupação incessante com a beleza para agrada-lo (ROSÁRIO, 2004).

Nesta lógica se destaca um excerto do livro *O Cortesão (Libro del Cortegiano)*⁹, escrito por Baldassare Castiglione (*apud* SOUZA, 2004, p.93):

Considero que cada mulher deve de forma alguma se parecer com o homem, na sua conduta, nas suas maneiras, palavras, gestos ou atitudes. Assim como é próprio do homem apresentar um certo ar másculo, de robustez e energia, também é desejável que a mulher mostre uma ternura suave e delicada, dando um toque de doçura feminina a todos os seus movimentos.

Ainda segundo Souza (2004), “A literatura (inclusive a médica) e a iconografia apresentavam a mulher como ser frágil, de uma fraqueza inata; deveria, portanto, ser protegida. Sobre ela o homem deveria exercer total controle, ‘brando, mas firme’” (SOUZA, 2004, p. 93). Assim, podemos compreender que os discursos empregados neste período compreendiam que existiam diferenças entre os corpos masculinos e femininos, sendo este último condicionado ao controle, sendo colocado como “sexo frágil”, e demonstrando, categoricamente, a hierarquização entre os gêneros e os espaços aos quais os corpos habitavam.

O Século XVII reintroduz o desprezo pela “carne”. O relaxamento social vivido no Renascimento foi ferozmente combatido pela Reforma e pela Contra-Reforma, a partir do século XVI. O corpo, lugar de embates é novamente coberto por um racionalismo puritano. Em lugares religiosos ou públicos, tangas e túnicas passaram a cobrir estátuas e quadros de nus. Os seios eram escondidos e aquelas que os deixavam à mostra através dos decotes cometiam pecado, absolvido somente pelo bispo. A vaidade estava destinada ao fogo do inferno (SOUZA, 2004, p.98).

⁹ O livro é um manual didático de etiqueta e ética cortesã, organizado em forma de diálogos.

No século XVIII, a noção de “beleza” e cuidado corporal masculina ganham novos contornos. Sob o reinado de Luís XIV (Rei Sol)¹⁰, em *Versailles*, reinava-se o luxo, a elegância, o requinte e o *glamour*, sendo este “[...] o mais importante período na história da elegância, do ímpeto criativo e dos artigos de luxo.” (DEJEAN, 2010, p. 09).

No reinado de Luis XIV, a ideia de lançar modos e modas já havia sido pensada e o Castelo de Versalhes foi o epicentro divulgador das sutilezas do requinte, da sofisticação exacerbada, do fausto e do esplendor para todas as cortes europeias. Nesse período, a França foi pioneira em ditar a moda para toda a Europa através da corte de Versalhes (BRAGA,2006, p. 84)

Luís XIV fundou regras e criou estilos que fizeram a França se tornar referência de bom gosto. O monarca difundiu estilos de moda, pois, de acordo com relatos, o ‘Rei Sol’ tinha como filosofia que “*la mode est le miroir de l’histoire*” (*A moda é o espelho da História*). As roupas masculinas neste período ficavam cada vez mais luxuosas, eram feitas com matérias nobres, tais como, ouro, prata e pedras preciosas. Assim, os nobres gastavam fortunas com a aparência, sendo o ‘Rei Sol’ considerado o homem mais bem vestido de toda Europa, que ditava modos e modas para os demais monarcas e nobres do continente. Em seu reinado, difundiu-se também o uso de perucas como sinônimos de poder, *status* e educação; modificou o paladar francês, separando os alimentos salgados dos doces, criando, por conseguinte a sobremesa. Além disso, dominou as artes de produção de espelhos, joias, roupas e afins; além de difundir o champanhe enquanto uma bebida a ser oferecida a pessoas especiais e ser tomada em momentos festivos. Urbanizou Paris, transformando-a na capital da Moda (BRAGA, 2006). Após a morte de Luís XIV, em 1715, e com a Revolução Francesa e os “*sans-culottes*”, a noção de beleza foi sendo reformulada. Os homens passaram a se apresentar em tons mais sóbrios, perdeu-se o uso de muitos ornamentos e as roupas passaram a ser mais simples (BRAGA, 2006).

No século XIX, influenciado pela Revolução Industrial, que trouxe com ela mudanças sociais e econômicas, os modos e modas passam por transformações. Neste período se faz presente um refinamento e elegância na aparência masculina, luxo, soberba e ostentação deram lugar a rigidez de um homem empreendedor. Houve assim, uma modificação nas condutas influenciadas pelo valor do trabalho. Neste contexto a moda masculina, é caracterizada pela celebre frase de George Bryan Brummell, (1778- 1840), que enfatiza que “*A verdadeira*

¹⁰ Conhecido como “Pavão da Moda”, analogamente comparado ao animal Pavão que ostenta grande beleza e exuberância em sua forma física, em especial ao abrir sua calda, e é mais ornamentado que sua fêmea, a Pavo.

elegância consiste em passar despercebido”, assim é fundamentado o estilo que ficou conhecido como Dândi. Neste período, o traje masculino se tornou simples e básico, composto por uma casaca, em grande parte em tons de preto e cinzas, uma camisa lisa de linho branco, a gravata, botas de montaria e uma cartola, também em tons escuros (BRAGA, 2006).

Com o intenso aperfeiçoamento industrial e dos meios de transportes da sociedade, instauram-se significativas modificações sociais junto com a expansão do comércio, que oferece condições imprescindíveis para o desenvolvimento da indústria moderna, que se desdobraram no surgimento do sistema capitalista. Com isso, as atribuições destinadas aos corpos mais uma vez se modificam. “Nesta lógica de produção capitalista o corpo mostrou-se tanto oprimido, como manipulável. Era percebido como uma “máquina” de acúmulo de capital. Deste modo, os movimentos corporais passaram a ser regidos por uma nova forma de poder: o poder disciplinar” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p.28).

Eco (2004) pondera que nesta época a beleza se torna “reprodutível”, “perecível” e possui um curto prazo de validade, pois ela é voltada para o consumo excessivo de produtos para “alimentação” das grandes empresas.

Assim, a partir do século XX, para a maximização do sistema capitalista, os seres humanos se deparam com novas tecnologias comunicacionais, como o rádio, o cinema e a televisão, que contribuíram para que as mudanças nas concepções corporais ocorram cada vez mais rapidamente (GARRINI, 2007). De acordo com Rosário (2004), os meios de comunicação que foram surgindo e sendo aprimorados durante esse tempo começam a funcionar como propulsores na reprodução do corpo. O ideário de corpo da época não se deu somente no âmbito do imediatismo, das pinturas, da fotografia, mas, começou a atingir um grande número de indivíduos com a massificação das imagens de corpo idealizadas. Assim, as relações sociais passaram a ser construídas e consolidadas pelo corpo (GONÇALVES, 1994, p.18).

Ao pensarmos no homem na modernidade, os cuidados com o corpo e com a beleza ganham, mais uma vez, uma grande importância. Segundo Michael Flocker (2004), no decorrer do século XX, embora tenha outras influências nos ideais de beleza, Hollywood é tomada como base em função da cinematografia.

[...] Hollywood despejou ideais masculinos diversos, como Rudolph Valentino, Cláudio Gable, Cary Grant e Marlon Brando. Cada um deles desempenhou um papel pioneiro na definição do ideal masculino da sua era. De forma mais subversiva, a música pop também fez sua parte, quando

Elvis, os Beatles e David Bowie assustaram os conservadores da velh guarda, em suas respectivas eras (FLOCKER, 2004, P. 12).

Nesta lógica, propagaram-se maneiras e modos de lidar com o corpo. Os homens, em especial os pertencentes às classes hegemônicas, passaram a “copiar” valores e modos de vidas expostos nas telas e a se vestirem, cuidarem e portarem como as “estrelas”¹¹ de *Hollywood*. Assim, funda-se uma lógica de cuidados com o corpo e com a saúde pautada nos ditames de moda e comportamento exibido nas telas. Essas “estrelas”, que irão exercer uma grande e significativa importância nas narrativas audiovisuais e fora delas, serão as responsáveis por determinar tipo de beleza ideal, a fim de contribuir para que pessoas com certos tipos físicos se identifiquem, enquanto outros busquem se adequar. Essas “estrelas” possuem corpos associadas a “corpos de sucesso”, que alcançam, dentro e fora da ficção, tudo o que querem. Nesse sentido, Edgar Morin afirma que:

A vida imaginária dos deuses e heróis é uma imagem que faz com que os “mortais” tentem suprimir sua vida tediosa; sonham em serem como eles, e viver suas aventuras, e o filme que é uma duplicação da vida, projeta essa identificação, fazendo dos atores e atrizes modelos e espelhos de imitações, e até mesmo uma mercadoria, é a multiplicação da sua imagem, uma potência mítica que atrai febrilmente. Segue-se o regime alimentar e corporal da estrela. Adotam-se a maquiagem e os cosméticos que ela usa, imitam-se sua toilette, seu comportamento e seus tiques. (MORIN, 1989, p.67).

Pautados nesses padrões expostos pelos meios de comunicação e pelo intenso consumo de produtos da boa forma e da forma, surgem os *Metrossexuais*, que é definido por Souza (2007, p. 15), “[...] como a contração das palavras *metropolitano* e *heterossexual*, ou seja, para referir-se aos homens vaidosos que residem nas grandes metrópoles”, que perduram até os dias de hoje. Segundo Michael Flocker (2004), o metrossexual é entendido como um homem moderno, vaidoso despojado, que entende de etiqueta, cultura, moda e afins. Portanto, ele é alvo incessante do comércio da beleza e da boa forma junto aos discursos midiáticos. Assim, o autor classifica o metrossexual como os homens que assumiram uma “nova masculinidade”.

Flocker (2004) define a palavra metrossexual como: homem que estabelece tendências; urbano com elevado senso estético; que dedica seu tempo e dinheiro à aparência e

¹¹ Estrela é um termo no sentido conotativo que designa a imagem de uma personalidade, de um ator ou atriz, construída a partir de um determinado estereótipo físico e de papéis feitos sob mídia, estável ou pouco cambiante que o público reencontra em, praticamente, todos os filmes (LIPOVETSKY, 1999).

às compras e está disposto a assumir seu lado feminino (embora assumir esse lado feminino não coloque em prova sua masculinidade e virilidade).

Nesse “novo” contexto, a mídia junto à publicidade e ao comércio da beleza, enquanto aparelhos do sistema capitalista, vêm estimulando, cada vez mais, o consumo de produtos, através de discursos vinculadas em nosso dia a dia, que reafirmam padrões de beleza aceitáveis a serem seguidos pela sociedade. Nesse contexto, o metrossexual vem sendo posto enquanto um modelo de homem moderno, que segue tendências e comportamentos de moda e, que, por conseguinte, terá melhores chances no mercado das trocas simbólicas mediante sua aparência.

Dessa forma, Csordas (2008, p.102) defende que o corpo é o sujeito da cultura, sendo a composição existencial um “objeto a ser estudado em relação à cultura”. No contexto da cultura, o corpo estabelece relações com diversas possibilidades que definem “a forma de o homem ser no mundo” (GONÇALVES, 1994, p.102). Dessa forma, é importante enxergar o corpo humano “numa unidade expressiva da existência” (FREITAS, 1999, p.52), buscando destacar o sujeito como alguém que raciocina, sente e atua. Afinal, “o ser humano é corporeidade.” (SANTIN, 1987, p.50). Segundo Freitas:

A corporeidade implica [...] a inserção de um corpo humano em um mundo significativo, a relação dialética do corpo consigo mesmo, com outros corpos expressivos e com os objetos do seu mundo (ou as “coisas” que se elevam no horizonte de sua percepção). [...] Mas ele como corporeidade, como corpo vivenciado, não é o início nem o fim: ele é sempre o meio, no qual e por meio do qual o processo da vida se perpetua (FREITAS, 1999, p. 57).

Esse ponto de vista da corporeidade remete ao conceito de “corpo próprio” de Merleau-Ponty (2006), que considera que o corpo não se apropria de si mesmo, mas se apropria dos objetos, das concepções e dos conceitos, agrupando-os por meio do movimento intencional de se projetar ao mundo. Na concepção do autor, as possibilidades de um corpo ser, estar e de se encontrar em uma vivência implica vivenciar a corporeidade, sê-la.

A corporeidade é mutável e se transforma a cada nova experiência. Nesse sentido, as culturas, as tradições, os costumes e os hábitos influenciam a nossa corporeidade e, conseqüentemente, interfere na nossa maneira de ser no mundo (MERLEAU-PONTY, 2006; FREITAS, 1999; GONÇALVES, 1994).

Nesse sentido, o corpo constitui uma forma de comunicação não verbal, em constante modificação, que envolve “desde a expressão facial e os gestos até à moda e aos seus

símbolos de *status*, desde a dança e o teatro até à música e a mímica, desde o fluxo de sentimentos e emoções” (LITTLEJOHN, p. 107, 1982).

Deste modo, a antropologia entende o corpo como: “a expressão criativa e consciente do conjunto das manifestações corporais historicamente produzidas, as quais pretendem possibilitar a comunicação e a interação de diferentes indivíduos com eles mesmos, com os outros, com o seu meio social natural” (SOARES, KANEKO e GLEYSE, 2015, p. 72).

Na perspectiva do corpo como forma de comunicação, buscamos entender a visão do corpo na mídia televisiva, como uma forte influenciadora das práticas sociais contemporâneas.

2.2. Influência da mídia televisiva nos padrões de beleza

Os meios de comunicação foram utilizados por distintas culturas, de diversas formas e em diferentes momentos históricos. Assim, os símbolos, os desenhos e as manifestações corpóreas se fazem presente até os dias de hoje (SOUSA, 2004).

Contudo, com a evolução da humanidade e o desenvolvimento tecnológico, foram sendo criadas novas formas de comunicação, tendo destaque a mídia impressa, o rádio, a revista, o cinema e a televisão (APOSTÓLICO, 2006). Porém, nesta pesquisa, nos atemos somente na mídia televisiva como influenciadora nos padrões de comportamentos, e em especial na corporalidade dos sujeitos, sem negar a importâncias das demais mídias nesse processo.

A mídia desempenha um papel fundamental na sociedade contemporânea. Devido ao seu poder de penetração material e simbólica no cotidiano das pessoas, ela se institui como uma grande legitimadora das opiniões e dos valores sociais, mediante as estratégias utilizadas como a composição textual, o jogo de câmeras, os conjuntos lexicais empregados, dentre outras. Conforme Apostólico (2006, p.12), a mídia possui “ingredientes que fazem parte do processo de hipnose e sedução produzidas pelas imagens” que leva o público a sentir a necessidade de se consumir um determinado produto, comportamento e/ou estilo de vida. Na contemporaneidade, as mídias, exercem um papel primordial no processo de legitimação estética, moldando por vezes, os gostos e produzindo referências em termos de moda, corpo e comportamento (MORAIS, 2006). Desse modo, torna-se inimaginável pensar as ações sociais e culturais das pessoas na atualidade sem relacioná-las ao papel das mídias.

Mattelart e Mattelart (2003) mencionam que a sociologia funcionalista entendia as mídias como estruturas decisivas de regulação da sociedade e como mecanismo de poder e de

dominação. Nesta primeira visão, os autores expõem as mídias enquanto *locus* de efeito rápido e imediato na vida dos indivíduos, sendo este colocado como indivíduos passivos perante do que se é exposto. Diante do potencial proporcionado pelas mídias de massa, descobriu-se que a mídia era um poderoso instrumento para “modelar consciências, criar ou destruir expectativas, mobilizar ou desmobilizar pessoas” (LOPES, 2004, p.19).

Posteriormente, surge uma metodologia culturalista, fundamental para ampliar à visão sobre a mídia em sociedade, trazendo novos elementos analíticos. Nesta nova visão, os indivíduos são vistos como ativos/passivos dentro do processo de midiatização. Podendo ser influenciados na medida em que lhe é pertinente, além de usufruir de benefícios proporcionados pela difusão do conhecimento de forma mais igualitária.

A mídia se envolve ativamente na construção do mundo social. Ao levar as imagens e as informações para indivíduos situados nos mais distantes contextos, a mídia modela e influencia o curso dos acontecimentos, cria acontecimentos que poderiam não ter existido em sua ausência (THOMPSON, 2009, p.106).

O autor menciona ainda (p. 132) que a mídia exerce uma forma de poder simbólico capaz de intervir, diretamente, na vida dos indivíduos e de “[...] intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças dos outros e também de criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas”, podendo “utilizar o acúmulo de prestígio, reconhecimento e respeito que lhe foram atribuídos”.

A mídia medeia entre tempo e consumo. Fornece estruturas e exortações. A mídia é, ela mesma, consumida no tempo. Modas são criadas e anuladas. Novidades proclamadas e negadas. Compras feitas e recusadas. Anúncios vistos e ignorados. Ritmos sustentados e rejeitados. Consumo. Conveniência. Extravagância. Frugalidade. Identidade. Exibição. Fantasias. Anseio. Desejo. Tudo refletido e refratado nas telas, páginas e sons de nossa mídia. A cultura de nossa época (SILVERSTONE, 2002, p. 161).

O rápido desenvolvimento dos meios de comunicação e o acesso às novas tecnologias de informação expandiram o contato diário com formas diferenciadas de comportamentos, extrapolando os modelos de influência que eram limitados pelos modelos de conduta que ocorriam no ambiente imediato das relações face a face (BANDURA, 1979).

Enquanto tecnologia de comunicação, a televisão existe há cerca de pelo menos setenta anos, tendo sua expansão no Brasil a partir dos anos 1950, se transformando em uma das mais importantes e abrangentes máquinas de se comunicar, que possui alto alcance social (LOPES, 2004).

Os dados da Pesquisa Brasileira de Mídia - PBM (2014), que consiste em dos maiores levantamentos referentes às informações sobre os hábitos de informação dos brasileiros, revelam que a televisão é o meio de comunicação predominante mais utilizado em nossa cultura. A pesquisa mostrar que os brasileiros passam 4 horas e 31 minutos por dia expostos ao televisor de segunda-feira a sexta-feira, e 4 horas e 14 minutos nos finais de semana. A TV aberta lidera os lares brasileiros, atingindo 72% de domicílios, seguida por 26% pela TV por assinatura e 23% por antena parabólica. Dentre as motivações para a utilização da TV estão: meio de informação (79%), diversão e entretenimento (67%), passar o tempo livre (32%) e fidelidade a um determinado programa (19%). Além disso, 11% dos participantes da pesquisa declararam que esse meio de comunicação se torna uma espécie de companhia (PMB, 2014). Entretanto, é importante destacar que os dados não são homogêneos para toda a população brasileira. As informações sofrem interferência de acordo com o gênero, a faixa etária, a renda familiar, a escolaridade, o porte do município e a atividade de subsistência.

Conforme Coan (2009, p. 14), a televisão (re)produz diversas esferas materiais e simbólicas, aproximando indivíduos e seduzindo-os com conteúdos com os quais os expectadores se identifiquem de alguma maneira. Conforme Lopes (2004, p.125), “a TV funciona como um espelho translúcido que pode, no plano do simbólico, servir de transporte entre o material e o simbólico, o público e o privado, a mente dos indivíduos e as crenças coletivas, etc. Em suma, o que somos e o que pensamos ser”. Com isso, “a televisão tem uma influência grande na sociedade. Por meio dela, culturas, regras, opiniões tornam-se padrão” a ser seguido.

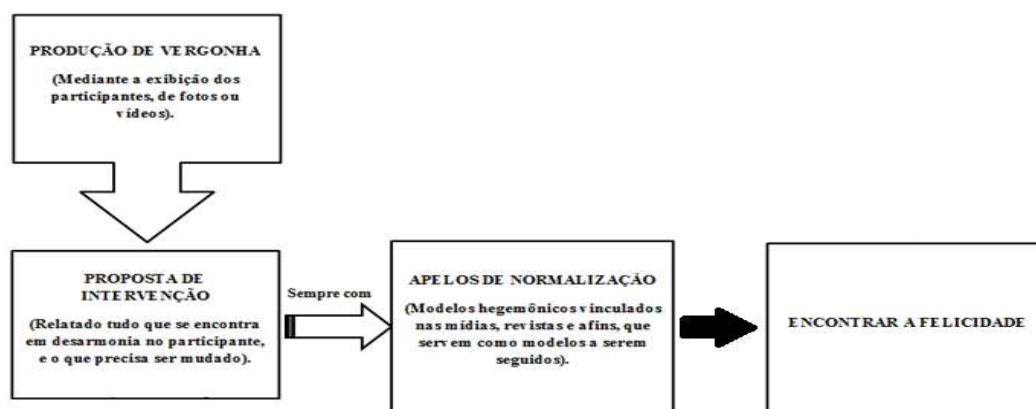
Dentro dos conteúdos exibidos pela televisão aos telespectadores, os programas de auditório representam um capítulo especial na história da televisão, “cujas principais características são o contato face-a-face com o público, o elo de comunicação com o telespectador, e o alcance de elevados índices de audiência” (ALMEIDA, 1988, p. 48). Os programas de auditório são os responsáveis por proporcionar divertimento e entretenimento, pois “prendem a atenção do público e do telespectador pela variedade de atrações apresentadas num só programa” (SOUZA, 2004, p. 94).

Uma das atrações mais aguardadas pelo telespectador é o *reality* de transformação corporal, que tem como pressuposto que o sujeito só pode ser feliz e completo quando se enquadra em parâmetros corporais predeterminados e idealizados, em grande parte, pela própria mídia. No decorrer dos realities, antes da “redenção”, são apontados todos os “defeitos” dos participantes, produzindo uma insatisfação e uma culpa por sua corporalidade.

Eles são submetidos a variados vexames para depois ressurgir, assim como uma fênix, e mostrar sua nova identidade, pronta para ser apreciada (CASTRO, 2006).

Os programas de realities oferecem aos telespectadores a oportunidade de assistir a modificação de alguém que busca um corpo “perfeito”, roupas da moda, um rosto bonito, dentes brancos e brilhantes, uma pele lisa, sem manchas e imperfeições, cabelos cortados e hidratados, em suma, uma conduta harmônica como é socialmente imposto (CASTRO, 2006).

Assim, os realities oferecem um caminho para com o alcance da felicidade, conforme podemos compreender no Quadro 01.



Quadro 01 – Caminho oferecido pelos *Realities Shows* de transformação
Fonte: Elaborado pelos autores da pesquisa / Dados da pesquisa

Os programas buscam demonstrar que todos são capazes de alcançar o padrão de beleza, basta ter força de vontade (ou muito dinheiro para ser gasto), pois, de acordo com Louro (2008), embora esta não se refira aos programas de *realities shows* em suas pesquisas, contribui significativamente para a compreensão do corpo em nossa sociedade. Na perspectiva da autora, o corpo é marcado por fortes e significativas modificações para uma determinada adequação sociocultural vigente, pois o corpo:

[...] poderá permitir que o sujeito seja reconhecido como pertencendo à determinada identidade; que seja incluído em ou excluído de determinados espaços; que seja acolhido ou recusado por um grupo; que possa (ou não) usufruir de direitos; que possa (ou não) realizar determinadas funções ou ocupar determinados postos; que tenha deveres ou privilégios; que seja, em síntese, aprovado, tolerado ou rejeitado (LOURO, 2008, p. 83 e 84).

Contudo, para que possamos compreender o processo de transformação visual dos candidatos selecionados, é necessário compreender que “a moral da mídia contemporânea é apenas mercadológica” (SODRÉ, 2002, p.65) e que a “a cultura da televisão é também a cultura do mercado” (COELHO, 2008, p.26). Com isso, o magnífico e surreal mercado da

beleza, nos fornece subterfúgios para suprir as novas necessidades, conforme será abordado no tópico seguinte.

2.3. O mercado da beleza e da boa forma: o império do capital

As superexposições de modelos corporais – magros, jovens e esteticamente impecáveis- pelos meios de comunicação, no final do século XX e início do século XXI vêm contribuindo significativamente para a divulgação de uma ótica corpórea massificada e estereotipada, que muitas vezes é determinada pelas relações de mercado. Conforme a antropóloga Mirian Goldenberg:

Na segunda metade do século XX o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com a abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com o rosto e com o corpo: a combinação de todos esses fenômenos funda a ideia de um novo movimento da história da beleza [...] (GOLDENBERG, 2002, p.8).

Dessa forma, ter um corpo “bem cuidado” pode garantir aos sujeitos um melhor desempenho social e até mesmo acessão econômica, de modo que os que não alcançam o “padrão” imposto se tornam estigmatizados, rejeitados e com menores oportunidades de ascensão (CASTRO, 2003). Com essa finalidade, estrutura-se “um mercado das aparências, representado por inúmeros profissionais especializados em tratamento de pele, cabelo, gordura, pelos, unha etc. cujo campo de atuação que se encontra em livre desenvolvimento [...]” (TRINCA, 2007, p.1).

Na contemporaneidade o corpo com dimensões estéticas “perfeitas” possui uma ampla valorização. Diante dos julgamentos sociais, o corpo visto como inadequado é analogamente comparado a uma máquina com problemas, que necessita incessantemente de reparos e é exposto a diversos tipos de experimentações (NOVAES, 2003). Com a intenção de se alcançar o corpo glorificado pela mídia, os sujeitos não medem esforços para se submeterem a “sacrifícios” corporais para atingir o dito corpo “ideal”: dietas milagrosas, exercícios físicos, medicamentos e cirurgias.

Com a difusão pelos meios de comunicação contemporâneos de valores estéticos e de um conceito de beleza que fazem apelo à saúde, ao bem estar e ao sucesso. A ampliação da oferta leva a redução do preço e popularização dos mecanismos de obtenção de um corpo esteticamente valorizado. A Associação Brasileira da Indústria de Higiene Pessoal, Perfumaria

e Cosméticos – ABIHPEC (2015) apresentou um crescimento de 11,4% nos últimos 20 anos, passando de um faturamento de R\$ 4,9 bilhões em 1996 para R\$ 42,6 bilhões em 2015. O Brasil ocupa a 4º posição no setor, representando 7,1% do consumo mundial, ficando atrás dos Estados Unidos, China e Japão. O relatório da ABIHPEC (2015) mostra surpreendentemente que o Brasil ocupa a 2º posição no consumo de produtos masculinos, revelando que os homens do início século XXI estão se cuidando mais que no final do século passado.

Adicionalmente, os dados da Associação Brasileira de Academias – ACAD (2014) mostram que existe cerca de 33.157 academias em todo território brasileiro, com um total estimado de 8 milhões de alunos, número amplamente superior ao do ano de 2010, que contava com aproximadamente 15 mil academias. Segundo o relatório da ACAD (2014), o setor movimenta cerca de US\$ 2,5 bilhões por ano. O Brasil é o segundo país do mundo em números de academias, ficando atrás somente dos Estados Unidos. Dentre as motivações para esse crescimento se destaca, melhoramento na qualidade de vida e bem estar, para uma melhoria no desempenho físico, para passar o tempo livre, para melhoria na harmonia corporal (corpo/mente), dentre outros fatores.

Além disso, os dados da Sociedade brasileira de Cirurgia Plástica – SBCP (2009) mostram que o Brasil continua liderando o *ranking* das cirurgias plásticas no mundo, superando até mesmo os Estados Unidos. Das cirurgias realizadas no país, 73% são estéticas e 27% são reparadoras ou reconstrutoras. Os dados revelam ainda que a maioria das cirurgias é de caráter privado, realizadas em hospitais particulares (58%) e pago pelo próprio paciente (82%), o que demonstra a insatisfação das pessoas com sua corporalidade.

Diante da supremacia da “boa forma”, a beleza é entendida como uma questão moral. Assim, diversas reportagens e anúncios culpabilizam os sujeitos por sua corporalidade “inadequada”, uma vez que a indústria da beleza oferece diversos mecanismos para que os mesmos se adequem aos padrões “aceitáveis” de beleza.

Dessa forma, as avaliações e julgamentos sociais são feitos com base nesses símbolos corpóreos (SOUZA, 2004), que incluem e excluem os indivíduos. O investimento na aparência confere um poder aos indivíduos, possibilitando ampliação de benefícios sociais, monetários e amorosos. Nesse sentido, Goldenberg (2011) aponta que o corpo assume um papel importante na cultura brasileira, sendo visto como forma de “capital”. Segundo a autora, o corpo é considerado um veículo para ascensão dos indivíduos, perpassando por todas as fases etárias, desde seu nascimento, mercado de trabalho, casamento, relações amorosas,

dentre outras. Esse capital pode ser transformado em outras formas de capitais, como o econômico, o cultural, o social e o simbólico (BOURDIEU, 2007; GOLDENBERG, 2007), conferindo poder e servindo de subterfúgios de classificação social que estigmatizam indivíduos em detrimento a outros, conforme iremos explicitar a seguir.

2.4. O corpo pertencente ao outro: estigmas e relações de poder

Goffman (1978), em sua discussão sobre estigma, atribui aos gregos à criação desse termo, que o utilizavam como uma representação contraproducente de *status*. Nesta lógica, “[...] eram feitos [sinais] com cortes ou fogo no corpo e avisavam [as pessoas] que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada; especialmente em lugares públicos” (GOFFMAN, 1978, p.5). Em sua discussão, o autor menciona que os sujeitos e grupos estigmatizados são eliminados, caçados, marginalizados e afastados do convívio coletivo. Por isso, eles sofrem diversas formas de discriminação como o repúdio, o nojo e até aversão. Entretanto, o estigma é socialmente construído e pode ser diferente de acordo com cada contexto, cultura e tempo. Cada sociedade estabelece para si os seus padrões de “normalidade” e categorias que classificam os sujeitos, estabelecendo atributos dentro dessas categorias.

Goffman (1978) sugere que na atualidade o estigma se encontra nas relações entre uma característica física indesejável e o possível estereótipo físico desejado. Em nossas relações sociais, situamos o que é aceitável para nós e estabelecemos intransigentes expectativas quanto às pessoas com as quais convivemos. Assim, ao nos confrontarmos com os outros, categorizamos-nos mediante suas características e sua identidade social.

Na narrativa de Goffman (1978), o estigma é determinado como uma característica psicofísica, aparente ou não, que está associada a um sinal de vergonha, gerando menosprezo aos sujeitos estigmatizados, no convívio em grupo. Desta forma, o estigma tem grande impacto na forma como os sujeitos se percebem e se constroem socialmente. A estigmatização abarca a distinção, os rótulos e os estereótipos que intensificam as particularidades, gerando uma segmentação entre grupos, denotando “relações de poder”, pois geram, em cada contexto sócio histórico, a segregação, a exclusão ou a inserção dos sujeitos.

De acordo com Foucault (1997), não há um ponto específico onde o poder é exercido ou está disposto, o poder é algo que circula, funciona como uma engrenagem e não é privilégio de alguns e nem é tido como riqueza ou bem exclusivo. O poder é exercido em

cadeia, sendo que o sujeito o exerce e o sofre. Dessa forma, cada sujeito possui um determinado poder. O poder não é algo tangível, mas, um mecanismo que os sujeitos podem exercer uns sobre os outros. Desta maneira, o poder não somente existe, mas envolve práticas ou relações de poder.

[...] na oficina, na escola, no exército funciona como repressora toda uma micropenalidade do tempo [atrasos, ausências, interrupções das tarefas], da atividade [desatenção, negligência, falta de zelo], da maneira de ser [grosseria desobediência], dos discursos [tagarelice, insolência], do corpo [atitudes ‘incorretas’, gestos não conformes, sujeira], da sexualidade (imodéstia, indecência). Ao mesmo tempo é utilizada, a título de punição, toda uma série de processos sutis, que vão do castigo físico leve a privações ligeiras e pequenas humilhações. Trata-se ao mesmo tempo de tornar penalizáveis as frações mais tênues da conduta, e dar uma função punitiva aos elementos aparentemente indiferentes do aparelho disciplinar: levando ao extremo, que tudo possa servir para punir a mínima coisa; que cada indivíduo se encontre preso numa universalidade punível-punidora. (FOUCAULT, 2000, p. 149).

Deste modo, o corpo é o instrumento de múltiplas forças, conflitantes e convergentes, pois as forças cruzam e constroem a corporalidade dos indivíduos, sendo que o corpo é o próprio ambiente da sedimentação de suas divergências. “O corpo é também o resultado de uma história pessoal e coletiva, integrado com a natureza, o meio ambiente e o corpo de outras pessoas” (CORRÊA, 2005, p. 33).

Desta maneira, o corpo que o sujeito constrói e é construído durante a sua vida sofre interferências internas e externas ao meio ao qual ele se insere. Estes corpos estão constantemente em modificação e reestruturação, em decorrência de outros¹² corpos e sofre uma interferência significativa da indústria da corpolatria que conta com o aval da mídia. Conforme Gallo (2016, p. 26-27) “[...] o que vemos na ação dos tempos hipermodernos sobre o corpo é uma forma de controle-estimulação, de forma que, quanto mais estimulados, quanto mais “ativados”, paradoxalmente mais controlados estarão os corpos”. Dessa forma, entre aqueles que não se adequam aos padrões socialmente impostos, há uma distinção e separação, até mesmo uma exclusão em relação ao restante dos indivíduos da sociedade. Sendo assim, o estigma e as relações de poder estão relacionados e afetam a identidade dos sujeitos.

Segundo Stuart Hall (1999), os sujeitos assumem distintas identidades no decorrer de suas vidas, cuja variação se dá de acordo com o contexto histórico e cultural ao qual se encontra. Assim, as identidades são continuamente modificadas. Semelhantemente à

¹² “A presença do outro faz com que o corpo e a identidade se reconstrua, adquirindo um aspecto diferencial no discurso. Assim, na sua máxima individualidade, o corpo reflete a identidade que nasce das entrelinhas do discurso do semelhante, na apreensão de valores e significados pertinentes ao grupo e que se organizam em seu ser, seu fazer e na sua estrutura, concepção e construção corpórea” (CASTILHO, 2006, p.56).

percepção sobre o corpo, a identidade não é inata, mas é construída no decorrer do tempo pelos sujeitos por meio de esquemas simbólicos de percepção. Para se adequarem aos padrões impostos culturalmente como também para escapar de serem estigmatizados e serem atuantes nas relações de poder, os sujeitos assumem identidades diversas, negociando-as em suas interações cotidianas.

Para Hall (1999), o corpo em nossa época é a representação de uma identidade, que por sua vez é fragmentada e mutável a ponto de não ser concebida como algo único e estável, diferindo-se assim das características apregoadas, por exemplo, no Iluminismo (de um corpo único, imutável).

Na contemporaneidade, o corpo é concebido de diversos sentidos e formas, e se encontra cada vez mais revestido em valores simbólicos. Assim, o corpo está à disposição do mercado de trocas, onde beleza, bem estar, boa forma, juventude, consumo, dentre outras infinitudes de coisas disputam espaços nos meios de comunicação, a fim de, proferir discursos que legitimam práticas de lidar com os corpos, que, por conseguinte, interferem significativamente na construção das identidades dos indivíduos, habilitando-os, para as relações sociais e garantindo-os melhores oportunidades em sociedade.

Assim, no quadro *Arruma meu Marido* o corpo é alvo de discursos e poderes que transitam e legitimam verdades absolutas na construção da corporalidade dos participantes, e fornece um passo a passo para a sociedade que o assiste, instituindo padrões e normas a serem seguidas e assimiladas para manutenção de uma ordem social, pois assim como enfatizado por Foucault (1997), o corpo é um local sobre o qual se praticam poderes, de maneira a regula-lo e torná-lo socialmente útil.

Assim, após as explanações relativas à fundamentação teórica dessa pesquisa, nos capítulos que se seguem, quando pertinente, ao longo da pesquisa serão retomados alguns conceitos que foram expostos no decorrer deste capítulo, com o intuito de ampliar a compreensão sobre os ditames relativos ao corpo, tendo como base de análise o quadro *Arruma meu marido*. No decorrer das análises, quando necessário, serão introduzidos novos autores que subsidiam a compreensão de pontos que demandam maior especificidade.

3. CORPO FEIO E DISCURSOS ESTIGMATIZANTES NO REALITY SHOW

Neste capítulo discute-se a penetração dos *realities shows* de transformação na esfera social. Busca-se também tecer reflexões sobre o corpo considerado feio e os discursos estigmatizantes que recaem sobre eles no quadro *Arruma meu marido*.

3.1. Os realities de transformação corporal

Dentre as formas de influência da mídia na sociedade estão os programas e quadros televisivos chamados *reality show* de transformação, amplamente difundidos na cultura Norte-Americana, em programas como *Allen Funt's Candid Câmera* (1948); *Seven Up!* (1964); *An American Family* (1973); *Cops* (1989). Esses programas propagam a ideia que os indivíduos só podem ser felizes e realizados quando se encaixam em modelos predeterminados e idealizados pela sociedade.

Os *reality shows* oferecem aos seus telespectadores a chance de assistir ou participar de programas que focam a busca pelo corpo perfeito (*Medida Certa, Além do Peso, Antes e Depois, Tudo é Possível*), por uma casa decorada ou arrumada (*Jardim Suspenso, Irmãos a Obra*), roupas da moda (*Esquadrão da Moda*), a ter um rosto atraente (*Extreme Makeover, The Swan; I want a famous face*), o cuidado dos filhos (*Super Nane*), ou a oportunidade de conviver em outro lar por um determinado tempo (*Troca de Família*), entre outras possibilidades.

Os *realities shows* de transformação possuem como pressuposto a interferência na realidade dos participantes, com sua transformação corporal, material e emocional. As imagens produzidas nos programas, com exibição de episódios de flagras da vida íntima que, a princípio, deveriam estar resguardadas são tornadas públicas.

Nesta pesquisa, nos interessa os *realities shows* de transformação corporal, especificadamente o quadro *Arruma meu marido* que, não diferentemente dos demais, busca a transformação corporal do participante inscrito. A abrangência que este tipo de programa assume na atualidade aponta para uma forte tendência, cada vez mais enraizada, de se prover modificações no corpo (FEATHERSTONE, 2000), desde as mais sutis, utilizando-se o uso de cosméticos, limpezas de pele, exercícios físicos e afins, até as mais duradouras, com o uso de intervenções cirúrgicas.

Esse formato de programa, ganha grande visibilidade, pois lidam com pessoas “reais”, “comuns” e não atores, embora se perceba uma grande teatralização assumida pelos participantes como parte do espetáculo. No decorrer do quadro *Arruma meu marido*, observa-

se que a teatralização e espetacularização são pautadas na experiência vivida do participante, passando certa autenticidade ao telespectador, pois nos *realities shows* de transformação, por mais que saibamos que as imagens produzidas não são “ao vivo”, a produção utiliza-se de recursos e mecanismo que causam a sensação de que tudo está sendo vivido em tempo real, como forma de levar o público a se envolver com a vida dos participantes, sentindo as dores, alegrias e angústias apresentadas na tela.

Assim, os *realities shows* de transformação corporal servem como um *locus* privilegiado para investigações que embrincam corpo e sociedade, mostrando que o corpo não é natural, mas socialmente construído no contexto da cultura, a partir de discursos e práticas regulatórias que formatam o indivíduo, habilitando-o ou desabilitando-o para as interações sociais.

Através da relação entre as mídias de comunicação e o seu papel na propagação de ideologias e discursos, percebe-se que nos *realities shows* de transformação corporal, as informações passadas ao público extrapolam o simples ato de modificar os corpos dos participantes. Ou seja, os discursos (orais, imagéticos e sonoros) proferidos nesse tipo de programa assumem significados de alta complexidade, fornecendo subsídios para a formação de um imaginário social que “se traduz por ideologias, símbolos, alegorias, rituais e mitos, que plasmam visões de mundo e modelam estilos de vida” (MORAES, 2009, p. 30). Assim, esses programas merecem ser investigados “ao legitimar o acontecimento, ao produzir a narrativa, divulgando-a, impõem uma visão de mundo que atua outorgando poder” (BARBOSA, 2007, p. 135). As imagens e os discursos produzidos pelos *realities shows* de transformação corporal, constituem mecanismos poderosos na mediação entre a realidade e a ficção, atuando diretamente na construção dos corpos, através de práticas discursivas. Nesses sentidos, Gregolin propõe pensar a mídia

[...] como *prática discursiva*, produto de linguagem e processo histórico, para poder apreender o seu funcionamento é necessário analisar a circulação dos enunciados, as posições de sujeito aí assinaladas, as materialidades que dão corpo aos sentidos e as articulações que esses enunciados estabelecem [...] (GREGOLIN, 2007, p. 13).

É importante ressaltar que os sentidos não estão no que é dito em si, nem tão pouco na intenção de quem o diz. O sentido está num conjunto de situações muito maior que se pode com frequência perceber. Assim, Fernandes (2005) esclarece que o discurso não é a língua, não é a fala e nem o texto em si, mas uma exterioridade à língua.

[O discurso] encontra-se no social e envolve questões não estritamente linguísticas. Referimo-nos a aspectos sociais e ideológicos impregnados nas palavras quando elas são pronunciadas [...] Vemos que o discurso não é a língua(gem) em si, mas precisa dela para ter existência material (FERNANDES, 2005, p. 20)

Dessa forma, nos tópicos seguintes serão abordados os mecanismos discursivos utilizados no quadro *Arruma meu marido*, enquanto mecanismo ideológico para intervir na sociedade.

3.2. Significados das vinhetas

Já dizia um velho ditado, “uma imagem vale mais que mil palavras”, ou seja, uma imagem pode dizer muito. Diante de uma imagem, podemos identificar elementos de composição que podem ser usados para decifrar a intenção de uma determinada produção. Esse é o caso das vinhetas de aberturas de programas, novelas, quadros e afins, definidas como uma:

Peça de curta-metragem constituída de algum tipo de signo ou representação, composta de elementos imagéticos, sonoros e mensagem de elementos de expressão verbal, usada com fim informativo, decorativo, ilustrativo, de remate, de chamada, de passagem, de identificação, institucional e de organização do espaço televisivo [...] (AZNAR, 1997, p. 44).

As vinhetas devem apresentar, num curto espaço de tempo, elementos visuais da temática da narrativa. Elementos estes que podem estar todos explícitos ou em partes, variando de acordo com cada *design* e intenção. O uso de variadas formas, cores, luzes e afins, resultam na identificação dos telespectadores à obra a ser assistida.

As vinhetas podem ser analogamente, comparadas à embalagem de um determinado presente. Elas são as embalagens dos programas, quadros, novelas e afins. Desta maneira, foram analisadas as vinhetas de aberturas do quadro *Arruma meu marido* que, ao longo dos anos, foram criadas e vinculadas duas distintas vinhetas para apresentação do quadro.

As vinhetas mudaram de acordo com o nome do programa, a figura 01 é referente à vinheta do programa *Melhor do Brasil* e a figura 02 é referente à vinheta do programa *Hora do Faro*. Em ambos encontra-se o mesmo quadro a qual propusemos analisar, como já explicitado nesta pesquisa. Ambas são carregadas de informações e significações.

A figura 01 mostra a vinheta de abertura onde se encontra a intertextualidade entre a imagem de uma ‘ferramenta de conserto’, especificadamente uma ‘chave de boca’ universal, e a palavra ‘arruma’.

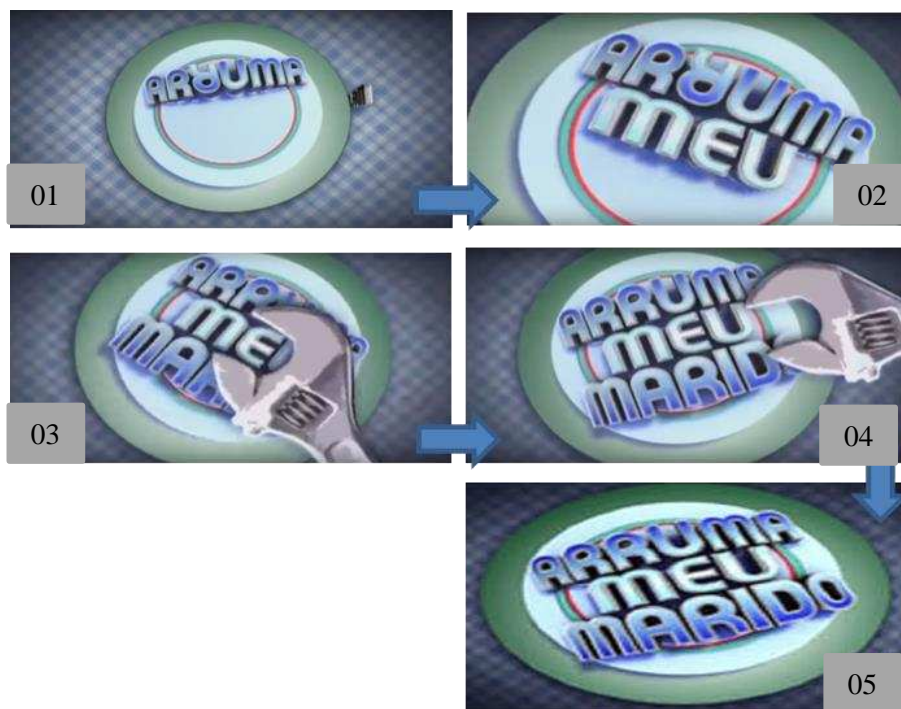


Figura 01: Vinheta de abertura do quadro *Arruma meu marido* 1
Fonte: Print da vinheta, Rede Record de Televisão

Inicialmente, pode-se presumir que a escolha da ‘chave de boca’ universal, sendo utilizada para diversos tipos de consertos de máquinas, faz alusão aos diversos tipos de participantes que serão “arrumados” e coisificados. A chave de boca, assim como enfatizado pelas pesquisas de Barbosa; Matos e Costa (2011) nos remetem ao “corpo máquina”, o corpo característico do período industrial, pautado na produção capitalista, aquele que pode ser “apertado”, “desparafusado”, que está à disposição de uma “manutenção”, um corpo que se adapta; que é manipulável.

Semelhantemente, as cores utilizadas para a composição da vinheta remetem ao universo das oficinas mecânicas, onde são enfatizadas cores azuis, verdes e cinzas, frequentemente presentes nos uniformes dos mecânicos que trabalham nas oficinas mecânicas onde se realizam conserto de automóveis e afins. Nesta lógica, se observa que tais elementos nos trazem indícios para que possamos compreender que os sujeitos precisam ser consertados, e passem por uma “recauchutagem” completa, com direito a uma boa “lanternagem”.

No decorrer da apresentação da vinheta, a palavra ‘arruma’ vai surgindo em torno de um círculo, que podemos inferir ser uma espécie de palco, onde se exhibirá o espetáculo da transformação, ou podemos inferir ser um parafuso que será “apertado”, colocado em seu lugar, “arrumado”. A palavra ‘arruma’, encontra-se com a letra ‘r’ invertida. Atrapalhando desta maneira o visual da imagem, analogamente fornecendo subsídios de sua importância para a construção do que será vinculado no quadro, onde o participante está com sua imagem “atrapalhada” e necessita de ser ajeitada, arrumada ou, como sugere a imagem, consertada.

A figura 02 mostra a vinheta de abertura, onde se encontra alguns dos diversos processos de transformação que o participante é submetido. No decorrer da exposição da vinheta, mostra-se o desenho de um homem barbudo, cabeludo e com falha nos dentes. Uma tesoura passa de um lado para o outro do desenho como se tivesse cortando-o. No decorrer da vinheta, ouve-se o som da tesoura cortando.

A presença da ferramenta de conserto continua na segunda vinheta do programa, em que a chave de boca foi substituída por uma tesoura, um instrumento mais comum no universo da transformação humana. A tesoura é associada ao conserto e a modificação, embora apareça mais sutilmente do que na primeira vinheta, possui uma conotação semelhante. A tesoura reporta ao corte, à mudança, à eliminação de uma situação anterior, trazendo um visual repaginado.

Cada passagem da tesoura refere-se a uma etapa da transformação do participante. Primeiramente a tesoura passa pela longa barba branca do personagem, que aparece sem barba. Em seguida, a tesoura passa pelos longos e desarrumados cabelos brancos do personagem e ele aparece com os cabelos aparados. Por fim, a tesoura passa sobre a boca do personagem que está com os dentes estragados e ele aparece com os dentes arrumados. As tesouras reportam à eliminação dos signos corpóreos (barba sem fazer, cabelos grandes e dentes estragados) que se encontram em desacordo com o esperado socialmente, como enfatizado pela antropóloga Mirian Goldenberg (2011).



Figura 02: Vinheta de abertura do quadro Arruma meu marido 2
 Fonte: Print da vinheta, Rede Record de Televisão

Ao fundo da imagem 02, se observa alguns detalhes na vinheta, que podemos inferir ser a plateia e/ou público, que participa e assiste todo o processo de transformação do participante. Serão eles os responsáveis por inferir aspectos negativos na corporalidade dos participantes, pois para se dizer que é “feio”, qualquer um pode dizer, ao contrário do que é correto, que precisa ser dito pelos profissionais “peritos” (GIDDENS, 1991).

As cores utilizadas nessa vinheta, em tons de marrons claros, escuros e terrosos, remetem ao universo da sujeira remetem à ideia da “pureza e do perigo” (DOUGLAS, 1976), onde podemos compreender que algumas tonalidades de cores nos fazem associações a coisas e/ou situações que, por ora, podem nos fazer lembrar e/ou ter sensações distintas (sendo isso variável de pessoa para pessoa). Por exemplo, observamos que a pureza está associada a cores claras, tais como, branco, ligado à neve, casamento, paz, e afins; em contrapartida, cores escuras, como o marrom e cinza, são associadas à impureza, o cinza ligado ao pó, ratos, e afins; o marrom, ligados à putrefação, a dejetos e afins enquanto o preto é ligado a enterro, morte, coisas escondidas¹³.

Na vinheta, a transformação também faz alusão ao universo das tinturas de cabelo, pois, inicialmente, o personagem estava com cabelos e barbas brancos e, no final, aparece a barba desfeita e os cabelos escuros. O pintar dos cabelos reporta a relação entre juventude e velhice em que, para ser bonito, é necessário eliminar os sinais de envelhecimento e substituí-

¹³ Para melhor entendimento sobre cores verificar o artigo intitulado: *Psicodinâmica das cores em comunicação*. Disponível em: http://www.iar.unicamp.br/lab/luz/ld/cor/psicodinamica_das_cores_em_comunicacao.pdf. Acessado em 20/01/2018

los por uma aparência mais jovial. A vinheta também remete ao universo das roupas. Inicialmente o homem aparece usando uma camiseta marrom e, no final, aparece com terno e gravata. Outro aspecto retratado na vinheta é a relação entre sujeira e limpeza do personagem que, inicialmente aparece sombreada, reportando à sujeira e, no final, a sombra desaparece, indicando que a sujeira foi removida. No final da vinheta, quando o personagem aparece transformado, aparece junto a ele o nome do quadro *Arruma meu marido*, com as chaves de fenda posicionada acima do nome do quadro. As chaves de fenda que não apareceram no decorrer da vinheta aparecem no final, dando uma ideia de continuidade da transformação, além de dar continuidade à ideia de coisificação do participante.

Contudo, na análise desta segunda vinheta nos questionamos sobre quais os conceitos de belezas que são apregoados pelo quadro, pois ao observar as imagens que são expostas ao longo da narrativa, se percebe elementos que são amplamente valorados em outros corpos e são tidos como algo bom. Por exemplo, a barba grande, utilizada pelo Papai Noel, por Maomé, dentre outras personalidades são tidas como signos bons; além da barba ser amplamente difundida na sociedade contemporânea, onde se observa profissionais especializados na manutenção destas.

Outro ponto de relevância são os cabelos compridos, também amplamente difundidos em nossa sociedade, tendo sido expostos em diversos meios mediáticos como elemento positivo. Semelhantemente, os cabelos com tonalidades brancas são compreendidos pelo senso comum enquanto um “charme”. Esses fatos nos fazem pensar que não se trata de simplesmente “padrões de beleza”, mas sim de uma questão que envolve um marcador de classe, pois pessoas que possuem melhores condições sociais são incentivadas à manutenção desses signos, legitimando-os. Por outro lado, aqueles que não possuem tais condições devem se “livrar” destes signos corpóreos que representam um descaso com o corpo, um corpo considerado “sujo” e “impuro”.

As vinhetas de aberturas apontam para o tipo de transformação que será feita e o tipo de candidato será selecionado para participar do quadro: um homem barbudo, sujo, mal vestido e com dentes estragados. Após a transformação, ele será sempre transformado em um homem com dentes arrumados, sem barba, limpo e bem vestido.

Embora as vinhetas tragam uma prévia do que se espera do candidato e do quadro, fornecendo indícios para se compreender o universo do *reality*, por reportarem aos signos corpóreos socialmente valorizados, frequentemente elas passam despercebidas pelos telespectadores. Um dos motivos é que elas passam rápidas e não há tempo suficiente para

serem analisadas. O outro é que muitos telespectadores não possuem senso crítico suficiente para decifrar e decodificar os códigos midiáticos apresentados no decorrer das mesmas.

Neste sentido, nos faz pensar no livro “*O Poder Simbólico*”, de Pierre Bourdieu (2006), onde o autor corrobora com tais afirmações explicitadas acima, argumentando que, o poder simbólico (como contido nas vinhetas) é um poder constitutivo, capaz de fazer as pessoas ver e crer, de confirmar e também de transformar a visão de seus mundos, um poder quase imaginário, mas equivalente ao poder da força física ou monetária que permite obter o que se quer.

Assim, quanto menos se percebe as estratégias de convencimento, utilizadas em grande escala pelos meios midiáticos e publicitários, mais eficazes tornam-se o recurso. Pois, dentro desta lógica o “poder simbólico” implica uma carga de sentido previa e socialmente aceita (BOURDIEU, 2006).

3.3. O pedido de socorro: *Arruma meu marido!*

A apresentação do quadro também é carregada de significados, que são de suma relevância para a compreensão dos ditames relativos à corporalidade dos participantes. Nesse processo, padrões e contratos sociais pré-estabelecidos são colocados à prova e revelam as expectativas corporais em nossa cultura, que priorizam “a busca por um corpo “perfeito, saudável e jovem” (TRINCA, 2008, p.3).

Antes da apresentação do participante, o apresentador Rodrigo Faro profere um discurso sobre o que esperar do quadro *Arruma meu marido*. Neste discurso, o quadro é apresentado como uma solução para todos os problemas concernente à corporalidade “inadequada” dos sujeitos, conforme analisaremos nos excertos a seguir:

Aquela boca cheia de dentes que um dia sorriu para a senhora no altar, que disse com aquela cara de galã, sim, hoje mais parece um galinheiro abandonado, não tem mais nada, está um buraco na boca, cabelo torto, então, minha senhora, não perca tempo, chame o *Arruma Meu Marido* minha senhora! (Rodrigo Faro, Q1).

O príncipe que virou sapo tem espaço garantido aqui no Melhor do Brasil, tem, tem sim, minha senhora, aquela boca cheia de dentes, que um dia sorriu para senhora no altar e disse assim, sim, né? Hoje aquela boca mais parece um galinheiro abandonado, né? Mas, mesmo assim, a senhora ainda ama este homem com todos os defeitos? Então, prepara-se, porque está no ar *Arruma Meu Marido!* (Rodrigo Faro, Q2).

Essa bola afundada no sofá, minha amiga, lembrem-se, né? Lembra daquele tempo, daquele gato que ouviu o seu sim no altar um dia? Agora, olha para ele e me diga o que a senhora vê? Um dinossauro? Um apetite e um ronco de mastodonte? Aquele cara que numa só virada na cama leva toda coberta, deixa a senhora com frio na madrugada! Mas, mesmo assim, a senhora ama esse Tiranossauro Rex? Bom, se a senhora ainda acha que tem salvação, que dá para melhorar, o jeito é sair gritando: Arruma o meu marido! (Rodrigo Faro, Q3).

Nos excertos acima, é repetidamente utilizado o uso de metáforas¹⁴, hipérboles¹⁵ e expressões populares¹⁶, cujas figuras de linguagem proporcionam uma aproximação entre os telespectadores e o se que quer comunicar, utilizando-se de uma linguagem informal.

Utiliza-se de palavras em pares de oposições com ênfases nas mudanças corporais dos participantes no decorrer do tempo, por exemplo, “*Aquela boca cheia de dentes [...] hoje mais parece um galinheiro abandonado*” (Q1), “*O príncipe que virou sapo*” (Q2), “*daquele gato que ouviu o seu sim no altar um dia [...] o que a senhora vê?*” (Q3). Enfatiza-se, deste modo, um processo de mudança decorrente do tempo, que traz a passagem de coisas boas a ruins, que se tornaram algo não aceito pela sociedade, que causam estranheza e abominação por parte de algumas pessoas, estigmatizando os sujeitos que as possuem, que em decorrência de sua aparência.

Os discursos apresentados nos remetem ao proferidos na Idade Média, como enfatizado por Aranha e Martins (1988), Carmo Junior (2005), Souza (2004), sendo associados a questões religiosas, que colocam o corpo como um local de salvação, que deve ser purificado, salvo e limpo.

É proferido, a todo o momento, um discurso com apelo para as questões amorosas e conjugais, demonstrando que mesmo se tudo estiver ruim, mas se houver interesse e esperanças, ainda há uma solução para a reconstituição da aparência e, conseqüentemente, dos vínculos afetivos: o *Arruma meu marido* traz a solução. O quadro é posto como um mecanismo de reinserção social dos indivíduos que se encontram com a aparência corporal em desacordo com esperado pela nossa sociedade, conforme revelam os seguintes excertos: “[...] *mas mesmo assim a senhora ainda ama este homem com todos os defeitos*”, indica que se ainda há amor, a esposa deve inscrever o marido, para que haja harmonia entre o casal e

¹⁴ A metáfora consiste em retirar uma palavra de seu contexto convencional (denotativo) e transportá-la para um novo campo de significação (conotativa), por meio de uma comparação implícita, de uma similaridade existente entre as duas.

¹⁵ Hipérbole é a expressão do exagero. É figura de linguagem classificada como figura de pensamento. E por isto mesmo, constitui recurso estilístico capaz de aumentar a expressividade do texto.

¹⁶ Expressão popular é aquela que surge nos mais variados meios de comunicação, nas novelas, nas ruas, propagandas, programas de TV, etc.. Por sua criatividade e comunicação fácil, se espalha de boca em boca muito rapidamente. É usada normalmente por jovens, mas também outros grupos podem usá-la.

manutenção do vínculo conjugal. “[...] *mas mesmo assim a senhora ama esse Tiranossauro Rex. Bom, se a senhora ainda acha que tem salvação, que dá para melhorar, o jeito é sair gritando: - ‘Arruma o meu marido’*”. Indica que se apesar da aparência desarmoniosa, a esposa ama ainda o marido e quer continuar com ele, deve inscrevê-lo no quadro para que os vínculos familiares e afetivos sejam reestruturados. Assim, o programa se constitui em uma tábua de salvação para a vida social e conjugal do participante.

Os participantes são, analogamente, apresentados como animais. Sua forma e aparência, estão associadas a animais que, em grande parte, causam repulsa, medo e até nojo em grande parte da sociedade, conforme mostra os excertos: Q1: “[...] *parece um galinheiro abandonado [...]*”. Q2: “[...] *virou sapo*”. Q3: “[...] *me diga o que a senhora vê? Um dinossauro? Um apetite e um ronco de mastodonte?*”. Dizer que a boca de alguém se parece com um galinheiro abandonado, significa que está vazio, desarrumado e fedorento, reportando à falta de dentes e ao mal hálito. O príncipe que virou sapo reporta ao conto de fadas de um príncipe que recebeu uma maldição e se transformou em sapo, mas, ao ser beijado pela linda donzela, ele tornou a ser príncipe e se casou com ela. Comparar o participante a um sapo, reporta à feiura do participante que tem a oportunidade de se tornar um príncipe devido ao fato de a esposa fazer inscrição do participante, amá-lo mesmo feio e poder beijá-lo posteriormente, replicando o conto de fadas em um contexto real. Chamar alguém de Tiranossauro Rex pode ser uma forma de chama-lo de gordo e de alguém ultrapassado em relação a tantas tecnologias capazes de assegurar a beleza.

Ainda, no discurso de apresentação do quadro são proferidas diversas falas que depreciam a imagem dos participantes, tendo como alvo a corporalidade dos mesmos. Demonstra como alguns signos corpóreos, atitudes e comportamentos são abomináveis em nossa sociedade, conforme aponta os excertos: Q1: “[...] *hoje mais parece um galinheiro abandonado* [referindo-se aos dentes do participante], *não tem mais nada, está um buraco na boca, cabelo torto*”, reporta à falta dos dentes e os cabelo desarrumados. Q2: “[...] *Essa bola afundada no sofá minha amiga*”, indica desleixo e uma pessoa acomodada. Q3: “[...] *Aquele cara que numa só virada na cama leva toda coberta, deixa a senhora com frio na madrugada*” refere-se a alguém folgado, espaçoso e gordo, indelicado e grosseiro. Essas expressões indicam que “Os códigos culturais estão inscritos no corpo, que, por sua vez, sinalizam o conjunto de regras, normas e valores do grupo, fornecendo uma via de acesso à estrutura social.” (FERNANDES, 2004, p. 53), exercendo uma forma de estigmatização e exclusão dos sujeitos que não se adequem as normas impostas.

A possibilidade do quadro de atender ao pedido de socorro da esposa, mostra que ele funciona como um mecanismo de ajuda à sociedade, para reestruturação de laços e vínculos entre os sujeitos. O programa se apresenta como uma espécie de ajuda “assistencialista” para que as pessoas possam se reinserir na sociedade.

3.4. O corpo feio

Para podermos demarcar e entender o lugar do feio na contemporaneidade, é necessário situar o destino dele na história, mediante um recorte desse amplo assunto, traçando algumas concepções a partir da obra *História da Feiura*, de Umberto Eco (2007).

Segundo o autor, o feio sempre é definido em oposição ao que é considerado belo. Os conceitos relativos ao termo feio, bem como ao termo belo, devem ser pensados de acordo com o período histórico e de acordo com a cultura a qual se pretende delimitar. Corroborando essa concepção, Louro (2008) enfatiza que não há como desunir o entendimento do corpo da cultura, não existe corpo dito e feito se não pela cultura.

Contudo, ao se tratar das concepções de feio observa-se que praticamente todos os sinônimos da palavra aludem à reação de nojo, de asco, de horror, de repulsa e de susto (ECO, 2007, p.19).

No decorrer da história, filósofos, artistas, entre outros, procuraram definir o que é feiura. Tendo em vista que os conceitos de feiura, assim como o seu oposto à beleza, não foram, e não são, necessariamente, fundamentados sobre o caráter estético, mas sim sobre discernimentos morais, sociais e políticos.

Percebe-se, inquestionavelmente, desde muito cedo que somos condicionados, mediante a uma série de “pedagogias culturais” que, segundo Ruth Sabat (2001, p.14), é “composta por um repertório de significados que, por sua vez, constroem e constituem identidades culturais hegemônicas”, que são influídas na trama social. Assim, fornece subsídios para que possamos compreender e ter o discernimento do que se é considerado feio, e as possíveis associações a essa palavra.

Na infância, por exemplo, somos incitados a compreender o que é o feio e o seu papel na sociedade, uma vez que, nas histórias infantis, por exemplo, o feio está sempre associado a seres e pessoas esdrúxulas, velhas, que representam o mal. São geralmente os vilões da história, aos personagens reclusos que vivem uma vida solitária e em lugares sombrio, como as bruxas, os bandidos ou os seres fantasmagóricos. Somos habituados a identificar as bruxas,

de acordo com sua aparência física, como sendo o lado mal da história, e associando sua aparência a coisas ruins, que causam medo e repulsa pela sua feiura. Nos contos da Branca de Neve, por exemplo, a bruxa é a personagem velha, feia e má. Na história do ogro Shrek, por ele ser apresentado como diferente dos padrões de beleza, para casar-se com a bela princesa Fiona, ela teve que se enfeiar e receber um corpo diferente e mais gordo, que combinasse com o do ogro.

Na história do *Patinho Feio* há uma lógica semelhante quanto aos valores estéticos que se considera como feio. O patinho é considerado feio por que é diferente de seus irmãos, por ser singular e possuir características distintas dos demais de seu grupo. Por isso, é imposto seu isolamento e exclusão do seu grupo em decorrência de sua aparência física.

Partindo da lógica dos contos de fadas, os programas de *realities shows* de transformação corporal enfocam seus participantes, com uma estética que causa medo e repulsa, como forma de enfatizam que “[...] Ser considerado feio, ou estar fora do padrão vigente, é não se adequar ao mundo social, é estar ‘à parte’” (SANTOS, 2007, p.07), como mostra os excertos:

O *Arruma Meu Marido* de hoje tem um personagem que, olha, eu vou falar, esse cara parece que ele saiu de um livro de bruxarias pessoal! É! Você de casa, que curte um bom filme de horror, gosta de um terrorzinho, vai se deliciar! Não, mas espera aí, não precisa ficar com medo também, porque aqui no *Arruma Meu Marido* a risada é garantida, né? (Rodrigo Faro, Q1)

O *Arruma Meu Marido* desse sábado está com um balanço todo especial, quer ver só? DJ, som na caixa! E quem tem mais de trinta anos vai se lembrar dos Embalos da *Chic Show*, quem não tem vai saber que o *rapper* e o *hip hop* nasceram dali. Porque hoje, minha gente, o *Arruma Meu Marido* é uma viagem pelos sons, pelas cores, e pela beleza da pele negra minha gente. (Rodrigo Faro, Q2)

O nosso marido de hoje é um mecânico apaixonado por motores [...] se ele pudesse teria uma piscina de óleo diesel na casa. (Rodrigo Faro, Q3)

Esses termos expressam a primeira impressão que o participante causa nos telespectador do quadro. Eles são apresentados pela estética do grotesco, enfatizando uma espetacularização de seus corpos. Os participantes do quadro são destacados semelhante às atrações circenses da Idade Média (VIGARELLO, 2012), em que pessoas com aparências destoantes das demais (anões, deficientes físicos, anomalias genéticas, entre outros) eram a atração, cuja espetacularização dos corpos provocava nos expectadores reações que iam de risos ao medo, garantindo o divertimento.

Semelhantemente, os participantes do quadro *Arruma meu marido* são tratados como “marionetes” humanas, sendo covardemente humilhados e ofendidos em decorrência de sua

corporalidade. Seus “defeitos” são potencializados por meio de efeitos especiais desvirtuando sua imagem real, garantindo o medo ou a risada do público e os altos números de audiência, à custa de depreciações do participante.

No programa 01, o personagem chama-se Carlos, da cidade de Águas de Lindóia, estado de São Paulo e casado com Paula. Apresentado pela alcunha de Mago, Carlos é ridicularizado pela associação de sua corporalidade com a de um bruxo. O motivo de seu apelido fica evidente pela fala do apresentador Rodrigo Faro, que é carregada de estereótipos que estigmatizam o participante quando diz que *“esse cara parece que ele saiu de um livro de bruxarias pessoal”*. Com essa frase, ele reforça aos telespectadores de que a corporalidade dele é algo que não condiz com o socialmente aceitável, que causa medo e repulsa, analogamente comparando-o com personagens de filmes de terror, *“você de casa que curte um bom filme de horror, gosta de um terrorzinho, vai se deliciar”*, por fim, ele enfatiza que ser de uma determinada forma física e/ou aparência é motivo de deboche e risada, *“não precisa ficar com medo também porque aqui no Arruma Meu Marido a risada é garantida, né”*.



Figura 03: Participante Carlos

Fonte: Print do quadro arruma meu marido, Rede Record de Televisão

Carlos é apresentado trajando uma roupa preta, com um chapéu de ponta afinada (tipo de bruxo), segurando uma espécie de cajado. Ele calça botas pretas na altura dos joelhos. Seu rosto é quase imperceptível escondido atrás de uma barba e bigode brancos, que cobrem sua boca e face. Ele possui longos cabelos grisalhos, que mesclam as cores preta e branca. Seus dentes encontram-se podres, quebrados e manchados como mostra a figura 03.

No quadro Q2, o personagem chama-se Jovelino, mais conhecido entre seus familiares como Neno, apelido sem conotação com sua imagem. Jovelino é paulistano, trabalha no Instituto Butantan e é casado com Rosana.

Durante sua apresentação, Rodrigo Faro enfatiza algumas características do participante apontando-a como “[...] *uma viagem pelos sons, pelas cores, e pela beleza da pele negra*” (Q2). Na caracterização do personagem, é evocada sua afrodescendência, mencionando a “beleza da pele negra” e relacionando o participante com um grupo musical Chic Show, que realizava bailes *blacks* paulistanos na década de 1970.¹⁷ Durante a apresentação do participante, o apresentador relaciona o participante a fatos e acontecimentos históricos da década de 1970, quando o movimento negro teve seu apogeu e símbolo máximo de luta mediante os movimentos de contra cultura, como mostra o excerto: “*O Arruma Meu Marido desse sábado está com um balanço todo especial, quer ver só, DJ som na caixa. E quem tem mais de trinta anos vai se lembrar dos Embalos da Chic Show, quem não tem vai saber que o rapper e o hip hop nasceram dali [...]*” (Q2).

Jovelino se apresenta trajando uma calça e túnica com o brasão de um time de futebol Corinthians, time ao qual é torcedor, uma blusa na cor rosa abaixo desta túnica, uma calça na cor bege de modelagem larga e sapatos na cor marrom. Em seu rosto observa-se uma barba grisalha, de médio porte, com tonalidade entre as cores preta e branca. Seus dentes encontram-se danificados e com algumas falhas, seus cabelos em estilo *black power* encontram-se danificados, despenteados e com aparência de desleixo, como mostra a figura 04.

¹⁷ Para saber mais sobre o Chic Show, ver a dissertação de mestrado em Antropologia da USP de João Batista de Jesus Félix intitulada Chic Show e Zimbábue e a construção da identidade nos bailes black paulistanos (2000). Disponível em: www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde.../JOAOBATISTADEJESUSFELIX.pdf



Figura 04: Participante Jovelino

Fonte: Print do quadro *arruma meu marido*, Rede Record de Televisão

Jovelino é um dos poucos personagens negros que são transformados no quadro *Arruma meu marido*. Com isso, ele e os outros poucos que participam do quadro, em comparação aos maridos de pele branca, são colocados para suprir uma demanda mercadológica de inclusão, além de demonstrando que os corpos negros também devem se render aos ditames de beleza vigente em nossa sociedade. Assim, o quadro faz propaganda de produtos de uso exclusivo desse público, mesmo que as intervenções estéticas descaracterizem seus aspectos identitários ligados aos afrodescendentes, como o seu cabelo *black power*, que deixa de existir no final da transformação.

O quadro Q3 apresenta o personagem Jailton, que é paulistano e casado com Telma. Ele é apresentado pelo codinome “Cabelo”, em decorrência dos longos cabelos que usa. Ele é dono da oficina mecânica ‘*Cabelos Car*’ e é apresentado por Rodrigo Faro como um “*apaixonado por motores [...que] se ele pudesse teria uma piscina de óleo diesel na casa*”.

Jailton apresenta-se trajando uma camisa social xadrez de manga comprida, nas cores azul, amarelo e rosa. Por ser mecânico é enfatizada sua mão, como foco nas unhas, que se encontram sujas de graxa em decorrência de sua profissão, conforme mostra a figura 05.



Figura 05: Participante Jailton
Fonte: Print do quadro arruma meu marido, Rede Record de Televisão

Em sua apresentação, os *closes* de sua imagem são fechados, não mostrando o restante de sua vestimenta. Seu rosto é bem perceptível e enfatizado. Ele possui um cavanhaque e um bigode com pelos bem, cabelos longos, ondulados e ralos na altura do ombro e com entrada para calvície. Sua pele apresenta sinais de manchas e alguns sulcos decorrentes de inflações cutâneas (espinhas). Seus dentes encontram-se desalinhados, tendo algumas falhas, notadamente nos incisivos superiores.

O físico descuidado como os personagens se apresentam evidencia, como enfatizado pela antropóloga Mary Douglas (1976), que a “desordem” e a “sujeira” são algo que nos causa certa repulsa. Segundo a autora, essas questões estão entrelaçadas com diversas problemáticas, contudo, ela destaca a questão da ordem. Em da nossa cultura, tendo a organização como um valor, por isso, somos condicionados a observar as coisas e categorizá-las dentro da ótica da “limpeza”, da “pureza”, do “tudo organizado e limpo”.

A ordem está pautada na organização, onde todas as coisas são alocadas em harmonia. Tudo o que está a nossa volta, desde coisas a pessoas, devem estar limpos de quaisquer “contaminações”. Na visão da autora, essa ordem não é algo negativo, mas positivo, uma vez que é uma forma de organizarmos o mundo, as pessoas e as coisas a nossa volta. A ordem condiciona nossos costumes, nos levando a relacionar a impureza e a sujeira ao perigo, a algo que deve ser afastado de nós para que a ordem se reestabeleça. Assim, buscamos eliminar todos os sinais que se encontra em desarmonia.

Douglas (1976) aponta que qualquer coisa fora do lugar caracteriza-se como uma ameaça e, assim, as avaliamos como desagradáveis e as “varremos”, pois são um perigo em

potencial. Deste modo, o quadro *Arruma meu marido* apresenta todos os signos corpóreos que se encontram em desarmonia com o esperado em nossa sociedade e os elimina, reestruturando uma “nova” pessoa, pautada na limpeza, na pureza e na ordem, como propõe Douglas.

Para localizar bem a sujeira e eliminá-la, durante o quadro, o corpo é fragmentado para ser arrumado em suas partes: cabelos, dentes, unhas, face e afins. Cada parte é encaminhada a um perito, que tem as credenciais para cuidar do assunto. Assim, durante o quadro, são apontados os “pedaços” defeituosos do corpo, para que se possa localizar, da melhor forma, a “sujeira”, de onde provém a repulsa que deve ser eliminada. Nesse sentido, as detalhes sujos são vistos como algo fora de lugar, que constituem uma ameaça à boa ordem e, sendo considerados desagradáveis, são “varridos vigorosamente” (DOUGLAS, 1976, p. 194).

Essa fragmentação pode ser vista “[...] como pedaços indesejáveis de seja lá o que for: cabelo, comida ou embrulho. Este é o estágio em que são perigosos; sua semi-identidade ainda adere-se e a claridade da cena na qual se intrometeram é prejudicada pela sua presença” (DOUGLAS, 1976, p. 194). Assim, as partes indesejáveis do corpo devem ser “arrumadas”, “reorganizadas” ou como sugerido pela autora “varridas”, pois trata-se de pedaços desagradáveis para serem expostos em nossa sociedade. Assim, definidos os critérios de ordem e desordem, sujeira e limpeza, “Propagam-se as “deficiências” e os limites corporais, desvalorizam-se as singularidades e potencialidades dos sujeitos e os tornam desnecessários, descartáveis, sem sentido” (TRINCA, 2008, p.3), como pode-se observar na figura 06.



Figura 06: Fragmentação do corpo

Fonte: Print do quadro *arruma meu marido* (Q1), Rede Record de Televisão

Além da fragmentação visual, o apresentador Rodrigo Faro destaca as partes do corpo que precisam ser arrumadas e profere um discurso que antecipa tal apresentação, no qual pode-se observar elementos que depreciam a imagem dos participantes, conforme evidencia os excertos:

Vamos recapitular, vamos fazer aquele **famoso tape feijoada, aquele feito em pedaços, as partes** [...] dá uma olhada, olha lá, olha só o sorriso de baixo, o sorriso visto por baixo, nariz, olha a lateral, o bigodinho. Aquela janelinha é legal para beijar ou é esquisito? (Rodrigo Faro, Q3, grifos nossos)

No excerto grifado acima, observa-se a fragmentação do corpo dos participantes, em comparação a pedaços de carne de porco (suíno), utilizados para a preparação culinária de uma feijoada, descrito pelo apresentador como “*tape* [close, aproximação de imagem] *feijoada* (comida feita com pedaços de diferentes tipos de carnes), estigmatizando, potencializando e evidenciando as partes do corpo que se encontram em dissonância com o esperado e valorizado culturalmente.

Se já não bastassem os discursos estigmatizantes que são proferidos pelo apresentador, é necessário que a corporalidade inadequada dos participantes seja reiterada e reforçada pelo público da rua, para que, assim possa-se ter a certeza que o participante se encontra com a forma corporal que é indesejável em nossa sociedade, conforme será analisado no tópico seguinte.

3.5. A voz do povo é a voz de Deus: discursos estigmatizantes sobre o corpo

Diante da importância da opinião alheia, de onde provêm os julgamentos sociais, ao contrário dos demais quadros de transformação corporal vinculados na mídia televisiva brasileira, no *Arruma meu marido* os defeitos dos participantes são apontados por terceiros. Ao invés do espelho, frequentemente visto como um implacável inimigo, no quadro em análise, a população entra em cena para apontar, acusar e traçar possibilidades de mudanças no participante do quadro, mediante a exposição do participante e/ou de uma foto nas ruas do centro de São Paulo, o que confirma a célebre frase de Guzzo (2005, p.146): “Nosso corpo não é mais nosso, transformou-se em imagens” que devem ser, incessantemente, mexidas, manipuladas e corrigidas, como aponta os excertos:

Rodrigo Faro: É porque, né? Mudar a cara de um marido é uma responsabilidade e tanto, né? Então, o que a gente faz, a gente divide esse

trabalho com as outras pessoas, é o público quem vai dizer agora o que deve e o que não deve mudar [...].

Reportagem: O que você acha do Magão aí?

Povo: Nossa, a coisa mais horrível do mundo, né?

Povo: Precisava fazer uma tosa, banho e tosa.

Rodrigo Faro: Uma tosa.

Povo: Eu acho que ele está precisando de uma reforma, a mulher dele vai adorar.

Povo: Rodrigo Faro esse cara é feio?

Povo: Está acabado, está bem-acabado.

Reportagem: Ele está parecendo o que?

Povo: Sei lá, bicho.

Povo: Capitão da Caverna.

Rodrigo Faro: Capitão Caverna.

Povo: O mapa do inferno virado de ponta a cabeça.

Reportagem: Vamos fazer o *Arruma Meu Marido*, você acha que ele tem jeito?

Povo: É, com uns dez Photoshop, uns três quilos de maquiagem, uma retífica completa, véio.

Povo: Vocês vão deixar ele uma bonequinha.

Povo: Se der uma arrumadinha nele, até que fica bom.

Povo: Olha, por dentro ele é um cara muito bem arrumado, mas por fora, você vão ter que fazer um milagre, viu?

Povo: Arrumadona mesmo porque está feio, parte esse cara! (Q1).

Reportagem: Estamos de volta Rodrigo Faro, diretamente do Instituto Butantan, desta vez para testar a sinceridade dos colegas de trabalho de Jovelino [...]

Reportagem: Observe bem, analise a figura.

Povo: Eita nós!

Povo: Um bom profissional, um rapaz bacana, mas, porém, né?...

Rodrigo Faro: Nossa!

Povo: Muito horrível de feio!

Jovelino: Machucou mano!

Rodrigo Faro: Machucou!

Povo: Tu está feio Negão!

Rodrigo Faro: Tu está feio Negão!

Povo: A única coisa que está boa é a bandeira (referência ao time de futebol), mais nada.

Reportagem: Você acha que tem jeito? Tem conserto?

Povo: Não.

Rodrigo Faro: Não.

Povo: Está horrível, precisa trocar esses dentes!

Povo: Cabelo vai descendo, barba.

Povo: Dá um tapa na sobancelha, deixar tipo metrossexual e tal.

Rodrigo Faro: Olha!

Jovelino: A mulher vai me matar [Risos]!

Povo: Arruma Rodrigo, arruma!

Rodrigo Faro: Deixa comigo!

[...]

Reportagem: Dá uma olhada ali!

Povo: Bem-acabado. Bem ruim.

Rodrigo Faro: É, tem que amar muito!

Povo: Ele não é feio, ele está mal-acabado!

Povo: Ridículo esse homem!
Reportagem: Pegou pesado hein?
Jovelino: Muito pesado (Q2)

Rodrigo Faro: Muito bem. Antes de mais nada, antes da gente começar a arrumar o maridão a gente tem que saber o que o povo acha do visual do Pucuthuco. Então nós levamos o Pucuthuco para um rolê, nesse passeio as pessoas falam o que pensam, você quer ver mesmo o que a galera nas ruas vai falar do seu marido?

Telma: Quero!

Rodrigo Faro: Está preparada? Eles vão pegar pesado, vamos ver?

Telma: Vamos!

[...]

Povo: Sinceridade? [Risos]

Povo: Parece uma assombração!

Rodrigo Faro: Assombração?

Povo: Um extraterrestre!

Povo: Está meio acabadinho, está só o projeto!

Povo: Deus me livre, limpa essas unhas que está ridícula, está uma carniça!

Povo: Um espantalho!

Povo: Com trato ele fica bonito!

Povo: Fazer a barba, arrumar os dentes, trocar de roupa, tudo! [Risos]

Povo: Nascer de novo era o suficiente! [Risos].

Rodrigo Faro: Nascer de novo.

Povo: A pele, os dentes conta muito.

Povo: De doer, olha o cabelo dele, todo ressecado!

Povo: Totalmente fora de moda! (Q3).

Nas falas proferidas pelo público da rua, observa-se que a aparência corporal é algo de sua importância em nossas relações sociais. Segundo Calabresi (2004), os corpos dos indivíduos são “[...] construído e avaliado, de acordo com os preceitos regionalizados [...]” (p. 79), “[...] os indivíduos envolvidos culturalmente estão sujeitos a atenderem apelos culturais [...]” (p. 79). Desse modo, “Os indivíduos são classificados de acordo com padrões do momento ou cultura que são subjetivos, por serem parte de cada elemento da sociedade que cultua aquela forma de beleza e não outra” (p. 103). Assim observa-se que o corpo é colocado, a todo o momento, como algo inacabado, precisando incessantemente de correções.

Nesta lógica, como enfatizado por David Le Breton (2007), o corpo torna-se moldável por quem o habita, compondo “uma matéria-prima na qual se dilui a identidade pessoal” (p.15), sendo compreendido, na contemporaneidade, como um lugar violável e dessacralizado. Permitindo, assim, compreender a concepção de identidade do corpo como passível de múltiplas interferências fornecidas, por exemplo, pelo comércio da beleza e da boa forma e dos meios de comunicação. Diante da supremacia dos ideais de Beleza, o autor afirma que na contemporaneidade, “é por seu corpo que você é julgado e classificado” (p. 31). Assim, observamos subsídios de compreensão que justifica as (re)configurações dos corpos na

atualidade, onde os sujeitos buscam moldar seus corpos para um pertencimento e aceitação aos grupos da sociedade.

Na visão de Le Breton (2007), o corpo na atualidade se torna um “objeto” transitório, constituído de partes descartáveis e manejáveis, dispostas às modas e modos do momento, tornando este corpo a afirmação pessoal dos sujeitos na sociedade, mergulhado num sistema capitalista que visa uma manutenção de uma classe hegemônica pautada em lucros num ciclo ininterrupto.

Mediante a exibição pública de uma foto do participante, pessoas anônimas da rua tornam-se as responsáveis por atribuir diversos aspectos negativos à forma física dos participantes do quadro *Arruma meu Marido*. Esse processo mostra que não é necessário ter um saber formal para reconhecer a feiura e proferir discursos que depreciam a imagem alheia. Basta dizer e apontar as partes (ou o conjunto) que se encontra em desarmonia com as expectativas socialmente esperadas. Em linhas gerais, essas pessoas que julgam e subestimam a aparência do outro representa cada um de nós, membros da sociedade. Afinal, desde que nascemos, recebemos as marcas da cultura (por meio do que vemos, ouvimos e lemos). Mediante diversas pedagogias culturais, somos levados a reconhecer as pessoas que estão fora das expectativas sociais e a reproduzir discursos e estigmatizantes. Ou seja, sob a lógica de um padrão de beleza socialmente valorizado, produzimos e reproduzimos saberes valores e normas que estigmatizam e excluem os sujeitos.

Para mostrar a supremacia da imagem e atrair os telespectadores, os participantes são condicionados a serem humilhados e sofrem os mais diversos tipos de estigmas em relação à sua forma corporal. São comparados com animais, conforme observa-se nos excertos: *Ele está parecendo o que? Sei lá, bicho*” (Q1). *“Precisava fazer uma tosa, banho e tosa”* (Q1), um procedimento de higiene no qual são aparados os pelos dos animais, geralmente realizado em cães e gatos em pet shop. Além de animais, os corpos dos participantes são objetificados e comparados a máquinas que necessitam ser reparadas e consertadas, isso quando há jeito de ser feito, pois, muitas das vezes, o corpo é desprezado em toda sua existência e essência, conforme aponta as falas: *“Eu acho que ele está precisando de uma reforma, a mulher dele vai adorar”* (Q1). *“Você acha que tem jeito? Tem conserto? Não!”* (Q2), *“Está meio acabadinho, está só o projeto”* (Q3), *“Nascer de novo era o suficiente”* (Q3). Os excertos apontam para o desprezo ao corpo, visto como inacabado e defeituoso, por isso precisa ser terminado, refeito, reformulado ou substituído.

Durante o quadro, são proferidos enunciados que depreciam a imagem dos participantes, maximizando seus “defeitos”, conforme mostra as seguintes alocações do Programa 1: “*Rodrigo Faro, esse cara é feio*”: afirmação negativa sobre a aparência física. “*Está acabado, está bem-acabado*”: palavras de impactos e de confirmação da inadequação da corporalidade do participante; “*O mapa do inferno virado de ponta a cabeça*”: o inferno na cultura ocidental é associado a algo terrível, contrário ao que é socialmente esperado. “*Nossa, a coisa mais horrível do mundo, né?*”: depreciação máxima do sujeito. Semelhantemente, no Programa 2 é dito: “*Muito horrível de feio*”: palavras de impacto como forma de maximizar a feiura. “*Está horrível, precisa trocar esses dentes*”, “*Bem-acabado. Bem ruim*”, “*Ridículo esse homem*”: palavras de impacto na depreciação do corpo.

A aparência física dos participantes é comparada com personagens de filmes, em grande parte personagens exóticos e fora dos padrões de normalidade, com coisas ruins e sensações desagradáveis no Q1: “*Capitão da Caverna*”: personagem rude e monstruoso de desenho animado que faz referência aos homens da pré-história. “*Parece uma assombração*”: algo que causa medo e repulsa. “*Um extraterrestre*”: indica que a aparência física é destoante dos seres humanos, sendo que sua feiura o transforma em uma pessoa não humana. Semelhantemente, no Q3, diz-se que o participante se assemelha a “*Um espantalho*”, reportando a um boneco utilizado para espantar e assustar animais em plantações.

Observa-se que os discursos que regulam e depreciam os corpos na contemporaneidade, coloca-os, muitas vezes, como algo desarmonioso, que necessita de cuidados que o disciplinem para que tenham validade na sociedade (FOUCAULT, 1997).

Assim, as falas da população nas ruas confirmam o ditado popular, “A voz do povo é a voz de Deus”. A expressão é uma forma de dizer que a opinião pública deve ser considerada e validada. Em função do consenso que expressa, o ditado popular é utilizado como mecanismo para fortalecer a ideia de que a decisão da maioria é a decisão mais correta.¹⁸ Ao ser continuamente repetido pelo senso comum, o ditado funciona como verdade incontestável, uma crença coletiva, uma doxa, para usar o termo de Bourdieu (2006, p.32), confirmando a inadequação corporal identificada pela família e reiterada pelo apresentador.

Conforme Setton (2006, p. 10-11) “nos ditos populares, na música ou nos programas de televisão, valores culturais são transmitidos”, por isso, eles funcionam “como instrumentos

¹⁸ A origem dessa frase está presente em uma carta de Alcuino para Carlos Magno no ano 798 que diz: “E essas pessoas não devem ser ouvidas por quem continua dizendo que a voz do povo é a voz de Deus, já que a devassidão da multidão sempre está muito próxima da loucura”. Fonte: VOX POPULI, VOX DEI. Disponível em <http://prgimenez.dominiotemporario.com/doc/VOZPOPULIVOZDEI.pdf>. Acesso em 09/01/2018.

de comunicação e conhecimento”, responsáveis pela “transmissão de um consenso a respeito do mundo social”, como o consenso sobre o que é considerado belo, que modela a percepção dos sujeitos sobre si mesmo, ao se comparar com outras pessoas da sociedade.

Assim, o quadro *Arruma meu marido* constitui-se em um mecanismo de poder que converte capital material (cosméticos, produtos e acessórios da beleza) e capital cultural (saberes sobre o corpo) em capital social (relações familiares e sociais) e capital simbólicos (reconhecimento da beleza e prestígio, sendo este último visto por Bourdieu (2006, p.20) como “o único capital útil, eficiente e reconhecido”).

As diversas críticas feitas ao participante fora dos padrões de beleza confirmam que não basta fazer a transformação corporal e material do participante. É preciso fazer a transformação simbólica, para que os discursos sobre o que é belo ou feio tenham eficácia e efeito de verdade. Como parte desse processo ritual de alquimia social e transubstanciação simbólica (BOURDIEU, 2006), a apresentação do participante transformado exige muito suspense e criação de expectativas, que contribuem para a legitimação dos ideais corporais amplamente esperados pela plateia e pelos telespectadores, como será discutido no próximo capítulo.

4. CORPO BELO E DISCURSOS DE ATRATIVIDADE APÓS A TRANSFORMAÇÃO

Este capítulo discute as transformações corporais ocorridas no *reality show Arruma meu marido*, traçando reflexões sobre o corpo considerado “belo” e os discursos de atratividade que operam sobre eles.

4.1. A ação dos especialistas na transformação corporal

Após um bombardeamento de frases que depreciam, estigmatizam e menosprezam os participantes, vem a intervenção dos profissionais da área da beleza e da boa forma, pessoas com legitimidade para falar sobre o campo da estética.

No livro *As consequências da modernidade* (1991), Anthony Giddens discute que os profissionais da área da beleza e da boa forma, dentre diversos outros, são considerados “peritos” cujos conhecimentos que possuem em determinados assuntos lhes conferem legitimidade para atuar em um determinado campo, no caso da pesquisa, o da estética.

Segundo Giddens (1991), os sistemas peritos são organizações que exigem uma confiabilidade em seus resultados, pois constituem “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas do ambiente material e social que vivemos” (p. 35).

Observa-se então que os profissionais da beleza e da boa forma, enquanto os peritos, vão legitimar os discursos da feiura e da beleza que foram proferidos pela família e reiterados pelo apresentador do programa, por meio de práticas regulatórias do corpo veiculadas no quadro *Arruma meu marido* e na sociedade de forma mais ampla. Conforme Giddens,

[...] não só seguimos estilos de vida, mas num importante sentido somos obrigados a fazê-lo – não temos escolha senão escolher. Um estilo de vida pode ser definido como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um indivíduo abraça, não só porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque [dá] forma material a uma narrativa particular da auto-identidade (GIDDENS, 2002, p. 79).

Diante de um saber legitimado sobre a beleza e feiura, os indivíduos que estão fora dos padrões socialmente impostos são levados a refletirem sobre sua condição corporal e social e, conseqüentemente, a consumirem os produtos da indústria da beleza indicados no decorrer do quadro.

Assim, projeta-se na subjetividade dos indivíduos a crença que suas possíveis cismas em relação a sua corporalidade não são infundadas, mas confirmadas por diversos profissionais que ratificam que a sua aparência física se encontra fora dos padrões e que é preciso uma readequação para que ele possa se inserir na sociedade.

Outra importante característica da vida social moderna, para Giddens (1991), é a *reflexividade* das práticas sociais. Segundo esta visão, as práticas sociais são “constantemente examinadas e reformuladas à luz de informações renovada sobre estas próprias práticas, alterando assim seu caráter” (GIDDENS, 1991, p.45). Essas práticas sempre existiram, contudo na modernidade elas se reafirmam e se proliferam por meio do conhecimento científico e pela rápida difusão de informações fornecidas pelos variados meios de comunicação, que possuem grande alcance e penetração na vida dos sujeitos.

Deste modo, os profissionais da beleza e da boa forma instrumentalizam os participantes a se inserirem nos padrões estabelecidos pela nossa sociedade, pautados na imposição de um modelo universal de homem e de beleza difundidos pela mídia. Nesse sentido, Sevcenko defende que

[...] estamos no império das modas. As pessoas são aquilo que consomem. O fundamental da comunicação – o potencial de atrair e cativar – já não está mais concentrado nas qualidades humanas da pessoa, mas nas qualidades das mercadorias que ela ostenta, no capital aplicado não só no vestuário, adereços e objetos pessoais, mas também nos recursos e no tempo livre empenhado no desenvolvimento e na modelagem de seu corpo, na sua educação e no aperfeiçoamento de suas habilidades de expressão. Em outras palavras, sua visibilidade social e seu poder de sedução são diretamente proporcionais ao seu poder de compra. (SEVCENKO, 2001, p. 63-64)

Como enfatizado por Mary Del Priori (2001), na nossa sociedade, considerada a sociedade da “abundância”, o corpo expandiu sua característica de consumidor. O corpo torna-se fragmentado e cada uma de suas partes é coisificada, envolvendo uma maneira ou técnica específica de intervenção. Assim, há uma enorme variedade de mercadorias a serem consumidas, como os hidratantes para a pele, bases e esmaltes para as unhas; bases e maquiagens para o rosto, além de uma diversidade de procedimentos que exigem equipamentos sofisticados que só os profissionais peritos podem realizar. Somado a isso, observa-se uma forte tendência à realização de intervenções cirúrgicas que oferecem ampla gama de possibilidades para melhoramento de pernas, braços, barrigas, costas, tórax e afins.

O quadro *Arruma meu marido* utiliza dos conhecimentos de especialistas em tratamento de pele, dentes, cabelo, barba e afins, para explicar à plateia e aos telespectadores, postos como leigos, como operam as engrenagens tecnológicas na busca por intervir e corrigir

as “falhas” corporais, sendo os especialistas compreendidos como os formadores de um “novo” corpo, os donos do saber.

Diante da supremacia das imagens idealizadas vinculadas no quadro *Arruma meu marido*, cabe ponderar o conceito de “biopoder” elaborado por Michel Foucault é apresentado em suas obras intituladas: “*Em defesa da sociedade*” (2000) e “*História da sexualidade I*” (1988), onde, segundo o autor, o “biopoder” se encontra sempre correlato com alguma maneira do saber. Assim, em prol de uma verdade, imperam-se e viabilizam-se práticas regulatórias e autoritárias de monitoramento, de segregação, de manipulação dos corpos e dos desejos. Para o autor, o “biopoder” foi considerado um elemento de suma importância para o desenvolvimento do capitalismo, pois foi utilizado para assegurar o controle dos corpos dentro do sistema de produção.

De acordo com Foucault (2000), desde o final do século XVIII, se instalou duas maneiras distintas de poder, a primeira de cunho “disciplinador”, tendo como objetivo a dominação individual dos corpos que devem ser vigiados, treinados, e muitas das vezes punidos para se adequarem ao sistema; e a segunda de cunho “regulatório”, que foi direcionada à multiplicidade dos sujeitos, através de mecanismos reguladores e normalizadores do comportamento.

Desta forma, os profissionais peritos se encontram presentes em todos os quadros, fazendo uma espetacularização com os participantes (clientes nesse momento, pois envolve uma prestação de serviço, onde há uma troca de mão de obra pela propaganda de seus serviços). Os especialistas se aproximam do participante de modo afetuoso e brincalhão, mas, em suas falas, estão incutidas diversos termos que depreciam e estigmatizam a imagem dos participantes.

A ação dos profissionais da beleza é dividida por momentos distintos: Dentistas, cabeleireiros, esteticistas e *personal stylist*.

A ação do dentista

Inicialmente o participante passa por uma avaliação do profissional dentista que irá lhe dizer todos os procedimentos que deverão ser feitos para que seu sorriso, visto como o “cartão de visitas” do corpo seja “consertado”.

Rodrigo Faro: É hora de cuidar dos dentes, vamos lá?

Doutor Normando: Vamos ao trabalho, o nosso marido da vez ter os dentes bastante deteriorados. O que me ajuda muito é que ele tem os dentes e os

dentes estão bem firmes. Teve um processo de cárie e tudo mais que a gente vai corrigir, deixar os dentes mais claros e alinhados. Mas, com a base, eu vou conseguir fazer uma escultura, uma obra de arte aqui que vai ficar bem legal.

Rodrigo Faro: Bom doutor, manda ver. Vai ficar com o sorriso em ordem, hein?

Reportagem: Como é que está o andamento aí, está bacana?

Doutor Normando: Está ótimo, ele tem todos os dentes aqui, eu acho que a gente vai conseguir salvar todos, vai ficar ótimo, vai ficar lindo.

Reportagem: Ah, então não vai precisar desses aqui que ele tem no colar não? [apontando para o colar que o participante usa, feito com dentes sintéticos de alguma espécie de animal]

Doutor Normando: Não, de jeito nenhum! (Q1)

Reportagem: E aí César o que você vai fazer com o meu amigo Jovelino?

Dentista César: É, o trabalho dele já está bem adiantado já. Você trouxe aquele negocinho que eu te pedi? [molde da boca do participante de gesso]

Reportagem: Trouxe sim, está aqui.

Dentista César: Ah, legal.

Reportagem: Essa é a boca do Jovelino?

Dentista César: Sim, essa é a boca do Jovelino.

Rodrigo Faro: Olha onde está a boca dele.

Reportagem: Vamos encher essa boca de dentes, né?

Dentista César: Vamos.

Jovelino: Eu vou ficar assim meu amor, oh!

Rodrigo Faro: Que maravilha, então depois dessa, a perereca não vai mais pular da boca do Jovelino.

Rosana: E nem ele vai me chamar lá de baixo e falar: Rosana, traz a minha perereca.

Rodrigo Faro: Traz a minha perereca, a perereca pulou! (Q2)

Dentista: Jailton, vamos começar o tratamento, e a primeira parte do tratamento é a limpeza.

Reportagem: Jailton está se tremendo todo.

Dentista: Até tampa de caneta.

Rodrigo Faro: Uma tampa de caneta.

Jailton: Vai doer muito doutor?

Rodrigo Faro: Cadeado, tampa de caneta, o que vai sair daí mais? [nas falas acima é mostrado uma série de objetos, que supostamente estavam na boca do participante, tais como, cadeado, tampa de caneta].

Reportagem: É, não é fácil ficar bonito não, hein.

[...]

Dentista: Cárie é a principal perda de dentes, diferente do que a gente pensa que é cárie, todo mundo pensa.

Jailton: Doutor, eu estou me sentindo, que nem se abre um capô lá na oficina lá. Lá na oficina o doutor é eu, aqui está sendo você, né? [é mostrado o participante deitado e com a boca aberta para análise do dentista]

Dentista: É, aqui eu sou o mecânico.

Reportagem: Hora do clareamento.

Rodrigo Faro: Vai Humberto, sai voando daí Humberto, sai voando. (Humberto é o repórter do programa, onde se lê reportagem).

Dentista: Vai dar uma boa diferença, né.

Dentista: Tecnicamente nós faremos uma reabilitação em porcelana, para ajudá-lo na saúde e na estética bucal. Telma nos aguarde porque o seu marido vai ficar lindo (Q3).

Durante o processo de tratamento dos dentes, os participantes são, a todo o momento, expostos a brincadeiras e piadas em decorrência da aparência de sua arcada dentária, colocando em pauta a grande importância de se ter dentes bem cuidados, brancos e livres de impurezas e microrganismos.

Durante o processo de reestruturação dentária, são apresentados diversos mecanismos que corroboram e auxiliam para a manutenção da saúde bucal. São enfatizados desde a escovação a procedimentos estéticos realizados para uma melhoria na aparência, tais como dentes de porcelanas, correções e alinhamentos mediante cirurgias e afins. Apontando, deste modo que, há diversas formas de se cuidar, colando os sujeitos como culpados de sua situação, pelo descuido com os dentes.

Os dentistas são apresentados como verdadeiros escultores e arquitetos, pessoas que irão trazer de volta a felicidade, e o motivo de sorrir dos participantes inscritos, conforme se observa na seguinte fala, “*vou conseguir fazer uma escultura, uma obra de arte aqui que vai ficar bem legal (Q1)*”.

Observa-se que os principais procedimentos realizados são: limpeza, alinhamento, correção de imperfeições e clareamento dos dentes. Q1: “[...] *deixar os dentes mais claros e alinhados*”. Q1: “[...] *o nosso marido da vez tem os dentes bastante deteriorados, o que me ajuda muito é que ele tem os dentes*”. Mediante esse excerto, observa-se que apesar dos dentes estarem em péssimas condições, o dentista agradece por ele os possuírem. Observa-se uma espécie de anedota, um momento em que o participante é submetido a piadas de mau gosto e exposto a variadas formas de humilhação. Fato este recorrente em diversos outros momentos, nos quais se observa que os participantes são condicionados a serem humilhados e sofrerem piadas a todo o instante para participarem do quadro, como observa-se nas falas a seguir: “*Vamos encher essa boca de dentes, né? [...] Que maravilha, então depois dessa a perereca [nome popular de uma prótese dentária utilizada para suprir a falta de alguns dentes] não vai mais pular da boca do Jovelino (Q2)*”; “*Cadeado, tampa de caneta, o que vai sair daí mais [sujeiras que vão sair de dentro da boca do participante]? (Q3)*”.

Ainda dentro da analogia com o nome do quadro, *Arruma meu marido*, os participantes, ou melhor, os fragmentos dos participantes também são comparados com objetos e peças, que necessitam ser “consertados” e “arrumados”, conforme mostra a seguinte

fala: “Doutor, eu estou me sentindo, que nem se abre um capô lá na oficina. Lá na oficina o doutor é eu, aqui está sendo você, né? É aqui eu sou o mecânico (Q3)”.

Assim como abordado pela antropóloga Mary Douglas (1976), “varre-se” tudo que causa repulsa. Tudo o que causa um “perigo” eminente deve ser banido, corrigido e tratado, para que, assim, o participante possa ser reinserido no convívio social.

O que é também importante de se analisar, nesse ponto, é que o tratamento odontológico dos participantes se torna um elemento importante para se compreender a dinâmica da saúde bucal pública, assim como em outros segmentos da saúde, no Brasil.

Ao pensarmos na saúde bucal da sociedade brasileira, grande parte está condicionada aos tratamentos oferecidos pelas redes básicas de saúde, que, em geral, não contam com uma infraestrutura e profissionais capazes de atenderem tais demandas. Assim, uma significativa parcela da sociedade apresenta uma saúde bucal muito debilitada, como por exemplo, dentes podres, desgastados, manchados, e em grandes casos em falta, além de uma grande necessidade de tratamentos para preservação, como por exemplo, tratamento de cáries, de canal e afins.

Segundo pesquisas realizadas por Gerliene Maria Silva Araújo (2013), a saúde bucal no Brasil se encontra limitada e desigual, observa-se uma significativa disparidade nos contextos socioculturais da sociedade brasileira, sendo que pessoas de baixa renda, com pouco nível de instrução educacional, desempregada, moradores de zonas rurais ou periféricas, dentre outras, são condicionadas a tratamentos desumanos. O acesso a serviços de reestruturação dentária, tais como, próteses, pontes e afins, ainda são limitados e escassos em muitas regiões de nosso país.

Assim, estar no quadro *Arruma meu marido*, mesmo que isso implique sofrer todos os tipos de humilhações e piadas, torna-se, em tese, a garantia de um atendimento de qualidade e digno para estes sujeitos.

A ação da equipe de cabeleireiros

Após os dentes serem tratados, os participantes passam pela avaliação de um profissional cabeleireiro, que irá cuidar da barba, do cabelo e das unhas dos participantes fazendo uma mudança radical no visual dos mesmos.

Reportagem: Anderson, eu não quero te assustar não cara, não olha agora, mas tem uma coruja aqui no salão? Ela mora aqui é? Aonde? Sumiu, como

assim. [enquanto o cabeleireiro manuseia o cabelo de Carlos, é feito diversas brincadeiras relacionados à mágica, pois o apelido do participante é Mago]

Rodrigo Faro: Aí Humberto, não dá mais, né? Aonde que nós vamos parar com isso? É só para arrumar o marido, olha o que ele transforma! Arrumação do marido! [neste momento é feito brincadeiras, e manipulações das imagens do participante com recursos computacionais].

Esteticista: Eu vou precisar disso oh! [mostrando uma máscara, para se proteger do mau cheiro, do odor que é mostrado pela manipulação da imagem saindo dos pés do participante].

Rodrigo Faro: É verdade, deve estar um chulé esse parmesão aí! [mostra o pé do participante]

Reportagem: é para cortar a unha, não o dedo. [mostra uma lixa de unha, com efeitos especiais como se tivesse passando um esmeril nas unhas].

Rodrigo Faro: Olha, vai passar o esmeril, vai lixar, faz coceguinhas. Olha lá. [participante aparece rindo] É agora, é agora! Está caindo o cabelo? Você viu o que caiu da barba dele? [cai um cordão de caveira] Estão fazendo chapinha ou vão cortar o cabelo? [aparece fazendo escova no cabelo e na barba] É agora.

Reportagem: Finalmente Rodrigo Faro...

Rodrigo Faro: é agora, é agora gente! É agora, presta atenção.

Reportagem: O marido está pronto e bonito Anderson?

Anderson: Bonito.

Reportagem: Horas e horas de trabalho e ficou assim! (Q1) [nas falas supracitadas é mostrado o marido totalmente coberto, para dar um suspense, pois o final do tratamento só é mostrado no palco].

Rodrigo Faro: Quanto tempo que ele tem esse black, vinte anos já?

Rosana: Mais de dez anos.

Rodrigo Faro: Mais de dez anos?

Rosana: Mais de dez anos.

Rodrigo Faro: Então não dá. Ele está parecendo... lembra do Urso do Cabelo Duro? Olha lá, é o urso do cabelo duro gente! não é possível!

Rosana: Só muda a cor, né?

Rodrigo Faro: Não dá! Rosana, você não aguenta mais dormir ao lado do Urso do Cabelo Duro?

Rosana: Não aguento mais!

Rodrigo Faro: Vai esse cabelo ou fica esse cabelo, o que você acha?

Rosana: Por mim vai.

Rodrigo Faro: Vai?

Rosana: Mas eu acho que ele não vai deixar tirar.

Rodrigo Faro: Plateia, cortamos o cabelo do Neno ou não?

Plateia: Sim.

Rodrigo Faro: Pode cortar?

Plateia: Pode.

Rodrigo Faro: Está bom, mas ele vai deixar mexer no cabelo?

Rosana: Eu acho que não.

Rodrigo Faro: Vamos ver, será que ele vai deixar? Bom, até agora a gente fez o que bem entendeu com o Neno, mas ainda nós não mexermos com o principal, com o cabelo. Será que agora vai, Humberto? Faz de tudo, faz de tudo, mas mexe nesse cabelo, vai!

Reportagem: Rodrigo Faro, chegou a hora de balançar o coqueiro do Neno, e quem vai fazer isso para a gente é o Wesley Farias.

Rodrigo Faro: Olha o Wesley!

Cabeleireiro Wesley: Bem, eu vou pedir para o Neno colocar um roupão.

Jovelino: Espera um pouquinho, espera um pouquinho, não é melhor esse não? [Ele mostra uma túnica com brasão do time de futebol que ele torce - Corinthians] Esse é melhor! [continuando mostrando a túnica com brasão do time de futebol que ele torce - Corinthians]

Rodrigo Faro: Já vem ele de novo com esse negócio!

Jovelino: Esse aqui é melhor. [continuando mostrando a túnica com brasão do time de futebol que ele torce - Corinthians]

Reportagem: E depois que terminar vem para mim também que eu estou precisando. [o repórter aparece usando uma peruca com cabelo black]

Jovelino: Aí Rosana vai aprendendo aí para depois você fazer em mim. [neste momento ele está fazendo as sobrancelhas]

Rodrigo Faro: Olha isso, ele fazendo a sobrancelha!

Rosana: Meu Deus, eu nunca achei que ele ia fazer a sobrancelha!

Rodrigo Faro: Cortou a taturana.

Reportagem: Acabou a sobrancelha?

Cabeleireiro Wesley: Está faltando alguma coisa aqui, hein!

Rodrigo Faro: Olha ele achou, estava dentro da cabeça. [mostrando uma faca]

Rosana: A minha faca!

Rodrigo Faro: Olha lá, estava dentro do cabelo!

Cabeleireiro Wesley: Uma sobrancelha no estilo da Glória Gaynor. [mostra uma foto da Glória Gaynor¹⁹]

Jovelino: Feliz Natal para todos, está nevando aqui! [ele diz isso referindo aos resíduos das unhas ao serem lixadas]

Rodrigo Faro: Olha gente, não é que o cara está fazendo barba, cabelo e bigode? Já cortou a sobrancelha, olha a esmerilhadeira agora para arrumação aí.

[...]

Reportagem: Rodrigo Faro, foram horas de trabalho e parece que valeu a pena né?

Cabeleireiro Wesley: Eu acho que sim, a tesoura perdeu o corte.

Reportagem: Mas o Neno está prontinho ali atrás, posso mostrar?

Rodrigo Faro: Pode, pode.

Reportagem: Está bonito?

Jovelino: Tô (Q2) [nas falas supracitadas é mostrado o marido escondido, para dar um suspense, pois o final do tratamento só é mostrado no palco].

Rodrigo Faro: Então vamos seguindo Arruma o meu marido, porque chegou o grande momento gente, é hora da mudança radical, agora é a vez do cabelo, porque o apelido dele é cabelo?

Telma: Eu acho que o cabelo ele não muda!

Rodrigo Faro: Será que ele vai deixar?

Telma: Eu acho!

Rodrigo Faro: O cabelo não mudou desde quando vocês se conheceram, né?

Telma: É.

Rodrigo Faro: É o mesmo cabelo?

Telma: É o mesmo cabelo.

Rodrigo Faro: Aquele cabelo é um cabelo esquisito!

¹⁹ Gloria Fowles, mais conhecida pelo seu nome artístico, Gloria Gaynor, é uma cantora estadunidense, mais conhecida por seus grandes sucessos da Era Disco.

Telma: É.

Rodrigo Faro: Você está em casa, você deve concordar comigo, porque é um cabelo... [mostra uma foto do participante onde se é destacado o cabelo]

Telma: Que não cresce.

Rodrigo Faro: E, ao mesmo tempo que ele tem cabelo, que você vê que tem cabelo aqui atrás, fala: Pô, o cara tem cabelo! Na verdade não tem o cabelo!

Telma: Não tem, é uma coisa ralinha.

Rodrigo Faro: É aquele cabelo piscina, quer dizer, mesmo cheio você vê o fundo, porque ele tem cabelo, mas não tem! Quer dizer que ele vai deixar mexer no cabelo?

Telma: Eu acho que ele não vai deixar!

Rodrigo Faro: Será que não gente?

Telma: Ai! tomara que sim!

Rodrigo Faro: Mas por que ele vai ficar com esse cabelo do Pedro de Lara, não dá!

Telma: Não vai dar muita diferença!

Rodrigo Faro: Parece um vocalista do Bee Gees também, né?

Telma: É.

Rodrigo Faro: Não dá.

Telma: Meio estranho, né?

Rodrigo Faro: Eu estou louco para ver gente! Eu estou louco para ver, e dessa vez eu espero sinceramente que o Humberto que já fez até papel de mosca hoje, que o Humberto mostre no final como ficou o marido. Tá bom? Senão, Humberto, a sua batatinha vai asar! Tá bom, tá bom? Então vamos ver, será que o Pucuthuco vai deixar a nossa produção mexer no cabelo? Roda aí!

Jailton: Bom, já que eu estou aqui corto ou não corto, depois de quinze anos cabeludão? [o participante aparece no salão do cabelereiro em frente a um espelho se analisando]

Rodrigo Faro: Vai ou não vai?

Reportagem: Eu passaria a máquina zero aí!

Cabelereiro: Não, vamos só cortar, fazer um corte legal, moderno. [mostra a imagem de um esmeril em funcionamento]

Reportagem: Não, bota fogo nessa cabeleira desgrenhada aí! olha isso! [é colocado efeitos especiais de fogo no cabelo do participante]

Cabelereiro: Vai ficar melhor curto.

Rodrigo Faro: Olha a situação do cara!

Rodrigo Faro: Vai cortar.

Reportagem: É isso aí Rodrigo Faro mais uma vez Toninho [nome do cabelereiro] no *Arruma o meu marido*. Isso aí, o que nós vamos fazer no cabelo do Pucuthuco?

Cabelereiro: Ah Humberto, eu estava vendo aqui o cabelo dele, como tem essa cicatriz e as entradas, tem que fazer um corte que disfarce isso aqui. [é feita uma análise no cabelo do participante, neste momento dá-se um zoom na câmera]

Jailton: Ah, então está turbinado então.

Cabelereiro: Turbinado, isso aí.

Reportagem: Muito bom.

Cabelereiro: Pegou o meu material lá?

Reportagem: Pra já, só um minutinho. [mostra uma maleta de ferramentas]

Rodrigo Faro: Não acredito, oh o material para cortar o cabelo. [mostra-se o que está dentro da maleta]

Jailton: O que é isso? Tesoura? Secador? Oh louco! O que é isso? [mostra-se régua, chaves, alicates, martelos, fazendo analogias à profissão do participante] (Q3)

Durante o procedimento de corte do cabelo, da barba e das unhas, os participantes também são condicionados a vários discursos. Eles são colocados como passivos e até mesmo como uma espécie de “bobos da corte”²⁰, pessoas que devem fazer o público rir e garantir o entretenimento, conforme mostra o excerto: “*A minha faca. Olha lá, estava dentro do cabelo (risos)*” (Q2), como se o cabelo dele tivesse acumulado tanta sujeira que até a faca da esposa estala lá.

Ao chegarem ao salão, os proprietários já são avisados para não se espantarem com o que irão ver, assim como enfatizado por ECO (2007), a feiura causa essa reação, como evidencia o excerto do Q1: “*Anderson, eu não quero te assustar não cara, não olha agora [...]*”.

Durante o quadro, os participantes são comparados a personagens de histórias e pessoas públicas que, em decorrência de suas aparências, causam reações de risos a repulsa nas pessoas, conforme observa-se nos excertos: “*Ele está parecendo, lembra-se do Urso do Cabelo Duro? Olha lá, é o urso do cabelo duro gente, não é possível. Só muda a cor, né?*” (Q2). O referido urso é um personagem de desenho animado que possui cabelo no estilo *Black Power* na cor caramelo. “*Mas por que ele vai ficar com esse cabelo do Pedro de Lara? Não dá!*” (Q3). Pedro de Lara é uma personalidade de rádio, televisão e comediante brasileiro, que possui longos cabelos. “*Meio estranho, né?*” *Parece um vocalista do Bee Gees também, né?* (Q3). Bee Gees era uma banda formada por irmãos, que possuíam cabelos grandes.

Ainda durante o quadro, para não perder a característica que reporta às chaves da vinheta, o participante é comparado a uma máquina, que precisa ser “arrumada”, como aponta os excertos: “*Eu vou precisar disso, oh [tesoura de podar arvores]. É verdade, deve estar um chulé esse parmesão aí [queijo associado ao mau cheiro dos pés do participante]. É para cortar a unha, não o dedo. Olha, vai passar o esmeril [aparelho geralmente utilizado nas indústrias para lixar e polir superfícies], vai lixar, faz coceguinhas, olha lá, é agora, é agora, está caindo o cabelo, você viu o que caiu da barba dele? Estão fazendo chapinha ou vão cortar o cabelo? E agora”, [...]* a tesoura perdeu o corte [insinuando que o corte do cabelo estragou a tesoura] (Q2), além das diversas piadas que são ditas ao longo do processo para garantir a risada (Q1).

²⁰ Nome pelo qual era chamado o “funcionário” da monarquia encarregado de entreter o rei e rainha e fazê-los rirem.

Os apelos à atratividade se encontram presentes no decorrer do processo, pois sempre é perguntado às esposas se elas se sentem confortáveis em estar ao lado de seu marido, sempre com falas em tons irônicos conforme se pode observar na seguinte fala: “*Rodrigo Faro: Não dá, Rosana, você não aguenta mais dormir ao lado do Urso do Cabelo Duro? Rosana: Não aguento mais*” (Q2). Esse excerto evidencia que o participante estava insuportável pela sua feiura, ameaçando a vida conjugal.

Além disso, são proferidas frases de impacto, que demonstram rejeição à aparência do o cabelo dos participantes: “*Reportagem: Eu passaria a máquina zero aí! Cabelereiro: Não, vamos só cortar, fazer um corte legal, moderno. Reportagem: Não, bota fogo nessa cabeleira desgrenhada aí! olha isso!*” (Q3). Essas zombarias têm como suporte a aprovação da família, da plateia e dos telespectadores, pois a mudança só vale a pena se tiver alguém que veja e aprove a diferença. “*Rodrigo Faro: Vai esse cabelo ou fica esse cabelo, o que você acha? Rosana: Por mim vai. Rodrigo Faro: Vai? Rosana: Mas eu acho que ele não vai deixar tirar. Rodrigo Faro: Plateia, cortamos o cabelo do Neno ou não? Plateia: Sim.*” (Q2).

Observa-se também que ainda está incutido na subjetividade de grande parte do público masculino que a aproximação do homem ao que é socialmente considerado feminino pode colocar em “cheque” sua masculinidade, conforme se observa no diálogo: “*Rodrigo Faro: Olha isso, ele fazendo a sobrancelha! Rosana: Meu Deus, eu nunca achei que ele ia fazer a sobrancelha! Rodrigo Faro: Cortou a taturana. Jovelino: O que vão falar de mim no Butantan? Rodrigo Faro: É, vai ficar o galã do Butantan, vai ser o galã do Butantan.*” (Q2).

Por fim e afirmado que a mudança do cabelo, da barba e das unhas foi um processo de longa duração e que se exigiu muito investimento para se chegar ao que desejava, mas que todo o esforço valeu a pena, pois assim todos os signos corpóreos que se apresentavam como ruins foram eliminados, conforme podemos observar nas seguintes falas? “*Horas e horas de trabalho e ficou assim*” (Q1); “*Rodrigo Faro, foram horas de trabalho e parece que valeu a pena né?*” (Q2).

Assim, o corte dos cabelos dos participantes é enquadrado nas tendências de moda do momento, buscando sempre se pautar no requinte, na classe e na elegância, privilegiando um cabelo curto, até mesmo para facilitar na manutenção. Observa-se que o cabelo, junto aos dentes, no decorrer do *Arruma meu Marido*, é onde fica mais perceptível a mudança dos participantes. O cabelo é considerado como o elemento que irá moldar o rosto e possui um peso especial durante o quadro.

Cabe salientar que os cortes e os cuidados com o cabelo são feitos sem se preocupar com a identidade dos participantes, por exemplo, o cabelo *black power* do participante Jovelino, que é cortado curto demonstrando uma desvalorização de certos tipos de cabelos em detrimento a outros, pois cabelo *black power* entre os afrodescendentes carrega uma história de luta e resistência e faz parte de suas linguagens corporais e de sua identidade. Neste sentido, é destruído uma identidade negra pra se adequar a padrões de beleza hegemônicos, o que nos leva a questionar: não será possível ter um *Black Power* bonito?

Entretanto, esta etapa se mostra de suma importância para modificação da corporalidade dos participantes, pois, de acordo com o antropólogo Raul Lody (2004), o cabelo possui o poder de dizer muito sobre uma pessoa: o que ela faz, qual grupo está inserido na sociedade entre outras possibilidades. Assim, mudam-se visuais insensatamente, pois os cabelos não são somente da ordem da estética, mas sim da ordem social.

A ação da equipe de esteticistas

Após o trabalho da equipe de cabelereiros, os participantes são encaminhados para a equipe de esteticistas, que irão cuidar da pele dos participantes, realizando diversos procedimentos estéticos, a fim de minimizar em seus rostos quaisquer “sujeiras” e “impurezas” (DOUGLAS, 1976).

Doutora Silva: Vamos lá dar um jeito nesse rosto Carlão?

Reportagem: Olhando assim, o que a senhora vê?

Doutora Silva: Ah, vê que a gente pode dar uma tampada nessas olheiras que estão muito escuras, muito fundas, dá uma tampada nesses vazios, né? Que fica essa cara sempre vermelha, sempre rosadinha, e tratar um pouco dessas manchas, né? [esconder quaisquer imperfeições que podem ser vistas e que se caracterize como descuido]

Doutora Silva: Então é isso, Carlos, a gente vai começar pela luz pulsada. Então está bom Carlos, então vamos lá para picadinhas, primeiro a gente vai fazer aplicação da toxina botulínica para tratar então os pezinhos de galinha [nome popular das linhas de expressão da face em decorrência do tempo], essas marquinhas na testa [provocadas por acne].

Doutora Silva: Esse aqui é um *peeling* de ácido retinóico para dar uma fechada nos poros, dá uma afinada na pele [processo associado ao processo de rejuvenescimento da pele, para que sejam eliminados os sinais de idade].

Reportagem: E aí Carlão, curtiu lá dentro?

Carlão: Curti, gostei muito, viu, excelente. (Q1)

Reportagem: Como é que vamos começar esse tratamento?

Jovelino: Sinceridade eu não sei nem por onde eu começo.

Doutora Helot: Está tão ruim assim Jovelino? Vai sair coisa dessa cartola aqui. Faz para mim cara de bravo. [ele faz cara de bravo]. Isso, agora cara de

assustado! [ele faz cara de assustado]. Jovelino, isso aí, cara de mal [ele faz cara de mal]. Está bom, essas rugas que você forma aqui na testa isso a gente tem como melhorar. Então a gente vai fazer uma aplicação de toxina botulínica [aplicação de processos associados ao processo de rejuvenescimento da pele, para que sejam eliminados os sinais de idade].

Doutora Helot: Vamos lá, primeira picadinha Jovelino, pronto, nem foi tão ruim assim, não é Jovelino? Com essa lente a gente consegue avaliar até o pensamento [demonstrando a eficiência e eficácia do tratamento], você tem bastante cicatriz de acne na sua pele também, e a gente vai corrigir isso daí com laser. Bom Jovelino, agora que a gente já aplicou a toxina botulínica eu vou fazer a aplicação de um *peeling* no seu rosto, com o intuito de melhorar a textura, fechar os poros e reduzir a oleosidade da sua pele [aplicação de processos associados ao processo de rejuvenescimento da pele, para que sejam eliminados os sinais de idade] (Q2).

Reportagem: Jailton, você está acostumado a consertar biela, diferenciar o bloco, hoje você está numa oficina de gente, uma clínica estética que vai consertar você também, né? [associação do corpo enquanto uma máquina que necessita ser reparada e consertada para ter serventia]

Doutor Vander: Exatamente, vamos colocar a sua beleza em dia.

Reportagem: Esse aqui é o Vander e a Doutora Carolina. Como é que a gente conserta gente? [coisificação do sujeito]

Doutora Carolina: Bom, aqui no *Romana Beleza e Estética*, nós temos um tratamento completo e diferenciado para todos os clientes, a parte de estética facial e corporal completa.

Reportagem: E muda mesmo?

Doutor Vander: Muda bastante, bastante.

Doutora Carolina: Então Jailton, o que mais te incomoda na pele do rosto são as cicatrizes de acne?

Jailton: Esses furinhos tudo no rosto aqui.

Doutora Carolina: Você teve acne e nunca tratou? [indagação que culpabiliza os sujeitos pela situação de sua corporalidade].

Jailton: Para a pele só aqueles mesmo que com as unhas, né? Em casa. Agora que vai mudar as coisas.

Doutora Carolina: Você tem medo de agulhas?

Jailton: Eu não tenho muito não, porque a gente costuma tomar umas marretadas nos dedos.

Doutora Carolina: Todas as mulheres aguentam, você vai aguentar. [demonstrando que o cuidado para com a beleza é uma obrigação feminina, e deve ser também masculina] Então a gente vai tentar preencher essas cicatrizes usando o preenchedor que é ácido hialurônico, aqui na região da frente, da testa. Eu vou usar até para aliviar um pouquinho as ruguinhas que você tem que não são muitas, mas já estão se pronunciado [retirar quaisquer marcar de idade, por menor que seja]. Eu vou usar toxina botulínica. Está doendo muito? [ele não respondeu].

Doutora Carolina: Uma máscara de colágeno, e os ativos dela são ácido hialurônico e vitamina C. (Q3).

Durante o processo estético, são mencionados os nomes dos inúmeros procedimentos que os participantes são submetidos e a função e cada um para que sua beleza seja restaurada, conforme se observa na seguinte fala “[...] *vamos colocar a sua beleza em dia!*” (Q3). No

decorrer do processo são apresentados o passo a passo para se ter um rosto impecável e livre de quaisquer imperfeições. Demonstrando assim os inúmeros mecanismos que corroboram para que os corpos sejam readequados e rejuvenescidos, e possam ser visto e admirados em sociedade. Nesse sentido, Goosens (2004) destaca:

Embora o envelhecimento da pele seja irreversível, a ciência, a medicina, a estética oferecem vários recursos para frear a sua degradação. A beleza da pele é um dos principais atributos da nossa sociedade. Para mantê-la saudável, com qualidade e viço, devemos tratá-la com cuidados específicos para cada tipo (GOSENS, 2004, p. 43-44).

Observa-se que o *Arruma meu marido* oferece produtos e procedimentos estéticos para que a população possa se espelhar e para que também possam “prolongar” sua juventude. Assim, o público toma conhecimento do nome dos procedimentos e a função de cada um, para que eles também possam buscar a própria transformação corporal. Entretanto, terão que pagar por ela, já que são poucos os selecionados para participar do quadro.

Semelhante aos demais processos, nesta etapa o participante também é analogamente comparado a uma máquina, conforme podemos observar na seguinte frase, “*Jailton, você está acostumado a consertar biela, diferenciar o bloco, hoje você está numa oficina de gente, uma clínica estética que vai consertar você também, né?*” (Q3).

Os procedimentos estéticos se impõem também como elemento central na transformação da corporalidade dos participantes, pois ele será o responsável por trazer a aparência jovem, tão valorosa em nossa cultura. Além de eliminar os signos que se referem aos processos de envelhecimento, entendidos enquanto coisas negativas.

Assim, a transformação estética, apresentada no quadro *Arruma meu marido*, e para algumas pessoas da sociedade, é entendida como um mecanismo essencial para a melhoria da autoestima e garantia de um lugar privilegiado nas relações sociais. A beleza, neste sentido, deixa de estar ligada a questões de hereditariedade, e passa a se tornar algo que se compra. Nesta lógica, imperasse na contemporaneidade uma grande cobrança para com a estética, ainda mais com os inúmeros serviços e procedimentos disponíveis no mercado, assim, cada vez mais as pessoas buscam por tais produtos, e, muitas das vezes, acabam se submetendo a dívidas para poder entrar nos padrões estéticos impostos na sociedade, e vinculados e reiterado pelas mídias.

Entretanto, esta etapa também se mostra de suma importância para modificação da corporalidade dos participantes, pois será ela a responsável pela eliminação das “impurezas” (DOUGLAS, 1976) dos rostos, sendo este entendido em nossa cultura, pelo senso comum,

como “a janela da alma e o espelho do mundo”, pois reflete o que somos e mostra o que queremos demonstrar para o outro.

A ação do *Personal Stylist*

Por fim, é chegada a mudança na forma de se vestir, na qual o participante recebe uma consultoria de moda realizada por um que lhe diz o que deve ser usado e o que mais combina com sua nova aparência e forma física.

As roupas são colocadas como “signos” materiais e assumem importante lugar dentro da aceitação e integração dos sujeitos dentro do contexto social (BOURDIEU, 2009), conforme será analisado nos diálogos a seguir.

Reportagem: É isso mesmo, vamos arrumar o nosso maridão Mago, aqui a Taleb que sabe tudo. [mostra o consultor de imagem, junto ao repórter e o participante dentro de uma loja de roupas].

Taleb: Saindo do conto de fadas para a realidade, hein?

Reportagem: Se você não acredita em duendes, continue não acreditando, porque ele é um ser humano e vai ficar bonitão, viu?

Taleb: Vai ficar arrumadão, certão.

Reportagem: Agora já que você tem superpoderes, por favor, se tele transporta daqui para o provador e volte com uma roupa diferente, vamos ver se você sabe. [mediante efeitos especiais o participante desaparece de cena]

Carlão: Vamos, é para já [ele vai escolher uma roupa que usa no seu dia a dia].

Taleb: Look completamente errado, eu vou começar pelos pés, sapato preto social com calça jeans clara não dá, Humberto. [vão sendo apontados os erros cometidos pelo participante na roupa que ele escolheu para usar]

Reportagem: Não dá, né?

Taleb: Aqui tinha que colocar um sapatênis, está tudo errado, calça jeans está muito larga, são cinco números maiores do que o dele, olha o tamanho da perna, olha cintura, a calça está sobrando, um cinto de lona com sapato de couro, nada haver. A blusa está muito cumprida, não dá nem para achar o dedo. Gravata com camisa polo, jamais! Está muito curta, o certo é na altura do cinto. É completamente errado, Humberto. [vão sendo apontados os erros cometidos pelo participante na hora de se vestir]

Reportagem: Vamos logo mostrar o look certo para a galera saber como é que é. Cadê aquele instrumento todo que você usa lá? [referindo-se ao cajado e ao chapéu de mago do participante] Olha aí, look certo agora, hein? [o repórter se veste com tais instrumentos e realiza uma mágica, mudando a roupa do participante para o que é considerado correto].

Rodrigo Faro: Agora sim!

Reportagem: Não é que deu certo? Eu estou aprendendo, hein cara? É esse o look certo, Taleb? [referindo-se a mágica feita e a escolha da roupa]

Taleb: É esse o look certo!

Reportagem: Então vamos explicar, vamos explicar, mas poh, por favor: tira, tira! Ainda bem, eu não estava me sentindo bem com aquilo tudo, hein? Pesado o cajado! Bom, vamos explicar Taleb, como que é o look novo, e aí o

que temos então no certo? [o reporte veste uma roupa de mago, brincando com a forma que o participante se vestia, e solicita que seja feita uma mágica para eliminar tais elementos de seu corpo]

Taleb: Nos pés um sapatênis preto casual com uma calça jeans também nesse tom de preto, é um black jeans, como ele está um pouco acima do peso deixa ele mais alto, mais magro, uma polo de manga comprida bacana também para ele sair à noite, num dia que está um pouquinho mais frio, um vento, ele está ótimo para ir em qualquer lugar. [vai sendo mostrado às peças corretas para serem usadas de acordo com o corpo do participante]

Reportagem: Dá para ir até no *Moto Clube* assim, elegante, né? [mostra ele vestindo uma roupa preta, com estilo social]

Taleb: Preto a cor do **Moto Clube**, o cara está super em cima, detalhe, cinto sempre escuro, como ele tem muita barriga o cinto claro chama atenção para barriga, então sempre na cor da blusa e da calça para não chamar atenção [manipulação da autoimagem pela roupa].

Reportagem: Como é que pode, dá uma olhadinha no espelho, olha lá, Taleb, oi, tudo bem? Ué, o marido não está aqui, mas não está no espelho. [Nesse momento como ele é apresentado como bruxo, simula-se seu desaparecimento].

Carlão: Olha eu aqui, oxe!

Reportagem: Maridão que negócio é esse? [pergunta feita pelo Rodrigo Faro, referindo-se a simulação do desaparecimento do participante]

Rodrigo Faro: Gente, ele estava lá, mas no espelho ele não estava. Paula, o que você achou do novo visual do seu maridão, está bonito? [volta para o cenário da emissora]

Paula: Está muito bonito, o estilo está maravilhoso (Q1).

Reportagem: Rodrigo Faro, chegou a hora de mexer no visual do meu amigo Jovelino, o Neno porque, afinal de contas, é Black e pode ficar mais beautiful ainda com a ajuda de Leka Kalvin consultora de imagem de novo com a gente, não é Leka?

Leka: Olá, prazer estar aqui de novo com vocês. [mostra a consultora de imagem, junto ao reporte e o participante dentro de uma loja de roupas].

Reportagem: Obrigado, viu? Hoje, especialmente para o *Arruma Meu Marido*, nós temos a ajuda de uma sumidade, um king, um verdadeiro rei, o pai da *Som Music* Brasileira, vê se você conhece pelo estilo. Aí vem, especialmente para o *Arruma Meu Marido*, Gerson King Combo [trata-se de um convidado especial para o quadro].

[...]

Leka: Eu escolhi uma roupa bem social, só que ao invés da gravata eu optei por colocar uma camiseta branca por baixo da camisa. No clássico calça jeans e camiseta, a gente acrescentou uma camiseta por cima, para dar um toque diferenciado, para trazer um estilo melhor para ele. [vai sendo mostradas as peças corretas para serem usadas de acordo com o corpo do participante].

Jovelino: Ela não vai acreditar. [referindo-se a esposa]

Rodrigo Faro: Olha isso.

Rosana: Olha, gatinho. [as imagens se intercalam entre estúdio e a loja de roupa]

Rodrigo Faro: Olha lá.

Leka: Esse look que é o que mais mostra a personalidade do Neno, então eu escolhi uma calça, mas ela tem uns bolsos externos com uma marcação um pouco maior. E outra coisa legal que eu gosto muito de trabalhar, é a sua

preposição, então aqui eu coloquei duas [blusas] polos, uma vermelha e uma branca, porque o branco traz um pouco de luz também para o rosto. Então isso é bacana também, a polo vermelha com tom de pele poderia ficar muito escuro [fornecendo toda uma lógico de como se vestir e se apresentar em sociedade, vai sendo mostrado às peças corretas para serem usadas de acordo com o corpo do participante].

[...]

Rosana: Gostei.

Rodrigo Faro: Você já tinha visto o maridão de terno, há quanto tempo você não via o Neno de terno? [é mostrado o participante vestido de terno]

Rosana: Só no meu casamento.

Rodrigo Faro: Só no casamento?

Rosana: Só (Q2)

Reportagem: Rodrigo Faro, hora de mexer no visual do nosso maridão, e o Jailton está passando pelo teste de coloração pessoal. [mostra-se o consultor de moda colocando pedaços de tecidos de cores diversas sobre o corpo do participante, comparando os tons do tecido com o tom de pele dele].

Consultor: A cor dele deu inverno puro. [mostra um pedaço de tecido azul, e é simulado mediante efeitos especiais uma neve]

Jailton: Pô, eu estou até com frio no inverno puro aqui.

Consultor: Quando você coloca o cinza chumbo você tem que pôr sapato marrom, meia marrom e cinto marrom, sempre fica mais bonito do que o preto, e ele está com uma camisa que é gola italiana que ela é um pouco mais aberta e muito mais estilosa, e uma gravata roxa que está super na moda. [vai sendo mostrado às peças corretas para serem usadas de acordo com o corpo do participante].

Jailton: Chega de graxa [Risos].

Consultor: Ele está de Dockside, vai usar muito agora no verão, e a gola V ela ajuda a dar uma aumentada no tórax dele [ênfatizando onde as pessoas podem conseguir as peças para também se adequarem aos padrões estabelecidos].

Reportagem: Mas isso aí não é para sujar de graxa não, hein? [há lugares onde se pode usar essa roupa, não é para todos os momentos, assim deve-se ter diversas peças para cada ocasião – consumismo].

Jailton: Não, longe da oficina! [confirmação da manipulação dos corpos pelo discurso]

Consultor: Ele está com um sapato, com um driver que ele pode usar com a calça. Oh ele pode usar também com uma bermuda, com estilo mais informal. O cara está super estiloso [ênfatizando que com a consultoria ele se encontra bem melhor]. Estando de preto o cara está bem em qualquer lugar. A tendência para o verão é você usar calça mais seca e ela mais curta também e virada. O xadrez agora no verão ele vai ser muito usado, mas não um xadrez pequeno, um xadrez grande, largo. [vai sendo mostradas às peças corretas para serem usadas de acordo com o corpo do participante].

Rodrigo Faro: Ficou bonito hein? (Q3)

Nos diálogos acima se observa que a forma de vestir é algo de grande importância em nossa sociedade. A imagem física que possuímos condiciona o pensamento que os outros têm de nós, assim, para passar uma imagem que desejamos, buscamos, dentre diversos

mecanismos, as roupas, ou o vestuário como aparelho produtor de signos capaz de suprir o que desejamos.

Bergamo (2007) aponta que as roupas, quando vistas sobre o prisma da inserção dos sujeitos em sociedade, são capazes de expor nossos valores e crenças, e possuem o poder de fornecer indícios de nossa personalidade. Neste sentido, Aguiar (2003) afirma que as roupas são formas de comunicação não verbal. Deste modo, neste processo, o *personal stylist* irá decifrar os códigos de vestimenta, e fornecer aos sujeitos maneiras de se apresentar em sociedade de modo a valorizar seus corpos e sua identidade.

Contudo, como enfatizado por Eliane Aguiar (2003), cabe destacar que, para se vestir alguém, como é o caso dos *personal stylist*, é necessário deslocar-se de seus valores e de sua cultura, assim se deve ver e compreender o lugar em que o outro ocupa em sociedade. O profissional que trabalha com modificações na forma de vestir e se portar de outrem, não devem impor seus gostos pessoal, pois assim fará com que seus clientes percam sua identidade e singularidade, desta forma, os mesmo olham-se no espelho e não se reconhecem. Qualquer transformação, por mais sutil que seja, deve ser feito em processos, de forma lenta e sempre ponderando a opinião do cliente.

Assim, no *Arruma meu marido* é fornecido, ao longo da consultoria, pelos *personal stylist* o passo a passo de como se vestir bem e se apresentar de uma maneira socialmente valorizada pela sociedade. Além de subterfúgios ou truques de moda para manipulação da autoimagem, ao longo do quadro é indicado aonde se pode comprar cada peça para que desta forma as pessoas também possam se adequar ao que é indicado pelos “peritos” (GIDDENS, 1991) da moda, conforme podemos observar nas seguintes falas, “É esse o look certo [apontando o que deve ser usado, fora isso é errado]. Bom, vamos explicar Taleb, como que é o look novo, e aí o que temos então no certo? [passando a consultoria de como se vestir bem e se apresentar na sociedade para o público que assiste, se caracterizando como uma pedagogia da forma de vestir] Nos pés um sapatênis preto casual com uma calça jeans também nesse tom de preto, é um black jeans, como ele está um pouco acima do peso deixa ele mais alto, mais magro” [maneiras de manipular a autoimagem através das roupas, pois ainda se percebe signos corpóreos como apontado por Mirian Goldenberg (2011) que não são aceitos em nossa sociedade e devem ser escondidos].

Assim, os elementos e os subterfúgios providos pelo universo do campo da moda fornecem mecanismos para a manutenção de um fantasioso pertencimento em sociedade,

funcionando como “suportes de experiências diversificadas de status” (BERGAMO, 2007, p. 14).

De acordo com Bergamo (2007), na moda há uma hierarquização, onde os sujeitos usam como critério o grau de aproximação com estilistas, grifes ou profissionais ligados a esse segmento como forma de manutenção de prestígio. Desta maneira, “[...] o discurso sobre tais pessoas, assim como suas roupas, seu reconhecimento visual, é igualmente um esforço para acentuar essa posição privilegiada” (BERGAMO, 2007, p. 126). Por conseguinte, todos aqueles que se encontram distantes de tais critérios são considerados “sem importância” e tornam-se “alvos” e/ou “refêns” da cadeia de consumo como forma de ascensão social.

Outro ponto que chama atenção é o uso do terno. Inicialmente o apresentador questiona a esposa com a seguinte pergunta, e posteriormente obtém sua resposta, conforme podemos analisar na seguinte frase, “*Você já tinha visto o marido de terno? Há quanto tempo você não via o Neno de terno? Só no meu casamento. Só no casamento? Só*” (Q2).

Deste modo, o terno merece uma atenção e um destaque maior, pois será ele que irá conferir certa elegância. Segundo Anne Hollander (1996),

O terno apresenta, desde seu nascimento, características simbólicas que até hoje são vigentes. Expressam masculinidade, mas não restringem o corpo como a armadura ou gibões da Renascença. Possui caimento fácil e esconde a superfície do corpo de modo bastante completo, o que o faz ter a reputação de inexpressivo, em uma época de músculos trabalhados e quase nudez dos corpos. (HOLLANDER, 1996, p. 144-145)

Assim, o terno é, de certa forma, considerado como uma proteção, uma armadura do dia a dia nas relações sociais, e apresenta valores simbólicos que estão diretamente ligados a sua utilização, como por exemplo, por advogados, empresários, ocasiões formais, casamentos e afins, principalmente no que se refere “impacto visual” que o terno causa: seriedade, profissionalismo, charme. O terno, neste sentido, incorpora significados de *status* e de inserção social dos sujeitos que o veste, e é considerado como “um espelho da moderna autoestima masculina”, nas palavras de Hollander (1996, p. 76). Observa-se então que, no *Arruma meu marido* os ternos assumem um caráter que conferem ao participante competência, credibilidade e masculinidade.

Por fim, mas não menos importante, a transformação e adequação na forma de se vestir, se mostra de suma importância para modificação da corporalidade dos participantes no quadro *Arruma meu marido*, e nos aponta indícios de suma importância para se compreender como o vestuário reflete valores de nossa sociedade, pois, assim como enfatizado por

Bergamo (2007), a roupa é um símbolo capaz de dizer muito sobre os indivíduos, assim, a roupa que usamos, nesta lógica, pode nos colocar “perigosamente” expostos em sociedade, mesmo vestidos dos pés a cabeça. O vestuário possui então a capacidade de configuração das identidades, habilitando ou desabilitando os indivíduos nas interações sociais, e apontando seu lugar e papel dentro da trama social.

4.2. O corpo belo e o novo eu dos participantes

Assim como abordado no tópico que se trata sobre o corpo “feio”, para podermos demarcar e entender o lugar do belo na contemporaneidade torna-se necessário situarmos qual o destino dele na História, para tal, recorreremos também, mediante um recorte desse amplo assunto, traçar algumas concepções deste a partir da obra *História da Beleza*, de Umberto Eco (2004).

Ao longo da história a concepção de belo foi aporte teórico de diferentes perspectivas. Artistas, filósofos, cientistas sociais, historiadores e outros profissionais, de acordo com suas singularidades e visões, traçaram significados e definições para tal. Conforme ECO (2004), desde a Grécia antiga até a contemporaneidade, a ideia do que consideramos belo é uma construção social dotada de discursos e imaginário. Assim, cada época configurou o conceito de belo à sua maneira, por conseguinte, este conceito passou por diversas transformações e foi entendido de acordo com seu tempo. Entretanto, o autor afirma que o conceito de belo sempre esteve ligado a proporções pré-determinadas:

“Belo” – junto com “gracioso”, ou “sublime”, “maravilhoso”, “soberano”, e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que, nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço entre belo e o bom (ECO, 2004, p. 09).

Os conceitos relativo ao que se é considerado belo, assim como exposto no conceito de feio, não foram, e não são, necessariamente, fundamentados sobre o caráter estético, mas sim sobre discernimentos morais, sociais e políticos. Nesta perspectiva Eco (2004), afirma que esses conceitos são confusos, sendo denominado pelo autor como “politeísmo de belezas” e que nem sempre é a aparência física a que cativa mais.

Contudo, o que conhecemos como beleza, ainda parte da noção de uma estética impecável, na qual homens e mulheres buscam, incessantemente, corpos magros, livres de sinais de idade, e que se apresentem na sociedade de forma “organizada” (DOUGLAS, 1976).

Conforme Oliveira (2001, p. 183), “[...] a beleza, em nossos dias, define-se [...] como uma questão construída/exibida por discursos normativos [...]”, que contam com o subsídio de diversas mídias, sendo respaldado pelo comércio da beleza e da boa forma. Conforme Romais:

O corpo hoje é incensado e a ele se dedicam todas as tensões. É a teologia do nosso tempo. Deve manter um visual ótimo - belo, jovem, saudável [nem sempre eles são], sedutor. Esses padrões estéticos são reverberados pela mídia incansavelmente (nem apresentadores de telejornal escapam ao cerco; já não basta ser competente, é preciso ter boa imagem, glamour, charme). É a fetichização do corpo, a partir da qual nascem heróis, ídolos e mitos que catalisam desejos e sonhos, criados e fomentados pela mídia. (ROMAIS, 2001, p.25)

Esses desejos e sonhos são construídos por pedagogias veiculadas em nossa cultura, expressas em nossos costumes e em nossos corpos, desde nossa infância, por meio de histórias infantis e brinquedos que nos apresentam o que é considerado belo e a sua importância social. O belo, nas histórias, está sempre associado a pessoas e seres que representam o bem, aos mocinhos da história, aos personagens importantes, que vivem cercados por pessoas e que servem como exemplos a serem seguidos.

São príncipes e princesas, que possuem tudo o que desejam, desde bens materiais como castelos, carruagens e viagens, aos imateriais, como, o amor puro e verdadeiro, o prestígio e o reconhecimento social, dentre outros valores derivados do beleza. Esses personagens possuem rostos simétricos e impecáveis, cabelos penteados e hidratados, sorrisos largos e brilhantes, belas roupas, sendo tudo pensado e arquitetado sobre a lógica do belo.

Partindo da lógica que rege os contos de fadas, os participantes após suas transformações são mostrados ao público. Eliminados os traços da feiura, eles agora são sujeitos e corpos que importam, são príncipes, são galãs que poderão alcançar tudo àquilo que almejam, graças à transformação proporcionada pelo *Arruma meu marido*.

Os *realities shows* de transformação, não abstendo aqui somente aos de mudança corporal, possuem uma característica marcante: o dizer adeus a roupas, utensílios, casas, móveis e a antiga aparência física. Não importa o valor sentimental e afetivo que as pessoas possuem por tais pertences, a regra é a contemplação e a celebração ao novo. A única coisa da velha pessoa que não é descartada são as fotografias, pois elas servem como a prova de quem se era, ou de como se era, uma forma de provar as mudanças ocorridas, uma confirmação de que o que vem depois é o melhor.

No quadro *Arruma meu marido*, o adeus ao “antes” e a celebração do “depois” está na base do programa. Através de inúmeras intervenções, desde pele, dentes, cabelos, barba e traje, os participantes vão adquirindo uma nova feição. Aprendem a serem, se portarem e a se vestirem como nunca foram. Ou seja, uma verdadeira pedagogia de como ser aceito e parecer belo, seguro, confiante e bem sucedido em nossa sociedade.

Essa interiorização do ser acontece mediante o “olhar do outro” em que a exposição da intimidade dos participantes só é válida se um “outro” estiver olhando. Dessa forma, os participantes passam por todo o processo de transformação não por uma satisfação pessoal, mas sim pela necessidade de mostrar aos outros que é capaz de mudar. É necessário provar ao mundo, aos amigos, à família e a toda a audiência que eles estão certos.

Assim, após fortes apelos emotivos e o participante sofrer diversos tipos de intervenções realizadas pelos “peritos” (GIDDENS, 1991) da beleza e da boa forma, a partir de discursos e poderes a eles instituídos como verdades, os corpos passam por um processo de disciplinamento (FOUCAULT, 2000). Finalmente, é chegada a hora de revelar a “nova pessoa”. Um grande mistério envolve o momento de revelação, que constitui um verdadeiro espetáculo que coloca a prova tudo o que foi dito no decorrer do programa.

No programa Q1 a transformação apresentada é do participante Carlos, e é proferido o seguinte diálogo sobre sua nova corporalidade:

Rodrigo Faro: Não é possível, não é possível, o cara está parecendo galã. [...] Carlão, fica aqui do meu lado! Isso! Gente, até eu estou assustado de te ver cara! Ele ficou bonito ou não ficou galera?

Plateia: Ficooou!

Rodrigo Faro: Paula, o que você diz do teu marido agora?

Paula: Está muito melhor! [belo](Q1).

Após a transformação, o mesmo Rodrigo Faro que chamou Carlos de bruxo e mago vindo de um filme de terror, o apresenta como um verdadeiro galã, associando sua nova aparência às celebridades que são vinculadas nas grandes mídias. Rodrigo menciona não acreditar na radical mudança sofrida na corporalidade do participante, enfatizando que está “*assustado*” em vê-lo.

Durante a apresentação da transformação, torna-se necessário que o público/sociedade (ali representado pela plateia) reafirme que realmente ocorreu à mudança que o tornou uma pessoa melhor.

Em seguida, é a vez da aprovação da esposa, a que se encontrava desconfortável com a aparência do marido e, por isso, o escreveu. Ela é a principal interessada e deve dar sua

aprovação no processo de transformação. Percebe-se então que, quando perguntado pelo apresentador “o que você diz do seu marido agora?”, a esposa é categórica e diz: “*Está muito melhor*” esboçando uma feição total contemplação da realização, pois ela havia agora alcançado o objetivo proposto.

Após causar grande expectativa no telespectador, abre-se um grande telão e eis que surge, como num passe de mágica, o participante totalmente modificado, como mostra a imagem a figura 07:



Figura 07 – Apresentação do “velho” e “novo” Carlos
Fonte: Print do quadro *arruma meu marido* (Q1), Rede Record de Televisão

Na apresentação da “nova” corporalidade de Carlos, o “novo” marido é apresentado sem barba, com cabelos pintados e cortados curtos, sobrancelhas feitas, e um belo sorriso. Além disso, o marido é apresentado trajando um blazer, com uma camisa listrada em tons de branco e azul claro, calça jeans e sapatos sociais.

No quadro Q2, é apresentada a transformação do participante Jovelino, que antes era destacado como *black power*, passa a ser chamado de galã de novela, sendo proferido o seguinte diálogo sobre a sua nova corporalidade:

Rodrigo Faro: Deixa eu dar um abraço no Neno! Oh Neno, cara, não espera Aí, plateia dá uma olhada nisso aqui gente! É inacreditável, olha... família! Pode vir a família aqui também [no palco]. Vem todo mundo para cá, porque está todo mundo querendo abraçar! Vem cá Miquéias, abraça o papai aqui, óh! Olha lá, tem um monte de gente querendo te abraçar! Olha lá, olha o papai, que lindo! Olha o sorriso, hein? Que sorriso branco, que coisa, hein? Ele é um homem novo! Está parecendo galã de novela, não está?

Triunfo: Está parecendo, eu pensei que era um gringo que estava chegando aí, alguém do Rapper

Rodrigo Faro: [...] Rosana melhorou ou não melhorou?

Rosana: Cem por cento! (Q2)

Após a transformação, Jovelino é apresentado por Rodrigo Faro como um verdadeiro galã de novela, associando sua nova aparência às celebridades que são vinculadas nas telenovelas. Rodrigo enfatiza não acreditar na mudança do participante, sendo enfático ao dizer “*dá uma olhada nisso aqui gente, é inacreditável*”.

É apontado no decorrer do dialogo o resultado dos diversos procedimentos realizados para a melhoria da aparência física do participante, demonstrando como a mudança vale a pena ser feita, como se pode observar na seguinte fala: “*que lindo! Olha o sorriso, hein? Que sorriso branco, que coisa, hein? Ele é um homem novo!*”. Sua nova condição corporal é comparada com a de alguém de outro lugar, de tão belo que ficou é comparado como um “*gringo*” ou ainda com uma celebridade do “*rapper*”.

Por fim, é chegada à vez da aprovação da esposa, que se encontrava desconfortável com a aparência desarmoniosa do marido e deve dar a sua aprovação no processo de transformação. Percebe-se que quando é perguntado pelo apresentador “*melhorou ou não melhorou?*”, a esposa é categórica e diz com firmeza: “*Cem por cento!*” demonstrando uma total alegria pela transformação de seu marido.

Após criar tantas expectativas, abre-se um grande telão e eis que surge, como num passe de mágica, o participante totalmente modificado, conforme podemos verificar na Figura 08:



Figura 08 – Apresentação do “velho” e “novo” Jovelino
Fonte: Print do quadro *arruma meu marido* (Q2), Rede Record de Televisão

A apresentação da “nova” corporalidade de Jovelino então é apresentado, o “novo” marido se encontra sem barba, com cabelos cortados curtos sem o *Black Power*, sobrancelhas

feitas, e um belo sorriso. O marido entra ao palco trajando um blazer na cor preta, com uma camisa lisa em tom claro, calça jeans e sapatos sociais.

No programa Q3, a transformação apresentada é do participante Jailton, e é proferido o seguinte diálogo sobre sua nova corporalidade:

Rodrigo Faro: Então vamos lá! Agora gente, chegou o momento, a família está toda lá, o papai, seu Carlos, Dona Eliza, olha o Lucas, o Cristiano, os amigos, vem para cá porque agora, agora é hora de revelar mais uma transformação do Arruma Meu Marido! Plateia, vamos lá, a plateia já sabe, todo mundo com a mão para cima mandando energia positiva para o telão porque é o grande momento de ver o velho Pucuthuco Jaílton transformado dos pés à cabeça. Contando comigo, pessoal, para abertura do telão: cinco, quatro, três, dois, um! Pode abrir o telão *Arruma Meu Marido*. Olha o novo Jaílton! Que é isso! Vem pra cá, Jaílton! Meu Deus do céu! Olha o Jaílton! Tem alguém querendo te abraçar! Jaílton, tem alguém querendo muito te abraçar! Muito, muito, Muito Pode vir a família! Vem para cá a família Toda Pode vir seu Carlos, Dona Eliza! Jaílton, rapaz, não é a mesma pessoa! Não é Possível Não é possível, gente! Espera um pouquinho! Espera um pouquinho! vamos mostrar! Espera aí! Esse aqui é o mesmo Jaílton? Olha a plateia! Nem a plateia está acreditando que pode ser o mesmo Jaílton! Olha quem está aqui: papai, mamãe, todo mundo querendo te rever! Jaílton, vai lá! Vai lá, tem muita gente querendo te rever, te abraçar! A Telma pediu, o marido novo está aí!

Telma: Ele merece! (Q3)

Jailton após sua transformação é apresentado por Rodrigo Faro com muito espanto, como pode-se observar na seguinte fala: “*Vem pra cá, Jaílton! Meu Deus do céu! Olha o Jaílton!*” em uma teatralidade, o apresentador diz que não acreditava em tal mudança. Ele destaca que se recusa a acreditar tratar-se da mesma pessoa, pois, após as inúmeras interferências ocorridas no seu corpo, após a eliminação dos signos corpóreos que estavam em desarmonia (GOLDENBERG, 2011), o antigo Jailton foi deixado para trás e renasceu bem mais bonito e atraente.

Durante o diálogo, o apresentar enfatiza que o quadro cumpriu com o que foi proposto para a esposa, que todas as solicitações e apelos foram atendidos e que, a partir daquele momento, tudo será melhor, como mostra a seguinte fala, “*a Telma pediu, o marido novo está aí!*” E ela, carregada de emoção diz: “*Ele merece*”. Merece ser um homem mais bonito, pois foram eliminados os sinais corpóreos que provocam a vergonha e a desordem, cuja transformação pode ser evidenciada na Figura 09:



Figura 09 – Apresentação do “novo” Jailton

Fonte: Print do quadro *arruma meu marido* (Q3), Rede Record de Televisão

Na apresentação da “nova” corporalidade de Jailton, o “novo” marido é apresentado sem barba, com cabelos cortados curtos, sobrancelhas feitas, um belo sorriso, trajando um blazer na cor preta, com uma camisa listrada em tons de azul, calça jeans e sapatos sociais.

Neste sentido, ao nos reapresentar o dito “novo” marido (Figura 07; Figura 08 e Figura 09), percebe-se que se é cumprido o que a antropóloga Mary Douglas (1976) categoriza como “ordem” e “pureza”, os corpos passam a serem vistos como algo agradável, que já não causa nenhum perigo eminente. Observa-se que são eliminados todos os signos corpóreos (GOLDENBERG, 2011) que se encontra em desarmonia com o esperado em nossa cultura, são “varridos” e eliminados, ou como sugere o quadro: consertado, todos os sinais que, de certa forma, causam alguma repulsa, ou certo estranhamente. Assim, observa-se um corpo limpo, puro e livre de quaisquer características que deprecie sua imagem, quaisquer sinais que indiquem desprezo ao corpo (DOUGLAS, 1976).

Os corpos agora podem ser usados como forma de capital, como destaca Goldenberg (2011), que possibilitará que eles possam ser atuantes dentro das diversas esferas sociais, conforme abordaremos no seguinte tópico.

4.3. Corpo e atratividade

As [pessoas] feias que me desculpem, mas a beleza é fundamental!
Vinícius de Moraes – *Poesia Receita de Mulher*

Pode-se afirmar que beleza é um movimento de meritocracia. A nossa sociedade e pautada na moral da estética, mata-se uma barata, pois ela está associada à sujeira, ao nojo, ao esgoto – local este onde são jogados os restos, o que já não se aproveita. Sua aparência causa repulsa em grande parte da sociedade, Porém, em contra partida, não se mata uma borboleta, pois esta está condicionada os melhores predicados possíveis, traz sorte, espalha beleza e encanto por onde passa. Observa-se que o importante é a aparência, ela irá dizer qual será o seu destino na sociedade, isso serve para animais, coisas, e pessoas.

Os corpos masculinos, na contemporaneidade das sociedades ocidentais são performativos. Nesta visão, Butler (2008, p. 164) pondera que “Ato, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos”. Embora, esta visão se difere das expostas no capítulo 2, tomaremos neste momento da pesquisa tal concepção para que possamos compreender as questões relativas ao corpo masculino e seu desempenho no que se refere à atratividade.

Dessa forma, os corpos viris, másculos e torneados são sempre associados a corpos de sucesso. São corpos fabricados. Nesse sentido, Buci e Kehl (2004, p. 174) mencionam que “[...] o corpo que você usa e ostenta vai dizer quem você é. Pode determinar oportunidades de trabalho. Pode significar a chance de uma rápida ascensão social”.

Assim, ao falar sobre corpos, em especial os masculinos, é importante refletir sobre a noção, inculcada, em nossa sociedade, de que há uma relação estreita e de complementaridade entre beleza e sexualidade. Os homens que detêm certos atributos físicos e possuem uma “boa aparência” fazem alusão à virilidade e à boa saúde. Assim, compartilho dos questionamentos de Eugênio Bucci e Maria Kehl (2004): “Que corpo você está usando ultimamente? Que corpo está representando você no mercado de trocas imaginárias? [...] Que imagem você tem oferecido ao olhar alheio para garantir seu lugar no palco das visibilidades em que se transformou o espaço público no Brasil?” (BUCI; KEHL, 2004, p. 174).

De acordo com pesquisas realizadas pela psicanalista Susie Orbach (2000), as frustrações ocorridas nas relações sexuais e afetivas são frutos de um determinado modelo de beleza enraizados em nossa cultura, pautado em corpos esteticamente perfeitos, belos, magros e jovens, e que vem ocasionando significativas intervenções psicossociais e físicas nos sujeitos, a ponto ocorrer um grande número de distúrbios alimentares e corporais para uma adequação a modelos tidos como hegemônicos.

Nesse sentido, durante o quadro *Arruma meu marido*, é enfatizado que ser “bonito” funciona como mecanismo de atratividade nas relações diárias, sendo que as pessoas que detêm melhores atributos físicos possuem maiores chances de ser bem sucedidas, e que pessoas que não se enquadram nos padrões estéticos estabelecidos em nossa sociedade não usufruem das mesmas oportunidades. Assim, beleza e atratividade andam lado a lado, mas não se trata de qualquer beleza, já que beleza é algo subjetivo, mas da beleza exposta pela mídia através das celebridades vinculadas em novelas, programas, revistas e afins. Um padrão muitas vezes alcançado somente mediante intervenções da tecnologia fotográfica e computadorizada, do tipo Photoshop. Desta maneira, Costa afirma que

Os indivíduos, além se serem levados a ver o mundo com as lentes do espetáculo, são incentivados a se tornar um de seus participantes pela imitação do estilo de vida dos personagens da moda. A imitação, contudo, não pode ir longe. A maioria nem pode ostentar as riquezas, o poder político, os dotes artísticos ou a formação intelectual dos famosos, nem tampouco fazer parte da rede de influências que os mantém na mídia. Resta, então, se contentar em imitar o que eles têm de acessível a qualquer um, a aparência corporal. (COSTA, 2004, p.230).

Diante da preponderância da aparência, Le Breton (2009, p. 10) menciona que “[...] o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída [...]”. Neste sentido, o quadro *Arruma meu marido* busca intervir na aparência física dos participantes, para que a corporalidade deles seja reformulada e facilite no relacionamento entre seus familiares, esposas, filhos e amigos. Contribuindo, muitas das vezes, no desempenho sexual e afetivo do casal, fornecendo a esses sujeitos uma reinserção no contexto social e no mercado das trocas simbólicas, como evidencia o excerto:

Reportagem: Agora Paula, me ocorreu que se ele voltar bonito pode ser que aquelas outras namoradas, as três, voltem atrás dele.

Paula: Eu vou estar preparada.

[...]

Paula: Isso foi num carnaval, eu conheci um moço mais desarrumado do que vocês viram, não gostei. Juro que eu fugi, não queria saber!

Rodrigo Faro: Ele tentou de todo o jeito?

Paula: Tentou, depois de uma semana ele estava querendo falar comigo, eu fugia, quando eu o vi arrumadinho, bonitinho, aí eu me apaixonei.

Rodrigo Faro: Aí você que se apaixonou?

Paula: Eu me apaixonei.

Rodrigo Faro: Na verdade não há dúvidas do amor que a Paula tem pelo Mago, porque muitas outras mulheres já tinham pedido para sair, não é galera? Como é que você convive com esse conjunto da obra Paula? Porque a obra está mal-acabada mesmo (Q1).

Reportagem: Haja amor para aguentar o negrão, hein.

Rosana: Haja! Todo mundo fala isso, fala meu Deus é muito amor para você ficar com ele...

Reportagem: Muito amor!

Rosana: Faz o que, eu amo, né?

[...]

Rodrigo Faro: Se ele ficar bonitão você não vai ficar com ciúmes?

Rosana: Claro que eu vou.

Rodrigo Faro: Imagina!

Rosana: Já estou!

Rodrigo Faro: Já está agora?

Rosana: Já estou.

Rodrigo Faro: E nem começou ainda, e nem começou, podemos continuar?

Rosana: Podemos!

Rodrigo Faro: Ainda tem muita coisa para fazer, hein? mas está melhorando (Q2).

Reportagem: Agora que passou como É que é dar uma bitoquinha naquela boca?

Telma: Ah, é estranho, você imagina a janelinha ali no meio, né?

Reportagem: Mas rola uma bitoquinha?

Telma: Ah rola, tem que rolar, né?

[...]

Telma: A nossa relação, a gente briga muito, como todo casal, mas a gente tem muito amor um pelo outro, e a gente tem uma família, estamos querendo ter um filho agora.

Rodrigo Faro: É, arrumado vai ficar mais fácil, ele gatão, imagina?

Telma: Vai dar mais gosto! Tomara que eu venha gêmeos e bem parecido com ele, né?

Rodrigo Faro: Que beleza, a gente vai arrumar o cara, e ele era bonito, então pronto!

Telma: Aí vai ficar bonito! (Q3).

Nos excertos acima, observamos os diversos apelos que corroboram a ideia de beleza e atratividade. Após a modificação dos maridos, reestrutura-se sua performatividade (BUTLER, 2008) dentro do contexto social e das trocas afetivas.

As falas nos fazem pensar, assim como enfatizado por Goldenberg (2011), que o corpo funciona como uma forma de capital, que é usado em nossas relações diárias com os outros, podendo, deste modo, nos auxiliar nas mais variadas instâncias da vida em coletividade, inclusive na atratividade enquanto um corpo sexual.

Assim, observa-se uma relação estreita beleza e sexualidade. Os homens que detêm certos atributos físicos e possuem uma “boa aparência” são considerados mais viril e possuem melhores chances em suas conquistas, como aponta as falas: *“Agora Paula, me ocorreu que se ele [marido] voltar bonitão pode ser que aquelas outras namoradas, as três, voltem atrás dele [porque antes, quando era considerado feio, ninguém se importava com ele, mas com sua nova aparência, o marido se torna mais atrativo, mas viril, mais galanteador e conquistador]. Eu vou estar preparada” (Q1). “Se ele [marido] ficar bonitão você não vai ficar com ciúmes?*

[após a transformação o marido será mais cortejado, terá maiores oportunidade] *Claro que eu vou!*”(Q2), *“A nossa relação, a gente briga muito, como todo casal, mas a gente tem muito amor um pelo outro, e a gente tem uma família, estamos querendo ter um filho agora. E arrumado vai ficar mais fácil, ele gatão, imagina? Vai dar mais gosto, tomará que venham gêmeos, e bem parecido com ele, né?”* [beleza ligada à atração sexual, ao desejo e à possibilidade de fazer filhos. Além disso, a esposa deseja que os filhos se pareçam com o pai, que está mais “bonito” após a transformação, demonstrando como beleza é um elemento primordial na relação, por isso, há o desejo de que a beleza do pais se perpetue nas novas gerações] (Q3).

Corroborando esse argumento, observa-se no Q1, como a aparência física pode impactar nas nossas relações diárias e estabelecer escolhas entre uns e outros. A esposa de Carlos (mago) disse que quando o conheceu no carnaval, ele estava mais feio do que quando se apresentou no programa, ela não se interessou por ele, pois a aparência física dele não era condizente com o que é esperado pela sociedade, entretanto, como ele insistiu, Paula acabou se apaixonando, mesmo diante da sua inadequação corporal (Q1).

Durante o quadro é apontado uma espécie de sofrimento que as esposas sentem por estarem com uma pessoa cuja forma física se encontra em desarmonia com os ideais de beleza, como mostra os excertos de Q1: *“Na verdade não há dúvidas do amor que a Paula tem pelo Mago, porque muitas outras mulheres já tinham pedido para sair, não é galera?”* Evidencia que ela é uma heroína em estar ao lado de uma pessoa considera “feia”, outras mulheres não suportariam tal situação, mas ela o fez por amor ao marido. *“Como é que você convive com esse conjunto da obra Paula? Porque a obra está mal-acabada mesmo!”* O apresentador coloca o corpo dele como algo inacabado, que precisa de “consertos” e “reformas” e questiona como a esposa suporta conviver com tal situação. Semelhantemente, em Q3 mostra que a mulher se sente constrangida em beijar uma boca sem dentes, ou com dentes deteriorados, podres e afins, mas o faz, mesmo contra sua vontade. Ao ser questionado pelo apresentador: *“como é que é dar uma bitoquinha naquela boca [sem dente]?”* Ela responde: *“Ah, é estranho, você imagina a janelinha ali no meio, né? O apresentador insiste em perguntar se se mesmo com as falhas nos dentes “rola uma bitoquinha” Ela responde “Ah rola, tem que rolar, né”?”*.

Durante o quadro, observa-se que a juventude é um elemento primordial nos diálogos apresentados no quadro, colocando em lado apostro à velhice, que é vista como algo negativo, como um momento de decadência do corpo, que não é bem visto em nossa sociedade. Dessa

forma, o *reality* mostra maneiras de se prolongar a aparência juvenil, demonstrando que parecer jovem também funciona como um mecanismo de atratividade nas dinâmicas sociais. Conforme Ernest-Pereira (2005, p.2), no “[...] culto à juventude e a beleza, [...] o medo da velhice e da morte, a moda e as representações coletivas impõem cânones que só um pequeno número consegue alcançar e impedem que a maioria sintam-se à vontade em seu próprio corpo e aceite sua imagem”. Por exemplo, em Q1, o apresentador faz críticas aos cabelos brancos do participante e a ausência de alguns dentes, levando a esposa a afirmar que é uma situação “difícil”. Semelhantemente, em Q3, o repórter pergunta ao povo na rua se o participante tem jeito e o povo diz “*E só ir para o baile da terceira idade, pegar as coroas!*”.

Nas falas acima, observa-se que o corpo velho não possui espaços livres em nossa sociedade, mas são condicionados a lugares específicos, como o baile da terceira idade, onde é possível pegar as coroas, pois são vistos como corpos assexuados e impotentes. Além disso, observa-se que alguns sinais relativos ao processo de envelhecimento, como o cabelo branco do participante, depõem sobre o indivíduo em suas relações afetivas, podendo se constituir como algo que impede a credibilidade de sua corporalidade na sociedade.

Por fim, nas falas supracitadas se observa que o corpo é uma forma de capital, como apontado por Goldenberg (2011), que impactam nas relações diárias, vínculos afetivos e diversas outras situações, como nas conquistas e vagas de emprego, que são constituídas mediante a aparência física. Dessa forma, a aparência é entendida como uma mercadoria de suma importância para as trocas simbólicas em nossa sociedade.

4.4. Inclusão via exclusão

O quadro *Arruma meu Marido*, do programa *Hora do Faro*, trabalha dentro da lógica da inclusão pela exclusão. Assim, primeiramente os participantes são submetidos a diversos processos de ridicularização de seus corpos, são “enfeitados”, por exemplo, pelo cabelo espetado e desarrumado, unhas grandes e sempre sujas, roupas inusitadas para o uso diário, e afins; além de haver o “enfeitamento” mediante a manipulação de suas imagens com o uso das tecnologias computacionais, maximizando e hiperbolizando desta forma seus “defeitos” e trazendo uma performatividade inusitada para seus corpos, tais como, a ampliação e redução de imagens, *zooms* em partes específicas dos corpos, o aumento da velocidade das imagens, proporcionando uma ideia de distorção dos corpos dos participantes, dentre outras infinitudes de mecanismos, com a finalidade de apontar os “defeitos” e garantir a diversão do público.

Ainda, ao pensarmos neste processo de transformação da corporalidade, em que os participantes são enfeitados para que possam ser arrumados, cabe destacar um polêmico episódio ocorrido no quadro *Arruma meu marido*, no ano de 2011, embora este não tenha sido analisado nesta pesquisa, torna-se de fundamental valia citá-lo para a compreensão dos ditames relativos à beleza, onde a espetacularização da imagem dos participantes se dá à custa de muita crueldade. Ao final do ano de 2011, o participante mato-grossense, Walmor Ferreira, ganharia uma transformação completa em seu visual, momento de grande expectativa, alegria e realização. Todos os procedimentos, tais como tratamentos de pele, corte do cabelo, mudança de visual, ocorreriam conforme planejados nos outros programas. Entretanto, o que era para ser uma coisa de grande realização e um momento de felicidade, acabou se convertendo em um triste episódio na vida do participante, que foi amplamente divulgado na internet²¹.

Durante a realização do processo odontológico, pelos especialistas do quadro, Walmor foi submetido à extração de seus 12 dentes restantes, em um intervalo de dois dias, para que assim fosse feita uma prótese para reestruturação de seu sorriso. No decorrer deste processo, Walmor alegou sentir intensas dores e cogitou desistir de participar do restante do programa. No entanto, o participante foi coagido a continuar, pois, segundo alegações da produção do quadro, “não poderiam mudar a grade do programa”²².

Após toda pressão psicológica envolvida nesta etapa o participante continuou no quadro, entretanto foi orientado a não realizar movimentos bruscos ao falar, pois poderia fazer com que a prótese se soltasse de sua boca, pois foi colocada com a boca inchada e extremamente dolorida. De acordo com o juiz responsável pelo caso, Yale Mendes, da 7ª Vara Cível de Cuiabá, “Todos esses fatos levam à conclusão que o autor [Walmor Ferreira] foi submetido à tortura física e emocional, o que não é possível admitir e considerar ‘normal’”²³.

Ao término das gravações, e de volta a sua casa, Walmor passou por grandes sofrimentos físicos e psicológicos em decorrência do processo odontológico realizado no quadro “Arruma meu marido”. O participante chegou a vender sua moto para custear um novo procedimento a fim de minimizar o seu sofrimento. Após vários momentos de desespero,

²¹<https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/record-rodrigo-faro-condenacao-tortura/>;
<https://natelinha.uol.com.br/noticias/2018/01/26/record-tv-e-faro-sao-condenados-por-tortura-fisica-e-emocional-a-participante-113881.php>; <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/01/record-e-rodrigo-faro-sao-condenados-a-indenizar-ex-participante-do-qu.html>;
<https://catracalivre.com.br/geral/cidadania/indicacao/record-e-faro-sao-condenados-indenizar-participante-de-programa/>.

²² <http://www.otvfoco.com.br/apos-farsa-record-e-rodrigo-faro-sao-condenados-pagar-indenizacao/>

²³ <https://www.msn.com/pt-br/tv/noticias/juiz-conclui-que-houve-%E2%80%98tortura%E2%80%99-em-programa-de-rodrigo-faro/ar-AAvdk9A?li=AAkXvDK&ocid=spartandhp>

dores e humilhações, Walmor entrou na justiça contra o programa (chamado a época Melhor do Brasil) e a emissora Rede Record. Embora a emissora tenha alegado que “tais fatos eram fantasiosos”, Walmor ganhou a causa e recebeu “o pagamento de R\$ 137,87 mil em indenização, soma que totaliza despesas da reabilitação bucal (R\$ 57,4 mil), dano moral (R\$ 50 mil), dano estético (R\$ 30 mil) e dano material (R\$ 470)”²⁴. Foi solicitado ainda pelo juiz responsável pelo caso que o programa fosse suspenso²⁵.

Neste sentido, se observa que a exclusão dos corpos “não aceitáveis”, entendidos pela sociedade como “feio” e fora dos “padrões de beleza” vigentes, pressupõe também, por finalidade, uma impossibilidade de exercício de suas cidadanias. Esses corpos, muitas das vezes, estão habituados, ou são obrigados, a abrir mão de prazeres e direitos, e acabam sendo submetidos a diversos tipos de humilhações impostas pela sociedade, e reiterada pela mídia das mais variadas formas.

Observamos assim que o papel que a mídia exerce junto o entendimento e a construção da corporalidade dos sujeitos na contemporaneidade, em especial no quadro *Arruma meu Marido* objeto desta pesquisa, busca sempre atingir um determinado modelo hegemônico de beleza, e, nesta tentativa, parece-me que se perdem num jogo excessivo de enquadramentos, onde não se é levado em conta a máxima da dignidade humana, o direito de ir e vir dos sujeitos e de se aceitarem e serem felizes como são²⁶.

Isso ocorre porque, segundo Sadao Omote (2004), o não enquadramento a valores e regras implantadas pela cultura, até mesmo as regras corporais, podem ser um risco para a vida coletiva. Portanto, certas características e comportamentos dos indivíduos deixam de ser apenas meras diferenças e tornam-se coisas negativas, levando, assim, os indivíduos a serem tratados de formas distintas pela sociedade.

Ainda no decorrer do quadro *Arruma meu Marido*, a “feitura” dos participantes é apontada e confirmada pela família, pelo apresentador, pelas pessoas na rua e pelos profissionais da área da beleza e da boa forma, pois o corpo em nossa sociedade como já enfatizado no decorrer da pesquisa é entendido como um “valor simbólico” (GOLDENBERG, 2002), assim, identifica-se tudo que é “negativo” e que se encontra em “desarmonia” com o esperado em nossa sociedade, os signos “impuros” (DOUGLAS, 1976), para que desta forma possa ser apontado o que não é aceito, e, por conseguinte, ser crivado os valores que devem

²⁴<https://www.uai.com.br/app/noticia/series-e-tv/2018/01/26/noticias-series-e-tv,220628/record-e-rodriigo-faro-condenados-tortura-arrancar-12-dentes-de-homem.shtml>

²⁵ <https://vejasp.abril.com.br/blog/pop/record-rodriigo-faro-condenacao-tortura/>

²⁶ Art. 5º, da Constituição Federal de 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acessado em 24/01/2018

ser implantados e seguidos pelos indivíduos na sociedade em relação a sua corporalidade, pautado na “pureza”, na “limpeza” e na “ordem” (DOUGLAS, 1976).

Como parte do processo exclusivo, citam-se os problemas familiares, conjugais e sociais que a “feiura” proporciona. Nesta lógica, se configura um ato de incluir/excluir, por exemplo, estes corpos podem, aqueles não; limitam-se fronteiras, demarcando, por exemplo, quem é bem vindo e quem não é bem vindo dentro de contextos, configuram-se classificações, por exemplo, bons e maus; e intensificam uma série de estigmatizações (GOFFMAN, 1978), apontando, por exemplo, quem são os normais, e quem são os anormais. Tal lógica estabelece uma hierarquização, demonstrando assim que, aqueles que possuem certos atributos tidos como valorosos em nossa sociedade possuem melhores relações, sejam estas familiares, conjugais ou em sociedade.

Dentro desta lógica da estigmatização, Omote (2004) ainda ressalta que os sujeitos que sofrem tal processo acabam incorporando para si tais pontos de vistas inferidas pela sociedade, compreendendo-se, desta maneira, como portadores de tais características indesejáveis, limitantes e inadequáveis, e que não podem participar do convívio em sociedade, excluindo-se de todas as esferas sociais tanto públicas quanto privadas.

No quadro *Arruma meu Marido*, são apontadas características altamente depreciativas, que colocam os participantes em um lugar de descrédito, de alguém inferior, menos valorável diante dos demais. Assim, os participantes, em grande parte, são apresentados e entendidos somente pelas condições que os inferiorizam, anulando, ou colocando de lado todos os outros papéis que desempenham e exercem em suas vidas, deixando protagonizar somente os sinais que se consideram depreciativos.

Contudo, no decorrer do quadro *Arruma meu Marido*, assim como pressuposto e finalidade do quadro, os corpos são “normatizados” e “disciplinados” (FOUCAULT, 2000), na tentativa de um enquadramento e de uma inserção social desses sujeitos no mundo social. Assim os participantes são moldados de acordo com padrões estabelecidos e vinculados pelos meios de comunicação, e reiterados por propensões econômicas. Nesta lógica, muda-se a “hexis corporal” dos participantes, que é entendida por Bourdieu (2006) como a mudança desde a aparência física, dos gestos, das ações, até mesmo da pose e da forma de se apresentar, para que, dessa forma os participantes sejam inclusos em sociedade.

Neste jogo de enquadramentos, novamente, entra em ação os discursos da família, do apresentador, das pessoas na rua e dos profissionais da beleza e da boa forma, só que desta vez para apontar e confirmar como após toda a transformação os participantes se encontram

dentro do padrão de beleza vigente e aceitável em sociedade. Assim, verifica-se uma supervalorização de certos padrões corporais que são aceitos em sociedade e merecem ser considerado importante mecanismo de inclusão nos mais variados contextos.

Ressalto aqui que, todas as pressões exercidas sobre estes corpos no quadro *Arruma meu Marido*, incidem também sobre os nossos corpos. Somos condicionados, incessantemente, pela mídia, por amigos, pela família e afins, pela busca por uma estética ideal, a manter ou atingir uma determinada aparência, para assim sermos corpos atuantes em sociedade. Assim, todos nós nos encontramos inseridos, de certa forma, no sistema reprodutivo das aparências, ainda mais em uma sociedade orientada pelo mercado, onde os corpos passam a ser manipulados, mesmo que não se perceba, pelo mercado com seus mecanismos de produção, vinculação e consumo, alimentado pelos meios de comunicação.

Tal debate, referente à inclusão/exclusão, torna-se necessário na atualidade principalmente em virtude dos inúmeros discursos, acadêmicos e no senso comum, que aclamam por uma sociedade mais justa e menos excludente. Porém, presenciamos, em especial nas mídias, um bombardeamento de valores, condutas e regras corporais a serem seguidas, colocando os corpos que não se enquadram em tais critérios como algo errado, ruim, que necessita ser arrumado, consertado, excluído, banido, dentre uma infinidade de termos que depreciam e excluem os sujeitos que se apresentam de forma diferente do padrão estabelecido. Neste sentido, o quadro *Arruma meu Marido*, é um, dentre diversos outros mecanismos disponíveis, e ao alcançarem da sociedade que depreciam o ser humano em prol de uma sociedade capitalista que se encontra mais preocupada com a venda de produtos, que as relações sociais e o respeito humano.

5. FELIZES PARA SEMPRE: A FAMÍLIA COMO OPERADORA DA TRANSFORMAÇÃO

Este capítulo expõe considerações sobre os debates em torno da família e sua participação na construção da corporalidade dos participantes inscritos no quadro *Arruma meu marido*, buscando demonstrar que o corpo não é natural, mas socialmente construído no contexto da cultura, e sofre a interferência de diversos agentes, inclusive da família, mediante discursos e práticas regulatórias que o formatam.

5.1. Na alegria e na tristeza, na saúde e na doença²⁷, desde que não seja feio

As mudanças que os personagens passam, e os discursos relativos aos problemas conjugais e a certeza da melhoria na relação conjugal após a transformação ocorrida no quadro *Arruma meu marido*, possibilitam concordar com Sarti (2000, p.39) quando afirma que “[...] a família não é uma totalidade homogênea, mas um universo de relações diferenciadas, e as mudanças atingem de modo diverso cada uma destas relações e cada uma das partes da relação”. Observa-se então que as mudanças no ritmo da família variam de acordo com a situação em que se encontram, sejam elas: socioeconômica, étnica, religiosa, atreladas aos seus valores culturais, sendo observado assim o contexto ao qual está inserida. Nesse sentido, José Filho afirma que:

[...] a família tem que ser entendida enquanto uma unidade em movimento, sendo constituída por um grupo de pessoas que, independente de seu tipo de organização e de possuir ou não laços consanguíneos, busca atender às necessidades afetivo-emocionais de seus integrantes, através do estabelecimento de vínculos afetivos, amor, afeto, aceitação, sentimento de pertença, solidariedade, apego e outros [...] (JOSÉ FILHO, 2007, p.150).

No livro *Família: Teorias e Debates*, a socióloga Vânia Morales Sierra (2011) pondera a importância da família no processo de socialização e individualização dos indivíduos, colando a família como importante mecanismo de socialização dos sujeitos, por meio da qual incorporamos normas, valores e condutas.

²⁷ Frase amplamente utilizada nos votos de casamento.

No contexto de sociabilidade, a família é colocada como um lugar de afeto e de solidariedade, que envolve “questões relacionadas à privacidade, aos sentimentos, aos vínculos afetivos de parentesco” (SIERRA, 2011, p.7).

Diante da relevância emocional e afetiva da família, busca-se compreender, nesta pesquisa, como a família gerencia as questões relativas aos sentimentos e aos vínculos afetivos de seus membros, pois o quadro *Arruma meu marido* é usado como um mecanismo que possibilita reestruturar os vínculos “perdidos” ou em vias de serem rompidos pelos participantes e seus familiares.

O que mais chama a atenção no quadro é que, o principal agente de insatisfação com a corporalidade dos participantes são seus familiares. Assim, a família torna-se palco de múltiplos conflitos, segregações e estigmatizações desses sujeitos, contrapondo-se aos valores postos por alguns pesquisadores sobre família, como, Sierra (2011), Josè Filho (2007), entre outros.

Assim sendo, com base em tais exposições, se julga pertinente compreender e prestar atenção na importância da família no processo de (re)construções desses corpos na atualidade, a partir da discussão do quadro *Arruma meu Marido*.

O quadro *Arruma meu marido* possui uma grande penetração na esfera da vida privada, tornando-o pública. Ao contrário da exposição da vida privada das celebridades (utilizado em vários tipos de *realities shows* e quadros televisivos), o quadro evidencia a vida de homens comuns, trabalhadores, de classe média, casados, com filhos e que vivem uma vida simples e anônima no contexto da mídia televisiva ou impressa.

Participar do quadro torna-se fundamental para esses sujeitos, pois através da transformação corporal seus vínculos afetivos familiares, antes “rompidos” ou em vias de romper serão reestruturados, mesmo que isso implique na exposição de seu ser na intimidade e exposição ao ridículo. Fazer tudo por amor, pelo projeto de vida familiar e manter-se firme com o compromisso do “feliz para sempre”²⁸.

Sobre esta perspectiva, analisaremos a seguir alguns discursos proferidos pelos familiares dos participantes, nos quais observa-se que sua forma corporal, de certa forma, atrapalha a dinâmica familiar. Portanto, algo precisa ser feito para que esses laços sejam restabelecidos.

Rodrigo Faro: Está ruim?

Rosana: Ah, total.

²⁸ Expressão muito utilizada em contos de fadas, para designar uma vida feliz e sem problemas.

Rodrigo Faro: Tudo?

Rosana: Tudo. (Q2)

Rodrigo Faro: E a gente está recebendo também, olha o papai do Pucuthuco, Senhor Carlos, Dona Elisa, olha o Lucas, até a tia, o Cristiano, o Boaz, todo mundo está aí, o Alex, os amigos. Dona Elisa, eu quero falar com a senhora! Dona Elisa, ele sempre foi assim, por que o filho está meio acabado, não está Dona Elisa?

Dona Elisa: Ah, está horrível, precisava de um tratamento urgente (Q3).

O diálogo evidencia que é ponderado pelos familiares que a corporalidade dos participantes se encontra em total desarmonia com o que é socialmente esperado, ou com o que o participante já foi um dia. Nesse sentido, a família avalia e legitima o que o programa faz. Os familiares são enfáticos ao se referirem aos participantes quando afirmam a péssima condição que o filho está. A mãe de Jovelino (Q2), por exemplo, ao ser questionada pelo apresentador se “*Está ruim?*” ela responde “*Ah, total. Tudo? Tudo*”, como se não houvesse nada de bom na aparência dele. Apesar de parecer paradoxal a ideia da mãe assumir a feiura total do filho, algo que não é muito comum na nossa sociedade, essa afirmação pode ser compreendida a partir dos estudos sobre performance de Goffman (1985) em sua obra *A representação do eu na vida cotidiana*. O autor defende a concepção de que a vida é sempre dramática e os indivíduos, em suas múltiplas interações sociais (que ocorrem em diversos cenários), encontram-se engajados na representação de distintos papéis que requerem o desempenhando de performances, visando influenciar aqueles que os observam, mediante seus comportamentos. Em termos da identidade do participante, a proposta do quadro do reality, conforme Pinto (1997, p.31), é atuar sobre um 'eu' construído, manipulado, cooperante, um 'eu' intradiscursivo que venha a fundir-se com o 'eu' intradiscursivo que conduzirá o participante a atuar em conformidade com as instruções do quadro, já que ele tomou a decisão de participar e aceitou as condições do programa.

Semelhantemente, no quadro 3, o apresentador pergunta para a mãe de Jailton, “*Dona Elisa, ele sempre foi assim, por que o filho está meio acabado, não está Dona Elisa?*” Ela responde “*Ah, está horrível, precisava de um tratamento urgente*”, confirmando que ele precisa ser “arrumado” com urgência, por que antes ele não se apresentava dessa forma caótica e precisa voltar o que era, buscando no quadro uma possibilidade de reestruturação dos vínculos familiares que, se encontravam fragilizados em decorrência da aparência física do membro da família.

Ainda, no programa Q3, observa-se o emprego da palavra “acabado”, que se refere a algo que não se encontra com suas formas originais, que por algum motivo, tais como,

processos decorrentes do tempo, acidentes, doenças e afins, modificam sua forma de se apresentar em sociedade. O termo acabadão deriva da palavra acabado, associada, geralmente, a coisas e pessoas, velhas, gastas, abatidas, sendo empregada socialmente de forma negativa.

A principal insatisfação apontada pelos familiares dos inscritos são os dentes, que se encontram danificados, estragados e, muitas vezes, em falta. Os cabelos são o segundo ponto de insatisfação na aparência dos participantes, sendo mal cuidados, compridos, grandes e despontados, estando frequentemente na cor branca, devido ao branqueamento natural. A pele é o terceiro ponto de insatisfação que recebe investimentos, pois geralmente possui manchas provocadas pelo tempo ou pela exposição ao sol. Esses aspectos que “necessitam” de intervenção demonstram que alguns signos corpóreos não são aceitos em nossa sociedade, como apontado por Mirian Goldenberg (2011), e que alguns sinais relativos ao processo de envelhecimento (cabelos brancos, manchas provocadas pelo tempo) devem ser “removidos”, para que se possa, cada vez mais, possuir uma aparência mais jovem. Além disso, a imagem dos inscritos é modificada pela mudança na forma de vestir. Tudo isso, em prol do bem estar da família e da reestruturação dos vínculos afetivos familiares.

Como os vínculos de sociabilidade dos participantes inscritos se encontram fragilizados em decorrência de sua aparência física, as esposas, filhos, mães e amigos enfatizam, a todo o momento, que não se sentem confortáveis em estar com uma pessoa cuja corporalidade não condiz com o sócio esperado em nossa sociedade, privando-os, em muitos casos, do convívio familiar e social.

Rodrigo Faro: Cadê as duas filhas? Aí meninas, Maísa e Marina, sejam bem-vindas, tudo bem? Meninas, vocês moram em Águas de Lindóia?

Filha: Isso.

Rodrigo Faro: Vem cá, dá para desfilar com o papai na rua ou não tem como?

Filha: Lógico que dá [pessoa sem graça].

Rodrigo Faro: Dá, né? Mesmo com aquele cabelo todo?

Filha: Ah, ele é lindo de qualquer jeito para mim [Risos].

Rodrigo Faro: Está vendo filho é uma beleza, as minhas filhas também me acham lindo, você viu como, né? O pessoal se engana, né? Você acha que o seu pai vai ficar bonito?

Filha: Gatão.

Rodrigo Faro: Gatão, vai ficar?

Filha: Vai, óoo! (Q1).

Rodrigo Faro: Tem que ser uma repaginada geral?

Rosana: Tudo, só não o coração dele, porque de resto tem que mudar tudo.

Rodrigo Faro: Vocês têm quantos filhos?

Rosana: Temos dois.

Rodrigo Faro: Dois, e ele é um paizão maravilhoso?

Rosana: Maravilhoso, eu não tenho o que reclamar dele.

Rodrigo Faro: Então para o dentro não precisa mexer nada, só na casca?

Rosana: Só na casca (Q2).

Rodrigo Faro: Lucas [filho] você falou que o cara parecia ... você falou que o Pucuthuco, parecia o Godzilla. Cara, é uma mistura de Godzilla com Michael Jackson e com Pedro de Lara, né?

Lucas: É.

Rodrigo Faro: Ele está muito feio Lucas?

Lucas: Tá, tá muito desleixado, parecendo aqueles homens das cavernas, muito acabado. (Q3).

Nas falas supracitadas, observa-se que a corporalidade dos participantes é um ponto de insatisfação apontado por seus familiares. É solicitada, com fortes apelos emotivos, uma mudança geral, pois a forma física que o participante se encontra, de certa forma, atrapalha a dinâmica da vida social e familiar. Apesar de a filha de Carlos, Maísa e Marina, disserem “*Lógico que dá*” para desfilarem com o papai na rua, mesmo com a sua aparência ruim e dizerem que o pai “*é lindo de qualquer jeito*”, elas concordam com o apresentador que o pai vai ficar gatão, portanto, ainda não o é.

A esposa de Jovelino pede para que seja realizada uma “repaginada” geral, mantendo a essencial de seu marido, pois apesar de sua aparência física desarmoniosa a esposa demonstra que ele é um marido com ótimas qualidades e de bom coração. Assim, é solicitado de seja “mexido” somente na casca, referindo-se a seu corpo, aos signos que se encontram em desarmonia com os padrões vigentes de beleza (Q2).

O apresentador do quadro, Rodrigo Faro, questionado, a todo o momento, aos familiares se eles se sentem confortáveis em conviver com uma pessoa que se apresenta diferente dos padrões estabelecidos pela sociedade. “*Vem cá, dá para desfilarem com o papai na rua ou não tem como? [...] Mesmo com aquele cabelo todo?*” Nesse excerto, Rodrigo Faro aponta os signos que não são aceitos pela sociedade, coagindo a família a ver que algo está errado. Semelhantemente, quando as filhas dizem que o pai “*é lindo de qualquer jeito*”, em tom irônico Rodrigo Faro diz: “*Está vendo filho é uma beleza, as minhas filhas também me acham lindo! Você viu como, né? o pessoal se engana, né*”. Observa-se um tom de deboche quando Rodrigo fala que em hipótese nenhuma os filhos acham os pais feios, ainda mais admitir isso em rede nacional. Entretanto, coloca todos em uma situação constrangedora deixando evidente o contrário do que está sendo falado, pois ele próprio sabe que ele se insere nos padrões de beleza socialmente estabelecidos. Em outro excerto do Q1, quando Faro questiona: “*Você acha que o seu pai vai ficar bonitão? Gatão?*”, observa-se que apesar de “aceitar” o pai, os filhos torcem para que sua aparência corporal seja modificada, pois assim a

vivência social da família será melhor, com mais aceitação social. Em outro excerto do Q3, Faro fala com Lucas, filho de Jailton que seu *pai parecia uma mistura de Godzilla* (espécie de monstro) *com Michael Jackson* (Rei do pop), *com Pedro de Lara* (celebridade brasileira que usa cabelos longos) afirmando que “*Ele está muito feio, [...] desleixado, parecendo àqueles homens das cavernas, muito acabado*”. Observa-se nesta fala que o filho é enfático e diz que o pai está feio, associando sua aparência a monstros e pessoas socialmente considerados feios.

As esposas dizem que a aparência física de seus maridos compromete a atração física e sexual e mencionam o desconforto de beijar uma boca sem dentes, alisar uma pele áspera ou passar a mão sobre cabelos mal cuidados, demonstrando nojo em suas falas, conforme mostra os excertos:

Rodrigo Faro: [...] como faz para dar um beijo naquela boquinha?

Paula: Difícil.

Rodrigo Faro: Difícil?

Paula: Com a luz apagada.

Rodrigo Faro: Só com a luz apagada e com muito amor, né?

Paula: Muito (Q1).

Rodrigo Faro: Gente, que black é aquele?

Rosana: É, quando eu coloco a mão assim no cabelo dele não entra o dedo assim.

Rodrigo Faro: Não entra mais?

Rosana: Não entra (Q2).

Reportagem: Como e que é dar uma bitoquinha naquela boca?

Telma: Ah, é estranho, você imagina a janelinha ali no meio, né...

Reportagem: Mas rola uma bitoquinha?

Telma: Ah rola, tem que rolar, né [tom de obrigação] (Q3).

Nas falas observa-se que o corpo que possuem os signos corpóreos indesejados e que não representem prestígios em nossa sociedade (GOLDENBERG, 2011) é um corpo muitas das vezes rejeitado e desprezado nas relações amorosas, sexuais e/ou afetivas. Sobre estes corpos recaem os mais variados discursos que o estigmatizam (GOFFMAN, 1978) e o menosprezam.

Os participantes inscritos no quadro são tratados por seus familiares como uma mercadoria, como uma máquina com defeitos que necessitam, incessantemente, ser “reparados”, “consertados”, “reformulados”. Sem poder expor suas vontades, os participantes são tratados como “fantoques” humanos, dispostos a se adequarem ao que os outros acreditam que ampliaria sua beleza e atratividade. Dessa forma, observa-se então que, “[...] nossa sociedade tanto cultua o corpo como não cessa de desprezá-lo, comercializá-lo e coisificá-lo.

O corpo reina e padece diariamente” (TRINCA, 2008, p.3), como é apontado no excerto a seguir:

Rodrigo Faro: Você não se sente lesada porque, afinal de contas, isso é propaganda enganosa. Você se apaixonou por uma cara bonito, sertanejo, e o que virou o seu marido? Ficou daquele jeito! Mostra aí como é que ficou o marido dela gente, olha aí, você não se sente lesada não?

Paula: É um produto estragado.

Rodrigo Faro: O produto estragou com um tempo, né?

Paula: Estragou. (Q1)

Reportagem: Comprou enganado ou não?

Rosana: Mais ou menos, ele era um pouquinho, sabe, largadinho, mas do jeito que está não era não.

Reportagem: Não era tão grave?

Rosana: Não era, agora está desesperador. (Q2)

Reportagem: Ele está acostumado a consertar caminhão, carro, o que vier?

Telma: Isso.

Reportagem: E a gente conserta marido.

Telma: Ai que bom! Conserta o meu marido! (Q3).

Durante os diálogos a relação conjugal é posta como uma simples compra, uma ida ao supermercado, na qual se escolhe, dentre os diversos produtos, o que mais lhe agrada. E, ao chegar a casa e o produto apresentar qualquer defeito, ele deve ser devolvido, caso contrário, a esposa está sendo lesada, enganada, ou como diria popularmente, “passada para trás”.

Nas falas citadas acima observa-se explicitamente termos que corroboram com tal metáfora, que diz quão cruel é a realidade, tais como, *lesada, propaganda enganosa e produto estragado*. Nesse sentido, o casamento é posto como uma propaganda enganosa, pois no anúncio estava algo bom e depois se tornou ruim, há um questionamento se a esposa não se sente lesada, se não vai procurar seus direitos enquanto consumidora, pois ela adquiriu um produto estragado, ou a época com prazo de vencimento próximo, pois estragou drasticamente e rapidamente com o tempo. Observa-se nestes excertos *Comprou enganado, está desesperador* fatos que explicitam que o decorrer do tempo faz mal às pessoas, que o processo de envelhecer é algo ruim. Observa-se que a esposa ao comprar o produto olhou e estava certa que era o que queria, contudo ao chegar em casa observou que estava com defeitos que a primeira vista não eram visíveis, mas olhando com mais atenção percebeu-se que estava enganada, os defeitos eram desesperadores. Assim, percebemos que os processos decorrentes do tempo afetam a corporalidade desses sujeitos, deixando-os desagradáveis, o que afeta drasticamente a relação conjugal, que pode ser rompida.

Quando o sofrimento da família é chegado ao fim, devido à transformação do participante, a inscrição dos maridos no quadro torna-se o mecanismo de auxílio milagroso que em “um passe de mágica” tudo estará na mais perfeita ordem, pois o marido foi “transformado” e sua corporalidade está adequada ao que a sociedade valoriza.

5.2. Felizes para sempre?

Com a ampla teatralidade envolvida na apresentação da transformação do marido, é chegado o momento de apresentar como o participante ficou após inúmeras intervenções em sua corporalidade.

A família enfatiza nesta hora que tudo será melhor dali por diante, a esposa beija seu marido como uma verdadeira cena de cinema, os filhos e amigos o abraçam e todos se desabam a chorar, o que demonstra que a aparência era o grande problema dentro da dinâmica social, conforme podemos observar nos excertos a seguir.

Rodrigo Faro: Mas, gente, não dá para esperar. Nesse momento eu quero pedir energia de todo a galera do Melhor do Brasil, toda a minha equipe, todo mundo que está aqui, para a gente chamar o novo Carlão, o novo Mago. Todo mundo com a mão para cima gente! Todo mundo com a mão para cima mandando muita energia positiva porque parece que o Mago está bonito demais, gente! Você está preparada?

Paula: Eu estou preparada!

Rodrigo Faro: Como é que está o coração?

Paula: Forte, batendo muito.

Rodrigo Faro: Não tem mais volta agora Paula! Contando comigo galera! Cinco, quatro, três, dois, um! Pode girar o cenário! Paula, este é o seu marido totalmente arrumado aqui pelo *Melhor do Brasil*! É um, é dois, é três! Está aí, está aí! Olha aí gente, o novo Carlão, como ele está bonito! Vem Carlão, vem cá!

Rodrigo Faro: Não é possível, não é possível, o cara está parecendo galã! Mata mais a saudades! Pode dar um abraço! Dá um abraço mais longo! Eles estão muito tempo, eles estão muito tempo sem se ver! Carlão, tem mais duas mulheres que estão querendo te abraçar! Vem cá meninas, vem cá Maísa, vem cá Marina, está aqui, olha, o paizão novo em folha! Olha como está bonito! Olha lá! Vem cá gente, até eu... Vem cá Maísa, fica desse lado aqui. Vem cá Carlão, fica aqui do meu lado, isso! Gente até eu estou assustado de te ver cara! Ele ficou bonito ou não ficou galera?

Plateia: Ficooou.

Rodrigo Faro: Paula, o que você diz do teu marido agora?

Paula: Está muito melhor!

Rodrigo Faro: Está bonito?

Paula: Está muito bonito!

Rodrigo Faro: E como é que vai ser para você agora Carlão? Em primeiro lugar eu queria dizer que é um prazer, e uma honra te conhecer, você é um cara muito gente boa, tem um coração lindo, é um superpai de família, tem

uma família muito especial, como é que foi essa transformação toda na tua vida?

Carlão: Rodrigo, eu vou falar uma coisa, é uma experiência que a gente passando para poder contar, mas é uma experiência 100%, eu não acreditava que ia ficar assim!

Rodrigo Faro: Valeu a pena?

Carlão: Valeu muito a pena!

Rodrigo Faro: Você está parecendo galã de novela, como é que vai ser agora? Vê se não vai arrumar mais três namoradas, cinco namoradas! É para ficar só com a Paula, porque essa mulher te ama muito, viu Carlos?

Carlão: Eu já tenho as três minha.

Rodrigo Faro: Ah, é verdade, ele já tem três, é verdade, é verdade. Agora querido, só para você em casa ficar de queixo caído como eu estou, eu vou mostrar para você agora como o Carlão era e como ele ficou. Olha aí o nosso Mago, olha a mágica... Olha a mágica, você está acreditando? Você de casa, está acreditando que possa ser a mesma pessoa? Mas eu garanto para você que é sim a mesma pessoa! Dá um sorriso! Olha isso gente! Olha isso! Parabéns! valeu a pena?

Carlão: Valeu muito a pena, viu?

Rodrigo Faro: Promete que você vai ficar bonitão assim agora para sempre?

Carlão: Com certeza!

Rodrigo Faro: Meninas vocês têm que cuidar do papai, hein? Vocês vão cuidar dele?

Filha: Com certeza!

Rodrigo Faro: Gostou?

Filha: Nossa, adorei, ficou lindo! (Q1)

Na apresentação do “novo” Carlos, se observa falas com fortes apelos emotivos. Inicialmente o apresentador Rodrigo Faro pede à plateia e à sua equipe que emanem energias positivas, pois todo o processo chegou ao fim. Carlos se encontra totalmente diferente do que se apresentava no início. Se o marido “*está bonito demais*”, indica que tudo dali para frente será melhor para aquela família, que foi restaurada.

Ainda durante as falas, o apresentador, a todo o momento, questiona a esposa sobre o que ela está sentindo naquele momento de revelação do “novo” marido, quais são suas expectativas em relação a isso, e o que de melhoria isso trará para sua vida familiar e em sociedade. Ela diz que está preparada para viver a nova realidade e seu coração está batendo muito forte.

Observa-se que o apresentar encontra-se em êxtase ao se deparar com o “novo” marido, indicando não acreditar no quão diferente o mesmo está, comparando-o com um galã, uma celebridade midiática. As expressões “*Não é possível*”, “*está parecendo galã*”, “*estou assustado*” são palavras fortes que exaltam o poder do quadro do programa em tornar um homem tão diferente após a transformação.

Após o espanto do apresentador com o “novo” Carlos, a família é convidada a desfrutar da companhia do “novo” marido/pai. Neste momento, os diálogos são carregados de

emoções, sempre enfatizando o quão bom foi inscrever o marido no quadro, que realmente valeu a pena todo o esforço, e que o objetivo final – a mudança e a melhoria nas relações sociais – foi concretizado. Nesse sentido, a esposa Paula diz que o seu marido “*Está muito melhor*”, “*Está muito bonito*”. O participante, por sua vez, diz que “*é uma experiência 100%*” e que ele próprio “*não acreditava que ia ficar assim*”. Diz que “*Valeu muito a pena*” e as filhas dizem que adoraram a mudança, que o pai “*ficou lindo*” e elas prometem atender ao pedido do apresentador afirmando que com certeza vão “*cuidar do papai*”, como se elas tivessem condições econômicas de arcar com a manutenção daquele tão caro tratamento.

Durante a apresentação do “novo” participante, os discursos referentes à atratividade, ainda se encontram presentes. Reforçando, assim como já mencionado no capítulo anterior, que beleza e atratividade andam lado a lado, colaborando para nossas relações no dia a dia, ditando nossa inclusão e/ou exclusão dos contextos sociais.

Adicionalmente, o apresentador menciona, reiteradamente, a possibilidade de ciúmes por parte da esposa e a possibilidade de traição, por parte do marido, já que após a transformação ele se encontra parecendo um galã e terá maiores oportunidades de conquistas. “*Você está parecendo galã de novela, como é que vai ser agora, vê se não vai arrumar mais três namoradas, cinco namoradas*. Por outro lado, o apresentador aconselha a fidelidade conjugal: “*Agora, é para ficar só com a Paula porque essa mulher te ama muito, viu Carlos?*”. O apresentador coloca o amor da esposa em pauta, pois ela o ama tanto que o inscreveu para que seus laços afetivos fossem reestruturados. O marido, por sua vez, diz: “*Eu já tenho as minhas três*”, dando indícios de que já tem três mulheres, uma esposa e duas filhas e que não precisa de outras mulheres em sua vida amorosa.

Nesta lógica, se observa que a partir da mudança no visual as possibilidades afetivas dos participantes aumentam, e, por conseguinte de todos que perpassam pelos mesmos procedimentos vinculados no quadro, que é posto como um estilo de vida a ser seguido pela sociedade para ascensão social. Assim, a todo o momento, Rodrigo Faro é enfático dizendo que pessoas que se apresentam dentro de “certos valores” estéticos apreciados em nossa cultura, possuem melhores chances no quesito conquista. Por finalidade, é posto que pessoas dentro dos “padrões de beleza” vigentes em nossa sociedade têm maiores chances de praticarem a traição, pois terão a disposição maiores chances de relacionamentos.

Além de pedir para as filhas cuidarem da aparência do pai, o apresentador faz um apelo para o participante, para que ele mantenha sua nova aparência física: “*Promete que você vai ficar bonitão assim agora para sempre? Com certeza!*” Entretanto, apesar do indício

de que o participante terá maiores oportunidades em suas interações sociais, devido à sua nova aparência física, nada garante que ele terá condições econômicas para arcar com os altos custos dos diversos tratamentos feitos durante o *reality*.

Partindo para o encerramento do quadro, o apresentador faz um apelo para os telespectadores se inscreverem no quadro, para que eles também possam restabelecer seus vínculos que se encontram desestruturados em decorrência de sua corporalidade, conforme se verifica a seguir:

Rodrigo Faro: Ficou lindo, né? Bom, gente, olha, eu queria aproveitar para dizer para você maridão, para você esposa de qualquer parte do Brasil, até do exterior. Se por acaso o maridão está precisando de um trato, faz inscrição lá no R7.com. Entra lá, R7.com. Não perca a chance de ver o seu pai, o seu marido bonito! A gente quer arrumar, a gente quer consertar o seu marido, o seu pai, então não deixe de fazer a sua inscrição, porque o seu pai, o seu marido pode ficar assim, aqui, que nem o Carlão. Olha como ele está bonito, olha aí. Meu grande Mago, muito prazer em te conhecer, eu queria desejar para vocês felicidade, muita saúde, só coisas boas na vida de vocês, para vocês e para vocês também, meninas, viu? Beijo, Carlão, prazer te conhecer, viu meu irmão, prazer, gostou, né? Ah, espera aí, espera aí, espera aí, está faltando uma coisa, ela falou que era só no escuro, então agora vai ser no claro também, eu quero o beijo do casal, porque agora eu quero o beijo do casal! [Eles se beijam]. Aeee!!! É para isso que existe o Arruma Meu Marido! Olha lá, não fique com ciúmes, tá? É para isso, né? É para isso que isso o quadro, está vendo? Um beijo para vocês, vou dançar no final do programa! Beijo para vocês, tudo de bom, sejam muito felizes! Valeu gente, Maísa, Marina, Carlão e Paula. Mais um marido que ficou bonito demais aqui no Melhor do Brasil! (Q1)

Dentro desta mesma lógica, os quadros Q2 e Q3 fazem-se apelos semelhantes, convidando os telespectadores a participarem do quadro.

Esse momento constitui uma oportunidade de comprovar que, após a transformação, os vínculos familiares foram reestruturados, e que agora a esposa sente atração por seu marido, pois esse é o propósito do quadro, ajudar as pessoas, conforme podemos analisar na fala seguinte: *“ela falou que era só [beijava] no escuro, então agora vai ser no claro também, eu quero o beijo do casal, porque agora eu quero o beijo do casal. Aeee!!! É para isso que existe o Arruma Meu Marido*, confirmando que o quadro existe para reestabelecer os vínculos afetivos e emocionais. A comprovação da reestruturação dos vínculos afetivos se dá, após a transformação, pelas manifestações de amor e carinho entre os familiares e pelo grande beijo entre marido e esposa, além do aconchego e carinho das filhas, indicando que daí em diante, eles serão “felizes para sempre” e tudo será “um mar de rosas”, como popularmente se diz.



Figura 10 – Realização do projeto familiar (Q1)

Fonte: Print do quadro arruma meu marido (Q1), Rede Record de Televisão

Na apresentação do “novo” Jovelino, não sendo diferente das demais apresentações, observa-se a presença de falas com fortes apelos emotivos, conforme mostra os excertos.

Rodrigo Faro: Está preparada para ver o negão?

Rosana: Tô.

Rodrigo Faro: Vem cá, qual é a primeira coisa que você vai fazer quando ele aparecer, vê lá o que você vai falar, qual é a primeira coisa que você vai fazer a hora que o Neno aparecer na sua frente?

Rosana: Vou agarrar o meu negão...

Rodrigo Faro: Eeeee!!! Se ela falou que já dava beijinho nele desde aquela época com aquela boca, aquele visual, aquela bandeira do Corinthians, aquele cabelo, imagina como está agora! Rosana, eu tenho que te dizer uma coisa, o Neno ele está ali, olha ali, está ali, está atrás daquele espelho.

Rosana: Está ali? Posso falar com ele?

Rosana: Pode.

Rodrigo Faro: Posso? Então Jovelino, você está aí? [o participante se encontra a caminho do palco, dentro dos estúdios].

Jovelino: Eu estou chegando.

Rodrigo Faro: Estou chegando. É você Jovelino?

Jovelino: É eu mesmo.

Rodrigo Faro: É o Neno?

Jovelino: É.

Rodrigo Faro: E Neno, tudo bem meu velho?

Jovelino: Tranquilo véio.

Rodrigo Faro: Neno em primeiro lugar eu queria lhe agradecer por ter topado por amor a essa mulher que está aqui no palco, vale tudo, não vale Neno?

Jovelino: Com certeza!

Rodrigo Faro: O que essa mulher representa para você Neno?

Jovelino: Tudo, não tem outra, é ela mesma, só ela!

Rodrigo Faro: É a mulher da tua vida?

Jovelino: Com certeza, cara.

Rodrigo Faro: Então o seguinte, você já se olhou no espelho não?

Jovelino: Ainda não.

Rodrigo Faro: Ainda não?

Jovelino: Não.

Rodrigo Faro: Eu vi a mulherada falando de você na rua, que você está mais bonito, parece até que está com trinta anos de idade, é verdade?

Rosana: Que é para mim tomar cuidado!

Rodrigo Faro: É, para tomar cuidado a esposa. Quer dizer que você está bonitão então?

Jovelino: Surpresa! [risada]

Rodrigo Faro: Surpresa, eu adoro essa risada, está pronto para vir Neno?

Jovelino: Vamos lá.

Rodrigo Faro: Então, olha a saudade que ela está gente! Está nervosa, né? Agora ela está nervosa, está ansiosa de verdade! Então Rosana, agora não tem mais volta, porque quando o Neno descer aquelas escadas é uma nova história, é um novo marido, aquele Neno não existe mais, por fora, porque por dentro ele continua o mesmo paizão, o mesmo homem maravilhoso por quem você foi, é, e sempre será apaixonada, beleza? Posso chamar o Neno?

Rosana: Pode.

Rodrigo Faro: Plateia, posso chamar o Neno?

Plateia: Pode.

Rodrigo Faro: Como é que está o coração?

Rosana: Está batendo muito forte!

Rodrigo Faro: Muito?

Rosana: Muito, eu estou me tremendo toda!

Rodrigo Faro: Então gente, agora é a hora! Pessoal, não dá mais para esperar! Nesse momento, toda a minha plateia já está mandando energia positiva, todo mundo já está com a mão para cima, a minha plateia *Melhor do Brasil!* E vamos chamar comigo o novo Jovelino! Este é o *Arruma Meu Marido* prestes a revelar mais uma transformação inacreditável! Eu não tenho a menor ideia de como ele ficou. A Rosana que já está emocionado aqui do lado está há dez dias sem ver o maridão. E olha me disseram eu o cara ficou um espetáculo! Então, plateia, todo mundo com a mão para cima contando comigo: Cinco, quatro, três, dois, um! *Arruma Meu Marido*, pode abrir o telão, aí está o novo.

Rodrigo Faro: Pois é. Vem cá Neno, vem cá Rosana, porque eu quero mostrar, eu quero mostrar para você que está em casa, olha a mudança, olha como era o Neno e como ele ficou, mostra aí, olha isso, olha isso, olha mudança, gente. Oh Rosana, olha o sorriso, Rosana melhorou ou não melhorou? [o participante se encontra no palco]

Rosana: Cem por cento. (Q2)

Ao apresentar o “novo homem”, o apresentar Rodrigo Faro indaga a esposa se ela está preparada para ver o seu marido transformado, questionando-a sobre o que ela irá fazer ao vê-lo. Sua resposta “*Vou agarrar o meu negão*”, demonstra que, após a mudança, a esposa sente maior atração por seu marido, coisa que antes não acontecia.

Observa-se também que a transformação funciona como um mecanismo de atratividade, como já enfatizado em outros discursos, pois, a partir da mudança visual do participante, suas chances afetivas e sexuais são potencializadas, como pode-se observar na seguinte fala: “*Eeeee, se ela falou que já dava beijinho nele desde aquela época, com aquela boca, aquele visual, aquela bandeira do Corinthians, aquele cabelo, imagina como está agora?*”, evidenciando a beleza como potencializadora da atratividade entre o casal.

Posteriormente, o apresentador diz ao participante *“Eu vi a mulherada falando com você na rua, que você está mais bonito, parece até que está com trinta anos de idade”*, destacando a juventude como modelo de virtude e desprezo para com a velhice. O apresentador diz ainda que é para a esposa *“tomar cuidado”* com as outras mulheres que poderão cortejá-lo, *já que seu marido “está bonitão”*

As falas evocam questões de afeto do casal, pois tudo que o marido se submeteu não foi em vão, foi para satisfazer a vontade de sua esposa e familiares, pois eles representam muito em sua vida, não podendo perdê-los em decorrência de sua corporalidade inadequada. Nesse sentido, quando o apresentador pergunta *“O que essa mulher representa para você Neno?”* Ele responde *“Tudo, não tem outra, é ela mesmo, só ela.”* Rodrigo Faro ainda questiona *“É a mulher da tua vida?”* Ele responde *“Com certeza, cara!”*

Durante o quadro, o apresentador destaca que a mudança que o programa proporciona é posto como um divisor de águas na vida do casal *“porque quando o Neno descer aquelas escadas é uma nova história, é um novo marido, aquele Neno não existe mais.”* O apresentador pergunta quais são as expectativas dela em relação às mudanças e que melhorias isso trará para sua vida familiar e em sociedade, indicando que tudo será diferente dali pra frente, pois a aparência física, que era a grande causadora de todo o sofrimento familiar, foi *“arrumada”*. O apresentador ainda indica que a mudança aconteceu só por fora, porque *“por dentro ele continua o mesmo paizão, o mesmo homem maravilhoso”* por quem ela foi, é, e *“sempre será apaixonada”*. O apresentador questiona a esposa sobre o que ela está sentindo no momento da revelação do *“novo”* marido e ela diz que seu coração *“Está batendo muito forte”* e que está se *“tremendo toda”*.

Por fim, e chegada a hora de comprovar, após a transformação, como os vínculos familiares foram reestruturados, demonstrando que a esposa e os demais familiares se sentem confortáveis e felizes com *“novo”* sujeito, pois esse é o propósito do quadro, ajudar as pessoas e restituir a felicidade familiar que se encontrava ameaçada. Após o apresentador demonstrar o seu espanto pela mudança, dizendo *“é inacreditável”*, ele chama a família para abraçar o novo homem. E diz *“tem um monte de gente querendo te abraçar”*. Enfatiza que ele está com um sorriso bonito, limpo de quaisquer impurezas e aceitável pela sociedade *“olha o sorriso, hein? Que sorriso branco”*. Diante das mudanças, Rodrigo Faro apresenta o participante como *“um homem novo”* que se parece com um *“galã de novela”*, um gringo ou um rapper, fazendo alusão à beleza fabricada dos personagens da mídia, que representam o padrão aceitável de beleza a ser seguido.

Partindo para o encerramento, assim como o final de todos os quadros, o apresentador realiza um convite para os telespectadores se inscreverem no quadro, para que possam restabelecer os vínculos que se encontram fragilizados em decorrência de sua aparência física. *Visando inserir o telespectador na trama, para que ele sinta que Rodrigo Faro está falando com ele, ele chama o telespectador para fazer parte do cenário dizendo: “Vem cá Neno, vem cá Rosana, porque eu quero mostrar, eu quero mostrar para você que está em casa, olha a mudança, olha como era o Neno e como ele ficou mostra aí, olha isso, olha isso, olha mudança, gente”*. A chamada é uma forma de levar o telespectador a comprovar como o participante mudou, certificando-se que o quadro realmente funciona. Assim, a comprovação se dá mediante a exibição do participante transformado.

Nesse sentido, a Figura 11 demonstra que, além da transformação da beleza, assim como no quadro anterior, houve uma reestruturação dos vínculos afetivos, com o grande encontro entre marido e esposa selado por um beijo, e o aconchego e carinho de seus familiares após a transformação, dando a entender que, a partir daí, eles serão “felizes para sempre”.



Figura 11 – Realização do projeto familiar (Q2)

Fonte: Print do quadro arruma meu marido (Q2), Rede Record de Televisão

Por fim, na apresentação do “novo” Jailton, assim como as demais apresentações analisadas, observa-se falas com fortes apelos emotivos, conforme se pode observar nos diálogos a seguir.

Rodrigo Faro: Gente, o Jailton está aqui no estúdio e ele está ali, está ali atrás daquele telão, o Jailton está lá, atrás... Jailton nada, é Pucuthuco. Vamos ver se ele está lá. Vamos ver se ele está lá? Pucuthuco, você me ouve Pucuthuco?

Jailton: Olá Rodrigo, tudo bom?

Rodrigo Faro: Fala Jailton, tudo bem? Ô Jailton, Jailton, a sua esposa aqui do lado ela está emocionada, você já se olhou no espelho?

Jaílton: Já, muitas vezes.

Rodrigo Faro: Muitas vezes? E o que você viu?

Jaílton: Ah, tô meio mudado viu, Rodrigo.

Rodrigo Faro: Tá meio mudado? Para melhor ou para pior, está mais bonito?

Jaílton: Ah, eu tô elegante viu?

Rodrigo Faro: Tá elegante, tá gatão?

Jaílton: Tô bastante.

Telma: Para mim né?

Rodrigo Faro: Para a Telma né Pucuthuco.

Jaílton: Boa tarde, amor!

Telma: Boa tarde.

Rodrigo Faro: Ai que saudade, ela não está aguentando mais de saudade! Como é que você vai fazer agora com a graxa, hein, com essas unhas novas, lindas, as unhas estão vermelhas ou não pode contar, é segredo, Pucuthuco?

Jaílton: A gente vai ter que dar um jeitinho agora, né?

Rodrigo Faro: Vai ter que dar um jeitinho, né?

Jaílton: Vai, vai ter que dar um jeitinho, foi uma briga e tanto lá na estética, viu Rodrigo?

Rodrigo Faro: Foi é? Tinha muita mulher do teu lado que eu vi, viu, Jaílton?

Jaílton: É, mas foi uma briga bastante, viu? Tive que amarrar a Carol e a Cris lá, viu?

Telma: Nossa, olha, tá vendo que intimidade?

Rodrigo Faro: Que intimidade, Carol, Cris...

Telma: Deixa ele!

Rodrigo Faro: Deixa ele, vamos ver como é que ele vai chegar. Então gente, nos resta chamar o Jaílton para cá. Mas, antes, eu quero perguntar, Telma, o que o seu coração está dizendo nesse momento? Porque eu sei que você ama muito esse homem que está aqui atrás.

Telma: Com certeza.

Rodrigo Faro: Ele é um cara superespecial, ele mostrou, a gente mostrou um pouquinho da vida dele, da história dele, da história de vocês, ele passou por um momento de enorme dificuldade, que foi o acidente.

Telma: É.

Rodrigo Faro: Ele te socorreu no acidente e depois ele infelizmente sofreu um acidente.

Telma: Sofreu um acidente.

Rodrigo Faro: Mas o *Melhor do Brasil* arrumou o teu marido, o que seu coração está dizendo?

Telma: Ah, meu coração está ansiosa para ver, para dar um abraço, um beijo, eu sei que vai melhorar muito para a gente essa autoestima! Ele estava precisando disso, não só eu, mas eu vendo ele feliz, eu fico feliz também.

Rodrigo Faro: Vai ter beijão?

Telma: Vai ter beijão, vai ter beijão!

Rodrigo Faro: Vai ter beijão? Eita... Plateia *Melhor do Brasil*, posso chamar o Pucuthuco?

Plateia: Podeeee...

Rodrigo Faro: Telma, preparada?

Telma: Preparada.

Rodrigo Faro: Posso chamar?

Telma: Pode chamar.

Rodrigo Faro: Então vamos lá! Agora gente, chegou o momento. A família está toda lá, o papai, seu Carlos, Dona Eliza, olha o Lucas, o Cristiano, os

amigos. Vem para cá porque agora, agora é hora de revelar mais uma transformação do *Arruma Meu Marido*. Plateia, vamos lá. A plateia já sabe, todo mundo com a mão para cima mandando energia positiva para o telão porque é o grande momento de ver o velho Pucuthuco Jaílton transformado dos pés à cabeça. Contando comigo, pessoal, para abertura do telão: Cinco, quatro, três, dois, um! Pode abrir o telão *Arruma Meu Marido*. Olha o novo Jaílton! Que é isso? Vem pra cá, Jaílton! Meu Deus do céu, olha o Jaílton! Tem alguém, querendo te abraçar, Jaílton. Tem alguém querendo muito te abraçar, muito, muito, muito. Pode vir a família, vem para cá a família toda, pode vir seu Carlos, Dona Eliza. Jaílton, rapaz, não é a mesma pessoa, não é possível, não é possível! Gente, espera um pouquinho, espera um pouquinho! Vamos mostrar, espera aí! Esse aqui é o mesmo Jaílton, olha a plateia, nem a plateia está acreditando que pode ser o mesmo Jaílton. Olha quem está aqui, papai, mamãe, todo mundo querendo te rever. Jaílton, vai lá, vai lá, tem muita gente querendo te rever, te abraçar. Ele que recebeu esse conserto do *Arruma Meu Marido*, a Telma pediu, o marido novo está aí. Jaílton...

Telma: Ele merece.

Rodrigo Faro: É impressionante, ele merece isso, por que ele merece isso?

Telma: Porque ele é uma pessoa maravilhosa, ele merece...

Jaílton: Te amo amor! (Q3).

Durante a apresentação do “novo” homem, Rodrigo Faro questiona o marido se ele já se olhou no espelho e notou alguma diferença em sua aparência. É reiteradamente enfatizado o quanto ele mudou, que já não é o mesmo do início do quadro, que após a transformação ele está mais apresentável, com sua aparência física mais harmoniosa. A esposa participa de toda a cena, a fim de se comprovar a transformação, que foi um pedido feito por ela para reestruturação dos vínculos familiares e afetivos. Assim, Rodrigo diz que a esposa está ao lado dele, que ela está emocionada e pergunta se ele já se olhou no espelho. Jaílton diz que se olhou no espelho muitas vezes, como se não acreditasse no que via. Questionado por Rodrigo sobre o que viu, ele responde que está mudado, elegante e gatão. Ao dizer que está gatão, Telma *intervém* “*Para mim, né?*” demonstrando ciúmes de que ele se arrume para outras mulheres.

Nas falas ainda observa-se que, após a transformação, é necessário também readequar os comportamentos do dia a dia. Como o participante Jaílton é mecânico, o apresentador questiona como ele irá fazer, após a mudança, para não ficar com as unhas cheias de graxa, pois agora elas estão limpas e lindas, assim como o participante, e merecem serem cuidadas, pois houve muito investimento para se chegar a tal resultado e ele não poderá, desperdiçar tal chance e correr o risco de ser novamente rejeitado. Jaílton diz que “*A gente vai ter que dar um jeitinho agora, né?*”, mas não diz que jeitinho seria esse, pois é praticamente impossível para um mecânico não se sujar de graxa.

A apresentação do “novo” participante, assim como nos demais quadros analisados, os discursos referentes à atratividade se encontram presentes. Reforçando que beleza e atratividade andam lado a lado, Rodrigo Faro faz uma provocação, dizendo que tinha muita mulher do lado do Jaílton na clínica de estética e que ele já estava intimidade com as esteticistas Carol e Cris. Em um tom de brincadeira e ameaça a esposa diz: *“Deixa ele!”*, como se afirmasse *“não brinca comigo!”*

No decorrer do quadro o apresentador questiona a esposa sobre o que ela está sentindo naquele momento, no momento de revelação do “novo” marido, quais são suas expectativas em relação a isso, e o que de melhoria isso trará para sua vida familiar e em sociedade. O apresentador puxa a conversa para o romantismo, perguntando o que o coração de estava dizendo naquele momento e afirma *“eu sei que você ama muito esse homem que está aqui atrás.”* É como se ele dissesse que ela o ama a tal ponto de inscrevê-lo no quadro para que seja transformado e, desta forma, ele seja reinserido socialmente e os laços conjugais sejam fortalecidos, por um lado, e ameaçados por outro, que ele está “gatão” e a mulherada pode se interessar por ele. Após o apresentador mencionar o acidente que Jailton sofreu que comprometeu a aparência dele, Telma diz que a transformação *“vai melhorar muito para a gente essa autoestima”*, destacando que ambos estavam precisando da transformação que restituiria a felicidade de ambos.

Por fim, é chegada o real momento de apresentar como o participante ficou após inúmeras intervenções em sua corporalidade. Após todo o espanto com o “novo” Jailton, a família é convidada a desfrutar da companhia do “novo” marido/pai. Neste momento, os diálogos são carregados de emoções, sempre enfatizando o quão bom foi escrever o marido no quadro, que realmente valeu a pena todo o esforço, e que o objetivo final – a mudança – foi concretizado e que eles poderão viver felizes, conforme podemos observar nas seguintes falas: *“Vai ter beijão? Vai ter beijão, vai ter beijão. Vai ter beijão? [apelos do apresentador demonstrando questões de atratividade que foram reajustadas] Eita... Plateia Melhor do Brasil, posso chamar o Pucuthuco? Podeeee... Telma, preparada? Preparada. Posso chamar? Pode chamar. Então vamos lá, agora gente, chegou o momento, a família está toda lá, o papai, seu Carlos, Dona Eliza, olha o Lucas, o Cristiano, os amigos, vem para cá porque agora, agora é hora de revelar mais uma transformação do Arruma Meu Marido, plateia, vamos lá, a plateia já sabe, todo mundo com a mão para cima mandando energia positiva para o telão porque é o grande momento de ver o velho Pucuthuco, Jaílton transformado dos pés à cabeça [“nova” pessoa]. Contem comigo, pessoal, para abertura do*

telão, cinco, quatro, três, dois, um! pode abrir o telão, Arruma Meu Marido olha o novo Jaílton, que é isso, vem pra cá, Jaílton, meu Deus do céu, olha o Jaílton, tem alguém, querendo te abraçar, Jaílton, tem alguém querendo muito te abraçar, muito, muito, muito, pode vir a família, vem para cá a família toda, pode vir seu Carlos, Dona Eliza [realização da família com a nova aparência física do participante] , Jaílton, rapaz, não é a mesma pessoa, não é possível, não é possível, gente, espera um pouquinho, espera um pouquinho, vamos mostrar, espera aí, esse aqui é o mesmo Jaílton, olha a plateia, nem a plateia está acreditando que pode ser o mesmo Jaílton [espanto com a nova aparência do participante] . Olha quem está aqui, papai, mamãe, todo mundo querendo te rever [ver e confirmar que realmente agora em diante tudo será melhor], Jaílton, vai lá, vai lá, tem muita gente querendo te rever, te abraçar, ele que recebeu esse conserto do Arruma Meu Marido, a Telma pediu, o marido novo está aí” [tudo isso graças a esposa que o inscreveu, deixando sublinaramente um convite aos telespectadores que sejam ser transformado fazer o mesmo].

Corroborando com tais exposições, observa-se na imagem a seguir que, assim como nos demais quadros, houve a reestruturação dos vínculos afetivos, onde observa-se o grande encontro entre marido e esposa, e o tão esperado beijo do casal, e o aconchego e carinho de seus familiares após a transformação, demonstrando como, agora em diante, serão “felizes para sempre”.



Figura 12 – Realização do projeto familiar (Q3)

Fonte: Print do quadro arruma meu marido (Q3), Rede Record de Televisão

Deste modo, observa-se que, a participação dos maridos no quadro *Arruma meu marido* corresponde a um projeto familiar, onde, cada membro, pais, filhos, esposas, e também os amigos, possuem suas insatisfações em decorrência a aparência física do

participante. Assim, é realizada a inscrição do participante para que, de alguma forma, seja reestabelecidos os vínculos sociais, afetivos e emocionais.

Por fim, as transformações ocorridas no quadro “*Arruma meu Marido*”, e as ponderações acima expostas nos faz pensar, analogamente, as propagandas de margarinas, amplamente divulgadas na mídia brasileira²⁹, que tem como pressuposto a apresentação de uma família feliz e realizada em torno de uma confraternização a partir do consumo de um produto, neste caso a margarina. Ao se tratar das análises do *Arruma meu marido*, a confraternização se refere a “nova” corporalidade dos participantes e a reestruturação dos vínculos familiares, a partir também do consumo de produtos e serviços, neste caso do mercado da beleza e da boa forma.

Assim, o quadro fornece aos telespectadores a ideia de que, quanto mais “apresentáveis”, “bonitos”, dentro dos “padrões de beleza” e, quanto mais consumirem os produtos que são oferecidos pelos segmentos da beleza e da boa forma, eles, certamente, serão finalmente felizes.

Contudo, tais ponderações nos faz refletir se os participantes, e por finalidade as pessoas que se submetem a tais processos, ao chegarem a tão sonhada e arquitetada “felicidade”, se sentem mesmo felizes? Esgotar-se-á as possibilidades de felicidade neste ato?. Edgar Morin (1997, p.125), em seu livro: *Cultura de massa no século XX: neurose* pondera que a “A felicidade é um mito, isto é, projeção imaginária de arquétipos de felicidade, mas é ao mesmo tempo idéia-força, busca vivida por milhões de adeptos”.

“Como ser feliz?” pergunta intrínseca no decorrer de todo o quadro, e que é respondida, incessantemente, por meio de discursos que fornecem o passo a passo para a resposta, nesta lógica, o quadro pode ser entendido, praticamente, como um exercício de cidadania, onde, através de diversos subterfúgios, a ideia de consumo nos é apresentada para além de um simples hábito, mas sim enquanto um mecanismo de glamourização e de alcance de um determinado pertencimento em sociedade, de como enfim ser “feliz”.

A felicidade moderna é partilhada pela alternativa entre a prioridade dos valores materiais, a prioridade do ser e a prioridade do ter, e ao mesmo tempo faz força para superá-la, para conciliar o ser e ter. A concepção de felicidade, que é a da cultura de massa, não pode ser reduzida ao hedonismo do bem estar, pois, pelo contrário, leva alimento para as grandes fomes da alma, mas pode ser considerada consumidora, no sentido mais amplo do

²⁹ Para melhor entendimento ver o trabalho intitulado: “*Feliz como em propaganda de margarina*”. Disponível em: http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7326/1/2013_JairoDePaulaAtaide.pdf. Acessado em: 25/01/2018

termo, isto é, que incita não só a consumir os produtos, mas a consumir a própria vida. (MORIN, 1997, p.127)

Sobre a perspectiva do consumo, o programa *Hora do Faro*, em seu quadro *Arruma meu marido*, objeto de análise desta pesquisa, assim como os demais programas e quadros televisivos do mesmo gênero, realizam um “apelo romântico capitalista” (CAMPBELL, 2001), no qual, por meio do consumo de produtos e serviços fornecidos pelo mercado, em especial ao da boa forma e da beleza, são “restrutturados” os vínculos sociais dos sujeitos, que *a priori* se encontravam “desestrutturados”, e fornecem um “valor” e prestígio aos sujeitos em sociedade.

Nesta perspectiva, torna-se de suma importância a compreensão da obra do sociólogo Colin Campbell, publicada originalmente na Inglaterra em 1987, intitulada *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*, inspirado nas contribuições de Max Weber presentes em obra *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, na qual ele discorre sobre a importância da reforma protestante para consolidação do capitalismo moderno. Weber (2004) relaciona as doutrinas e práticas religiosas protestantes para evidenciar o surgimento de um modelo operante nas relações sociais, tais como, possuir uma família “estrutturada”, um bom emprego, ser um bom exemplo em sociedade, dentre outras infinitudes de práticas “regulatórias” que, na visão do autor, contribuem para a produção de bens de consumo para a manutenção de um determinado modelo, gerando o acúmulo de capital.

A partir da proposta de Weber (2004), Colin Campbell (2001) incorpora uma nova visão, argumentando que a ética romântica foi de suma importância para a consolidação do consumismo moderno no século XVIII, em especial na Inglaterra, época marcada por uma ascensão de uma classe média e burguesa, por uma intensificação do consumo de artigos de luxo, pela dedicação do tempo ao lazer e a crescente leitura de ficção romântica (como o trágico e clássico livro *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare) e que, na visão do autor, “[...] de um modo até agora obscuro, se relacionam com o que se veio a chamar a revolução do consumo” (CAMPBELL, 2001, p.46).

Para Campbell (2007), a emancipação da sociedade de consumo, desde o século XVIII e, em especial no século XXI, transformou-se num *locus* da construção das identidades. Na percepção do autor,

[...] essa maneira de conceber a própria identidade é muito nova. Realmente, levando-se em conta o tempo histórico, acabou de acontecer. Por isso, é pouquíssimo provável que nossos avós, até mesmo nossos pais, pensassem sobre o assunto dessa maneira. Para eles, antes de tudo, a identidade estava

muito mais relacionada ao *status* e à posição que ocupavam em várias instituições e associações, como família, trabalho, religião, raça, etnia e nacionalidade. Tudo isso era muito mais importante do que algo tão insignificante quanto o gosto pessoal. Consequentemente, suas autodefinições tendiam a enfatizar seu *status* de fazendeiro, pescador, pai, presbiteriano, católico, inglês, sueco etc., e não o seu gosto por vinho, literatura, música ou atividades de lazer (CAMPBELL, 2007, p. 53).

Portanto, a sociedade de consumo proposta por Campbell demonstra que as realizações dos desejos dos sujeitos tornam-se a base de sustentação de um consumo desenfreado e a busca do ter sempre mais, até o ponto de um possível “esgotamento” que os deixem satisfeitos, fato esse que não ocorre. Como aponta o autor, a “[...] motivação básica é o desejo de experimentar na realidade os dramas agradáveis de que já desfrutaram na imaginação, e cada ‘novo’ produto é visto como se oferecesse uma possibilidade de concretizar essa ambição” (CAMPBELL, 2001, p. 131).

Por fim, observa-se, nesta pesquisa, assim como enfatizado por Campbell (2001), que o quadro Arruma meu marido incita um romantismo consumista nos participantes e, por consequência, nos sujeitos que o assiste, onde, por meio do consumo de uma gama de produtos e serviços, há um compartilhamento de valores idealistas movidos por uma particularidade significativa: o amor romântico.

Antes de se consumir os produtos e serviços vinculados no quadro, os maridos possuíam uma corporalidade “negativa”, eram privados do contexto social e familiar, suas esposas não sentiam atração física, não os beijavam, possuíam nojo e asco de tocar seus cabelos e pele; seus filhos tinham vergonha de estar junto a ele no convívio social. Os maridos eram ridicularizados e privados de vários contextos. Contudo, após a transformação, mediante um forte investimento material e simbólico, os maridos modificam sua forma de se apresentar. Assim, ganham-se novos cortes de cabelo, novas roupas, novas faces, novos sorrisos, novos hábitos de higiene pessoal e, consequentemente, novas formas de consumo. Reestruturam-se os laços afetivos e emocionais entre os sujeitos; os corpos passam a ter uma corporalidade “positiva”, sendo socialmente valorados. Os corpos passam a ajuizar uma maior atratividade, que podem exercer sua sexualidade. Assim, propaga-se e instituem-se tendências de modos de ser, que visam a obtenção de um reconhecimento social através do olhar do outro. Assim, o consumo capitalista, sobre o prisma do amor romântico, torna-se a mola propulsora da engrenagem social que inclui e exclui o sujeito em um processo de (des)valorização de seu ser.

O quadro *Arruma meu marido*, por meio de seus anúncios e propagações de modas e modos, engradece o consumo exacerbado e alimenta o sistema capitalista, propagando um determinado modelo de vida, pautado no consumo de bens e serviços para manutenção, neste caso, de uma estética “aceitável” em sociedade, que em muitos casos é inatingível para grande parte dos telespectadores. Por finalidade, este modelo imposto pode causar grandes danos psicofísicos nos indivíduos que não se enquadram a tais padrões, por exemplo, depressão, frustração, e até mesmo propagar violência por não se sentirem inseridos no contexto social.

Assim, ao se compreender a participação da família no quadro *Arruma meu Marido*, se observa que está traz consigo valores diferentes do que é posto por alguns autores abordados nesta pesquisa (SIERRA, 2011; JOSÈ FILHO, 2007), e do senso comum, que compreendem a família, mesmo com suas modificações, enquanto um lugar de afeto, segurança e aceitação dos sujeitos, e em especial ao se tratar das famílias de classe média, impactando nas suas identidades e relações.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que atravessa qualquer matéria viva ou vivida. É um processo, ou seja, uma passagem de Vida que atravessa o vivível e o vivido (DELEUZE, 1997, p. 11).

Esta pesquisa permitiu reflexões sobre as ações da mídia televisiva, em especial os quadros de *reality show* de transformação corporal, na (re)construção da corporalidade dos sujeitos na contemporaneidade, desvelando como ela afeta, significativamente, a dinâmica de interação dos sujeitos em todas as esferas da vida, pessoal, familiar, profissional e social.

A mídia, em especial a televisiva, é, em grande parte, responsável pela informação passada para a sociedade brasileira, de modo que está torna-se modeladora de condutas e pensamentos, sendo as programações estrategicamente formuladas para este fim. Dessa forma, os realities shows de transformação corporal difundem ideias massificadas e modos de lidar com o corpo. Programas como esses constituem mecanismos que legitimam os padrões corporais de beleza pautados num corpo magro, jovem e livre de quaisquer sinais que o depreciem em sociedade, e também contribuem para a criação de um fantasioso “imaginário” no qual a felicidade só será alcançada mediante a adequação aos ditames fornecidos pelo comércio da corpulatria, que é reiterado pela mídia.

Além da difusão massificada dos corpos, os *reality shows* funcionam como uma espécie de serviço assistencialista em que, por meio deles, podemos aprender a emagrecer (Medida Certa; Além do Peso, e afins), a cuidar dos filhos (Super Nane), arrumar ou remodelar a casa (Irmãos a Obra, entre outros), vestir-se adequadamente (Esquadrão da Moda, entre outros), ser competitivo (O Aprendiz), dentre outros, fornecendo uma infinidade de ajuda para a “melhoria” do dia a dia do participante em sua interação com o ambiente social, caracterizado pela heterogeneidade em todas as esferas, seja pública ou privada.

Observa-se que a adequação ou não a esses padrões de beleza contribui para estabelecer a inclusão e/ou a exclusão dos sujeitos na vida em sociedade. Para isso, os sujeitos moldam suas identidades mediante o que é exposto pela mídia que fornece as referências para se encontrar o caminho da felicidade.

Mediante a pesquisa, foi possível confirmar que o corpo funciona como uma forma de capital, conforme enfatizado pela antropóloga Mirian Goldenberg (2011), pois as relações sociais são instituídas mediante a aparência física, que pode ser usada como forma de exclusão e/ou inclusão dos indivíduos dentro dos contextos sociais.

O quadro demonstra que os vínculos de sociabilidade dos participantes inscritos se encontram fragilizados em decorrência de sua aparência física. Suas esposas, filhos e amigos enfatizam, a todo o momento, que não se sentem confortáveis em estar com uma pessoa que se encontra privado do convívio familiar e social. Além desse convívio, as esposas dizem que a inadequação corporal compromete a atração física e sexual por seus maridos. Menciona o desconforto de beijar uma boca com falta de dentes, alisar uma pele áspera ou passar a mão sobre cabelos mal cuidados, cujas falas demonstram nojo em relação a essas sujeiras. Desta maneira o corpo é usado nas relações afetivas, sexuais e sociais, podendo ir a favor ou contra o sujeito, mesmo nas escolhas que são feitas nestas esferas.

Nos *realities shows* de transformação corporal tudo é executado a serviço da capacidade de argumentar e mostrar os resultados. Deste modo, é sempre enfatizado que ser “bonito” funciona como mecanismo de atratividade nas relações diárias, sendo que as pessoas que detêm melhores atributos físicos possuem maiores chances de serem bem sucedidas, e que pessoas que não se enquadram nos padrões estéticos socialmente estabelecidos não usufruem das mesmas oportunidades. Nesse sentido, beleza e atratividade andam lado a lado, mas não se trata de qualquer beleza, mas da beleza exposta pela mídia através das celebridades vinculadas em novelas, programas, revistas e afins. Um padrão muitas vezes alcançado somente mediante intervenções da tecnologia fotográfica e computadorizada, do tipo Photoshop.

Observa-se que a principal insatisfação apontada pelos familiares e amigos dos participantes são os dentes, que se encontram danificados, estragados e, muitas vezes, em falta. Os cabelos são o segundo ponto de insatisfação na aparência dos participantes, sendo mal cuidados, compridos, grandes e despontados, estando frequentemente na cor branca, devido ao branqueamento natural. A pele é o terceiro ponto de insatisfação que recebe investimentos, sendo que geralmente possui manchas provocadas pelo tempo ou pela exposição ao sol. Esses aspectos que “necessitam” de intervenção demonstram que alguns signos corpóreos não são aceitos em nossa sociedade, como apontado por Mirian Goldenberg (2011), e que alguns sinais relativos ao processo de envelhecimento (cabelos brancos, manchas provocadas pelo tempo) devem ser “removidos”, para que se possa, cada vez mais, possuir uma aparência jovial.

Neste sentido, a juventude é um elemento primordial nos diálogos apresentados no quadro, e incutidos em nossa sociedade, colocando em lado apostado à velhice, que é vista como algo negativo, como um momento de decadência do corpo, que não é bem visto. Dessa forma,

o reality mostra maneiras de se prolongar a aparência juvenil, dando um “passo a passo” da “eterna juventude”.

Os participantes inscritos no quadro são tratados como uma mercadoria, como uma máquina com defeitos, que necessitam, incessantemente, ser “reparados”, “consertados”, “reformulados”. O corpo durante o quadro é fragmentado para ser arrumado em suas partes: cabelos, dentes, unhas, face. Demonstrando assim os “pedaços” que se encontram em desarmonia com o sócio esperado em nossa cultura, além de demonstrar maneiras e práticas de readequação desses corpos.

Após fortes apelos emotivos feitos pelos familiares e amigos, os participantes sofrem diversos tipos de intervenções em sua aparência, desde as mais simples, tais como, limpeza de pele, mudança de vestuário entre outras. As mais complexas, tais como, injeções de botox, tratamentos dentários e de pele com uso de tecnologias sofisticadas demonstram aos telespectadores maneiras e mecanismos, que se encontram disponíveis na sociedade capitalista, que os auxiliem a possuir corpos atraentes e com valor na sociedade.

Observa-se que o quadro funciona como uma narrativa de “conto de fadas”, onde o final, na maioria das vezes, será o tão batido “felizes para sempre”. A família enfatiza que tudo será melhor dali por diante, a esposa beija seu marido, os filhos e amigos o abraçam com grande afetividade, o que demonstra que a aparência era o grande problema dentro da dinâmica social de interação desses sujeitos, e, por conseguinte, da sociedade mais ampla.

A pesquisa realizada apresentou limitações importantes, tais como, à dificuldade em obter uma amostra mais significativa, pois os quadros que estavam disponíveis na plataforma *Youtube*, em grande parte, não estavam na íntegra, e haviam sido manipulados. A empresa (Rede Record) não fornecia cópias dos mesmos, porém verificou, mediante contato via e-mail a autenticidade dos que aqui foram analisados; outra limitação está relacionada com a falta de estudos com o mesmo objeto, transformações corporais em *realities shows* que envolva o corpo masculino e a família enquanto personagens principais, grande parte dos estudos inerente a esta área são alocados aos corpos femininos.

Deixamos aqui registrado como sugestões de estudos futuros, a verificação de como estão esses sujeitos após a transformação, para que possamos verificar e compreender se eles conseguiram manter o que lhe foi oferecido ao longo do quadro.

Por fim, cabe ressaltar que o quadro *Arruma meu marido* aponta para uma das contradições da sociedade capitalista que, de um lado, divulga uma série de códigos quanto ao que é considerado feio ou belo, criando a vergonha social naqueles que não se encontram

inseridos. Por outro lado, essa mesma sociedade capitalista não oferece condições de a maioria da população ter acesso a esses mecanismos que são bastante caros. Os problemas dentários, cujo aspecto é o primeiro a ser colocado em evidência, indicam os problemas de saúde pública do Brasil, que não tem condições de oferecer esse tão importante cuidado à população. Diante desse jogo ambíguo marcado pela exclusão e inclusão, só resta aos mais pobres se inscrever em um *reality* de transformação corporal, na esperança de ser selecionado e ter realizado o grande sonho de inclusão social, mesmo que ele seja acompanhado de um ardiloso processo de ridicularização do participante.

7. REFERÊNCIAS

ABIHPEC. *Associação Brasileira das Indústrias de Higiene Pessoal, Perfumaria e Cosméticos*, 2105. Disponível em: <https://abihpec.org.br/institucional/publicacoes/anuario-abihpec/> . Acessado em 02/01/2017

ACAD. *Associação Brasileira de Academias*, 2014. Disponível em: <http://www.acadbrasil.com.br/mercado.html> . Acessado em 02/01/2017

AGUIAR, Titta. *Personal Stylist: guia para consultores de imagem / Ilustrações Irene Maia, Renato Braga*. – São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2003.

AGUILERA, Juliana Cristina de Paula; BRANCO, Beatriz Paschoal; PRADO, Magaly. *Minha Beleza é Minha: A influência exercida pelas mídias sobre a imagem feminina*. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIII Prêmio Expocom 2016 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/expocom/EX53-0953-1.pdf>. Acessado em: 24/02/2018.

ALMEIDA, Dalmar Pacheco de. *Telenovela. O (in)discreto charme da burguesia*. Maceió, 1988.

ALVARENGA, Marle dos Santos; PHILIPPI, Sonia Tucunduva; LOURENÇO, Barbara H.; SATO, Priscila de Moraes; SCAGLIUSI, Fernanda Baeza. *Insatisfação com a imagem corporal em universitárias brasileiras*. In: *J Bras Psiquiatr*. 2010; 59(1): 44-51. Disponível em: <http://www.ufjf.br/labesc/files/2011/04/Insatisfa%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acessado em: 24/02/2018.

ALVES, José Eustáquio Diniz. *Do antropocentrismo ao egocentrismo*. In: *Portal Ecodebate: Cidadania e Meio Ambiente*, 2012. Disponível em: <https://www.ecodebate.com.br/2012/06/13/do-antropocentrismo-ao-mundo-ecocentrico-artigo-de-jose-eustaquio-diniz-alves/>. Acessado em: 20/11/2016

ANGELIN, Rosângela *Quando o “belo feminino” se torna um pesadelo uma obrigação*, 2005. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/046/46cangelin.htm>. Acesso em: 23/09/2016

APOSTÓLICO, Cimara. *Telenovela: O olhar capturado. Construção da tríade telespectador, corpo e imagem*. São Paulo: PUC, 2006. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4841>. Acessado em 23/09/2016

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena. *Filosofando. Introdução à filosofia*, São Paulo: Editora Moderna, 1988.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. *A beleza feminina no discurso da publicidade no final do século XX*. In: *ANPUH – XXV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – Fortaleza*, 2009. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.1410.pdf>. Acessado em: 24/02/2018.

ARAÚJO, Gerliene Maria Silva. *Fatores socioeconômicos contextuais associados à condição bucal de adolescentes no Brasil*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Saúde Coletiva do Departamento de Odontologia, Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2013. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/17829/1/GerlieneMSA_DISSERT.pdf. Acessado em: 25/01/2018

ARIÈS, Philippe *História social da infância e da família*. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

AUGÉ, Marc. *O sentido dos outros: atualidades da antropologia*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BANDURRA, Albert. *Psicologia Hoje – Modificações do comportamento*, Rio de Janeiro, Editora: Interamericana, 1979.

BARBOSA, Maria Raquel, MATOS, Mena Matos; COSTA, Maria Emília (2011). *Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje*. *Psicologia & Sociedade*, 23(1), 24-34. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/psoc/v23n1/a04v23n1.pdf>. Acessado em 20/11/2016

BARBOSA, Marinalva Carlos. *Percursos do olhar: comunicação, narrativa e memória*. Niterói: EdUFF, 2007.

BERGAMO, Alexandre. *A experiência de status: roupa e moda na trama social*. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

BOURDIEU, Pierre. Espaço social e poder simbólico. In: *Coisas Ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____. *A Distinção: a crítica social do julgamento*. Porto Alegre: Zouk, 2007.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2006.

_____. *A Produção da Crença - Contribuição para uma Economia dos Bens Simbólicos*. Rio de Janeiro: Zouk, 2002.

BRAGA, João. *História da moda: uma narrativa*. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2006.

BRASIL. Presidência da Republica. Secretaria de comunicação Social. *Pesquisa brasileira de mídia 2015: Hábitos de consumo de mídia pela população brasileira*. – Brasília: Secom, 2014.

BRITTOS, Valério Cruz. *Capitalismo contemporâneo, mercado brasileiro de televisão por assinatura e expansão transnacional*. Tese apresentada ao Programa de Pós Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2001. Disponível em: http://eptic.com.br/wp-content/uploads/2015/05/ok2tese_valbri1.pdf. Acessado em: 24/02/2018

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Ed Boitempo, 2004.

CAETANO, Gilson José. Influência da Mídia sobre o Corpo do Adolescente. In: *SEED. (Org.). Livro Didático Público de Educação Física*. Curitiba: Positivo, 2005, v. 1, p. 215-232.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. 2ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

CALABRESI, Carlos Augusto Mota. *Com que corpo eu vou?: a beleza e a performance na construção do corpo midiático*. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)— Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004. Disponível em: https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/96078/calabresi_cam_me_rcla.pdf?sequence=1. Acessado em 23/05/2017

CAMPBELL, Colin. *A ética romântica e o espírito do consumismo moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

_____. Eu compro, logo sei que existo: as bases metafísicas do consumo moderno. In: BARBOSA, Livia; CAMPBELL, Collin. (org.). *Cultura, Consumo e Identidade*. Rio de Janeiro: FGV, 2007. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/32185371/Compro-Logo-Sei-Que-Existo-Campbell>. Acessado em: 03/02/2018

CANAU, Maria Vera. Sociedade multicultural e educação: tensões e desafios. In: CANAU, Maria Vera (org). *Cultura(s) e educação: entre o critério e pós-crítico*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005

CARMO JUNIOR, Wilson. *Dimensões filosóficas da educação física*, Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

CASTILHO, Kathia. Interrelações da Mídia, do design do corpo e do design da moda. In: GARCIA, Wilton (org.) *Corpo e subjetividade: estudos contemporâneos*. São Paulo, Factash Editora, 2006.

_____. *Moda e Linguagem*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 2004.

CASTRO, Ana. Lucia. de. *Culto ao corpo e sociedade: mídia, estilos de vida e cultura de consumo*. São Paulo: Annablume: Fapesp. 2003.

CASTRO, Cosette. *Por que os reality shows Conquistam a Audiência?*. São Paulo: Paulus, 2006.

CHAUÍ, Marilena. *Convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COAN, Fabrícia de Oliveira. *A Influência da telenovela na moda: Uma análise da novela Caminho das Índias*. Trabalho de conclusão de curso (Monografia) – Centro Universitário de Brasília - UniCEUB, Faculdade de Tecnologia e Ciências Sociais, 2009. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2010/2/20742449.pdf>. Acessado em: 22/06/2017

COELHO, Teixeira. *A cultura e seu contrário: cultura, arte e política pós-2001* / Teixeira Coelho. - São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2008. Disponível em:

http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/itau_pdf/001054.pdf. Acessado em: 22/06/2017

CODO, Wanderle; SENNE, Wilson a. A. *O que é corpo(latria)?* São Paulo. Brasiliense, 2004.

CORRÊA, Cláudia Xavier. *Os significados da ginástica em mulheres trabalhadoras assistidas pelo centro de difusão cultural em Juiz de Fora*. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

COSTA, Marisa Vorraber. Currículo e pedagogia em tempo de proliferação da diferença: In *Trajelórias e processos de ensinas e aprender: sujeito, currículos e culturas – XIV ENDIPE*; Porto Alegre – RS: Edipucrs, 2008.

COSTA, Jurandir Freire. *O Vestígio e a Aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

CSORDAS, Thomas. *Corpo/significado/cura*. Tradução de José Secundino da Fonseca e Ethon Secundino da Fonseca. Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.

DAOLIO, Jocimar. *Da cultura do corpo*. Campinas, SP: Papirus. 1995

DEL PRIORE, Mary. *Histórias do cotidiano*. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

DELEUZE, Gilles. A Literatura e a Vida. In: DELEUZE, G. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter PálPelbart. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

ECO, Umberto. *Tratado geral de semiótica*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

_____. *História da feiura*. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2007.

_____. *História da Beleza (org)*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

EMBACHER, Airton. *Moda e identidade: a construção de um estilo próprio*. São Paulo: Editora Anhembi Morumbi, 1999.

ERNEST-PEREIRA, Aracy. *A construção do corpo através do discurso. Escatologias no espaço escolar*. Universidade Católica de Pelotas. 2005.

ESTEVES, Ana Camila de Souza. Autoria no cinema e análise fílmica: Uma aproximação metodológica. In: *Comtempo – Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero – Volume nº 1, Ano 3 - Julho 2011*. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/viewFile/7568/7217> . Acessada em: 31/01/2017

FEATHERSTONE, Mike; HEPWORTH, Mike. Envelhecimento, tecnologia e o curso da vida incorporado. In: DEBERT, G.; GOLDSTEIN, D. M. (orgs.). *Políticas do corpo e o curso da vida*. São Paulo: Sumaré, 2000.

FERNANDES, Cleudemar Alves. *Análise do Discurso: reflexões introdutórias*. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

FERNANDES, Rita de Cássia. *Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia: corpo, saúde e envelhecimento*. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FLOCKER, Michael. *O metrossexual: guia de estilo: um manual para o homem moderno*. Michael Locker; tradução Santiago Narazan. – São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11ª ed., Rio de Janeiro: Graal, 1997.

_____. *Vigiar e punir*. Tradução Raquel Ramallete. 23. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.

_____. *História da sexualidade I: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal; 1988.

_____. *Em defesa da sociedade: Curso no Collège de France (1975/1976)*. São Paulo: Martins Fontes; 2000.

FREITAS, Giovanina Gomes de. *O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade*. 2.ed. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1999.

GALLO, Sílvio. Corpo Ativo e a Filosofia. In: MOREIRA, Wagner Wey (Org). *Anne. Século XXI: A era do corpo ativo*. Campinas SP: Papirus, 2006.

GARCIA, Wilson. *Corpo, Mídia e Representação*. Estudos Contemporâneos. São Paulo: Thomson, 2005.

GARRINI, Selma Peleias Felerico. (2007). Do corpo desmedido ao corpo ultramedido: reflexões sobre o corpo feminino e suas significações na mídia impressa. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação: V Congresso Nacional de História da Mídia – São Paulo – 31 maio a 02 de junho de 2007*. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/5o-encontro-2007-1/Do%20Corpo%20Desmedido%20ao%20Corpo%20Ultramedido..pdf>. Acessado em 16/03/2017

GIDDENS, Anthony. *As consequências da Modernidade*. 2.ed. São Paulo: UNESP, 1991.
_____. *Modernidade e Identidade*. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar Ed., 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GOFFMAN, Erving. *As representações do eu na vida cotidiana*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985.

_____. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 2a. Ed. Rio de Janeiro: Zahar; 1978.

GOOSENS, Janine. *Beleza: um conjunto em harmonia*. São Paulo: Harbra, 2004.

GODOY, Arilda Schmidt. (1995b). *Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais*. Revista de

Administração de Empresas, 35(4), 65-71.

GOLDENBERG, Mirian. (org). *Nu e Vestido*. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

_____. *Gênero, "o Corpo" e "Imitação Prestigiosa" na Cultura Brasileira*. Saude soc. [online]. 2011, vol.20, n.3, pp.543-553. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902011000300002. Acessado em 08/08/2016

GOLIOT-LÉTÉ, Anne; VANOYE, Francis. *Ensaio sobre a análise fílmica*. Tradução de Marina Appenzeller 5 ed. (2002).

GOMES, Wilson. Princípios de poética (com ênfase na poética do cinema). In: PEREIRA, M.; GOMES, R.; FIGUEIREDO, V.. (Org.). *Comunicação, representação e práticas sociais*. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora PUC, 2004.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. *Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação*. 9.ed. Campinas, SP: Papirus, 1994.

GORENDER, Jacob. *Marxismo sem Utopias*. São Paulo: Ática, 1999.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. Dossiê - Comunicação, mídia e consumo. Vol. 4, No11, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/105>. Acessado em 27/10/2017

GUZZO, Marina. Riscos da beleza e desejos de um corpo arquitetado. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Porto Alegre, v.27, n.1, p. 139-152, 2005. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/4013/401338511010.pdf>. Acessado em 24/10/2017

HALL, Stuart. *Identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
HEILBORN, Maria Luiza. Corpo, sexualidade e gênero. In *Feminino, Masculino: igualdade e diferença na justiça*. (Org.): Denise Dourado Dora, 1997.

HOLLANDER, Anne. *O sexo e as roupas: a evolução do traje moderno*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

JOSÉ FILHO, Mario. *Família: conjuntura, organização e desenvolvimento*. UNESP – Universidade Estadual Paulista, Franca, 2007.

KAPFERER, Jean-Noel. *As marcas*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

KAUFMANN, Jean-Claude. *A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo*. Petrópolis, RJ: Vozes; Maceió, AL: Edufal, 2013.

KURY, Lorelai; HANGREAVES, Lourdes; VALENÇA, Máslova, T. *Ritos do Corpo*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

KNOPP, Glauco da Costa. *A influência da mídia e da indústria da beleza na cultura de corporatária e na moral da aparência na sociedade contemporânea*, 2008. Disponível em: <http://www.cult.ufba.br/enecult2008/14415.pdf>. Acesso em: 23/09/2016

LE BRETON, David. *A sociologia do corpo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

_____. *Adeus ao corpo*. Papirus. São Paulo. 2007.

LIPOVETSKY, Gilles. *O Império do Efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas*. Tradução Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras. 1999.

LITTLEJOHN, Stephen W. *Fundamentos Teóricos da Comunicação Humana*. Rio de Janeiro, RJ: Zahar Editores, 1982.

LODY, Raul. *Cabelos de Axé: identidade e Resistência*. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2004.

LOPES, Luís Carlos. *Oculto às mídias: interpretação, cultura e contratos*. São Carlos: EdUFSCar. 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte, Autêntica, 2008.

MAFFESOLI, Michel. *No fundo das aparências*. Tradução de Bertha Halpern Gurovitz. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: *Sociologia e antropologia*. São Paulo: EPU/Edusp, 1974.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michele. *História das teorias da comunicação*. 6. Ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso de. Habitus e Corpo Social: reflexões sobre o corpo na teoria sociológica de Pierre Bourdieu. In: *MOVIMENTO: Revista de Educação Física da UFRGS*, Porto Alegre, v.7, n.01, p.281-300, janeiro/ março de 2001. Disponível em: <http://www.seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/13430/12953>. Acessado em 09/08/2016.

MENEZES, Isabel. (1990). Desenvolvimento em contexto familiar. In B. P. Campos (Coord.), *Psicologia do desenvolvimento e educação de jovens: Vol II*. (pp. 52-91) Lisboa: Universidade Aberta. Papalia, D. E., Olds, S. W., & Feldman, R. D., 2001.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. Traduzido por Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde*. São Paulo: HUCITEC, 2007.

MORAES, Dênis de. *A Batalha da Mídia: governos progressistas e políticas de comunicação na América Latina e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Pão e Rosas, 2009.

MORAIS, Michael Medeiros de. *Moda & Mídia: aspectos culturais, identitários e sociais*. In: *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – UnB – 6 a 9 de setembro de 2006*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0559-1.pdf>. Acessado em: 12/05/2017

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: neurose*. Tradução de Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

_____. *As estrelas: mito e sedução no cinema*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.

NAZZARI, Rosana Katia. *Empoderamento da juventude no Brasil: capital social, família, escola e mídia*. Cascavel: Ed. Coluna do Saber, 2006.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. *Corporeidade e educação física: do corpo objeto ao corpo sujeito*. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2005.

NOVAES, Adauto. (organizador). *O homem-máquina: a ciência manipula o corpo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Alfredo Almeida Pina de. *Análise documental do processo de capacitação dos multiplicadores do projeto “Nossas crianças: Janelas de oportunidades” no município de São Paulo à luz da Promoção da Saúde*. 2007. 210 f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem em Saúde Coletiva) – Escola de Enfermagem, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: http://cmapspublic.ihmc.us/rid=1NPL08DH9-NPF215-2DH2/Alfredo_Pina%5B1%5D.pdf. Acessado em: 14/03/2017

OLIVEIRA, Nucia Alexandre Silva de. *Corpo e Beleza – Pautas nos discursos da contemporaneidade*. In: *Esboços - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC*. Vol.9. No9. 2001. ISS1414-722x. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/570> Acesso em 27/10/2017.

OMOTE, Sadao. *Estigma no tempo da inclusão*. In: *Revista Brasileira de Educação Especial*, v. 10, n. 3, p. 287-308, 2004. Disponível em: http://www.abpee.net/homepageabpee04_06/artigos_em_pdf/revista10numero3pdf/3omote.pdf. Acessado em: 24/01/2018.

ORBACH, Susie. *A impossibilidade do sexo*. São Paulo, Imago Editora: 2000.

PATRIOTA, Lucia Maria. *Teoria das Representações Sociais: Contribuições para a apreensão da realidade*, 2008. Disponível em: http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v10n1_lucia.htm. Acessado em 18/05/2016.

PENAFRIA, Manuela. *Análise de Filmes-conceitos e metodologia (s)*. In: *VI Congresso SOPCOM*, Abril, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acessado em: 30/01/2017.

PETROSKI, Edio Luiz; PELEGRINI, Andreia; GLANER, Maria Fátima. Motivos e prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes. In: *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(4):1071-1077, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csc/v17n4/v17n4a28.pdf>. Acessado em: 24/02/2018

PINTO, Alexandra Guedes. *Publicidade: um discurso de sedução*. Porto: Porto Editora, 1997.

PONTE, Daniel Fonsêca Ximenes. A industrialização e a consolidação da televisão no Brasil: processos que se comunicam sob a lógica capitalista. In: *XII Congreso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación* (Alaic 2014), de 6 a 8 de agosto de 2014, em Lima, Peru. Disponível em: <http://congreso.pucp.edu.pe/alaic2014/wp-content/uploads/2013/09/GT6-Daniel-Fons%C3%A0ca-Ximenes-Ponte.pdf>. Acessado em: 24/02/2018

RIBEIRO, Rúbia Guimarães; KRUSE, Maria Henriqueta Luce. O corpo da mulher em revista: o imperativo da beleza. In: *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2014 Jan-Mar; 23(1): 101-8. Disponível em: http://www.scielo.br/pdf/tce/v23n1/pt_0104-0707-tce-23-01-00101.pdf. Acessado em: 24/02/2018

RICHARDSON, Roberto Jarry. *Pesquisa social: métodos e técnicas*. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. *Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino. Implicações para a Educação Física escolar*. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)—Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

RODRIGUES, Daniela Rosário. *Direito Civil. Família e Sucessões*. São Paulo: Rideel, 2011.

RODRIGUES, José Carlos. *O corpo na história*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999.

ROMAIS, Astomiro. *A estética do corpo na televisão: representações do corpo nos programas de entretenimento, na publicidade e no jornalismo*. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação, Porto Alegre, BR-RS, 2001. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/2244>. Acesso em 27/10/2017

ROSÁRIO, Nísia Martins do. *Mundo contemporâneo: corpo em metamorfose*. 2004. Disponível em: <http://www.jorgematheus.jex.com.br/intersexo/mundo+contemporaneo+corpo+em+metamorfose>. Acesso 26/09/2016.

ROUSSELE, Aline. *Pornéia. Sexualidade e amor no mundo antigo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. In: *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 4-21, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n1/8601.pdf>. Acessado em 25/10/2017

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. *Corpos de passagens: ensaio sobre a subjetividade contemporânea*. Com Ciência: Revista Eletrônica de Jornalismo Científico, São Paulo, n.78, 10 jul. 2001. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/handler.php?section=8&tipo=entrevista&edicao=15>. Acesso em: 06/05/2016.

SANTIN, Silvino. *Educação Física: uma abordagem filosófica da corporeidade*. Ijuí, RS: Livraria UNIJUÍ Editora, 1987.

SANTOS, Gisele Pinheiro dos. *A mulher no discurso publicitário: ideologia e individualização do sujeito*, 2007. Disponível em <http://www.ucb.br/sites/100/165/TrabalhodeConclusaodeCurso/Amulhernodiscursopublicitario.pdf>. Acesso em 27/10/2017

SANTOS, Lionês Araújo dos. “O corpo na cultura e a cultura da ‘reforma’ do corpo”. RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção, v. 10, n. 30: 406-414; ISSN 1676- 8965, Dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Lion%C3%AAsArt.pdf> . Acessado 02/08/2016.

SARTI, Cynthia. Família e individualidade: um problema moderno. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.) *A família contemporânea em debate*. 3. ed. São Paulo: EDUC : Cortez, 2000.

SBCP. *Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica*, 2009. Disponível em: <http://www2.cirurgiaplastica.org.br/wp-content/uploads/2012/11/pesquisa2009.pdf> . Acessado em: 02/01/2017

SEVCENKO, Nicolou. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SIEBERT, Raquel Stela de Sá. As relações de saber-poder sobre o corpo. In: *Corpo, Mulher e Sociedade*. Elaine Romero (Org.) Campinas: SP: Papirus, 1995.

SIERRA, Vânia Morales. *Família: Teorias e Debates*. São Paulo: Saraiva, 2011.

SILVERSTONE, Roger. *Por que estudar a mídia?* São Paulo, Loyola. 2002.

SOARES-CORREIA, Maria Joana Casagrande. Corpo e beleza feminina: a construção e o consumo da imagem midiática. In: *5º Encontro de GTs de Pósgraduação - Comunicon*, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015. Disponível em: http://anais-comunicon2015.espm.br/GTs/GT2/19_GT02-SOARES_CORREIA.pdf. Acessado em: 24/02/2018

SOARES, Marta Genu; KANEKO Gláucia Lobato; GLEYSE Jacques. Do porto ao palco, um estudo dos conceitos de corporeidade e corporalidade. In: *Dialektiké*, v. 3, 2015. Disponível em: <file:///C:/Users/cliente/Downloads/3725-11306-2-PB.pdf>. Acessado em; 21/07/2016

SODRÉ, Muniz. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Editora Vozes, 2 ed., 2006.

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de teoria e de pesquisa da comunicação e da mídia*. EDIÇÃO. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, Andressa Simões. *Análise discursiva de publicidades para metrossexuais*. 2007. 109 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/handle/1843/ARCO-7ELPG8>. Acessado em 21/01/2018

SOUZA, Aureci de Fátima da Costa. *O percurso dos sentidos sobre a beleza através dos séculos: uma análise discursiva*. Dissertação (Mestrado em Linguagem) – Universidade Estadual de Campinas, SP: [s.n.], 2004. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/270721/1/Costa_AurecideFatima_M.pdf. Acessado em 21/01/2018.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. *Gêneros e formatos na televisão brasileira*. São Paulo: Summus, 2004.

STAROBINSKY, Jean. História natural e literária das sensações corporais. In FEHER, Michel, NADDAFF, Ramona e TAZI, Nadia (org.). *Fragmentos para una historia del cuerpo humano*. Madri: Taurus, 1991.

SÜSKIND, Patrick. *O perfume*. Trad. Flávio R. Kothe. 3. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

THIRY-CHERQUES, Hermano Roberto. Saturação em pesquisa qualitativa: Estimativa empírica de dimensionamento. In: *Af-Revista PMKT*, 2009. Disponível em: http://www.revistapmkt.com.br/Portals/9/Edicoes/Revista_PMKT_003_02.pdf . Acessado em 30/09/2016

THOMPSON, John B. *O Escândalo Político – Poder e Visibilidade na Era da Mídia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *Mídia e modernidade*. São Paulo: Vozes, 2009.

TRINCA, Tatiane Pancanaro. *A Tirania da Beleza: Reflexões sobre a colonização do corpo na contemporaneidade*. São Paulo: 2007. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/072/72trinca.htm>. Acesso em: 23/09/2016

_____. O corpo-imagem na “cultura do consumo”: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado / Tatiane Pacanaro Trinca. – Marília, 2008. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/trinca_tp_ms_mar.pdf. Acessado em 24/10/2017

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Sandra Maria Gonçalves. Insatisfação corporal: quando a realidade interna contradiz a realidade externa. In: *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, 57 (3): 173-174, jul.-set. 2013.

Disponível em: http://www.amrigs.org.br/revista/57-03/editorial_57_3.pdf. Acessado em: 24/02/2018

VIGARELLO, Georges. *As metamorfoses do gordo: história da obesidade no Ocidente: da Idade Média ao século XX*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

WEBER, Max, 1864- 1920. *A ética protestante e o “espírito” do capitalismo* / Max Weber; tradução José Marcos Mariani de Macedo — São Paulo: Companhia das Letras, 2004. Disponível em: http://www.ldaceliaoliveira.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/18/1380/184/arquivos/File/materiais/2014/sociologia/A_Etica_Protestante_e_o_Espirito_do_Capitalismo_Max_Weber_-_Flavio_Pierucci.pdf. Acessado em: 03/02/2018

8. APÊNDICE

8.1 Planilha com link do Youtube e transcrições das falas analisadas

CATEGORIA DE ANÁLISES	PROGRAMA 01 (Q1) https://www.youtube.com/watch?v=a2AnhFx7Qpo	PROGRAMA 02 (Q2) https://www.youtube.com/watch?v=HksFeLv47lc	PROGRAMA 03 (Q3) https://www.youtube.com/watch?v=8OY9h8tvvK0
NOME DO PARTICIPANTE	Carlos	Jovelino	Jailton
APELIDO DO PARTICIPANTE	Mago	Neno	Cabelo
APRESENTAÇÃO DO QUADRO	Aquela boca cheia de dentes que um dia sorriu para a senhora no altar, que disse com aquela cara de galã, sim, hoje mais parece um galinheiro abandonado, não tem mais nada, está um buraco na boca, cabelo torto, então, minha senhora, não perca tempo, chame o arruma meu marido minha senhora.	O príncipe que virou sapo tem espaço garantido aqui no Melhor do Brasil, tem, tem sim, minha senhora, aquela boca cheia de dentes, que um dia sorriu para senhora no altar e disse assim, sim, né, hoje aquela boca mais parece um galinheiro abandonado, né, mas mesmo assim a senhora ainda ama este homem com todos os defeitos, então prepara-se, porque está no ar Arruma Meu Marido.	Essa bola afundada no sofá minha amiga, lembrem-se, né, lembra daquele tempo, daquele gato que ouviu o seu sim no altar um dia, agora olha para ele e me diga o que a senhora vê? Um dinossauro? Um apetite e um ronco de mastodonte? Aquele cara que numa só virada na cama leva toda coberta, deixa a senhora com frio na madrugada, mas mesmo assim a senhora ama esse tiranossauro rex. Bom, se a senhora ainda acha que tem salvação, que dá para falta melhorar, o jeito é sair gritando: Arruma o meu marido!
APRESENTAÇÃO DO MARIDO PARTICIPANTE	O Arruma Meu Marido de hoje tem um personagem, que olha, eu vou falar, esse cara parece que ele saiu de um livro de bruxarias, pessoal, é, você de casa que curte um bom filme de horror, gosta de um terrorzinho, vai se deliciar, não, mas espera aí, não precisa ficar com medo também porque aqui no Arruma Meu Marido a risada é garantida, né.	O Arruma Meu Marido desse sábado está com um balanço todo especial, quer ver só, DJ som na caixa. E quem tem mais de trinta anos vai se lembrar dos Embalos da Chic Show, quem não tem vai saber que o rapper e o hip hop nasceram dali, porque hoje minha gente o Arruma Meu Marido é uma viagem pelos sons, pelas cores, e pela beleza da pele negra, minha gente! É É É. A Rosana é a esposa, ao mesmo tempo apaixonada e ao mesmo tempo desesperada, a Rosana escreveu para a gente porque deseja ver o Senhor Jovelino, ou melhor, o Neno totalmente repaginado [...]	O nosso marido de hoje é um mecânico apaixonado por motores, Jailton é o nome dele, mas pode chamá-lo “Pucuthuco”, Pucuthuco? É deixa pra lá, deixa pra lá. Voltando com o Pucu ... quer dizer, voltando com o Jailton. A gente olha o Jailton ele é apaixonado por motores, se ele pudesse teria uma piscina de óleo diesel na casa. Agora quem não ia gostar nada dessa história é a mulher dele né, a Telma, olha, os dois eles estão juntos há onze anos, e o encontro apaixonado foi o impacto, foi praticamente uma colisão frontal. Olha só como é que o Jailton e a Telma se trombaram, roda aí, vamos ver.
NOME DA ESPOSA	Paula	Rosana	Telma
HISTÓRIA DE VIDA	Reportagem: Vamos voltar um pouquinho no tempo, como é que você conheceu o seu marido? Paula: No carnaval, festa de carnaval, salão, primeira vez eu nunca tinha frequentado o carnaval daqui, aí enfim, aí pegava, aí dançava e eu esquivava. Rodrigo Faro: Olha. Paula: Não gostei, cara chato, pegajoso, na semana seguinte ele já veio falar comigo. [...] Paula: Foi quando a gente deu o primeiro beijo, a gente namorou, começou a namorar, aí passado um tempo aí começaram-se os seus problemas. Rodrigo Faro: Olha os problemas. Paula: Namorar comigo em Águas com uma outra menina, aqui no bairro no Sertãozinho com outra menina nos Trancos. Reportagem: Espera aí, três namoradas, mas a semana tem sete dias, dava até para repetir.	Reportagem: Rosana como é que você conheceu o seu marido? Rosana: O primo dele tinha um barzinho, e ele tocava nesse barzinho, ele tocava num grupo de samba e tocava afoxé, ele era um pouquinho largado, até hoje uma calça de moletom verde dobrada até o joelho, e a uma blusa de moletom verde também uma camisa assim meio clara, eu lembro até hoje, cabelo dele era todo enroladinho assim, tipo... Reportagem: Molinha? Rosana: É, molinha. Reportagem: E aí você olhou para aquele ser e falou, ele é meu. Rosana: É, aquele gatinho é meu, me pegou para criar, eu tinha dezessete anos. Reportagem: E ele? Rosana: Tinha vinte e seis para vinte e sete. Reportagem: Era uma diferença grande, né?	Reportagem: Aliás Telma e Jailton se conhecerem por acidente, literalmente. Telma: Foi num acidente, estava eu e a irmã dele mais uma amiga minha, né, aí nisso eu não sei da onde que apareceu uma caçamba na nossa frente, quando ela viu eu já estava dentro da caçamba, porque eu fui arremessada para fora e cai dentro da caçamba, aí só acordei no hospital. Reportagem: Aí quando você abriu os olhos estava lá o Jailton? Telma: É, já fazendo todo o processo lá, que me levou para casa, nossa, foi muito atencioso, parecia um príncipe que apareceu, porque ele era um Dom Juan, nossa tinha bom papo, aí daí eu acabei me apaixonando aos poucos e estou aí até hoje. Para mim, ele ainda é bonito, mas ele só precisa dar uma cuidada. Reportagem: Isso que é amor em Rodrigo Faro. Telma: Ele fazia até limpeza de pele, fazia tudo, se

	<p>Paula: Namorava com todas no sábado, em duas ele tinha que dar o cano.</p> <p>Reportagem: E como e que você resolveu essa questão aí?</p> <p>Paula: Quando eu fui para falar com ele, ele falou não, vamos casar, espera lá, se for para casar vai ser para dar certo, porque para sair da casa da minha mãe eu voltar de novo eu não vou.</p> <p>[...]</p> <p>Rodrigo Faro: Aí você que se apaixonou?</p> <p>Paula: Eu me apaixonei.</p>	<p>Rosana: Muito grande.</p> <p>Reportagem: No entanto, vocês estão juntos até hoje?</p> <p>Rosana: Até hoje.</p> <p>Reportagem: Faz quanto tempo?</p> <p>Rosana: Vai fazer vinte anos, e não poderia ter um marido melhor do que ele, ou pai, pai então eu não posso nem dizer, tão bom que ele é com os meus filhos.</p>	<p>arrumava, tudo, mas hoje em dia é difícil você ver ele trocado, porque e só roupa de crachá, roupa de trabalho.</p> <p>Reportagem: Pois é, quer ver o Jailton feliz da vida, dê-lhe muita crachá, óleo diesel e ferramentas.</p>
ATRATIVIDADE E BELEZA	<p>Reportagem: Agora Paula, me ocorreu que se ele voltar bonito pode ser que aquelas outras namoradas, as três, voltem atrás dele.</p> <p>Paula: Eu vou estar preparada.</p> <p>[...]</p> <p>Paula: Isso, foi num carnaval, eu conheci um moço mais desarrumado do que vocês viram, não gostei. Juro que eu fugi, não queria saber!</p> <p>Rodrigo Faro: Ele tentou de todo o jeito?</p> <p>Paula: Tentou, depois de uma semana ele estava querendo falar comigo, eu fugia, quando eu vi arrumadinho, bonitinho, aí eu me apaixonei.</p> <p>Rodrigo Faro: Aí você que se apaixonou?</p> <p>Paula: Eu me apaixonei.</p> <p>[...]</p> <p>Rodrigo Faro: E ainda branco, parece uma samambaia, e os dentinhos, como faz para dar um beijo naquela boquinha?</p> <p>Paula: Difícil.</p> <p>Rodrigo Faro: Difícil?</p> <p>Paula: Com a luz apagada.</p> <p>Rodrigo Faro: Só com a luz apagada e com muito amor, né?</p> <p>Paula: Muito.</p> <p>Rodrigo Faro: Na verdade não há dúvidas do amor que a Paula tem pelo Mago, porque muitas outras mulheres já tinham pedido para sair, não é galera? Como é que você convive com esse conjunto da obra Paula? Porque a obra está mal-acabada mesmo.</p>	<p>Reportagem: Haja amor para aguentar o negrão, hein.</p> <p>Rosana: Haja, todo mundo fala isso, fala meu Deus é muito amor para você ficar com ele...</p> <p>Reportagem: Muito amor.</p> <p>Rosana: Faz o que, eu amo, né.</p> <p>[...]</p> <p>Rodrigo Faro: Se ele ficar bonito você não vai ficar com ciúmes?</p> <p>Rosana: Claro que eu vou.</p> <p>Rodrigo Faro: Imagina.</p> <p>Rosana: Já estou.</p> <p>Rodrigo Faro: Já está agora?</p> <p>Rosana: Já estou.</p> <p>Rodrigo Faro: E nem começou ainda, e nem começou, podemos continuar?</p> <p>Rosana: Podemos.</p> <p>Rodrigo Faro: Ainda tem muita coisa para fazer, hein, mas está melhorando.</p>	<p>Reportagem: Agora que passou como e que é dar uma bitoquinha naquela boca?</p> <p>Telma: Ah, é estranho, você imagina a janelinha ali no meio, né...</p> <p>Reportagem: Mas rola uma bitoquinha?</p> <p>Telma: Ah rola, tem que rolar, né.</p> <p>[...]</p> <p>Telma: A nossa relação, a gente briga muito, como todo casal, mas a gente tem muito amor um pelo outro, e a gente tem uma família, estamos querendo ter um filho agora.</p> <p>Rodrigo Faro: É, arrumado vai ficar mais fácil, ele gatão, imagina.</p> <p>Telma: Vai dar mais gosto, tomará eu venha gêmeos, e bem parecido com ele, né.</p> <p>Rodrigo Faro: Que beleza, a gente vai arrumar o cara, e ele era bonito, então pronto.</p> <p>Telma: Aí vai ficar bonito.</p>
PARTICIPANTE TRATADO COMO MERCADORIA	<p>Rodrigo Faro: E beleza. Você não se sente lesada, porque afinal de contas isso é propaganda enganosa, você se apaixonou por uma cara bonito, sertanejo, e o que virou o seu marido, ficou daquele jeito, mostra aí como é que ficou o marido dela gente, olha aí, você não se sente lesada não?</p> <p>Paula: É um produto estragado.</p> <p>Rodrigo Faro: O produto estragou com um tempo, né?</p>	<p>Reportagem: O nosso marido de hoje é apaixonado por animais, essas baratinhas aí ele cria em seu habitat, e que a tartaruga mordedora adora as suas larvas, essa é a comidinha dela?</p> <p>Não identificado: É, e tem outra também.</p> <p>Reportagem: A iguaria melequenta é também muito cobiçada pela laranjinha que conta todo o dia e pelos peixes, o berçário está aí, dá para ver, já os grandes, bem, os grandes ele jura que tem peixe aí, viu. O</p>	<p>Reportagem: Ele está acostumado a consertar caminhão, carro, o que vier?</p> <p>Telma: Isso.</p> <p>Reportagem: E a gente conserta, arruma marido.</p> <p>Telma: Aí que bom, conserta o meu marido [Risos].</p> <p>[...]</p> <p>Rodrigo Faro: Olha a gente aqui de volta com arruma o meu marido, e continuamos acompanhando a recauchutagem da funilaria do Jailton. Como que é a</p>

	<p>Paula: Estragou.</p>	<p>aquário é o retrato do seu marido? Rosana: É. Rodrigo Faro: Gente. Reportagem: Comprou enganado ou não? Rosana: Mais ou menos, ele era um pouquinho sabe largadinho, mas do jeito que está não era não. Reportagem: Não era tão grave? Rosana: Não era, agora está desesperador. [...] Rodrigo Faro: O que isso? Aí eu marido é esse, então vamos receber com todo o carinho ela que tem um diamante negro em casa, além de outros bichos que vocês vão ver, vem para cá, Rosana. Bem-vinda no Arruma Meu Marido, Rosana, tudo bem? Tudo ótimo, receba o carinho da minha plateia Melhor do Brasil. Oh Rosana, vem cá, quando você se casou, quando você conheceu o Neno ele era bonito ou você comprou a mercadoria enganada, como é que foi? Rosana: Meia enganada.</p>	<p>relação de vocês Telma depois de onze anos de relacionamento, hein?</p>
<p>RELAÇÕES FAMILIARES</p>	<p>Rodrigo Faro: Cadê as duas filhas? Aí meninas, Maísa, Marina bem-vindas, tudo bem? Meninas, vocês moram em Águas de Lindóia? Filha: Isso. Rodrigo Faro: Vem cá, dá para desfilarmos com o papai na rua ou não tem como? Filha: Lógico que dá. Rodrigo Faro: Dá, né? Mesmo com aquele cabelo todo? Filha: Ah, ele é lindo de qualquer jeito para mim [Risos]. Rodrigo Faro: Está vendo filho é uma beleza, as minhas filhas também me acham lindo, você viu como, né, o pessoal se engana, né. Você acha que o seu pai vai ficar bonito? Filha: Gatão. Rodrigo Faro: Gatão, vai ficar? Filha: Vai, óoo. Rodrigo Faro: Vocês são muito ciumentas, não, se ele ficar bonito como é que vai ser Maísa? Filha: Eu sou a mais ciumenta, eu sempre fui a mais ciumenta, a Marina sempre fala, para com isso, deixa ele fazer, eu falo, com cuidado, hein, vamos lá, olha lá, eu sempre fui ciumenta, a Marina também, mas eu sempre fui a mais ciumenta.</p>	<p>Rodrigo Faro: Está ruim? Rosana: Ah, total. Rodrigo Faro: Tudo? Rosana: Tudo. Rodrigo Faro: Tem que ser uma repaginada geral? Rosana: Tudo, só não o coração dele, porque de resto tem que mudar tudo. Rodrigo Faro: Vocês têm quantos filhos? Rosana: Temos dois. Rodrigo Faro: Dois, e ele é um paizão maravilhoso? Rosana: Maravilhoso, eu não tenho o que reclamar dele. Rodrigo Faro: Então para o dentro não precisa mexer nada, só na casca? Rosana: Só na casca. [...] Rodrigo Faro: Olha a família está toda aí, olha a família está todo mundo torcendo, deixa eu saber da família, oh, Miquéias como é que está o cabelo do papai, está meio grande não está? Miquéias: Tá. Rodrigo Faro: Hã? Miquéias: Tá muito grande. Rodrigo Faro: O papai vai com você na escola, assim, ele leva você na escola de vez enquanto ou não dá para levar o papai na escola? Miquéias: E só às vezes. Rodrigo Faro: Só às vezes, né. E quando ele chega com aquele cabeção daquele tamanho o que o pessoal</p>	<p>Rodrigo Faro: E a gente está recebendo também, olha o papai do Pucuthuco, Senhor Carlos, Dona Elisa, olha o Lucas, até a tia, o Cristiano, o Boaz, todo mundo está aí, o Alex, os amigos. Dona Elisa, eu quero falar com a senhora Dona Elisa, ele sempre foi assim, por que o filho está meio acabadão, não está Dona Elisa? Dona Elisa: Ah, estava horrível, precisava de um tratamento urgente. Rodrigo Faro: Urgente, né. A senhora acha que ele vai ficar bonito? Dona Elisa: Ele foi sempre vaidoso, depois desse acidente que ele ficou assim. Rodrigo Faro: Ah, ele era vaidoso? Dona Elisa: Era, ele fazia até limpeza de pele. Rodrigo Faro: É verdade, fazia limpeza de pele? E aí depois do acidente ele deu uma caída. Dona Elisa: É, ficou meio depressivo, não ligou mais cuidar pra nada. Rodrigo Faro: Ele vai ficar bonito, Dona Elisa? Dona Elisa: Vai ficar lindo. Rodrigo Faro: Eh mamãe. Senhor Carlos, o filho vai ficar bonito que nem o senhor, vai ficar galã assim Senhor Carlos? Senhor Carlos: Logicamente que sim, vai ficar muito bonito ele. Rodrigo Faro: Lucas você falou que o cara parecia... você falou que o Pucuthuco, parecia o Godzilla cara, é uma mistura de Godzilla com Michael Jackson com Pedro de Lara, né?</p>

		<p>fala?</p> <p>Miquéias: Tem que arrumar.</p> <p>Rodrigo Faro: É, né, tem que dar um tapa, né? E você Estefani, está ruim, o papei está esquisito aquele cabelo. Ele sempre usou esse visual ou foi de um tempo para cá que ele começou a ficar assim?</p> <p>Estefani: Não, sempre usou, até na minha formatura.</p> <p>Rodrigo Faro: Jura? Espera aí, espera aí, ele foi com aquela túnica do Corinthians na tua formatura?</p> <p>Estefani: Na minha formatura.</p> <p>Rodrigo Faro: Não é possível, não acredito Estefa... é verdade? Gente, viu linda, nós vamos arrumar o papai, o papai vai ficar bonitão, sabe que eu até já me acostumei um pouco com o cabelo black dele, né, porque na verdade nada contra o visual Black Power, muito pelo contrário, não é gente, o black foi durante muito tempo anos sinal de resistência, e que agora essa altura não dá mais.</p>	<p>Lucas: É.</p> <p>Rodrigo Faro: Ele está muito feio Lucas?</p> <p>Lucas: Tá, tá muito desleixado, parecendo aqueles homens das cavernas, muito acabado.</p> <p>Rodrigo Faro: Muito acabado, né. Podemos arrumar então?</p> <p>Lucas: Podemos, né.</p> <p>Rodrigo Faro: Vamos arrumar?</p> <p>Lucas: Vamos.</p> <p>Rodrigo Faro: Eu quero ver se vocês vão reconhecer, eu quero ver se os amigos, se a família vai reconhecer, porque a gente vai mexer, hein. Podemos continuar, podemos continuar família, podemos?</p> <p>Lucas: Podemos.</p>
<p>FALAS DEPRECIATIVAS E LIGADAS A VELHICE</p>	<p>Rodrigo Faro: O cabelo dele é maior do que o seu.</p> <p>Paula: Muito.</p> <p>Rodrigo Faro: E ainda branco, parece uma samambaia, e os dentinhos, como faz para dar um beijo naquela boquinha?</p> <p>Paula: Difícil.</p> <p>Rodrigo Faro: Difícil?</p> <p>Paula: Com a luz apagada.</p> <p>Rodrigo Faro: Só com a luz apagada e com muito amor, né?</p> <p>Paula: Muito.</p>	<p>Rodrigo Faro: Gente que black é aquele.</p> <p>Rosana: É, quando eu coloco a mão assim no cabelo dele não entra o dedo assim.</p> <p>Rodrigo Faro: Não entra mais?</p> <p>Rosana: Não entra.</p> <p>Rodrigo Faro: Gente.</p> <p>Rosana: Não chega lá dentro assim.</p> <p>Rodrigo Faro: Eu tenho certeza que tem coisa lá dentro.</p> <p>Rosana: Deve ter.</p> <p>Rodrigo Faro: Deve ter, deve ter chave de carro, cinzeiro, deve ter bolinha de...</p> <p>Rosana: Eu acho que perdeu e a gente nem...</p> <p>Rodrigo Faro: Nem sabe que está lá dentro.</p> <p>Rosana: É.</p>	<p>Lucas Costa: Ele está parecendo o Godzilla.</p> <p>Reportagem: Com um Godzilla, aquele monstro.</p> <p>Lucas Costa: É [Risos].</p> <p>[...]</p> <p>Rodrigo Faro: Gente, olha eu vou falar hein... O Jailton está mais assim para colisão de trem com caminhão ou um fusca com um tronco de árvore, não é?</p> <p>[...]</p> <p>Rodrigo Faro: Telma, você sabe que aqui a coisa muda mesmo, né, você está preparada?</p> <p>Telma: Estou.</p> <p>Rodrigo Faro: Está preparada?</p> <p>Telma: Estou preparada.</p> <p>Rodrigo Faro: Só não pode mudar para pior, né?</p> <p>Telma: Ah não, né.</p> <p>Rodrigo Faro: Mas você acha que é possível ficar pior do que isso?</p> <p>[...]</p> <p>Reportagem: Você acha que o meu amigo tem jeito?</p> <p>Povo: E só ir para o baile da terceira idade, pegar as coroas.</p> <p>Povo: Se for lá no arruma o meu marido tem jeito.</p> <p>Reportagem: Aeee. Dança gatinho, dança.</p> <p>Rodrigo Faro: Muito legal, muito legal gente, cada dia eu me surpreendo mais com o povo nas ruas viu, além do carinho que todo mundo tem pelo Melhor do Brasil, pelo meu programa, é cada maluquice que a gente vê, oh, beijão para o Michael Jackson brasileiro, continua com essa alto astral. Agora baile da terceira idade.</p> <p>Telma: Nossa, forçou, né.</p> <p>Rodrigo Faro: O Michael Jackson pegou pesado, né.</p>

			<p>Telma: Ele pode estar acabado, mas pelo menos velho ele ainda não está, na terceira idade, né? Rodrigo Faro: Não, terceira idade não dá, né. Telma: Terceira idade e depois dos cinquenta, né.</p>
<p>O QUE O POVO DIZ SOBRE O PARTICIPANTE</p>	<p>Rodrigo Faro: E porque, né, mudar a cara de um marido é uma responsabilidade e tanto, né, então o que a gente faz, a gente divide esse trabalho com as outras pessoas, é o público quem vai dizer agora o que deve e o que não deve mudar, só que dessa vez a gente fez diferente, a gente não foi para ruas não, a gente continuou dentro da festa dos motociclistas, e saiu cada resposta, você vai ver, quer ver, roda aí Humbertão, conta aí para a gente o que a galera falou do Carlão.</p> <p>Reportagem: E isso aí Rodrigo Faro, diretamente da sede dos Cavaleiros Negros de Águas de Lindóia, vamos saber o que os motociclistas acham do nosso Mago, mas como eu vou entrevistar o cara duro desse jeito aqui, hein, agora sim.</p> <p>Rodrigo Faro: Ainda bem que alguém ajudou.</p> <p>Reportagem: O que você acha do Magão aí?</p> <p>Povo: Nossa, a coisa mais horrível do mundo, né.</p> <p>Povo: Precisava fazer uma tosa, banho e tosa.</p> <p>Rodrigo Faro: Uma tosa.</p> <p>Povo: Eu acho que ele está precisando de uma reforma, a mulher dele vai adorar.</p> <p>Povo: Rodrigo Faro esse cara é feio.</p> <p>Povo: Está acabado, está bem-acabado.</p> <p>Reportagem: Olha quem eu encontrei aqui, pessoal, viva...</p> <p>Rodrigo Faro: Raul Seixas.</p> <p>Reportagem: Ele está parecendo o que?</p> <p>Povo: Sei lá bicho.</p> <p>Povo: Capitão da Caverna.</p> <p>Rodrigo Faro: Capitão Caverna.</p> <p>Povo: O mapa do inferno virado de ponta a cabeça.</p> <p>Reportagem: Vamos fazer o Arruma Meu Marido, você acha que ele tem jeito?</p> <p>Povo: É, com um dez Photoshop, uns três quilos de maquiagem, uma retífica completa véio.</p> <p>Povo: Vocês vão deixar ele uma bonequinha.</p> <p>Povo: Se der uma arrumadinha nele, até que fica bom.</p> <p>Povo: Olha, por dentro ele é um cara muito bem arrumado, mas por fora, você vão ter que fazer um milagre viu.</p> <p>Povo: Arrumadona mesmo porque está feio, parte esse cara.</p> <p>Rodrigo Faro: Pelo voto popular o cabelo e a barba</p>	<p>Reportagem: Estamos de volta Rodrigo Faro diretamente do Instituto Butantan, desta vez para testar a sinceridade dos colegas de trabalho de Jovelino, descobrimos que aqui ele chama Neno, e olha, ele veio com o seu manto de estimação... [...]</p> <p>Reportagem: Observe bem, analise a figura.</p> <p>Povo: Eita nós.</p> <p>Povo: Um bom profissional, um rapaz bacana, mas, porém, né...</p> <p>Rodrigo Faro: Nossa.</p> <p>Povo: Muito horrível de feio.</p> <p>Jovelino: Machucou mano.</p> <p>Rodrigo Faro: Machucou.</p> <p>Povo: Tu está feio Negão.</p> <p>Rodrigo Faro: Tu está feio Negão.</p> <p>Povo: A única coisa que está boa é a bandeira, mais nada.</p> <p>Reportagem: Você acha que tem jeito? Tem concerto?</p> <p>Povo: Não.</p> <p>Rodrigo Faro: Não.</p> <p>Povo: Está horrível, precisa trocar esses dentes.</p> <p>Povo: Cabelo vai descendo, barba.</p> <p>Povo: Eu não gostei.</p> <p>Reportagem: Por que?</p> <p>Povo: Ficou feio.</p> <p>Povo: Eu estou bem vestido assim velho.</p> <p>Rodrigo Faro: Está lindo.</p> <p>Povo: Se arrumar um ray-ban desse daqui para ele fica bonito, fica lindo.</p> <p>Rodrigo Faro: Zé Bonitinho, é o Zé Bonitinho.</p> <p>Povo: Dá um tapa da sobrancelha, deixar tipo metrossexual e tal.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha.</p> <p>Jovelino: A mulher vai me matar [Risos].</p> <p>Povo: Arruma Rodrigo, arruma.</p> <p>Rodrigo Faro: Deixa comigo.</p> <p>[...]</p> <p>Reportagem: Dá uma olhada ali.</p> <p>Povo: Bem-acabado. Bem ruim.</p> <p>Rodrigo Faro: É, tem que amar muito.</p> <p>Povo: Ele não é feio, ele está mal-acabado.</p> <p>Reportagem: E esse que está segurando a foto aí?</p> <p>Povo: Esse que está segurando a foto é bonitão,</p>	<p>Rodrigo Faro: Muito bem. Antes de mais nada, antes da gente começar a arrumar o marido a gente tem que saber o que o povo acha do visual do Pucuthuco, então nós levamos o Pucuthuco para um rolê, nesse passeio as pessoas falam o que pensam, você quer ver mesmo o que a galera nas ruas vai falar do seu marido?</p> <p>Telma: Quero.</p> <p>Rodrigo Faro: Está preparada? Eles vão pegar pesado, vamos ver.</p> <p>Telma: Vamos.</p> <p>[...]</p> <p>Povo: Sinceridade? [Risos]</p> <p>Povo: Parece uma assombração.</p> <p>Rodrigo Faro: Assombração?</p> <p>Povo: Um extraterrestre.</p> <p>Povo: Está meio acabadinho, está só o projeto.</p> <p>Povo: Deus me livre, limpa essas unhas que está ridícula, está uma carniça.</p> <p>Povo: Um espantalho.</p> <p>Povo: Com trato ele fica bonito.</p> <p>Povo: Fazer a barba, arrumar os dentes, trocar de roupa, tudo [Risos].</p> <p>Povo: Nascer de novo era o suficiente [Risos].</p> <p>Rodrigo Faro: Nascer de novo.</p> <p>Reportagem: Benito di Paula no centro.</p> <p>Jailton: Pronto, aí já está melhorando já... já melhorou alguma coisa, né.</p> <p>Povo: A pele, os dentes conta muito.</p> <p>Povo: Nada de consertar, nem tem lógica.</p> <p>Povo: Você tem que entrevistar o Michael Jackson brasileiro?</p> <p>Reportagem: Já estou entrevistando.</p> <p>Rodrigo Faro: Michael Jackson Brasileiro.</p> <p>Povo: De doer, olha o cabelo dele, todo ressecado.</p> <p>Povo: Totalmente fora de moda.</p> <p>Reportagem: O que você acha do meu amigo Jailton, está bonito ou está feio?</p> <p>Povo: Bom, eu não acho homem bonito.</p> <p>Povo: Tem, todo mundo tem jeito.</p> <p>Povo: Vão ter muito trabalho hein cara.</p> <p>Reportagem: Você acha que o meu amigo tem jeito?</p> <p>Povo: E só ir para o baile da terceira idade, pegar as coroa.</p> <p>Povo: Se for lá no arruma o meu marido tem jeito.</p> <p>Reportagem: Aeee. Dança gatinho, dança.</p>

	<p>devem dançar. Há quantos anos o Mago deixou o cabelo da cabeça, o cabelo, a barba, há quanto tempo que ele não mexe na pelaria?</p>	<p>Povo: Ridículo esse homem. Reportagem: Pegou pesado hein? Jovelino: Muito pesado. Povo: É ele? É você? Jovelino: Eu mesmo. Rodrigo Faro: Ninguém acredita. Povo: Não. Povo: Só se ele consertou agora. Reportagem: Ele passou no arruma meu marido, eeeeeee.... Povo: Renovou cem por cento, é sério, é ele mesmo? Reportagem: De zero a dez. Povo: A mudança? Onze. Reportagem: E seu eu falar que é a mesma pessoa? Povo: Eu tenho minhas dúvidas, mas pode até ser. Povo: Nossa, parece pai e filho quase. Povo: Já dá para casar. Reportagem: Já é casado. Povo: Então agora já apanha né? Povo: Era um monstro, agora ele está lindo. Reportagem: Quantos anos você acha que ele tinha na foto e agora? Povo: Eu acho que aí beirava uns quarenta e sete, quarenta e oito, agora ele está com uma aparência de trinta anos. Reportagem: E é o mesmo hein, e foi a mulher dele que mandou fazer toda essa transformação. Povo: Sai dessa vida meu. Reportagem: Rodrigo faro, o que eu faço? Como é seu nome? Povo: Maria da Penha. Reportagem: Não está acreditando. Povo: Olha Rosana, cuida bem viu, senão os outros vão cuidar. Povo: Vai ficar... Olha, vai ter um bom fim de ano. Reportagem: Vai? Povo: Vai, agora a coisa vai acontecer. Reportagem: Bota o peru para assar. Povo: Bota o peru para assar que o homem vai chegar com tudo aí. Povo: Se seu marido era assim e ficou assado aproveite que está bom demais.</p>	<p>Rodrigo Faro: Muito legal, muito legal gente, cada dia eu me surpreendo mais com o povo nas ruas viu, além do carinho que todo mundo tem pelo Melhor do Brasil, pelo meu programa, é cada maluquice que a gente vê, oh, beijão para o Michael Jackson brasileiro, continua com essa alto astral. Agora baile da terceira idade. Telma: Nossa, forçou, né. Rodrigo Faro: O Michael Jackson pegou pesado, né. Telma: Ele pode estar acabado, mas pelo menos velho ele ainda não está, na terceira idade, né? Rodrigo Faro: Não, terceira idade não dá, né. Telma: Terceira idade e depois dos cinquenta, né.</p>
<p>TRATAMENTO DE PELE</p>	<p>Reportagem: É isso aí Rodrigo Faro, agora sim vamos começar a mexer no nosso Mago, deixar ele bonitão, preparado? Carlão: Preparadíssimo. Reportagem: Aqui é a clínica da Doutora Silva, ela e quem vai cuidar da sua pele para começar, mas para isso a gente precisa cair para dentro aí.</p>	<p>Reportagem: Rodrigo Faro São Paulo ao fundo a cidade que não dorme, não descansa, está aí muita gente trabalhando nesse momento, a gente também aqui na clínica de dermatologia da Relot, tudo bem doutora? Relot: Tudo bem. Reportagem: Agora cadê o marido?</p>	<p>Reportagem: Jailton, você está acostumado a consertar biela, diferenciar o bloco, hoje você está numa oficina de gente, uma clínica estética que vai conserta ele também, né. Vander: Exatamente, vamos colocar a sua beleza em dia. Reportagem: Esse aqui é o Vander e a Doutora Carolina. Como é que a gente conserta gente?</p>

<p>Carlão: Que ir lá dentro? Reportagem: Eu quero. Carlão: Então se segura comigo vai. Rodrigo Faro: Começaram as mágicas. Reportagem: Que beleza cara, chegamos no consu... Doutora Silva: Nossa, não é que funcionou mesmo. Reportagem: Funcionou e nem pegou trânsito. Doutora Silva: Ah, esse método a gente precisa descobrir qual é. Reportagem: Doutora, olha aqui o Mago, o Carlão para você viu. Doutora Silva: Vamos lá dá um jeito nesse rosto Carlão. Reportagem: Olhando assim, o que a senhora vê? Doutora Silva: A vê que a gente pode dar uma tampada nessas olheiras que estão muito escuras, muito fundas, dá uma tampada nesses vazios né que fica essa cara sempre vermelha, sempre rosadinha, e tratar um pouco dessas manhas, né. Reportagem: Elas vão começar o tratamento? Então me dispensa, faz eu sumir, vamos ver se você é bom mesmo. Carlão: Preparado? Um, dois, três. Doutora Silva: Nossa, você é bom mesmo, hein Carlos. Rodrigo Faro: Sumiu. Doutora Silva: Você não vai me fazer desaparecer não, né? Carlão: Com certeza. Doutora Silva: Então está bom, vamos começar. Rodrigo Faro: Vamos começar agora, vamos cuidar da pele do Carlão, o Mago. Doutora Silva: Então é isso, Carlos, a gente vai começar pela luz pulsada. Carlos: É bom. Rodrigo Faro: E tome flash. Reportagem: Ah, olha aí. Doutora Silva: Não funcionou Humberto, o Mago e ele, não você. Rodrigo Faro: Você não é Mago, Humberto. Carlão: Para você sumir. Doutora Silva: Então está bom Carlos, então vamos lá para picadinhas, primeiro a gente vai fazer aplicação da toxina botulínica para tratar então os pezinhos de galinha, essas marquinhas na testa. Carlão: Gostosa a picada viu não é ruim não. Doutora Silva: Esse aqui é um peeling de ácido retinóico para dar uma fechada nos poros, dá uma afinada na pele.</p>	<p>Relot: Eu já procurei Humberto. Reportagem: Ah é, já? Helot: Achei. Rodrigo Faro: Ah não, o que é isso? Que isso. Reportagem: Como é que vamos começar esse tratamento? Helot: Bom, começa secando, né. Jovelino: Sinceridade eu não sei nem por onde eu começo. Helot: Está tão ruim assim Jovelino? Vai sair coisa dessa cartola aqui. Faz para mim cara de bravo. Isso, agora cara de assustado Jovelino, isso aí, cara de mal, está bom, essas rugas que você forma aqui na testa isso a gente tem como melhorar, está, então a gente vai fazer uma aplicação de toxina botulínica. Rodrigo Faro: Aí, olha o jogo da veia, olha lá, jogo da veia na testa do Jovelino, aí. Helot: Vamos lá, primeira picadinha Jovelino, pronto, nem foi tão ruim assim, não é Jovelino. Rodrigo Faro: Foi uma delícia. Jovelino: Agora eu sei com o coelhinho sente, hein. Helot: Melhor do que picada de cobra hein Jovelino. Onde será que está o Humberto, hein. Jovelino: Nessa hora ele nunca está para me ajudar doutora. Rodrigo Faro: Olha o Humberto, sem vergonha. Helot: Com essa lente a gente consegue avaliar até o pensamento, você tem bastante cicatriz de acne na sua pele também, e a gente vai corrigir isso daí com laser. Bom Jovelino, agora que a gente já aplicou a toxina botulínica eu vou fazer aplicação de um peeling no seu rosto, com o intuito de melhorar a textura, fechar os poros e reduzir a oleosidade da sua pele. Jovelino: Estavam limpando a minha cara, mas era com a lixadeira, cara. Rodrigo Faro: Vai, passa a lixadeira. Jovelino: Eu sonhei que eles estavam fazendo massagem em mim, mas era com bate-estaca. Rodrigo Faro: Isso, lixadeira e bate-estaca. Reportagem: E quem é que estava fazendo a massagem no sonho? Jovelino: Eu acordei, não vi não. Rodrigo Faro: O que isso? Ainda bem que ela acordou no sonho. Rosana: É, também acho. Rodrigo Faro: Você viu as mãozinhas que ia fazer massagem nele? Ufa. Rosana: Aí ele quis acordar rapidinho, né.</p>	<p>Doutora Carolina: Bom, aqui no Romana Beleza e Estética, nós temos um tratamento completo e diferenciado para todos os clientes, a parte de estética facial e corporal completa. Reportagem: E muda mesmo? Vander: Muda bastante, bastante. Reportagem: Quanto assim, não sei, será que muda mesmo? Muda mesmo. Rodrigo Faro: Que isso. Telma: Aí meu Deus, o que fizeram com ele. Rodrigo Faro: Lá vai ele, vai começar o tratamento estético, olha lá ele de roupão peladinho, olha lá. Doutora Carolina: Então Jailton, o que mais te incomoda na pele do rosto são as cicatrizes de acne? Jailton: Esses furinhos tudo no rosto aqui. Doutora Carolina: Você teve acne e nunca tratou? Jailton: Para a pele só aqueles mesmo que com as unhas, né em casa, agora que vai mudar as coisas. Doutora Carolina: Você tem medo de agulhas? Jailton: Eu não tenho muito não, porque a gente costuma a tomar uma marretadas nos dedos. Doutora Carolina: Todas as mulheres aguentam, você vai aguentar. Então a gente vai tentar preencher essas cicatrizes usando o preenchedor que é ácido hialurônico, aqui na região da frente, da testa, eu vou usar até para aliviar um pouquinho as ruquinhas que você tem que não são muitas, mas já estão se pronunciado eu vou usar toxina botulínica. Está doendo muito? Jailton: Só umas picadinhas que dá. Rodrigo Faro: Só umas picadinhas. Jailton: De graça até injeção no teste, hein. Telma: Não tem nem vergonha. Rodrigo Faro: Olha a situação, olha, eita, olha, está fazendo limpeza de pele. Jailton: Isso aí já um bom tempo que eu estou carregando ele comigo, hein, cuidado aí. Aí sim eu estou sentindo uma lixadeira batendo no chassi do caminhão agora hein. Doutora Carolina: Uma máscara de colágeno, e os ativos dela são ácido hialurônico e vitamina C.</p>
---	--	--

	<p>Reportagem: E aí Carlão, curtiu lá dentro? Carlão: Curti, gostei muito, viu, excelente. Reportagem: A doutora é muito atenciosa, né? Carlão: Muito atenciosa, eu pensei que eu não ia passar nunca por isso, e acabei passando por isso, mas você e a doutora excelente. Rodrigo Faro: Olha lá de toquinha, a toquinha Paula.</p>	<p>Rodrigo Faro: Rapidinho. Como é que está a pele dele, estava muito ruim mesmo? Rosana: Estava, estava muito ruim, ele tem problema assim de pelo encravado na barba, a pele dele estava bem ressecada porque ele não passa creme, nada, nada. Rodrigo Faro: Nunca passou creme, nada? Rosana: Nunca. Rodrigo Faro: Nem você obrigando, põem creme, nada, nada, nada? Rosana: Nada, nada, ele não passa nada na pele.</p>	
<p>MUDANÇA DE ROUPA</p>	<p>Rodrigo Faro: Até o Taleb entrou nessa. Reportagem: É isso mesmo, vamos arrumar o nosso marido Mago aqui, a Taleb que sabe tudo. Taleb: Saindo do conto de fadas para a realidade, hein. Reportagem: Se você não acredita em duendes continue não acreditando, porque ele é um ser humano e vai ficar bonito, viu. Taleb: Vai ficar arrumadão, certão. Reportagem: Agora já que você tem superpoderes, por favor, se tele transporta daqui para o provador e volte com uma roupa diferente, vamos ver se você sabe. Carlão: Vamos, e para já. Reportagem: Ele sumiu o chapéu ficou. Rodrigo Faro: Só ficou o chapéu. Reportagem: O que é isso, e esse chapéu... iii, ooo, está mexendo. Rodrigo Faro: Está aparecendo a cordinha Humberto. Reportagem: Está muito estranho isso aqui. Taleb: Está muito estranho, eu estou até com medo. Rodrigo Faro: Está aparecendo a cordinha, viu. O que isso. Reportagem: Taleb isso está errado mesmo. Taleb: Luke completamente errado, eu vou começar pelos pés, sapato preto social com calça jeans clara não dá Humberto. Reportagem: Não dá, né. Taleb: Aqui tinha que colocar um sapatênis, está tudo errado, calça jeans está muito larga, são cinco números maiores do que o dele, olha o tamanho da perna, olha cintura, a calça está sobrando, um cinto de lona com sapato de couro, nada haver, a blusa está muito cumprida, não dá nem para achar o dedo, gravata com camisa polo, jamais, está muito curta, o certo e na altura do cinto, e completamente errado, Humberto.</p>	<p>Reportagem: Rodrigo Faro, chegou a hora de mexer no visual do meu amigo Jovelino, o Neno, porque afinal de contas Black, e pode ficar mais beautiful ainda com ajuda de Leka Calvin consultora de imagem de novo com a gente, não é Leka. Leka: Olá, prazer está aqui de novo com vocês. Reportagem: Obrigado, viu. Hoje especialmente para o Arruma Meu Marido nós temos a ajuda de uma sumidade, um king, um verdadeiro rei, o pai da Som Music Brasileira, vê se você conhece pelo estilo, aí vem especialmente para o Arruma Meu Marido Gerson King Combo. [...] Leka: Eu escolhi uma roupa bem social, só que ao invés da gravata eu optei por colocar uma camiseta branca por baixo da camisa. No clássico calça jeans e camiseta a gente acrescentou uma camiseta por cima, para dar um toque diferenciado, para trazer um estilo melhor para ele. Jovelino: Ela não vai acreditar. Rodrigo Faro: Olha isso. Rosana: Olha, gatinho. Rodrigo Faro: Olha lá. Leka: Esse look que é o que mais mostra a personalidade do Neno, então eu escolhi uma calça, ela não cargo, mas ela tem uns bolsos externos com uma marcação um pouco maior, e outra coisa legal que eu gosto muito de trabalhar, é a sua preposição, então aqui eu coloquei duas polos, uma vermelha e uma branca porque o branco traz um pouco de luz também para o rosto, então isso é bacana também, a polo vermelha com tom de pele que poderia ficar muito escuro. Rodrigo Faro: Vale Gerson King Combo. [...] Rosana: Gostei. Rodrigo Faro: Você já tinha visto o marido de terno, há quanto tempo você não via o Neno de</p>	<p>Reportagem: Rodrigo Faro, hora de mexer no visual do nosso marido, e o Jailton está passando pelo teste de coloração pessoal. Consultor: A cor dele deu inverno puro. Jailton: Pô, eu estou até com frio no inverno puro aqui. Consultor: Quando você coloca o cinza chumbo você tem que pôr sapato marrom, meia marrom e cinto marrom, sempre fica mais bonito do que o preto, e ele está com uma camisa que é gola italiana que ela é um pouco mais aberta e muito mais estilosa, e uma gravata roxa que está super na moda. Jailton: Chega de crachá [Risos]. Consultor: Ele está de Dockside, vai usar muito agora no verão, e a gola v ela ajuda a dar uma aumentada no tórax dele. Reportagem: Mas isso aí não é para sujar de crachá não, hein. Jailton: Não, longe da oficina. Consultor: Ele está com um sapato, com um driver que ele pode usar com a calça, oh ele pode usar também com uma bermuda, com estilo mais informal, o cara está super estiloso, estando de preto o cara está bem em qualquer lugar. A tendência para o verão e você usar calça mais seca e ela mais curta também e virada. O xadrez agora no verão ele vai ser muito usado, mas não um xadrez pequeno, um xadrez grande, largo. Rodrigo Faro: Ficou bonito hein.</p>

	<p>Reportagem: Vamos logo mostrar o luke certo para galera saber como e que é. Cadê aquele instrumento todo que você usa lá? Olha aí, luke certo agora, hein,</p> <p>Rodrigo Faro: Agora sim.</p> <p>Reportagem: Não é que deu certo, eu estou aprendendo hein cara. É esse o luke certo Taleb?</p> <p>Taleb: É esse o luke certo.</p> <p>Reportagem: Então vamos explicar, vamos explicar, mas pô, por favor, tira, tira, ainda bem, eu não estava me sentindo bem com aquilo tudo, hein, pesado o cajado. Bom, vamos explicar Taleb, como que é o luke novo, e aí o que temos então no certo?</p> <p>Taleb: Nos pés um sapatênis preto casual com uma calça jeans também nesse tom de preto, é um black jeans, como ele está um pouco acima do peso deixa ele mais alto, mais magro, um poço de magra comprida bacana também para ele sair à noite, num dia que está um pouquinho mais frio, um vento, ele está ótimo para ir em qualquer lugar.</p> <p>Reportagem: Dá para ir até no moto clube assim, elegante, né?</p> <p>Taleb: Preto a cor do moto clube, o cara está super em cima, detalhe, cinto sempre escuro, como ele tem muita barriga o cinto claro chama atenção para barriga, então sempre na cor da blusa e da calça para não chamar atenção.</p> <p>Reportagem: Como é que pode, dá uma olhadinha no espelho, olha lá, Taleb, oi, tudo bem? Ué, o marido não está aqui, mas não está no espelho.</p> <p>Carlão: Olha eu aqui, oxe.</p> <p>Reportagem: Maridão que negócio é esse?</p> <p>Rodrigo Faro: Gente, ele estava lá, mas no espelho ele não estava. Paula, o que você achou do novo do seu maridão, está bonito?</p> <p>Paula: Está muito bonito, o estilo está maravilhoso.</p> <p>Rodrigo Faro: Posso continuar?</p> <p>Paula: Pode.</p>	<p>terno?</p> <p>Rosana: Só no meu casamento.</p> <p>Rodrigo Faro: Só no casamento?</p> <p>Rosana: Só.</p>	
<p>TRATAMENTO DENTÁRIO</p>	<p>Rodrigo Faro: E hora de cuidar dos dentes, vamos lá.</p> <p>Doutor Normando: Vamos ao trabalho. Apesar do nosso querido amigo aqui, o nosso marido da vez ter os dentes bastante deteriorados o que me ajuda muito e ele tem os dentes, e os dentes estão bem firmes, teve um processo de cárie e tudo mais que a gente vai corrigir, deixar os dentes mais claros e alinhados, mas com a base eu vou conseguir fazer uma escultura, uma obra de arte aqui que vai ficar bem legal.</p> <p>Rodrigo Faro: Bom doutor, manda ver. Vai ficar com o sorriso em ordem, hein.</p>	<p>Reportagem: E aí César o que você vai fazer com o meu amigo Jovelino?</p> <p>César: É, o trabalho dele já está bem adiantado já. Você trouxe aquele negocinho que eu te pedi?</p> <p>Reportagem: Trouxe sim, está aqui.</p> <p>César: Ah, legal.</p> <p>Reportagem: Essa é a boca do Jovelino?</p> <p>César: Sim, essa é a boca do Jovelino.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha onde está a boca dele.</p> <p>Reportagem: Vamos encher essa boca de dentes, né?</p> <p>César: Vamos.</p> <p>Jovelino: Eu vou ficar assim meu amor, oh.</p>	<p>Dentista: Jailton, vamos começar o tratamento, e a primeira parte do tratamento é a limpeza.</p> <p>Reportagem: Jailton está se prendendo todo.</p> <p>Dentista: Até tampa de caneta.</p> <p>Rodrigo Faro: Uma tampa de caneta.</p> <p>Jailton: Vai doer muito doutor?</p> <p>Rodrigo Faro: Cadeado, tampa de caneta, o que vai sair daí mais?</p> <p>Reportagem: É, não é fácil ficar bonito não, hein. [...]</p> <p>Dentista: Cárie é a principal perda de dentes, diferente do que a gente pensa que é cárie, todo mundo pensa.</p>

	<p>Reportagem: Como é que está o andamento aí, está bacana?</p> <p>Doutor Normando: Está ótimo, ele tem todos os dentes aqui, eu acho que a gente vai conseguir salvar todos, vai ficar ótimo, vai ficar lindo.</p> <p>Reportagem: Ah, então não vai precisar desses aqui que ele tem no colar não?</p> <p>Doutor Normando: Não, de jeito nenhum.</p>	<p>Rodrigo Faro: Que maravilha, então depois dessa a perereca não vai mais pular da boca do Jovelino.</p> <p>Rosana: E nem ele vai me chamar lá de baixo falar Sara traz a minha perereca.</p> <p>Rodrigo Faro: Traz a minha perereca, a perereca pulou.</p>	<p>Jailton: Doutor, eu estou me sentindo, que nem se abre um capô lá na oficina lá, lá na oficina o doutro é eu, aqui está sendo você, né?</p> <p>Dentista: É, aqui eu sou o mecânico.</p> <p>Rodrigo Faro: Oh, vai fechar, hein. Lá vem o Humberto, olha lá o Humberto, olha o Humberto.</p> <p>Reportagem: Hora do clareamento.</p> <p>Rodrigo Faro: Vai Humberto, sai voando daí Humberto, sai voando.</p> <p>Dentista: Vai dar uma boa diferença, né.</p> <p>Dentista: Tecnicamente nós faremos uma reabilitação em porcelana, para ajudá-lo na saúde e na estética bucal. Telma nos aguarde porque o seu marido vai ficar lindo.</p>
<p>SALÃO DE CABELEIREIRO</p>	<p>Reportagem: Anderson, eu não quero te assustar não cara, não olha agora, mas tem coruja aqui no salão? Ela mora aqui, coruja, é? Aonde? Sumiu, como assim.</p> <p>Rodrigo Faro: Aí Humberto não dá mais, né. Aonde que nós vamos parar com isso, e só para arrumar o marido, olha o que ele transforma arrumação do marido.</p> <p>Esteticista: Eu vou precisar disso, oh.</p> <p>Rodrigo Faro: É verdade, deve estar um chulé esse pamesão aí.</p> <p>Reportagem: E para cortar a unha, não o dedo.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha, vai passar o esmeril, vai lixar, faz coceguinhas, olha lá, é agora, é agora, está caindo o cabelo, você viu o que caiu da barba dele. Estão fazendo chapinho ou vão cortar o cabelo? E agora.</p> <p>Reportagem: Finalmente Rodrigo Faro...</p> <p>Rodrigo Faro: E agora, e agora gente, é agora, presta atenção.</p> <p>Reportagem: O marido está pronto, e bonito Anderson?</p> <p>Anderson: Bonito.</p> <p>Reportagem: Horas e horas de trabalho e ficou assim.</p>	<p>Rodrigo Faro: Quanto tempo que ele tem esse black, vinte anos já?</p> <p>Rosana: Mais de dez anos.</p> <p>Rodrigo Faro: Mais de dez anos.</p> <p>Rosana: Mais de dez anos.</p> <p>Rodrigo Faro: Então não dá. Ele está parecendo... lembra do Urso do Cabelo Duro? Olha lá, é o urso do cabelo duro gente, não é possível.</p> <p>Rosana: Só muda a cor, né.</p> <p>Rodrigo Faro: Não dá. Rosana, você não aguenta mais dormir ao lado do Urso do Cabelo Duro?</p> <p>Rosana: Não aguento mais.</p> <p>Rodrigo Faro: Vai esse cabelo ou fica esse cabelo, o que você acha?</p> <p>Rosana: Por mim vai.</p> <p>Rodrigo Faro: Vai?</p> <p>Rosana: Mas eu acho que ele não vai deixar tirar.</p> <p>Rodrigo Faro: Plateia cortamos o cabelo do Neno ou não?</p> <p>Plateia: Sim.</p> <p>Rodrigo Faro: Pode cortar?</p> <p>Plateia: Pode.</p> <p>Rodrigo Faro: Está bom, mas ele vai deixar mexer no cabelo?</p> <p>Rosana: Eu acho que não.</p> <p>Rodrigo Faro: Vamos ver, será que ele vai deixar? Bom, até agora a gente fez o que bem entendeu com o Neno, mas ainda nós não mexemos com o principal, com o cabelo, será que agora vai, Humberto, faz de tudo, faz de tudo, mas mexe nesse cabelo, vai.</p> <p>Reportagem: Rodrigo Faro chegou a hora de balançar o coqueiro do Neno, e quem vai fazer isso para a gente é o Wesley Farias.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha o Wesley.</p> <p>Wesley: Bem, eu vou pedir para o Neno colocar um</p>	<p>Rodrigo Faro: Então vamos seguindo Arruma o meu marido, porque chegou grande momento gente, é hora da mudança radical, eu estava falando, as roupas, os dentes, a pele, agora é a vez do cabelo, porque o apelido dele é cabelo?</p> <p>Telma: Eu acho que o cabelo ele não muda.</p> <p>Rodrigo Faro: Será que ele vai deixar?</p> <p>Telma: Eu acho.</p> <p>Rodrigo Faro: O cabelo não mudou desde de quando vocês se conheceram, né?</p> <p>Telma: É.</p> <p>Rodrigo Faro: É o mesmo cabelo?</p> <p>Telma: É o mesmo cabelo.</p> <p>Rodrigo Faro: Aquele cabelo é um cabelo esquisito.</p> <p>Telma: É.</p> <p>Rodrigo Faro: Você está em casa você deve concordar comigo, porque é um cabelo...</p> <p>Telma: Que não cresce.</p> <p>Rodrigo Faro: E o mesmo tempo que ele tem cabelo, que você vê tem cabelo aqui atrás, fala pô o cara tem cabelo, na verdade não tem o cabelo.</p> <p>Telma: Não tem, é uma coisa ralinha.</p> <p>Rodrigo Faro: É aquele cabelo piscina, quer dizer, mesmo cheio você vê o fundo, porque ele tem cabelo, mas não tem. Quer dizer que ele vai deixar mexer no cabelo?</p> <p>Telma: Eu acho que ele não vai deixar.</p> <p>Rodrigo Faro: Será que não gente?</p> <p>Telma: Aí tomara que sim.</p> <p>Rodrigo Faro: Mas por que ele vai ficar com esse cabelo do Pedro de Lara, não dá.</p> <p>Telma: Não vai dar muita diferença.</p> <p>Rodrigo Faro: Parece um vocalista do Bee Gees também, né?</p> <p>Telma: É.</p> <p>Rodrigo Faro: Não dá.</p>

		<p>roupão.</p> <p>Jovelino: Espera um pouquinho, espera um pouquinho, não é melhor esse não? Esse é melhor.</p> <p>Rodrigo Faro: Já vem ele de novo com esse negócio.</p> <p>Jovelino: Esse aqui é melhor.</p> <p>Reportagem: E depois que terminar vem para mim também que eu estou precisando.</p> <p>Jovelino: Aí Rosana vai aprendendo aí para depois você fazer em mim.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha isso, ele fazendo a sobancelha.</p> <p>Rosana: Meu Deus eu nunca achei que ele ia fazer a sobancelha.</p> <p>Rodrigo Faro: Cortou a taturana.</p> <p>Jovelino: O que vão falar de mim no Butantan.</p> <p>Rodrigo Faro: É, vai ficar o galã do Butantan, vai ser o galã do Butantan.</p> <p>Reportagem: Acabou a sobancelha?</p> <p>Wesley: Está faltando alguma coisa aqui, hein.</p> <p>Rodrigo Faro: Nem os coelhos vão reconhecer. Olha ele achou, estava dentro da cabeça.</p> <p>Rosana: A minha faca.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha lá, estava dentro do cabelo.</p> <p>Wesley: Uma sobancelha no estilo da Glória Gaynor.</p> <p>Jovelino: Feliz Natal para todos, está nevando aqui.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha gente, não é que o cara está fazendo barba, cabelo e bigode? Já cortou a sobancelha, olha a esmerilhadeira agora para arrumação aí.</p> <p>[...]</p> <p>Reportagem: Rodrigo Faro, foram horas de trabalho e parece que valeu a pena né?</p> <p>Cabeleireiro: Eu acho que sim, a tesoura perdeu o corte, vai ter que voltar para o instituto Butantã.</p> <p>Reportagem: Mas o Neno está prontinho ali atrás, posso mostrar?</p> <p>Rodrigo Faro: Pode, pode.</p> <p>Reportagem: Está bonito?</p> <p>Jovelino: Tô.</p>	<p>Telma: Meio estranho, né.</p> <p>Rodrigo Faro: Eu estou louco para ver gente, eu estou louco para ver, e dessa vez eu espero sinceramente que o Humberto que já fez até papel de mosca hoje, que o Humberto mostre no final como ficou o marido, está bom, senão Humberto a sua batatinha vai asar, está bom, está bom? Então vamos ver, será que o Pucuthuco vai deixar a nossa produção mexer no cabelo? Roda aí.</p> <p>Jailton: Bom, já que eu estou aqui corto ou não corto, depois de quinze anos cabeludão.</p> <p>Rodrigo Faro: Vai ou não vai.</p> <p>Reportagem: Eu passaria a máquina zero aí.</p> <p>Cabeleireiro: Não, vamos só cortar, fazer um corte legal, moderno.</p> <p>Reportagem: Não, bota fogo nessa cabeleira desgredada aí, olha isso.</p> <p>Cabeleireiro: Vai ficar melhor curto.</p> <p>Jailton: O que? Voz da consciência que nada meu. Tomar banho todo o dia, que agonia, oh, oh.</p> <p>Rodrigo Faro: Olha a situação do cara.</p> <p>Cabeleireiro: Que banho que nada, vamos cortar o cabelo, olha só esse...</p> <p>Jailton: Não, não.</p> <p>Rodrigo Faro: Vai cortar.</p> <p>Reportagem: É isso aí Rodrigo Faro mais uma vez Toninho no Arruma o meu marido. Isso aí, o que nós vamos fazer no cabelo do Pucuthuco?</p> <p>Cabeleireiro: Ah Humberto, eu estava vendo aqui o cabelo dele, como tem essa cicatriz e as entradas, tem que fazer um corte que disfarce isso aqui.</p> <p>Jailton: Ah, então está turbinado então.</p> <p>Cabeleireiro: Turbinado, isso aí.</p> <p>Reportagem: Muito bom.</p> <p>Cabeleireiro: Pegou o meu material lá?</p> <p>Reportagem: Pra já, só um minutinho.</p> <p>Rodrigo Faro: Não acredito, oh o material para cortar o cabelo.</p> <p>Jailton: O que é isso, tesoura, secador, oh, louco, o que é isso?</p>
<p>APRESENTAÇÃO DA MUDANÇA DO PARTICIPANTE</p>	<p>Rodrigo Faro: Mas gente não dá para esperar, nesse momento eu quero pedir energia de todo galera do Melhor do Brasil, toda a minha equipe, todo mundo que está aqui, para gente chamar o novo Carlão, o novo Mago, todo mundo com a mão para cima gente, todo mundo com a mão para cima mandando muita energia positiva porque parece que o Mago está bonito demais, gente, você está preparada?</p> <p>Paula: Eu estou preparada.</p> <p>Rodrigo Faro: Como é que está o coração?</p>	<p>Rodrigo Faro: Está preparada para ver o negão?</p> <p>Rosana: Tô.</p> <p>Rodrigo Faro: Vem cá, qual é a primeira coisa que você vai fazer quando ele aparecer, vê lá o que você vai falar, qual é a primeira coisa que você vai fazer a hora que o Neno aparecer na sua frente?</p> <p>Rosana: Vou agarrar o meu negão...</p> <p>Rodrigo Faro: Eeeee, se ela falou que já dava beijinho nele desde aquela época com aquela boca, aquele visual, aquela bandeira do Corinthians, aquele</p>	<p>Rodrigo Faro: Gente, o Jailton está aqui no estúdio e ele está ali, está ali atrás daquele telão, o Jailton está lá, atrás... Jailton nada, é Pucuthuco, vamos ver se ele está lá, vamos ver se ele está lá? Pucuthuco, você me ouviu Pucuthuco?</p> <p>Jailton: Olá Rodrigo, tudo bom?</p> <p>Rodrigo Faro: Fala Jailton, tudo bem? Ô Jailton, Jailton, a sua esposa aqui do lado ela está emocionada, você já se olhou no espelho?</p> <p>Jailton: Já, muitas vezes.</p>

<p>Paula: Forte, batendo muito.</p> <p>Rodrigo Faro: Não tem mais volta agora Paula, contando comigo galera, cinco, quatro, três, dois, um, pode girar o cenário, Paula, este é o seu marido totalmente arrumado aqui pelo Melhor do Brasil, e um, e dois, e três, está aí, está aí, olha aí gente, o novo Carlão, como ele está bonito, vem Carlão, vem cá.</p> <p>Rodrigo Faro: Não é possível, não é possível, o cara está parecendo galã. Mata mais a saudades, pode dar um abraço, dá um abraço mais longo, eles estão muito tempo, eles estão muito tempo sem se ver. Carlão tem mais duas mulheres que estão querendo te abraçar, vem cá meninas, vem cá Maísa, vem cá Marina, está aqui, olha, o paizão novo em folha, olha como está bonito, olha lá, vem cá gente, até eu... vem cá Maísa fica desse lado aqui, vem cá Carlão, fica aqui do meu lado, isso, gente até eu estou assustado de te ver cara, ele ficou bonito ou não ficou galera?</p> <p>Plateia: Ficoooo.</p> <p>Rodrigo Faro: Paula, o que você diz do teu marido agora?</p> <p>Paula: Está muito melhor.</p> <p>Rodrigo Faro: Está bonito?</p> <p>Paula: Está muito bonito.</p> <p>Rodrigo Faro: E como e que vai ser para você agora Carlão, em primeiro lugar eu queria dizer que é um prazer, e uma honra te conhecer, você é um cara muito gente boa, tem um coração lindo, e um superpai de família, tem uma família muito especial, como é que foi essa transformação toda na tua vida?</p> <p>Carlão: Rodrigo eu vou falar uma coisa, é uma experiência que a gente passando para poder contar, mas é uma experiência 100%, eu não acreditava que ia ficar assim.</p> <p>Rodrigo Faro: Valeu a pena?</p> <p>Carlão: Valeu muito a pena.</p> <p>Rodrigo Faro: Você está parecendo galã de novela, como é que vai ser agora, vê não vai arrumar mais três namoradas, cinco namoradas, e para ficar só com a Paula porque essa mulher te ama muito, viu Carlos.</p> <p>Carlão: Eu já tenho as três minha.</p> <p>Rodrigo Faro: Ah, é verdade, ele já tem três, é verdade, é verdade. Agora querido, s[ó] para você em casa ficar de queixo caído como eu estou, eu vou mostrar para você agora como o Carlão era e como ele ficou, olha aí o nosso Mago, olha a mágica... Olha a mágica, você está acreditando? Você de casa está acreditando que possa ser a mesma pessoa, mas</p>	<p>cabelo, imagina como está agora, Rosana, eu tenho que te dizer uma coisa, o Neno ele está ali olha, ali, está ali, está atrás daquele espelho.</p> <p>Rosana: Está ali.</p> <p>Rodrigo Faro: Está ali. Posso falar com ele?</p> <p>Rosana: Pode.</p> <p>Rodrigo Faro: Posso? Então Jovelino você está aí?</p> <p>Jovelino: Eu estou chegando.</p> <p>Rodrigo Faro: Estou chegando. É você Jovelino?</p> <p>Jovelino: É eu mesmo.</p> <p>Rodrigo Faro: É o Neno?</p> <p>Jovelino: É.</p> <p>Rodrigo Faro: E Neno, tudo bem meu velho</p> <p>Jovelino: Tranquilo véio.</p> <p>Rodrigo Faro: Neno em primeiro lugar eu queria lhe agradecer por ter topado por amor essa mulher que está aqui no palco, vale tudo, não vale Neno?</p> <p>Jovelino: Com certeza.</p> <p>Rodrigo Faro: O que essa mulher representa para você Neno?</p> <p>Jovelino: Tudo, não tem outra, é ela mesmo, só ela.</p> <p>Rodrigo Faro: É a mulher da tua vida?</p> <p>Jovelino: Com certeza, cara.</p> <p>Rodrigo Faro: Então o seguinte, você já se olhou no espelho não?</p> <p>Jovelino: Ainda não.</p> <p>Rodrigo Faro: Ainda não?</p> <p>Jovelino: Não.</p> <p>Rodrigo Faro: Eu vi a mulherada falando com você na rua, que você está mais bonito, parece até que está com trinta anos de idade, é verdade?</p> <p>Rosana: Que é para mim tomar cuidado.</p> <p>Rodrigo Faro: É, para tomar cuidado a esposa. Quer dizer que você está bonito então?</p> <p>Jovelino: Surpresa.</p> <p>Rodrigo Faro: Surpresa, eu adoro essa risada, está pronto para vir Neno?</p> <p>Jovelino: Vamos lá.</p> <p>Rodrigo Faro: Então, olha a saudade que ela está gente, está nervosa, né? Agora ela está nervosa está ansiosa de verdade, então Rosana, agora não tem mais volta, porque quando o Neno descer aquelas escadas é uma nova história, é um novo marido, aquele Neno não existe mais, por fora, porque por dentro ele continua o mesmo paizão, o mesmo homem maravilhoso por quem você foi, é, e sempre será apaixonada, beleza, posso chamar o Neno?</p> <p>Rosana: Pode.</p> <p>Rodrigo Faro: Plateia posso chamar o Neno?</p>	<p>Rodrigo Faro: Muitas vezes? E o que você viu?</p> <p>Jaílton: Ah, tô meio mudado viu, Rodrigão.</p> <p>Rodrigo Faro: Tá meio mudado? Para melhor ou para pior, está mais bonito?</p> <p>Jaílton: Ah, eu tô elegante viu?</p> <p>Rodrigo Faro: Tá elegante, tá gatão.</p> <p>Jaílton: Tô bastante.</p> <p>Telma: Para mim né?</p> <p>Rodrigo Faro: Para a Telma né Pucuthuco.</p> <p>Jaílton: Boa tarde amor.</p> <p>Telma: Boa tarde.</p> <p>Rodrigo Faro: Ai que saudade, ela não está aguentando mais de saudade. Como é que você vai fazer agora com a graxa, hein, com essas unhas novas, lindas, as unhas estão vermelhas ou não pode contar, é segredo, Pucuthuco?</p> <p>Jaílton: A gente vai ter que dar um jeitinho agora né?</p> <p>Rodrigo Faro: Vai ter que dar um jeitinho né?</p> <p>Jaílton: Vai, vai ter que dar um jeitinho, foi uma briga e tanto lá na estética, viu Rodrigo.</p> <p>Rodrigo Faro: Foi é? Tinha muita mulher do teu lado que eu vi, viu, Jaílton?</p> <p>Jaílton: É, mas foi uma briga bastante, viu? Tive que amarrar a Carol e a Cris lá viu?</p> <p>Telma: Nossa, olha, tá vendo que intimidade?</p> <p>Rodrigo Faro: Que intimidade, Carol, Cris...</p> <p>Telma: Deixa ele.</p> <p>Rodrigo Faro: Deixa ele, vamos ver como é que ele vai chegar. Então gente, nós nos resta chamar o Jaílton para cá, mas, antes, eu quero perguntar, Telma, o que o seu coração está dizendo nesse momento, porque eu sei que você ama muito esse homem que está aqui atrás.</p> <p>Telma: Com certeza.</p> <p>Rodrigo Faro: Ele é um cara super especial, ele mostrou, a gente mostrou um pouquinho da vida dele, da história dele, da história de vocês, ele passou por um momento de enorme dificuldade, que foi o acidente.</p> <p>Telma: É.</p> <p>Rodrigo Faro: Ele te socorreu no acidente e depois ele infelizmente sofreu um acidente.</p> <p>Telma: Sofreu um acidente.</p> <p>Rodrigo Faro: Mas o Melhor do Brasil arrumou o teu marido, o que seu coração está dizendo?</p> <p>Telma: Ah, meu coração está ansiosa para ver, para dar um abraço, um beijo, eu sei que vai melhorar muito para a gente essa autoestima, ele estava precisando disso, não só eu, mas eu vendo ele feliz, eu fico feliz também.</p> <p>Rodrigo Faro: Vai ter beijão?</p> <p>Telma: Vai ter beijão, vai ter beijão.</p> <p>Rodrigo Faro: Vai ter beijão? Eita... Plateia Melhor do</p>
--	--	--

	<p>eu garanto para você que é sim a mesma pessoa, dá um sorriso, olha isso gente, olha isso. Parabéns, valeu a pena?</p> <p>Carlão: Valeu muito a pena viu.</p> <p>Rodrigo Faro: Promete que você vai ficar bonitão assim agora para sempre?</p> <p>Carlão: Com certeza.</p> <p>Rodrigo Faro: Meninas vocês têm que cuidar do papai, hein, você s vão cuidar dele?</p> <p>Filha: Com certeza.</p> <p>Rodrigo Faro: Gostou?</p> <p>Filha: Nossa, adorei, ficou lindo.</p> <p>Rodrigo Faro: Ficou lindo, né. Bom gente, olha eu queria aproveitar para dizer para você maridão, para você esposa de qualquer parte do Brasil, até do exterior, se por acaso o maridão está precisando de um trato faz inscrição lá no R7.com, entra lá, R7.com, não perca a chance do ver o seu pai, o seu marido bonito, a gente quer arrumar, a gente quer consertar o seu marido, o seu pai, então não deixe de fazer a sua inscrição, porque o seu pai, o seu marido pode ficar assim, aqui, que nem o Carlão, olha como ele está bonito, olha aí. Meu grande Mago muito prazer te conhecer, eu queria desejar para vocês felicidade, muita saúde, só coisas boas na vida de vocês, para vocês, e para vocês também, meninas, viu, beijo, Carlão, prazer te conhecer, viu meu irmão, prazer, gostou, né? Ah, espera aí, espera aí, espera aí, está faltando uma coisa, ela falou que era só no escuro, então agora vai ser no claro também, eu quero o beijo do casal, porque agora eu quero o beijo do casal, aeee, é para isso que existe o Arruma Meu Marido, olha lá, não fique com ciúmes, tá, é para isso, né, e para isso que isso o quadro, está vendo, um beijo para vocês, vou dançar no final do programa, beijo para vocês, tudo de bom, sejam muito felizes, valeu gente, Maísa, Marina, Carlão e Paula. Mais um marido que ficou bonito demais aqui no Melhor do Brasil.</p>	<p>Plateia: Pode.</p> <p>Rodrigo Faro: Como é que está o coração?</p> <p>Rosana: Está batendo muito forte.</p> <p>Rodrigo Faro: Muito?</p> <p>Rosana: Muito, eu estou me tremendo toda.</p> <p>Rodrigo Faro: Então gente agora é a hora, pessoal não dá mais para esperar, nesse momento toda a minha plateia já está mandando energia positiva, todo mundo já está com a mão para cima, a minha plateia Melhor do Brasil, e vamos chamar comigo o novo Jovelino, este é o Arruma Meu Marido prestes a revelar mais uma transformação inacreditável, eu não tenho a menor ideia de como ele ficou, a Rosana que já está emocionado aqui do lado está há dez dias sem ver o maridão, e olha me disseram eu o cara ficou um espetáculo, então plateia todo mundo com a mão para cima contando comigo, cinco, quatro, três, dois, um, Arruma Meu Marido, pode abrir o telão, aí está o novo... ué...</p> <p>Rosana: Cadê o meu Negão?</p> <p>Rodrigo Faro: Será que ele não ficou...Ué, espera aí, mas isso aqui não é o Te Quero de Volta, ele não está pedindo para o marido voltar.</p> <p>Rosana: Não, ele já é meu gente.</p> <p>Rodrigo Faro: O marido já é dela, será que ele ficou com... será que eles está tímido, o visual?</p> <p>Rosana: Não, ele não é tímido.</p> <p>Rodrigo Faro: Ele não é tímido, não é? Que isso, aí vem ele, o marido, olha o Triunfo aí, de pé todo mundo, vamos embora. Olha o Triunfo aí, [Música], fala Triunfo, receba o carinho da minha plateia. Oh, Triunfo, oh Triunfo, essa aqui é a Rosana, esse aqui é o Nelson Triunfo, uns dos ícones da black music brasileira, dança muito, agora cadê o marido? Penteia o cabelo, arruma o cabelinho, porque a... parafusos, ah, tá, deixa eu ver. Olha esse é um pentinho delicado, é um arado.</p> <p>Rosana: Delicadíssimo.</p> <p>Rodrigo Faro: É um arado. Ó Triunfo, Triunfo, em primeiro lugar bem-vindo ao Melhor do Brasil, receba o carinho da minha plateia, Triunfo agora que você já penteou o cabelo eu queria saber porque na verdade não foi você que fez a transformação do Arruma Meu Marido, você continua com o cabelo, cadê o marido da Rosana?</p> <p>Triunfo: Eu não sei, falaram que era para mim vir aqui, e não sei o que, falaram que a minha esposa estava aqui, mas não é ela não.</p> <p>Rodrigo Faro: Não é ela não, né? Pois é, e você não</p>	<p>Brasil, posso chamar o Pucuthuco?</p> <p>Plateia: Podeeee...</p> <p>Rodrigo Faro: Telma, preparada?</p> <p>Telma: Preparada.</p> <p>Rodrigo Faro: Posso chamar?</p> <p>Telma: Pode chamar.</p> <p>Rodrigo Faro: Então vamos lá, agora gente, chegou o momento, a família está toda lá, o papai, seu Carlos, Dona Eliza, olha o Lucas, o Cristiano, os amigos, vem para cá porque agora, agora é hora de revelar mais uma transformação do Arruma Meu Marido, plateia, vamos lá, a plateia já sabe, todo mundo com a mão para cima mandando energia positiva para o telão porque é o grande momento de ver o velho Pucuthuco Jaílton transformado dos pés à cabeça, contando comigo, pessoal, para abertura do telão, cinco, quatro, três, dois, um, pode abrir o telão, Arruma Meu Marido olha o novo Jaílton, que é isso, vem pra cá, Jaílton, meu Deus do céu, olha o Jaílton, te, alguém, querendo te abraçar, Jaílton, tem alguém querendo muito te abraçar, muito, muito, pode vir a família, vem para cá a família toda, pode vir seu Carlos, Dona Eliza, Jaílton, rapaz, não é a mesma pessoa, não é possível, não é possível, gente, espera um pouquinho, espera um pouquinho, vamos mostrar, espera aí, esse aqui é o mesmo Jaílton, olha a plateia, nem a plateia está acreditando que pode ser o mesmo Jaílton. Olha quem está aqui, papai, mamãe, todo mundo querendo te rever, Jaílton, vai lá, vai lá, tem muita gente querendo te rever, te abraçar, ele que recebeu esse conserto do Arruma Meu Marido, a Telma pediu, o marido novo está aí. Jaílton...</p> <p>Telma: Ele merece.</p> <p>Rodrigo Faro: É impressionante, ele merece isso, por que ele merece isso?</p> <p>Jaílton: Porque ele é uma pessoa maravilhosa, ele merece...</p> <p>Jaílton: Te amo amor.</p>
--	--	--	--

		<p>é o Neno?</p> <p>Triunfo: Não sou o Neno.</p> <p>Rodrigo Faro: E cadê o Neno?</p> <p>Triunfo: O Neno eu não sei cara, vai perguntar para mim?</p> <p>Rodrigo Faro: Gente aonde está o Neno? Cadê o Neno, olha isso, olha isso, Neno, gente, inacreditável, meu Deus do céu, eu não acredito, eu não acredito, olha aqui quem está aqui para te dar um beijo, olha isso, olha meu Deus do céu, gente, impressionante, é inacreditável, cara é muita mudança, que isso, não, não é possível, ela não vai largar, Elsa não vai largar o cara, gente, larga, larga o homem, não larga mais Rosana?</p> <p>Rosana: Não agora é meu.</p> <p>Rodrigo Faro: Deixa eu dar um abraço no Neno, oh Neno, cara, não espera aí, plateia dá uma olhada nisso aqui gente, é inacreditável, olha... família, pode vir a família aqui também, vem todo mundo para cá, porque está todo mundo querendo abraçar, vem cá Miquéias, abraça o papai aqui, ó, olha lá, tem um monte de gente querendo te abraçar, olha lá, olha o papai, que lindo, olha o sorriso, hein, que sorriso branco, que coisa, hein, ele é um homem novo. Está parecendo galã de novela, não está.</p> <p>Triunfo: Está parecendo, o cara está, eu pensei que era um gringo que estava chegando aí, alguém do rapper.</p> <p>Rodrigo Faro: Pois é. Vem cá Neno, vem cá Rosana, porque eu quero mostrar, eu quero mostrar para você que está em casa, olha a mudança, olha como era o Neno e como ele ficou, mostra aí, olha isso, olha isso, olha mudança, gente. Oh Rosana, olha o sorriso, Rosana melhorou ou não melhorou?</p> <p>Rosana: Cem por cento.</p>	
--	--	---	--

8.2 Personagens, personalidades, seres e/ou ‘coisas’ que os participantes são comparados

Nas imagens que se seguem, observa-se as comparações que são feitas aos participantes no decorrer do quadro Arruma meu marido, pautado sempre em questões inerentes a aparências físicas dos mesmos. As imagens foram escolhidas aleatoriamente a partir de uma pesquisa com o nome que se deseja pesquisar no banco de imagens do Google.

Galinheiro abandonado



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Dinossauro



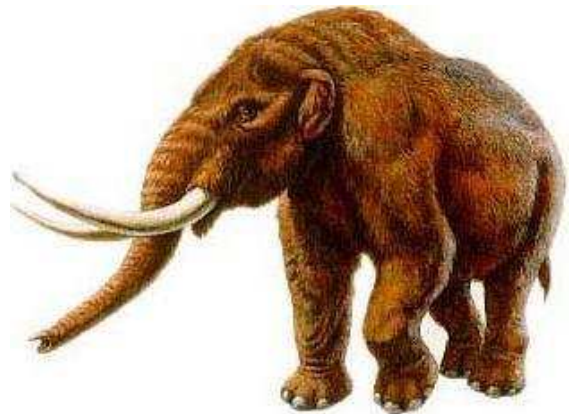
Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Sapo



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Mastodonte



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Capitão Caverna



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Extraterrestre



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Assombração



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Espantalho



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Godzilla



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Pedro de Lara



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

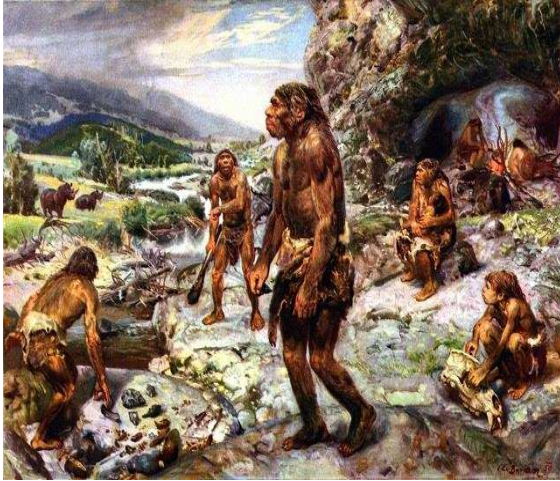
Michael Jackson



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do Google

Banda Bee Gees

Homens das Cavernas



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do
Google



Fonte: Banco de imagem de livre acesso do
Google

Urso do Cabelo Duro